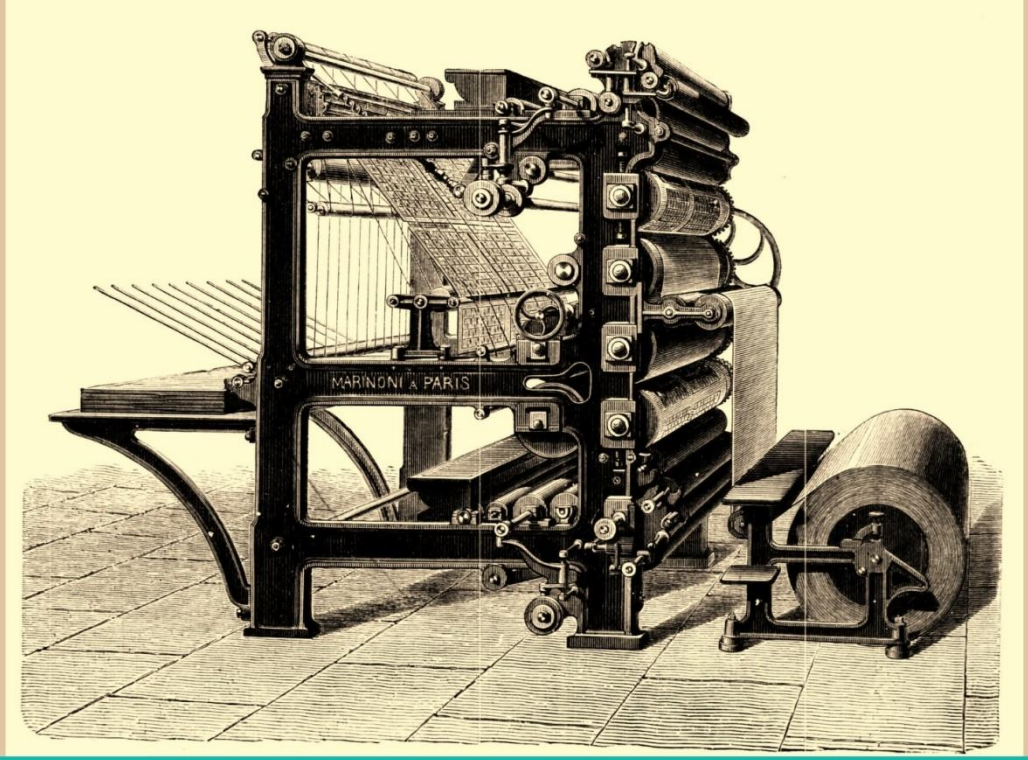


Coleção Documentos 117

APONTAMENTOS PARA UMA BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA IMPRENSA PORTUGUESA NAS DERRADEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

EDIÇÕES BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

APONTAMENTOS PARA UMA BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA IMPRENSA PORTUGUESA NAS DERRADEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX

Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

APONTAMENTOS PARA UMA BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA IMPRENSA PORTUGUESA NAS DERRADEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX

- 117 -

UIDB/00077/2020

Lisboa / Rio Grande
2025

Ficha Técnica
Título: Apontamentos para uma brevíssima história da imprensa portuguesa nas derradeiras décadas do século XIX
Coleção Documentos, 117
Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
Capa: Prensas cilíndricas (rotativas) de Marinoni (A IMPRENSA. Lisboa, n. 32-33, 1888).
Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Biblioteca Rio-Grandense
Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2025

ISBN – 978-65-5306-061-6

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

ÍNDICE

Bosquejo histórico a respeito da imprensa portuguesa ao final do século XIX / 9

A Imprensa: o espaço para a divulgação das artes gráficas em uma revista portuguesa / 189

BOSQUEJO HISTÓRICO A RESPEITO DA IMPRENSA PORTUGUESA AO FINAL DO SÉCULO XIX

A técnica desenvolvida por Johannes Gutenberg no longínquo século XV iria ter um avassalador poder de difusão e acompanharia as grandes transformações passadas pela humanidade nas centúrias seguintes, influenciando-as de modo decisivo. Os elementos constitutivos intrínsecos à vida em sociedade no que tange aos fundamentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ideológicos, religiosos e científicos teriam nos prelos um fator motor inexorável de divulgação do conhecimento. Progressivamente iriam se desenvolvendo folhas volantes impressas, libelos, pasquins, almanaques, gazetas, entre tantos outros modelos que viriam a constituir o que se poderia denominar de antecedentes da imprensa periódica[1]. Nesse sentido, "o ímpeto que alimentou os primeiros prelos teve consequências muito rápidas e espetaculares, além de provocar novas formas de participação" de maiores contingentes populacionais[2].

A imprensa periódica ganharia ainda mais ímpeto a partir dos processos revolucionários que sacudiriam o mundo desde o final do século XVIII e, notadamente, ao longo da primeira metade da centúria seguinte. O periodismo assumia uma feição político-ideológica e ajudava "a dar forma aos eventos que registrava", constituindo uma "força ativa na história", ainda mais nos momentos em que "a luta pelo poder foi uma luta pelo domínio da opinião

[1] ALBERT, Pierre & TERROU, Ferdinand. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 3-6.
[2] EISENSTEIN, Elizabeth L. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998. p. 286.

pública"[3]. Nesse contexto, nos confrontos entre as forças de transformação e aquelas que visavam à manutenção de determinados *status quo*, típicos dessa época de transições, os jornais teriam um papel relevante na difusão das ideias em debate. Progressivamente, com o avanço do século XIX, as constantes melhorias técnicas e as diversas mudanças culturais no seio das sociedades, o jornalismo foi se aperfeiçoando e passando por crescentes mutações, surgindo novos padrões editoriais e uma diversificação das atividades jornalísticas em busca da ampliação do público leitor. Dessa maneira, na virada dos Oitocentos para os Novecentos, na maioria dos países, a imprensa se estabeleceu como uma força social incontestável[4].

Tal processo histórico não seria diferente na conjuntura portuguesa. Ainda que crises e dificuldades tenham caracterizado a existência de Portugal, mormente no século XIX, a nação lusa não deixou de contar com um periodismo significativamente desenvolvido em patamares que envolveram alcances e limites, progressos e defasagens, escassez de recursos e aprimoramentos gráficos e editoriais, que a colocariam em condições de apresentar jornais compatíveis com o desenvolvimento da imprensa em termos mundiais. De acordo com tal perspectiva, o jornalismo lusitano evoluiria calcado em modelos externos, mas não deixando de também apresentar determinadas peculiaridades em relação à realidade de outras nações. Essa característica

[3] DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel. *Revolução impressa (1775-1800)*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 15.

[4] BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 201.

advinha da existência de padrões "de comunicação intermutáveis entre os diferentes países ou áreas geográficas", levando em conta os momentos em que foi verificado "algum progresso significativo, tanto no terreno da liberdade de expressão como em nível da técnica, da difusão ou de outras questões especificamente jornalísticas". Assim, "a especificidade de cada país ou área cultural ou linguística" viria também a estabelecer "algumas diferenças significativas na evolução da história do jornalismo desses países ou áreas", a partir de "traços comuns, certamente com 'empréstimos' de um país a outro, mas com uma especificidade intrínseca" em cada um deles[5].

Nesse sentido, o jornalismo luso, após as agitações bélicas e revolucionárias das primeiras décadas do século XIX iria se afirmar constantemente e, notadamente a partir da segunda metade de tal centúria, passaria por uma de suas etapas de maior progresso. Desse modo, a imprensa aparecia como "a representação tangível do raiar de uma instituição revolucionária nos domínios da inteligência, a qual viria concitar a atenção de todas as curiosidades e atrair e seduzir as penas de todos os escritores". Além disso, "com o rodar dos anos", ela se converteria "num instrumento novo de primacial importância no intercâmbio e na reciprocidade das relações do espírito, como nas de trato ou interesse meramente utilitário"[6]. Assim, durante os Oitocentos, os jornais tiveram "um desenvolvimento assombroso", de

[5] QUINTERO, Alejandro Pizarroso. O estudo da história da imprensa. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 11.
[6] CUNHA, Alfredo da. *Periódicos e relações, periodistas e noticiaristas*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942. p. 23.

maneira que "política, ciência, artes, questões sociais, tudo" eles invadiram, "tornando-se um dos veículos mais poderosos do progresso mundial"[7]. A relevância dos periódicos vinha ao encontro da premissa pela qual "o jornal não matava a fome do leitor, porque a mantinha acesa para o número seguinte", além disso, "a sua duração não era como a dos livros", ou seja, "repousada, longa e sapiente", e sim existia "à desfilada, de dia para dia, aos saltos de povo para povo, de continente para continente, sem possibilidade de envelhecer", e, apesar das intempéries, escapando "às guerras, às pestes e aos sismos", e mantendo sua força viva junto à comunidade na qual circulava[8].

De acordo com tal tendência de avanços, a imprensa portuguesa teria nos últimos decênios do século XIX uma etapa de vigor e expansão quantitativa e qualitativa. Ocorreria então um "movimento extraordinário" e um "desenvolvimento maravilhoso" no seio do periodismo lusitano e, apesar da população ser mais reduzida, se comparada a outras nações, e de Portugal ficar "atrás de muitos países no que se referia a vários outros elementos do progresso da civilização europeia", no que tange às atividades jornalísticas, poderia ser colocado "ao nível das nações mais civilizadas da Europa"[9]. Havia então "uma verdadeira febre de jornais", pelos quais estavam "representados não só os grupos políticos" em que estava dividida a sociedade portuguesa, "do mais

[7] REMÉDIOS, Mendes dos. *História da literatura portuguesa*. 6.ed. Coimbra: Atlântida, 1930. p. 545.
[8] MANSO, Joaquim. *O jornalismo*. Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1942. p. 10.
[9] ARANHA, Pedro W. de Brito. *Mouvement de la presse périodique em Portugal de 1894 a 1899*. Lisboa: Imprimerie Nationale, 1900. p. 5 e 47.

conservador, ao mais avançado e radical, mas também os principais ramos da ciência, da literatura e da indústria", dos quais "em quase todas as cidades", havia "uma representação de destaque"[10].

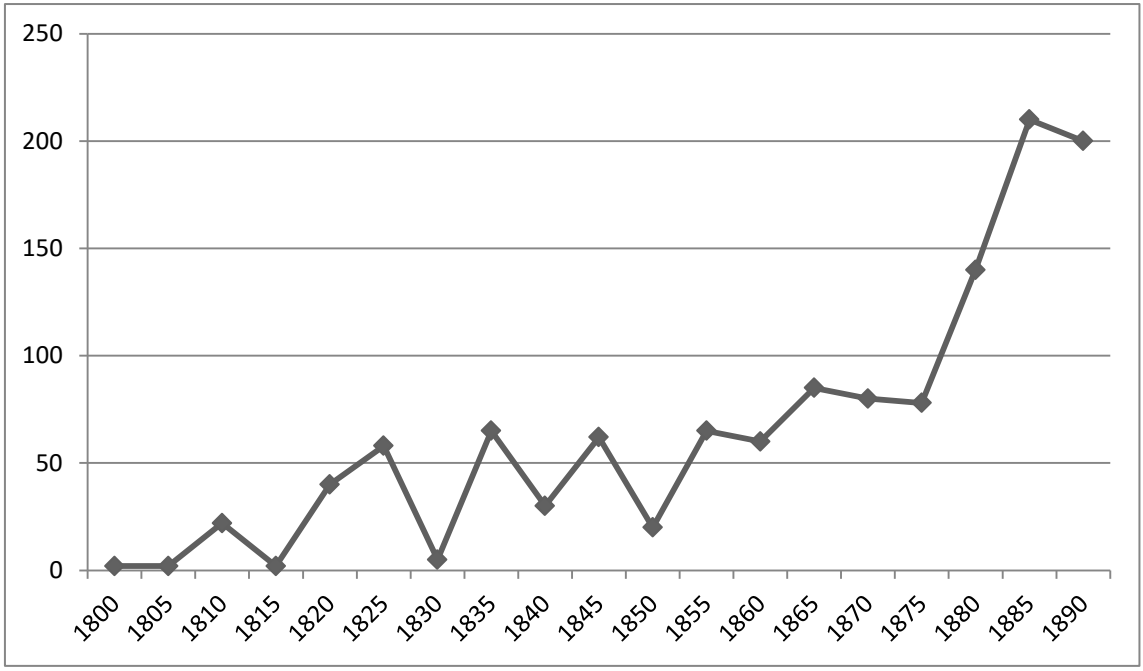
Vários levantamentos e catálogos entabulados acerca da imprensa lusa[11] demonstrariam esse crescimento acentuado das atividades jornalísticas ao final do século XIX. O próximo gráfico[12] apresenta tal evolução praticamente constante e ainda mais marcante nos anos finais da centúria:

[10] ARANHA, Pedro W. de Brito. *Rapport de la Section Portugaise – 1er. Congrès International de la Presse (1894 – Anvers)*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1894. p. 12-13.

[11] CASTRO, José Luciano de. *Catálogo do jornalismo português antigo e moderno*. Lisboa: Liv. de João Pereira da Silva & Filhos, 1897.; MONTEIRO, Graciano Franco. *Coleção de jornais portugueses começada em 1883*. Coimbra: Tip. de M. C. da Silva, 1887.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. *O jornalismo português: resenha cronológica*. Lisboa: Tip. Soares, 1895.; PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. *Os jornais portugueses: sua filiação e metamorfoses*. Lisboa: Imp. de Libanio da Silva, 1897.; e PEREIRA, Augusto Xavier da Silva. Movimento evolutivo do jornalismo político em Portugal no século XIX. In: *Revista de Sciencias Lettras e Artes*. Lisboa, 1(2) jul. 1901, p. 52-57; 1(3), ago. 1901, p. 68-82.

[12] Elaborado a partir de: TENGARRINHA, José M. Imprensa. In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 2000. v. 3. p. 271.

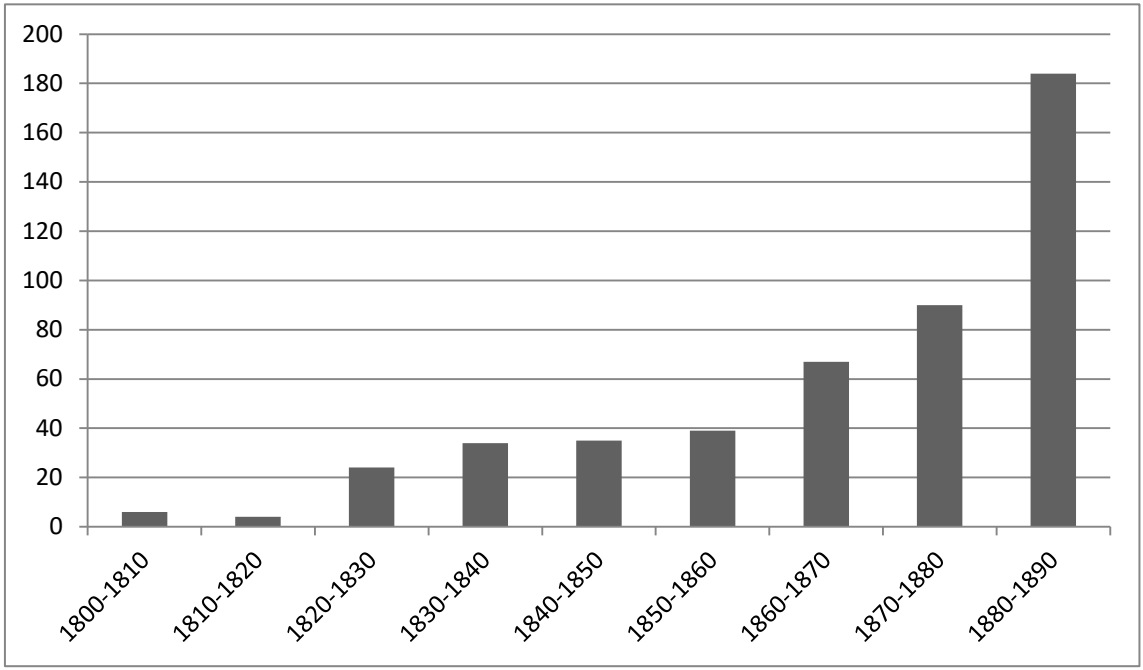
Fundação de novos jornais por lustros ao longo do século XIX
(em números absolutos)



Tal levantamento, apresentado por décadas e em média, demonstra ainda mais claramente o avanço quantitativo do periodismo lusitano nos últimos decênios do século XIX[13]:

[13] Com base em: CUNHA, Alfredo da. *Relances sobre os três séculos do jornalismo português*. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1941. p. 17.; CUNHA, Alfredo da. *Elementos para a história da imprensa*

Média aproximada da criação de periódicos em Portugal no século XIX, por decênios (em média numérica)



Foi também "no último quartel do século XIX que a imprensa atingiu considerável expansão em todo o país", pois, até então "o movimento periodístico reduzia-se quase exclusivamente à Lisboa e Porto, com grande vantagem da capital", num quadro pelo qual, "o público interessado das províncias" muitas vezes "se limitava a receber, por vezes com atraso de vários

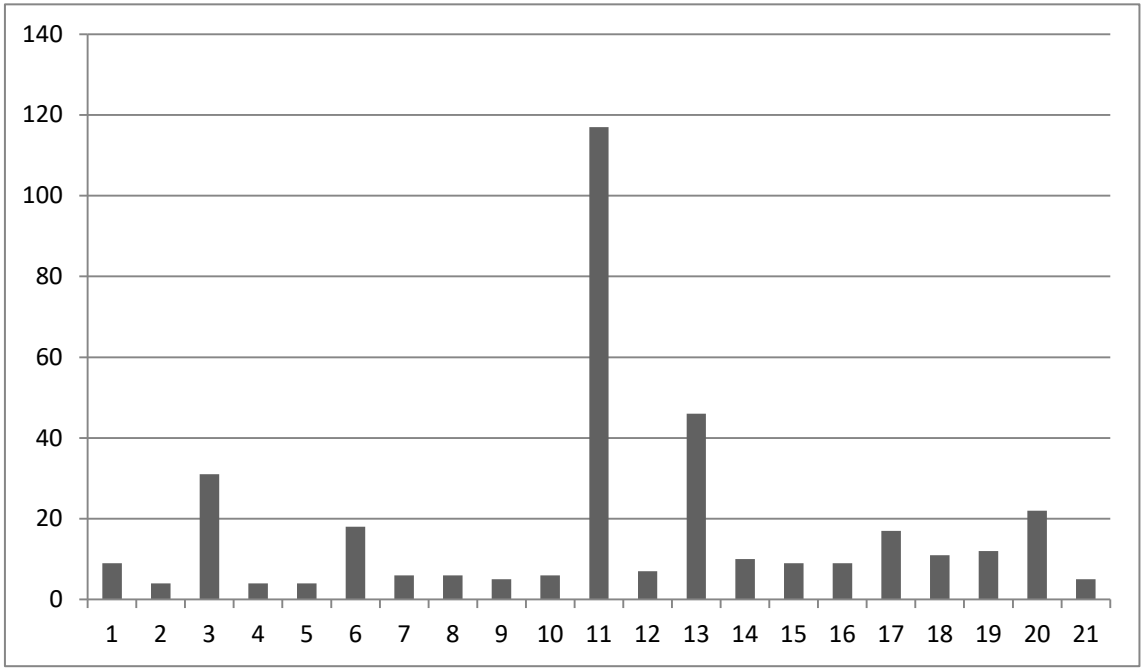
periódica portuguesa (1641-1821). Lisboa: Ottosgráfica Ltda., 1941. p. 18.; e TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 248.

dias, as folhas que assinava"[14]. Assim, de uma primeira época em que a imprensa periódica distribuía-se no país com muita desigualdade, sendo "o grande centro, quase exclusivo durante muito tempo" aquele representado pela capital, "em ritmo sempre crescente", o jornalismo desenvolveu-se "não só nos grandes centros, como na província, alargando-se a massa de leitores por todo o país"[15], de modo que, "aos poucos, a imprensa vai-se estendendo" ao interior, "aumentando a formação cultural das populações rurais graças à melhoria das comunicações"[16].

Um levantamento dos jornais publicados em Portugal nos anos finais do século XIX demonstrava esse avanço do periodismo ao longo dos vários distritos continentais e insulares que compunham o país, todos eles possuindo localidades com representantes das atividades jornalísticas, conforme expresso no seguinte gráfico[17]:

[14] TENGARRINHA, 1989. p. 186.
[15] TENGARRINHA, 2000. p. 261 e 270.
[16] RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 361.
[17] Elaborado a partir de ARANHA, 1894. p. 47.

Número de jornais que circulavam em Portugal no ano de 1894 por distritos (em números absolutos)



onde – DISTRITOS CONTINENTAIS: 1 – Aveiro, 2 – Beja, 3 – Braga, 4 – Bragança, 5 – Castelo Branco, 6 – Coimbra, 7 – Évora, 8 – Faro, 9 – Guarda, 10 – Leiria, 11 – Lisboa, 12 – Portalegre, 13 – Porto, 14 – Santarém, 15 – Viana do Castelo, 16 – Vila Real, 17 – Viseu. DISTRITOS INSULARES: Açores: 18 – Angra, 19 – Horta, 20 – Ponta Delgada; Ilha da Madeira: 21 – Funchal.

A maior concentração ficava no distrito de Lisboa, onde estava a capital, e, distanciadamente da primeira, no do Porto, no qual se situava a cidade

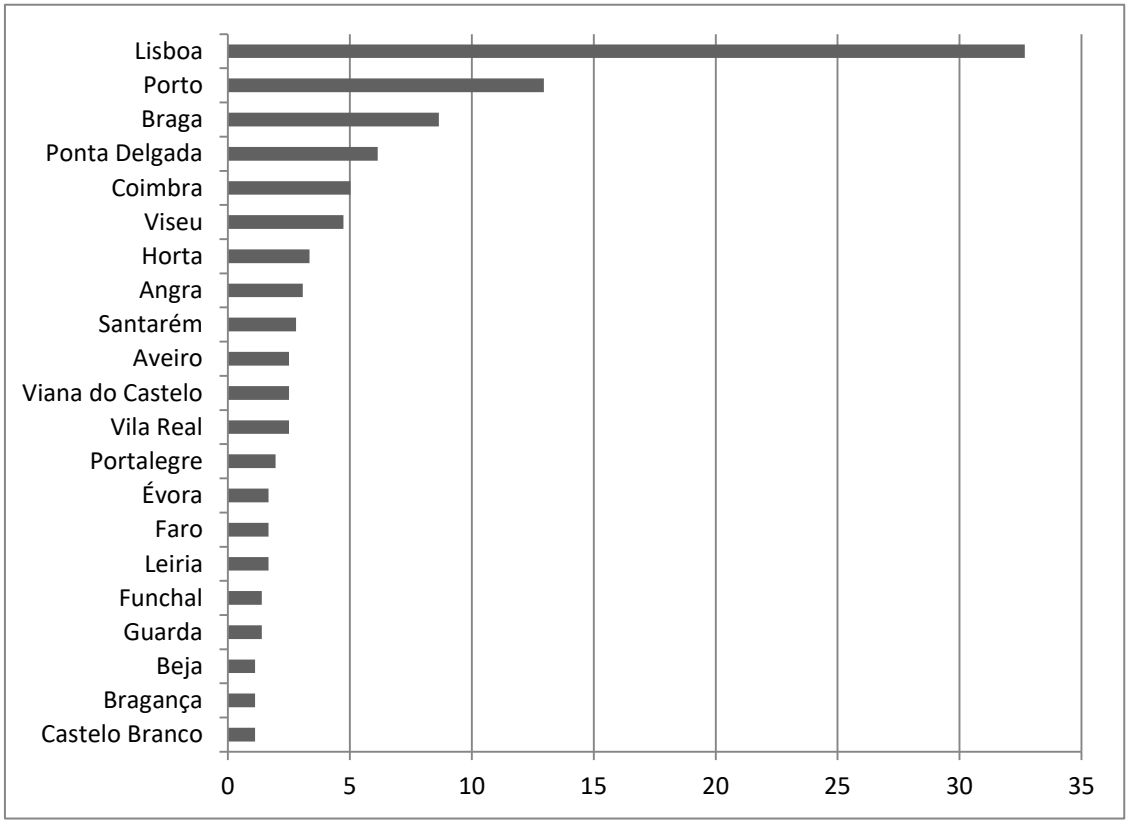
homônima. Destacavam-se ainda os distritos de Braga e Coimbra, cujas sedes eram também as cidades homônimas, e o arquipélago dos Açores, com seus três distritos insulares. Essa distribuição dos jornais portugueses ao longo dos vários distritos, na última década do século XIX, com a utilização dos dados expressos pela mesma fonte do gráfico anterior, pode ser observada no próximo mapa:

Jornais que circulavam nos distritos portugueses em 1894
(em números absolutos)

O número de jornais expresso para o arquipélago dos Açores compreende o somatório de seus três distritos - Angra (11), Horta (12) e Ponta Delgada (22). E o número da Ilha da Madeira compreende os periódicos do distrito de Funchal.

Com base no mesmo arrolamento, é possível verificar-se a proporção distributiva dos periódicos lusitanos editados em 1894, com ampla predominância de Lisboa, secundada pelo Porto, mas, ainda assim, presente nos mais diversos departamentos, como demarcado no próximo gráfico:

Proporção da distribuição dos jornais pelos distritos portugueses no ano de 1894 (em %)



Os avanços do jornalismo luso nas décadas finais do século XIX foram além da própria expansão quantitativa, havendo também melhoramentos qualitativos, expressos tanto no aprimoramento tecnológico da impressão, como também através da qualidade gráfica das páginas impressas. Os progressos se davam também no campo editorial e redatorial, ainda mais a partir do refinamento cultural dos escritores públicos, com a constante participação de representantes da intelectualidade em meio às lides jornalísticas. Nesse contexto, muitos dos "grandes nomes" das letras e do pensamento lusitano colaboraram "assiduamente na imprensa periódica", fazendo com "que o nível geral do jornalismo" subisse "consideravelmente e os periódicos, além de melhor apresentação gráfica", fossem "redigidos corretamente e num estilo cada vez mais individualizado"[18]. Constituía-se, assim, uma "nova fase da imprensa" que passou a contar "com a participação nos jornais dos mais prestigiados intelectuais portugueses", ao contrário do que acontecera nas etapas iniciais de tal periodismo[19]. Era uma época em que escrever em periódicos constituía "uma ocupação reservada quer a literatos, quer a políticos, que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião", de maneira que, "escrever nos jornais era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicar

[18] TENGARRINHA, 1989. p. 160.
[19] RODRÍGUEZ, 1996. p. 360.

ideias, de divulgar obras", ou ainda, "de defender ideologias, de travar polêmicas diversas, enfim, de participar ativamente na construção da esfera pública"[20].

Além disso, desde a segunda metade dos Oitocentos e mais acentuadamente nos decênios finais da centúria, se daria o predomínio de uma nova fase organizacional, com significativa mudança no sentido editorial da imprensa portuguesa. Passava então a predominar "uma imprensa consideravelmente imbuída pela notícia em oposição à anterior hegemonia da imprensa de opinião", de modo que a informação passava a ser "a principal preocupação e objetivo", dando-se "a gênese da imprensa contemporânea", a qual transportava "de imediato à polêmica sobre o conteúdo da informação, à sua verdade ou à sua manipulação"[21]. Dava-se, assim, uma inversão entre "o antigo jornalismo" o qual foi "um agente de propaganda, uma arma de combate" e "o novo jornalismo" que se tornou, "ao mesmo tempo, uma indústria com importantes capitais empregados e o uso de meios mecânicos consideráveis"[22].

Dessa maneira, ficavam estabelecidas no país "as condições propícias à transformação industrial da imprensa", por meio de um periodismo "predominantemente *noticioso*", o qual se opunha à imprensa dominada pela

[20] PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 427.
[21] ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005. p. 164.
[22] CUNHA, Alfredo da. *La presse périodique en Portugal: bref mémoire présenté au cinquième congrès international de la presse à Lisbonne*. Lisboa: Imprimerie Universelle, 1898. p. 7.

"*opinião*", num contexto em que "estava lançada a trave mestra do jornalismo contemporâneo", que tinha a informação como a sua maior meta. Tal mudança devia-se à "necessidade de encontrar um público mais largo" a qual fazia com que o periódico procurasse "manter uma atitude imparcialmente objetiva, dirigindo-se assim *a todos* e não a um grupo de leitores ideologicamente afim", que, por sua vez, seria "necessariamente muito mais restrito". De acordo com tal perspectiva, o que "interessava era vender o mais possível, sacrificando tudo a isso", de modo que a publicação também passava a constituir "uma *mercadoria*", embora fosse um produto "essencialmente transitório, apenas com valor durante algumas horas". Ainda assim, mesmo aquele jornal que se afirmasse "exclusivamente noticioso", também poderia ter "uma posição mais ou menos visível", com a qual o leitor poderia ou não concordar, de forma que, "embora surgindo, cada vez em maior número e com maior projeção", periódicos "exclusiva e preponderantemente noticiosos, continuavam a aparecer importantes jornais de opinião", ou ainda, "simultaneamente de informação e opinião". Nesse sentido, "ao lado dos jornais puramente noticiosos, continuavam a existir, ou até a aumentar em número e importância, os de caráter político e as publicações de todas as espécies"[23].

As amplas transformações da imprensa lusa encontraram nos jornais diários os seus mais típicos representantes. Progressivamente, a modernização das técnicas de impressão somada a uma certa profissionalização nos quadros que trabalhavam nas oficinas gráficas e nas redações levaram à formação de

[23] TENGARRINHA, 1989. p. 213, 215, 219-220, 222 e 231.

um jornalismo em termos empresariais. Os avanços tecnológicos traziam consigo a elevação das tiragens ao que foram acrescidas melhores técnicas de distribuição e diminuição do custo dos exemplares, ocorrendo, por conseguinte uma ampliação do número de leitores. Fosse pela relevância e o alcance junto à opinião pública, pela longevidade no tempo de circulação, pela excelente feitura gráfica, pela estruturação tipográfica e financeira, ou ainda por todos esses fatores em conjunto, muitas das folhas diárias adquiririam um destaque extraordinário, chegando algumas delas a serem consideradas como periódicos "nacionais", vindo a ter uma grande e intensa distribuição no conjunto do país, além do significativo impacto que tinham seus escritos no conjunto da opinião pública lusa. Outros diários, apesar de manter tal modelo, não conseguiram a mesma sorte no competitivo mercado jornalístico lusitano e não atingiram uma duração tão longa.

Tais jornais contaram com amplos melhoramentos de ordem técnica na impressão, bem como de gerenciamento organizacional da própria empresa jornalística e um aprimoramento na venda de exemplares, assinaturas e espaços para matérias publicitárias. A isso, somava-se o avanço das formas de obtenção das próprias informações, por meio do desenvolvimento das "grandes agências noticiosas que, mediante um contrato", ofereciam aos periódicos "notícias de várias partes do mundo". A partir do apoio nesses "meios informativos e servindo a uma mentalidade mais cosmopolita, mais aberta para o mundo, mais atenta aos acontecimentos além-fronteiras", as publicações lusas "do último quartel do século XIX" davam "muito maior relevo ao noticiário

internacional", o qual já não ficava reduzido "a esparsas e escassas informações, relegadas lá para o fim de tudo, traduzidas com grande atraso das folhas estrangeiras"[24]. Os correspondentes também contribuíam com tal amealhar de notícias não só no exterior, como também nas mais longínquas localidades nacionais, pois, embora o predomínio fosse do noticiário da capital e das grandes cidades, havia também certo espaço para as informações dos mais remotos rincões.

Para que as notícias sobre as localidades das províncias e distritos não ficassem apenas relegadas ao espaço disponível nos periódicos da capital e das maiores cidades, desenvolveu-se também em Portugal um jornalismo de cunho regional. Ainda que com menores recursos e uma abrangência mais específica, a imprensa regional portuguesa desempenharia relevante papel[25] e buscaria, a seu modo e de acordo com seus limites, reproduzir o estilo jornalístico empregado pelos grandes diários lisboetas e portuenses. Tal relevância da imprensa regional adveio de seu papel como propagadora "de informação, formação e recreação" através de "uma audiência constituída por um público ávido de permanecer ligado por laços diversos – o nascimento, a família, as amizades – à determinada região do país". Nessa linha, os periódicos regionais serviram "também como verdadeiras escolas de jornalismo e neles despertaram

[24] TENGARRINHA, 1989. p. 217.

[25] GALVÃO, Carlos. *Imprensa regional*. Mafra: Tip. Liberty, 1937.; GÂNDARA, Alfredo. *A imprensa regional ao serviço da nação*. Lisboa, Tip. Silvas, 1956.; e SANTOS, Sofia Carla Gonçalinho. *Imprensa regional: temas, problemas e estratégias da informação local*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

vocações que se iriam afirmando, pelo tempo afora, na primeira linha dos homens" que enriqueciam a literatura portuguesa". Apesar das "enormes dificuldades de natureza econômica que sempre tiveram de enfrentar", os jornais regionais desempenharam importante função como divulgadores de informações e opiniões, uma vez que dedicavam-se "a um tipo de informação que interessava diretamente ao seu público", normalmente delimitado por padrões geográficos. Desse modo, "os grupos de interesse" encontravam-se frente a frente "perante as necessidades coletivas", sendo "valorizados os acontecimentos sociais, os melhoramentos locais" e a "solidariedade para vencer os obstáculos ao progresso das povoações" resultando em uma "audiência bastante receptiva à defesa dos interesses das respectivas comunidades"[26].

Outro fenômeno que marcou o jornalismo português e se acentuou nas décadas finais do século XIX foi o de uma crescente especialização, com a circulação de jornais especializados em determinadas temáticas e com formas de abordagem e padrões editoriais particulares voltados também ao público em geral, mas, de modo especial, a um grupo de leitores mais específico. Nesse contexto, "a força da imprensa levou as diversas classes e doutrinas a apoiarem-se nos prelos" de modo que a ela recorreram "a ciência, a crítica, os artistas, a agricultura, a religião"[27], entre outros segmentos socioculturais. Dentre tais

[26] ROSADO, Nuno. *A imprensa regional e o poder de comunicação*. Lisboa: Instituto Amaro da Costa, 1982. p. 1-4.
[27] MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1941. p. 46.

periódicos representantes de um jornalismo especializado, estiveram aqueles vinculados a uma imprensa religiosa, que visavam, ao lado de informações e opiniões, trazer ensinamentos e expressar formas de conduta moral e espiritual. Esses jornais estiveram ligados principalmente ao catolicismo, religião predominante no país[28], refletindo também aquele momento histórico de fim de século no qual inclusive a religião que até então "não precisava de defesa, visto ser mais respeitada, venerada ou temida"[29], passava a também ter de contar com o periodismo, de modo a enfrentar o espírito de contestação.

Ainda como reflexo desses tempos de amplas ações reivindicatórias e contestatórias, uma outra instituição não tão combatida até aquela época passava a lançar mão do jornalismo para defender e divulgar suas ações. Eram os militares, cuja atuação passava a ficar cada vez mais intensa, tendo em vista os enfrentamentos externos, notadamente na busca da manutenção do império colonial além-mar, bem como os internos, voltados a abafar e reprimir as contestações ao *status quo*. Nesse sentido, a virada do século XIX ao XX registraria "movimento intenso de novos periódicos" militares, "ocorrendo linhas de desenvolvimento significativas". Tal período correspondia "a uma preocupação constante, em várias vertentes, pelo aumento da eficácia do Estado tanto para fazer face aos complexos problemas que se levantavam no reino", dentre eles "a necessidade de uma maior intervenção do Estado na vida econômica e financeira e no comércio externo, com o sistema protecionista

[28] OLIVEIRA, Zacarias de. *A imprensa católica*. Coimbra: Tip. da Atlântida, 1956.
[29] MARTINS, 1941. p. 46.

adotado", bem "como para enfrentar as dificuldades políticas crescentes que ameaçavam o regime, conduzindo a um aumento de autoritarismo governativo". Esse processo levava "a uma maior atenção à organização e eficácia das forças armadas", buscando "um melhor desempenho das suas tarefas correntes" ou "como instrumento repressivo interno"[30] e as folhas impressas serviriam também a tal causa.

No âmbito das forças que atuaram mais decisivamente no combate às estruturas políticas e socioeconômicas do regime vigente em Portugal ao final do século XIX estiveram aquelas vinculadas aos trabalhadores que também lançaram mão dos periódicos para fazer valer suas ideias e formas de procedimento. Assim, dentre os segmentos voltados a um jornalismo especializado um dos mais notórios no contexto português do final do século XIX foi aquele representado pela imprensa operária, a qual evoluiria sendo "redigida e editada por trabalhadores na defesa e propaganda dos seus interesses de classe"[31], uma vez que constituíam um grupo que se encontrava em plena expansão numérica e geográfica, mormente a partir da virada para o século XX[32]. Com tal incremento de um jornalismo especializado no que tange à

[30] TENGARRINHA, José M. Um trabalho pioneiro na comunicação militar. In: SOARES, Alberto Ribeiro. *Imprensa militar portuguesa: catálogo da Biblioteca do Exército*. Lisboa: Biblioteca do Exército, 2003. p. 15.

[31] SÁ, Victor de. Notícia sobre a imprensa operária portuguesa. In: *Revista de História*. Porto. v. 5, 1983-1984. p. 143-144.; e SÁ, Victor de. *Notícia sobre a imprensa operária portuguesa*. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1984. p. 14.

[32] OLIVEIRA, César. *Imprensa operária no Portugal oitocentista: de 1825 a 1905*. Lisboa: Editorial Império, 1973. p. 19.

organização dos trabalhadores, desenvolvia-se um tipo específico de prática no seio da pequena imprensa, cujo objetivo fundamental era mobilizar e denunciar[33].

Nessa conjuntura, "a experiência adquirida no movimento associativo, as desilusões relativas" que decorreram "do fracasso da colaboração entre as classes, a consolidação do capitalismo e o desenvolvimento de novas indústrias", bem como "as novas formas de domínio de classe e de opressão, geradas a partir do crescimento urbano", iriam produzir "transformações significativas no posicionamento de boa parte dos dirigentes e dos principais quadros" da militância associativa operária. Da convergência de tais "fatores com eventos exteriores ao movimento associativo" adviriam "mudanças radicais que a imprensa operária depressa viria a exprimir". Já nas últimas décadas do século XIX, o operariado luso havia passado por uma multiplicação numérica significativa o que levaria à "edição de uma imprensa específica sobre os seus problemas e dedicada em exclusivo à defesa dos seus interesses próprios"[34].

Assim os avanços do impacto do jornalismo lusitano como um todo trouxeram consigo também um significativo progresso da imprensa operária. A feição primordial dos periódicos operários estava orientada "por duas

[33] MÓNICA, Maria Filomena. *A formação da classe operária portuguesa – antologia da imprensa operária (1850-1934)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. p. 11.
[34] OLIVEIRA, César. *Antologia – imprensa operária portuguesa (1837-1936)*. Lisboa: União Geral de Trabalhadores; Perspectivas & Realidades Artes Gráficas, 1984. p. 12-14.

preocupações centrais", ou seja, "a doutrinação em torno da libertação operária e o apoio às lutas de tal classe quer defendendo a sua justeza, quer lançando campanhas de ajuda material e moral". Nesse sentido, os operários passavam cada vez mais a aperceber-se "da importância fundamental dos jornais como instrumentos de sua organização e da sua luta". A "necessidade que o movimento operário reconheceu de desenvolver a sua imprensa própria era acentuada pela crescente hostilidade que enfrentava dos jornais" mais conservadores. Mesmo que "a incipiente organização operária" não viesse a "comportar ameaças diretas ao poder político", chegaria a haver um incremento no "receio pelos abalos que as lutas operárias estavam a provocar no plano social"[35].

Notadamente influenciados por princípios socialistas ou anarquistas, por meio da imprensa periódica, os trabalhadores portugueses expressavam alguns dos pressupostos fundamentais de uma consciência de classe, através da qual eles "estavam cientes de prosseguir por conta própria em lutas antigas e novas". Estabelecia-se, assim, uma espécie de "consciência de identidade dos interesses da classe operária, enquanto contrários aos de outras classes"[36]. Tal consciência no seio do proletariado ganhava corpo como um conjunto de interesses comuns expressos a partir do espírito de associação e suas lutas por transformações nas sociedades, envolvendo suas esperanças e desesperanças e até "a alternância de

[35] TENGARRINHA, 1989. p. 240-241 e 244.
[36] THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 304 e 411.

passividade e ativismo" na execução de seus enfrentamentos[37]. A partir dos jornais operários era então desenvolvida "uma consciência crítica", promovida por meio de um "trabalho complexo, articulado e graduado", abrangendo "dedução e indução combinadas, lógica formal e dialética, identificação e distinção, demonstração positiva e destruição do velho", baseada no concreto, "no real e na experiência efetiva", resultando assim em um jornalismo essencialmente ideológico[38].

Outro segmento que obteve destaque no conjunto do periodismo português do final do século XIX foi o da imprensa ilustrada. A inclusão de ilustrações nos jornais não era ainda um processo de tão fácil execução, tendo em vista as condições técnicas impostas às oficinas tipográficas. Predominavam assim os clichês, figuras que se repetiam edição após edição, normalmente servindo para estampar as matérias publicitárias visando dar mais notoriedade ao anúncio. O aparecimento de folhas ilustradas na maior parte das grandes cidades europeias viria a encorajar em Portugal "a criação de publicações idênticas", fundando-se "revistas profusamente ilustradas de elevado nível", algumas delas de longa existência. Como a fotografia não era utilizada pelos periódicos, "devido a dificuldades técnicas várias e à má qualidade do papel"[39], os jornais ilustrados acresciam ao texto o atrativo da

[37] HOBSBAWM, Eric J. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 246 e 248.
[38] GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 174 e 179.
[39] TENGARRINHA, 1989. p. 197-198.

imagem, através do desenho, levando aos leitores qualificadas reproduções de paisagens, personagens e fatos históricos e personalidades marcantes na vida pública de então.

Compondo a pequena imprensa crítico-opinativa marcada por visões humoradas, irônicas e cáusticas acerca da vida em sociedade, estiveram as folhas satírico-humorísticas. Muitas vezes tais jornais manifestavam-se através "de um idioma supramente rico em expressões contundentes" e com palavras que representavam "um convite à incontinência de linguagem"[40]. Essas publicações "mantinham um tom jocoso, acidamente crítico e ferinamente irônico", usando, por vezes, uma linguagem desabrida e até "um palavreado chulo e virulento". Eram combativas por natureza e censuravam atitudes de indivíduos tanto no campo público quanto no privado, enquanto outras "optavam pela graça propriamente dita, pretendendo apresentar uma versão bem humorada da realidade retratada". Além disso, em outras vezes, elas "assumiam um caráter moralizador, buscando apontar as mazelas que estariam a afligir a sociedade"[41].

Na mesma linha crítica e humorada, mas acrescentando um extraordinário atrativo – o uso da imagem –, em Portugal circularam diversos

[40] MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Antologia de humorismo e sátira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 3.
[41] ALVES, Francisco das Neves. *Olhares impressos – a república brasileira sob o prisma da imprensa lusitana: repercussões e ruptura diplomática (1889-1895)*. Lisboa: ICES, 2012. p. 63.

representantes da imprensa caricata[42]. Nesses periódicos "a caricatura, como meio de provocar o contraste desejado", servia-se "do cômico para descobrir a possível 'verdade', ou seja, uma nova maneira de olhar o mundo" visando que o leitor despertasse e sentisse o que se passava em redor, uma vez que ela "não resignava, desafiava, provocava o riso, quase instantaneamente, e a reflexão". Os semanários caricatos mantinham um constante trabalho de articulação discursiva entre o padrão escrito da imprensa que se somava à tradição oral do dia a dia das pessoas, resultando em uma ação cômica que multiplicava o poder de influência junto à opinião pública e, paralelamente, transmitiam uma perspectiva cotidiana, na qual "o espectador se sentia, invariavelmente, inserido", ou até mesmo, eventualmente, um protagonista. Nesse sentido, "apesar dos limites que impunha a taxa de analfabetismo, a partir da sistemática ilustração em periódicos, sobretudo da caricatura", criava-se "o impacto necessário" o qual conduzia "à atenção sobre o periódico, mesmo na condição de analfabeto". Com imagem e texto incisivos, as folhas caricatas, como representantes da pequena imprensa traziam "a tradução da crítica a um sistema degradado, levado aos limites do absurdo, ou seja, a sua troça e sua negação" representavam a subversão "da própria ordem social" e de específicas visões de mundo[43].

[42] RODRIGUES, Paulo Madeira. *Tesouro da caricatura portuguesa (1856-1926)*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1979.
[43] ALVES, J. A. S., 2005. p. 123 e-125 e 127-128.

A imagem expressa pela caricatura refletia sucessivamente a realidade exterior, a criação plástica e a realidade interior[44], de modo que nos hebdomadários caricatos eram reproduzidos hábitos do cotidiano e do popular, como uma "língua afiada, pronta a criticar, a cobiçar, a por ao ridículo todos aqueles que fugiam à mediana, ou que punham em risco a passividade das suas vidas". Tais jornais surgiam "às carradas", mas eram, em geral "de curta duração" e os motivos econômicos constituíam "a base dessas falências, já que representavam aventuras dos próprios jornalistas e desenhadores gráficos, sem capitalistas por detrás". Nesse quadro, "bastava uma reação lenta do público em aderir ao projeto, ou uma querela judicial, para destruir" a proposta e, "se a isso se juntava falta de qualidade gráfica e humorística, o público não comprava" e "mais depressa se extinguia"[45]. Em alguns casos, entretanto, haveria maior êxito e tais folhas adquiririam sucesso entre os leitores, mantendo uma circulação regular por significativos períodos e garantindo uma excelente qualidade gráfica.

Essa expansão do jornalismo lusitano na segunda metade do século XIX também adveio da relativa liberdade de expressão da época, uma vez que o terceiro quartel de tal centúria "foi o período de maior liberdade na história da monarquia constitucional portuguesa". Em contrapartida, já ao final dos Oitocentos, a situação viria a alterar-se "à medida que a estabilidade do regime

[44] HUYGHE, René. *O poder da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1986. p. 33.
[45] SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910)*. Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, s/data. v. 1. p. 14 e 202.

foi ameaçada pela crescente contestação política e social", surgindo algumas restrições já nos anos oitenta. Mais tarde, em março de 1890, foi instituído um decreto governamental que constituiria "o principal ponto da viragem repressiva sobre a imprensa no final da monarquia", mormente no que tange ao julgamento dos chamados crimes de imprensa. Seria pesada a repressão desencadeada a partir dessa legislação, com a prisão de jornalistas, supressão de jornais, sucessão de querelas contra publicações e apreensão de periódicos por parte da polícia, por vezes, "sem qualquer explicação nem autorização legal", em um conjunto crescente de feitos pelos quais, até a virada do século, as perseguições aos jornais atingiriam níveis da maior gravidade[46].

De acordo com tal perspectiva, à medida que os jornais ganhavam terreno na formação da opinião pública, paralelamente viria a desenvolver-se uma série de mecanismos para cercearem ou reprimirem os possíveis alcances do jornalismo português[47]. A tendência geral foi a tentativa de manutenção do *status quo*, buscando evitar possíveis ataques às instituições por meio dos jornais, de modo que, aos períodos de maior tranquilidade político-institucional correspondeu, normalmente, uma certa liberdade de imprensa, ao passo que às fases de perturbação política ou acirramento reivindicatório era inerente uma

[46] TENGARRINHA, José M. *Imprensa e opinião pública em Portugal*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 2006. p. 50-51.
[47] TENGARRINHA, 1989. p. 264-306.; ALVES, Luís Alberto Marques. *Subsídios para a história da imprensa em Portugal*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 1983.; e SOUSA, José Manuel Motta de & VELOSO, Lúcia Maria Mariano. *História da imprensa periódica portuguesa: subsídios para uma bibliografia*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1987.

prática mais coercitiva e repressiva. Nesse sentido, "a produção do discurso" jornalístico era "controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos", de modo a "conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade", constituindo-se um sistema de sujeição, com mecanismos de controle e delimitação, que representavam verdadeira "polícia discursiva"[48].

Assim, entre os diversos fatores que levaram a avanços e progressos e outros que promoveram certos limites e recuos, a imprensa portuguesa evoluiu e se aprimorou, caracterizando-se por uma grande amplitude de gêneros jornalísticos praticados nos mais variados recantos do reino. Jornais diários longevos, de circulação nacional e com retumbantes repercussões junto à opinião pública; propostas de publicações diárias que não conseguiram levar em frente seus projetos e falhavam na busca da continuidade de suas edições; representantes de um periodismo regional que levavam as atividades jornalísticas para além das fronteiras da capital, estendendo-as às grandes e pequenas localidades ao longo do território nacional; exemplares de um jornalismo especializado que atendiam a determinadas demandas no que tange ao público leitor, como os setores religiosos e militares; publicações ilustradas com seu apelo visual; satírico-humorísticos com suas visões distorcidas da sociedade a partir da ironia e do gracejo; semanários caricatos que a partir do acréscimo da imagem davam asas à imaginação não só dos leitores, como da população pouco letrada e até analfabeta; uma imprensa operária articulada

[48] FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 10.ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 8-9, 21 e 35.

com as noções de consciência de classe e espírito associativo dos trabalhadores; entre tantos outros estilos, foram algumas das práticas jornalísticas exercidas em Portugal nas derradeiras décadas dos Oitocentos. Uma breve introdução à história dos jornais abordados, com destaque para as suas propostas editoriais, constitui um significativo fundamento para melhor compreender as suas construções discursivas[49]. Nesse sentido, segue nas próximas páginas um arrolamento de alguns dos periódicos que circularam em Portugal, levando em conta aqueles que foram distribuídos na última década do século XIX, mas foram fundados entre 1840 e 1884[50] Tal levantamento não tem a pretensão de cobrir todos os jornais editados no contexto luso do final dos Oitocentos e sim

[49] Tal breve histórico foi realizado a partir do estudo dos programas normalmente expedidos pelos periódicos em suas edições iniciais e/ou a partir de números alusivos aos seus aniversários, notadamente na ausência da edição original e/ou quando esta era muito remota em relação ao período abordado, dependendo sempre da disponibilidade e do acesso às fontes. Nem sempre os jornais promoviam a publicação de seus programas e, por vezes, o faziam à parte, em números especiais que antecipavam a primeira edição, os quais, em muitos casos, ficaram perdidos, não constando nos acervos das hemerotecas. Havia também o caso das publicações que não demarcavam suas datas de aniversário, virando o ano sem tecer comentários a respeito da efeméride. Além disso, dentre os exemplares remanescentes nem sempre foram encontrados ou não houve acesso aos números referentes aos programas ou aniversários das folhas, o que dificultou a identificação de suas propostas editoriais. A inclusão de uma imagem de cada um dos periódicos visa a sua melhor identificação, buscando demarcar uma identidade visual, mas, também por questões de acesso – muitas vezes restrito apenas à leitura –, não foi possível obter tal versão de todos eles, bem como, em alguns casos, tendo em vista a prestação do serviço de cópias, a qualidade ficou prejudicada. Conteúdos bibliográficos, rarefeitos e em pequena quantidade, também foram utilizados para a busca de informações.

[50] Adaptado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além mar: a primeira década da república brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa*. Rio Grande: Editora da FURG, 2017, v.1, p. 61-100.

trazer uma amostragem que permita um melhor entendimento a respeito do conjunto de publicações dessa época.

Um dos mais antigos jornais portugueses que circulou ao final do século XIX foi *A Revolução de Setembro*, diário editado em Lisboa entre 22 de junho de 1840 e 20 de janeiro de 1901[51], cujo título e proposta inicial eram alusivos à revolução setembrista, típica do espírito revolucionário-liberal da primeira metade daquela centúria, fortemente empenhado no combate aos resquícios absolutistas do Antigo Regime. Constituiu um dos periódicos mais importantes e longevos no conjunto da imprensa lusa, chegando por vezes a sofrer severas perseguições, empreendendo a partir daí veemente luta pela liberdade de expressão. Contou desde o início com significativo número de assinantes e utilizou-se de várias modernas tecnologias, sendo também um dos precursores a dar relevância à matéria de natureza noticiosa em suas páginas. Foi conceituado como "o jornal de maior projeção na primeira metade do século XIX, e um dos mais importantes da história" da imprensa portuguesa, mantendo "alcance e prestígio notáveis"[52].

Em seu programa, a publicação dizia estar consagrada a "uma nação espirituosa e valente", que se sustentara "em arriscados apuros de sua existência" com a pena e a espada. Nesses termos, o jornal exigia "uma constituição popular, um rei sem arbítrio, uma representação extensa, uma

[51] RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, v. 2. p. 261-262.
[52] TENGARRINHA, 1989. p. 160-162, 185, 202, 215-216, 231, 289-292.

família social e nacionalidade segura". Pretendia ainda uma "administração sem oprimir, autoridade com confiança, centralização com foros e justiça com independência". Estavam também entre suas metas uma "fazenda regulada, despesas com economia, tratados com indústria, reciprocidade sem perdição", bem como a "ordem sem entusiasmo e a liberdade sem sofismas"[53]. O revolucionarismo da inspiração e do título remetia às lutas pelo liberalismo constitucional da época da origem da folha, que se manteve ao longo de sua existência vinculada aos princípios monárquicos[54], intentando manter a roupagem de edição predominantemente informativa.

[53] A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO. Lisboa, 22 jun. 1840. A. 1. N. 1. p. 1.
[54] LEMOS, Mário Matos e. *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora; CEIS20, 2006. p. 552.

A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

As suas verdades eram duras, mas foram sempre verdades.
ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO.

Preço para Lisboa
Anno, 4$000; semestre, 2$000; trimestre, 1$000 réis
Provincias ultramarinas
Anno, 6$000; semestre, 3$000; trimestre, 1$500 réis

Subscreve-se unicamente no escriptorio da administração, travessa das Mercês, 37, 1.º e vende-se no mesmo escriptorio
Assignaturas são pagas adiantadas.—Publicações de interesse particular são pagas
Folha avulso, 10 rs.—Annuncios, 20 rs. por linha
Em Paris recebem-se assignaturas e annuncios na agencia franco-hespanhola, 38, rua Blanche
A redacção não responde pela doutrina e opiniões dos artigos assignados ou que levarem signal de que não são d'ella.—Os artigos sejam ou não publicados, não serão restituidos

Para as provincias
Anno, 4$200; semestre 2$000; trimestre, 1$000 réis
Para o Brazil e paizes da união postal
Anno, 8$000 réis

NUMERO 14:168 | QUINTA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 1889 | ANNO XLIX

LISBOA, 20 DE NOVEMBRO

Mudou o Brazil de firma de governo; e no primeiro momento, de surpreza ou de satisfação, todos pareceram estar de accordo, até a propria familia imperial, que tambem parecia ter as malas promptas e a disposição preparada para a partida.

Mas o primeiro momento passa; e os interesses e as paixões, que em tudo se envolvem e em tudo influem, ameaçam de um instante para o outro, quebrar o accordo primitivo, ou porque uns se julguem illudidos nas esperanças que conceberam, ou porque outros se tenham por lesados nas ambições que, ao acariciar o novo estado de coisas alimentaram.

O problema do Brazil não se resolveu com a deposição do imperador, nem com a formação do governo provisorio, que proclamou a republica e lhe outhorgou já a firma federal.

O que é feito é a parte menor da solução: o problema começa agora a ser posto ao paiz para ser resolvido.

Demolir é sempre relativamente mais facil do que edificar, e a obra realisada é apenas a da demolição, embora com plano e projecto já assente para a nova reedificação da sociedade politica e administrativa.

Mas prevalecerá, segundo os desejos do governo provisorio, a firma federativa, que já chrismou a nação, passando-a do seu singular Brazil, para o plural Estados-Unidos? Mas homologando a constituinte o plano do movimento revolucionario, até onde irá a autonomia dos estados, ou quão tenue ou denso será o laço federal que os una?

Haverá n'esse ponto do problema o mesmo accordo que houve na condemnação do imperio?

Ficarão as antigas provincias, actuaes estados, em plena harmonia de intuitos, poderão, em cada uma d'ellas, prevalecer os sentimentos communs de amor pela patria brazileira aos interesses e paixões da autonomia local? Poderão todos entender-se affectuosamente na partilha dos encargos herdados, e no quinhão das vantagens inherentes á independencia de cada uma?

Ainda quando todos os accordos se dêem na assembléa constituinte, poderão elles dar-se do modo egual na população dos differentes estados?

E depois, se uma das causas do grande descontentamento, que contribuiu para abalar o throno imperial, era a recente abolição da escravatura, poderá a republica nascente sanar esses descontentamentos pela restauração do que o imperio aboliu, ou poderá arcar victoriosamente com elles, contrariando-os por mais que protestem?

E o exercito, que se diz ter sido o promotor da revolução triumphante, ficará tranquillo e satisfeito, terá realisado os seus ideaes, só porque substituiu o imperialismo pela republica?

Lembramo-nos do que aconteceu durante o periodo da nossa revolução liberal, em que o desaccordo das facções nasceu diante das forças do absolutismo, para explodir em contendas civis, logo que o inimigo commum foi vencido.

O grande problema para o Brazil começa agora; e só um verdadeiro milagre, milagre providencial ou milagre da habilidade humana,—poderá fazer tranquilla a consolidação da republica brazileira, tão tranquilla com foi a sua proclamação.

Decerto fazemos votos sinceros por que esse milagre se realise, porquanto nada temos a lucrar, antes alguma coisa a perder, com a perturbação da tranquillidade, com a alteração da ordem, n'um paiz, a que nos prendem tantos laços de affecto e de interesse.

Mas porque desejamos do fundo do coração a paz no Brazil, manda-nos a previdencia, em nome d'esses mesmos affectos e interesses, que não esqueçamos as peiores hypotheses, e estejamos prevenidos, para lhes attenuar os effeitos, com respeito a nós mesmos, no caso, não appetecido mas possivel e até humanamente provavel de virem ellas a realisar-se.

Para nos precaucionarmos,—nós que como nação temos de ser simples espectadores dos acontecimentos do Brazil,—é que é mister toda a prudencia e todo o tino dos nossos poderes constituidos.

Póde vir um ensejo propicio,—como dizem muitos e illustrados collegas,— para colonisarmos a Africa, fazendo derivar para as nossas feracissimas regiões do continente negro a corrente de emigração que demandava o Brazil?

Mas o periodo de transição; mas a actual colonia portugueza no vasto estado americano, mas os interesses por ella ahi creados, mas as correlações economicas que d'esses factos derivavam?

Eis o grande problema portuguez, em face do grande problema brazileiro.

E podemos confiar que o actual governo o resolva? Como partido de opposição, não confiamos decerto, embora como partido patriotico lhe demos toda a força e todo o apoio para que o resolva.

São hypotheses, que formulamos, mas hypotheses que não devem encontrar-nos desprecavidos; e ao governo hoje compete estudal-as nos seus effeitos e no modo de lhes dar remedio; mas de um momento para o outro póde ter de entrar em acção, de proceder, serena e correctamente, de saber affirmar por actos que foi proficuo o estudo e reflexão que deu ás questões possiveis e previstas do futuro.

Se nada de anormal occorrer,—e oxalá que assim aconteça!—se a republica brazileira se consolidar tão serenamente como se proclamou, tanto melhor! A sciencia do governo portuguez não terá de ser posta á prova; mas essa hypothese não o absolve de ser imprevidente agora!

TELEGRAMMAS

Da *Agencia Havas* recebemos o seguinte telegramma:

Londres, 19 de novembro, manhã.
Voltou a apparecer no Pico fóbres de sua caracter.

New-York, 19 de novembro, manhã.
Um telegramma do Rio de Janeiro diz que foi preso e encarcerado o tribuno José do Patrocinio por conspirar contra a republica. Todos os governadores das provincias occupadas pelo governo pertencem ao exercito. O decreto do governo provisorio estabelecendo a republica annuncia que as provincias do Brazil reunidas pela federação constituem d'aqui para o futuro os Estados Unidos do Brazil; cada Estado nomeará o seu proprio governo local enviando representantes ao congresso nacional que proximamente estabelecerá a organisação definitiva do Brazil. No entretanto o governo de cada Estado tomará as medidas que julgar opportunas para manter a ordem e proteger os direitos dos cidadãos.

Washington, 19 de novembro, manhã.
O ministro do Brazil junto do governo da republica norte americana recebeu telegrammas dos ministros dos estrangeiros e da fazenda do Brazil confirmando a noticia da partida de D. Pedro II que vae para a Europa a bordo do vapor «Alagôas» escoltado nas costas brazileiras pelo couraçado «Riachuelo». A tranquillidade em todo o Brazil está assegurada. Os representantes diplomaticos do Brazil que se acham aqui esperam as decisões do novo governo.

Washington, 19 de novembro, tarde.
Os delegados brazileiros ao congresso americano que aqui se acha reunido, têem comparecido ás sessões, mas não têem tomado parte activa nos trabalhos por esperarem instrucções do novo governo do Brazil.

Rio de Janeiro, 19 de novembro tarde.
O manifesto do governo provisorio ao povo brazileiro annuncia a suppressão da monarchia e promette ordem, liberdade e respeito pelos direitos e opiniões individuaes. Diz que o governo mantém nos seus logares todos os funccionarios publicos; supprimirá o senado e conselho de estado e dissolverá a camara dos deputados; acceitará todos os contractos e compromissos do precedente governo, assumindo todos os encargos da divida publica e todas as obrigações legalmente contrahidas.

Rio de Janeiro, 19 de novembro, á 1 h. e 10 t.
O visconde de Ouro Preto embarcou hoje para a Europa.

Paris, 19 de novembro, noite.
Camara dos deputados:—Aberta a sessão, o presidente Floquet pronunciou a allocução do estylo; disse que se esforçará por merecer a confiança dos seus collegas, e por assegurar ás preferencias pessoaes para assegurar a todos a liberdade da tribuna; consignou que a França republicana manifestou a sua vontade de vêr estabelecida a concordia entre os seus mandatarios (applausos); e accentuou a união de todas as forças da democracia em volta do governo da Republica.

Em seguida o sr. Tirard, presidente do conselho, leu a declaração ministerial: recorda que o governo foi chamado ao poder n'uma hora difficil; crê porém que levou a bom termo a sua tarefa; referindo-se á Exposição universal, diz que foram convidadas todas as nações; declara que o ministerio está prompto a continuar dirigindo os negocios com a confiança do parlamento; enumera os projectos, já conhecidos, que lhe propõe; affirma que se occupará tambem activamente dos armamentos para a defesa do paiz, a fim de que a França seja forte, embora o governo confie na manutenção da paz; e conclue pedindo a cooperação de todos para uma politica de negocios.

O sr. Maujan, deputado radical, apresentou uma proposta de revisão constitucional, e pediu a urgencia, que foi combatida pelo sr. Paulo de Cassagnac, reaccionario, e apoiada pelo sr. Naquet, boulangista.

O sr. Tirard repelliu tambem a urgencia, que foi afinal rejeitada por 345 votos contra 123.

Roma, 19 de novembro, noite.
A Italia notificou hoje ás potencias signatarias da conferencia de Berlim ter annunciado no dia 18 d'este mez o protectorado sobre as partes do littoral oriental de Africa desde o sultanato de Opia até Kibmano, além do Equador.

Bruxellas, 19 de novembro, noite.
Na sessão de hoje alguns membros do congresso anti-esclavagista expozeram os intuitos geraes dos seus governos; outros apresentaram documentos relativos aos trabalhos da assembléa, a qual regulou a ordem das suas deliberações.

Foi nomeada uma commissão para examinar...

57 **FOLHETIM**

ALEXANDRE DUMAS

O BASTARDO DE MAULÉON

Segunda parte

OS DOIS IRMÃOS

CAPITULO III

O bastardo de Mauléon volta para junto do capitão Hugo de Caverley, e o que se seguiu

Carlos V era um rei muito sabio, e que bastas vezes meditava sobre as coisas do reino, para não comprehender logo todo o resultado que poderia tirar da situação, se os acontecimentos corressem como Mauléon dissera.

Os inglezes, privados do soccorro das grandes companhias, flagellos com os quaes elles arruinavam os campos, necessariamente vêr-se-iam obrigados a assoldadarem tropas em substituição d'aquellas, que se pagavam por si proprias e faziam por sua conta uma guerra lucrativa e ruinosa para o reino.

Devia, pois, resultar d'isto uma tregua para a França, tregua durante a qual novas instituições dariam um pouco de socego aos francezes, e que permittiria ao rei executar os grandes trabalhos que havia ordenado para o embellezamento de Paris e melhoramento das finanças.

Quanto á guerra com a Hespanha, Duguesclin não via grande inconveniente n'ella.

A cavallaria franceza era superior em força e em tactica a todos os cavalleiros do mundo. Os castelhanos deviam então ser derrotados. Além d'isto, Bertrand contava fazer bom negocio com as companhias, sabendo que quanto mais caro elle pagasse a victoria, mais esta victoria seria vantajosa para a França, e que, quantos mais cadaveres semeiasse no campo de batalha hespanhol, menos bandidos traria para o reino.

A politica n'aquelle tempo era toda egoista, ou pelo menos pessoal; ainda ninguem havia tido a idéa de emittir os principios de direitos internacionaes, que se tem simplificado desde as questões de guerra entre os reis. Qualquer principe guerreiava por sua conta, com os seus proprios recursos, pela persuasão, pela força ou pelo dinheiro, e tinha pela virtude das suas armas um direito que muitas faziam valer.

—D. Pedro matou minha irmã e seu irmão...—dizia Carlos V—Mas todos dar-lhe-hão razão dos seus actos, se eu não me arranjar de fórma a provar-lhe que fez mal...

Pela sua parte, Henrique de Trastamara dizia:

—Eu sou mais velho, pois que nasci em 1333, ao passo que meu irmão D. Pedro nasceu em 1336. Affonso, meu pae, foi noivo de Leonor de Gusmão, minha mãe; não a casou, mas ella na realidade foi sua esposa. Simente o acaso fez de mim um bastardo, na opinião do mundo. Mas, como se já não bastasse esta excellente razão, eis que o céo me envia injurias particulares e crimes politicos a vingar.

«D. Pedro quiz deshonrar minha esposa, matou meu irmão Frederico, e enfim a irmã do rei de França. Tenho, pois, razão em querer desthronar D. Pedro, para que eu sómente reine.»

E D. Pedro dizia:

—Sou de facto o filho legitimo, sou possuidor, em virtude d'um tratado que me dá a França por alliada, uma joven princeza de sangue real, de nome Branca de Bourbon. Em vez de me amar, como era do seu dever, amou D. Frederico, meu irmão; e como se não fosse bastante para mim o ter sido obrigado a contrair uma alliança politica, minha esposa tomou partido, contra o seu rei e senhor, por meus irmãos Tello e Henrique, que me fazem a guerra. Eis um crime de alta traição. Além d'isto, manchou o meu nome com os seus amores criminosos; eis um crime capital. Mandei, pois, matar D. Frederico e D. Branca; estava no meu direito.

Mas, quando olhava em redor de si, e vêr se este direito era solidamente apoiado, apenas via os seus castelhanos, os seus mouros, e os seus judeus, emquanto D. Henrique de Trastamara tinha por seu lado o Aragão, a França e o papa.

A partida não era egual, e que faria com que D. Pedro, um dos principes mais intelligentes da sua época, dissesse algumas vezes comsigo que, ainda que começasse por ter razão, poderia muito bem acabar por não a ter.

Os preparativos fizeram-se depressa na côrte de França. O rei não perdeu tempo senão o necessario para entregar a espada de condestavel a Duguesclin, e fazer á nobreza e aos principes um discurso no qual, depois de lhes ter annunciado a hora que fazia ao gentil-homem bretão, os convidava a obedecer ao novo condestavel como a elle proprio.

Em seguida, como se tratava antes de tudo de obter para a campanha projectada a cooperação das grandes companhias antes que alguem soubesse de tal, com receio de que D. Pedro com pesasse a peso de ouro, não o soccorro dos capitães em Hespanha, mas a sua estada em França, estada que naturalmente impediria Carlos V de levar as armas até Castella, o rei despediu Duguesclin e Mauléon, que devia servir-lhe de introductor.

O principe Henrique, seguro do apoio do rei, seguiu-os como simples cavalheiro.

A viagem fez-se sem ruido. Os embaixadores apenas eram escoltados pelos seus escudeiros, servidores, e uma duzia de homens d'armas.

Breve se viu o Saône e as numerosas tendas das companhias, que, desertando dos extremos da França, a pouco e pouco se haviam reunido no centro, e que, como uma nova horda de barbaros aguardando um novo Aecio, tinham caido sobre aquellas ferteis planicies.

Agenor avançou só, deixando o condestavel em segurança no castello de la Rochepot, que ainda pertencia ao rei Carlos V; e, sem hesitar, foi lançar-se nas emboscadas, sempre estendidas das companhias.

Conduziram-o á presença d'um capitão quasi tão conhecido como Hugo de Caverley: o Cavalleiro Verde.

Como não estava para pagar dois resgates, Mauléon pediu para fallar a Caverley, em cuja tenda foi introduzido pelo proprio Cavalleiro Verde.

(Continúa)

Trad. de *Pinheiro Chagas*.

Outra longeva publicação lisbonense que esteve entre as mais importantes da virada do século[55] foi *A Nação*. Era editada três vezes por semana, passando depois à diária, e circulou entre 15 de setembro de 1847 e 23 de setembro de 1928[56]. Nas décadas de oitenta e noventa identificava-se como um "jornal religioso e político". Era de tendência monárquico-legitimista[57] e defendia ideias ultraconservadoras, inspirada em um saudosismo nacionalista, discordando, inclusive, do modelo reinante de monarquia constitucional e criticando liberais e republicanos. Apresentava-se como "um soldado cristão e português", defensor da nacionalidade, da religião, da moral e da lei e em cujo elmo mantinha emblemas "que já foram diadema de glória", mas que se transformaram em "coroa de espinhos". Dizia ter saudade do passado, lágrimas no presente, mas esperança no futuro, opondo-se ao "furacão revolucionário" e propondo-se a defender uma "causa justa e forte" que haveria de triunfar, uma vez que seria legitimada pela "vontade da nação". Considerava-se um defensor da nacionalidade, arvorando "o seu pendão com a mesma lealdade e franqueza com que foi arvorado em todas as épocas da glória" lusa, já que visava representar uma nação, repelindo "todo o egoísmo e mesquinhez de interesses de bandos". A folha arrematava enfatizando que "sem religião e sem moral não poderia haver nação", advindo daí a escolha de seu título, buscando atuar como defensora "de tão sagrados objetos"[58].

[55] TENGARRINHA, 1989. p. 185, 202 e 231.
[56] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 117.
[57] LEMOS, 2006. p. 443.
[58] A NAÇÃO. Lisboa, 15 set. 1847. A. 1. N. 1. p. 1.

Ao completar seu quadragésimo aniversário, *A Nação* retomava seu conteúdo programático, garantindo que durante todo aquele tempo fora "sempre firme e inabalável no seu posto", conservando "desenrolada e bem alta a bandeira do Partido Legitimista". Afirmava ser um periódico que se rejuvenescia "com o próprio passado cheio de honra e de glória", manifestando a "mais inquebrantável tenacidade" e resistindo a contrariedades, provações da sorte e perseguições. Nessa época, orgulhava-se de ser "o segundo jornal em idade entre os existentes" na imprensa portuguesa, e "o primeiro na confraternidade e lealdade devida aos colegas". Destacava que, apesar da passagem do tempo, não mudara em nada o programa que se propusera a defender, mantendo os mesmos princípios norteadores. Nesse sentido, retomava literalmente a proposta original, confirmando que "o soldado era ainda cristão e português", lutava "pela lei e pela grei" e permanecia "no combate com o coração despido de ódios, mas cheio de coragem"[59].

[59] A NAÇÃO. Lisboa, 16 set. 1886. A. 40. N. 10.829. p. 1.

NUMERO 10.829
XL anno — 1886
QUINTA FEIRA
16 DE SETEMBRO

A NAÇÃO

JORNAL RELIGIOSO E POLITICO

Oramus pro Pontifice nostro Leone. Dominus conservet eum, et vivificet et beatum faciat eum in terra, et non tradat eum in animam inimicorum ejus
(ORAÇÃO DA IGREJA.)

Et omnes servaverunt et apotis nulla discerunt: nec liberi mamus, nec mater liber est: ito voluntas per nos et per omnes ejus post nos
(COSTUME DE LAMEGO.)

Lisboa, 15 de setembro

O NOSSO ANNIVERSARIO

A *Nação* entra hoje no quadragesimo anno da sua existencia.

E ha trinta e nove annos reclamava a mesma epigraphe que hoje conserva: *nec liberi mamus nec mater liber est.*

Ha trinta e nove annos que, sempre firme e inabalavel ao seu posto, nenhuma desanimação a levou alta a bandeira do partido legitimista.

Ha trinta e nove annos que lucta pelos seus principios, sem que nada a demova do seu proposito, nem os dias de gloria, nem os dias de adversidade.

Seja nos lucto commemorar hoje aqui esta festa domestica, porque é a tambem para o partido, que nos honramos de representar no imprensa, e porque é lucto e justo o nosso orgulho.

Que folha, que periodico, que diario ha ahi, de qualquer partido que seja, ou qualquer terra que ei publique, que possa como nós reconhecer-se com a propria pessoa de cinco de bocca e de gloria? Qual tem sustentado mais impavidamente tenacidade? Qual tem resistido a mais contrariedades, a mais provações da sorte, a mais perseguições até?

E, comtudo, a *Nação* é hoje a mesma que era ha trinta e nove annos, e o que ha de ser sempre, emquanto tiver a honra de ser na imprensa portugueza o orgulho jornal em edade, entre os vivos tes, o primeiro na cathedralicia e lealdade devida aos collegas, e a que nunca coube faltar.

Não são de immodestia estas palavras. Vamos escrupulosos tem por aqui passado, tantas pessoas as apu ram aqui, já consultaram de duas gerações diversas as associaram a estas nossas, tão successivas redacções temos tido, que as palavras de louvor prodigalisa hoje, a pelos nossos dos que já lá vão, não pódem ser nados de immodestia, nem de orgulho infundado.

N'um dynastia, porém, constituida por este jornal, cuanta se augmentou, com dous mais de uma filha que fosse, o programma que nos propuzemos defender, e de cuja defesa não desistimos. Se os homens passaram, ficaram os principios.

O soldado é ainda hoje christão e portuguez; ainda hoje combate pela lei e pela grei; ainda hoje será no combate com o escudo deposto de valor, mas cheio de coragem.

E, comtudo, quantos desgostos, quantas contrariedades, quantos obstaculos se não teem levantado n'esta nossa já longa vida!

Tem-n'os vencido a nossa fé, a animo nos ainda a mesma esperança.

A Nação póde ter reflectido os partidos de gloria e de adversidade, mesmo do partido que representa. E' esse a condição fatal de um orgão politico: partilhar das vicissitudes do organismo a que pertence. Mas a historia que d'ahi se escrever, ha de ser, mesmo nas suas paginas tristes, a mais brilhante, o mais consolador, a mais gloriosa dos padrões levantados á civilisação e á tenacidade das legitimistas portuguezes.

Ha-de apontar para os sacrificios heroicos que nós representou, ha de celebrar a constancia que aqui se tem mantido; ha de retemperar as perseguições que mais de uma vez, no mesmo dia, nos levaram aos tribunaes; ha de confessar que é justo e fazia-o nosso orgulho, as lagrimas hoje a vista para tristes e novos annos de saudade, glorioso, entrando no quadragesimo com o mesmo vigor, com a mesma dedicação, com a mesma tenacidade, com a mesma resolução inabalavel.

Para os que nos calumniaram, os que nos guerreiam, surda ao clamor, ao que nos não occupa tendencias, ou tem não querem comprehender; para as que os insultaram sem a nossa existencia, até reforçamos ter um escudeo de honra, e a consolação de que esse é nenhum vemos a mais gloriosa prova do seu trabalho, e a mais evidente prova da sua profissão.

Aos que nos acompanham, aos que nos honram com a sua amizade, ou whom ao nós o orgão official de uma ou mesmo participam nesse ao aperto de mão congratulatorio e sincero, n'este nosso anniversario.

E' do nosso presadissimo collega de Coimbra, *A Ordem*, o seguinte artigo, que, com sobejo prazer, transcrevemos:

TESTEMUNHO INSUSPEITO

O jornal maçonico *El Progreso* no orgão da republica federal de Sotá *Zorilla*, escreve o seguinte ácerca do partido carlista:

«Dissemol o outro dia, a respeito d hoje, ainda com risco de incorrer no desagrado d'alguns espiritos intransigentes, que negam toda a virtude ao inimigo ao pelo facto de o ser: o partido carlista traz dentro dos seus abysmos, e como partido militante, uma historia brilhante... Vendido uma vez como mercadoria infame, volta de nova ao campo quando os seus chefes o abandonam e volta a dar o seu sangue, a sua vida, sacrificando-o gosto da sua fidelidade a os commandantes da sua causa á honra de os chamar soldados de D. Carlos.

Ha cincoenta annos que vive lucta, e hoje, e ainda o seu animo se abate, ante o seu espirito fragueiro, nem a lei se debilita. Lucta ainda contra todo o resto da Hespanha, sustentou duas largas guerras, em terminaram a primeira pela tal gão, e segundo pelo ouro.

E se julgal-o assim não julgou nem o em seus sentimentos a um nhum liberal por muito arreigados que tenha as suas convicções, por que a ninguem cabem em seu abordado. Porém deve julgar-se o inimigo fazendo-lhe a justiça que merece, e quando o reconhecemos bom, leal e honrado, bom es pódo, levantando a lucta, estender-se lhe a mão e apertal-a, do mesmo modo que outro dia se lhe lançar a pa dispuz, se as occasiões o reunirem, tornar uma estrada em um baluarte.

O partido carlista é um partido vel verdade.

Se o não fôra, teria ruido ha muito tempo, tendo em frente de si mesmo intrigo transatlantico a Hespanha liberal o o espirito do seculo.»

Sim, o partido carlista, convencemos nós, é um partido de virtudes, um partido bom, leal e honrado, simplesmente por que só n'elle a Hespanha o unico partido verdadeiramente catholico e tradicional.

Saudamos tomados da respeito, de admiração e saudamos este nobilissimo partido em cujo triumpho será a salvação de Hespanha.

Viva o que o seu partido tem servador ainda ha pouco representado no parlamento pela liberal Canovas e pelo catholico liberal Pidal.

Só da restauração dos principios catholicos e da politica tradicional da Hespanha é que póde esperar-se a prosperidade e a paz d'esta heroica nação que, como Portugal, vive sob a nefasta influencia da impiedade.

Se dão lisonja que assim falemos...

A DIVIDA FLUCTUANTE

Eis a nota official do estado da divida fluctuante em 31 de agosto ultimo:

Em conta do cabimento geral do deposito.....	100:000$000
Em conta de diversos responsaveis por.....	6.717:765$845
	6.817:765$845
Em conta de diversos responsaveis por extravio.....	2.250:000$000
Em conta do contrato de 9 maio de 1879 — 5.10.800.177 20.....	1.944:018$903
Total.....	11.011:783$748

SERÁ CERTO?

La Civilisacion, revista catholica que se publica em Madrid, dá-nos esta noticia, deveras consternadora, ainda que não de todo inesperada:

Portugal

ATTENTADO CONTRA D. LUIZ

«Segundo dia uma carta de Bordeus, parte de Kagenow (Mekleburgo) foi disparado um tiro para o trem em que ia aquelle principe, resultando ficar ferido no braço um dos creados.»

Seria bom que para acoagar os espiritos o governo, nos dissesse o que ha a este respeito. Sem precisarmos nem deixar de prestar credito a tal noticia, o que nos pode ha haver acreditar a verdade d'ella, é observarmos o silencio systematico que o governo e o seu telegrapho adoptaram para esse caso.

Ainda que o que queram que eu lhe caia representa para o mundo de pensar d'ello o maior dos sacrificios,não julgo impossivel energia. Mas é isso exactamente o que mais me afasta. Eis lá. Se quizer,em compensação,que eu corresponda ao seu amor,ha de pedir-me uma impossivel.

—Não o amo! pergunta com ansiedade a mocinha.

—Não,não o amo. Fernando não dará por calladas as tristes coisas que a estou com Luiz, assim eu tenha de seu amor,isto é,um resto de uma mentira. Essa mentira obrigava-me a sacrificar-lhe a minha vida e a dar-lhe a minha mão. Não hesitaria talvez a tal sacrificio para evitar a desgraça que me ameaça, mas,torno a perguntar,fero isso-o, tio?

—Não, Mercedes, respondeu o joven em tom firme e energico. Por segredo e impulsivo que lhes o Sr.não justificaria nunca a ruin dade de que. Tu não podes elevar as esperanças de Fernando, se não com a convicção de ao mesmo tempo,estrangeiro ás loucuras em que não. Isso violentava-o em seu livre arbitrio, e eu não. Eu acostumara-me a ver n'elle um irmão, um amigo, um companheiro de infancia que eu devia amar,estimar e respeitar sempre,quanto pódem,qualquer agitação que diga respeito á paixão. Assim como ninguem sabe que um mãe uma mesma na Hespanha, é possivel que se salve e se não dê-se, que se attentem contra a vida do Sr. D. Luiz.

Quando o mar não tenha passado do um ligeiro susto que annuviasse levemente o debaixo mar de rosas em que o principe navega, póde ter a utilidade de fe ser uma testemunha de leitura para o thanoro, para o sr. D. Luiz não continuar a viver viajator, que lhe não interessa a pelle mas levam ao seu povo bem amado, entre o cabello.

O REAL ANNIVERSARIO

O centro legitimista do districto de Braga, de accordo com a Direcção do partido, e por ella auctorisado, resolveu, para commemorar o feasto dia 19 de setembro, anniversario natalicio de Senhor Dom Miguel II, que os presidentes das mesas eleitoraes do mesmo reunam, nas suas respectivas localidades, os nossos correligionarios politicos, e ahi brindem aquelle Augusto Principe, tornando-se, por esse modo, mais geraes as manifestações de jubilo, e pequenos os nossos amigos o inconveniente de virem, muitos, de grandes distancias,ao banquete,que por tal motivo costuma haver annualmente em Braga.

A Direcção do «Heroismo» 19 de Setembro,» de accordo com a Direcção do Partido Legitimista, resolveu commemorar o proximo anniversario natalicio do Senhor Dom Miguel Segundo, sobre estas e as seguintes bases, que ficam recommendadas ás pessoas a quem for distribuido por meio de bilhetes, e que d'este, ou que ainda restam, pódem ser reclamados por quem se julgar um casos de ser necessario, devendo agradecer ao mesmo do respectivo parocho. Vem proferir-se ou ao velhos conventiculos de Xavier Monis, que se encontram em provas circumstanciaes.

O Secretario
D. JOÃO PATRICIO PEREIRA COUTINHO.

Telegrammas

AGENCIA TELEGRAPHICA
(Serviço continental)
RAVAS EDITOR

A Agencia Havas transmitte-nos os seguintes telegrammas:

—

Constantinopla, 14.

Augmenta todos os dias a irritação do Sultão do Porta contra a inglaterra, por suppor que os accontecimentos inglezes com por objecto a acentuação de Chypre e a occupação de Creta.

—

Bruxellas, 14.

Corre que se trata de casamento do infante D. Affonso de Portugal com a princeza Henriqueta, filha mais velha do conde de Flandres.

—

Paris, 14.

O correspondente do «Temps» em Milão, referindo-se a uma entrevista em com monsenhor Agliardi, diz que este lhe affirmou que o Vaticano tentava proseguir um negocio de China, sempre em harmonia com a França.

—

Darmstad, 13.

O principe Alexandre está completamente restabelecido das feridas, das viagens e das commoções das estradas e saidas. Declara que nunca disse que voltaria á Bulgaria se uma revolução rebentasse na Macedonia: desmente tambem os jornaes russos que pretendiam que a sua correspondencia secreta tinha caido entre as mãos dos rebeldes.

—

Paris, 14.

As informações recebidas de Sofia dizem que ha ali tendencia geral para um accordo com a Russia.

O «Temps» até estar prestes um accordo entre os tres imperios a respeito da Bulgaria. Parece que a Russia novidade brevemente as outras potencias signatarias do tratado de Berlim a mitterem as negociações sobre este assumpto.

PUBLICAÇÕES

—

ASSOCIAÇÃO DE BENEFICENCIA DA FREGUEZIA DE S. THIAGO A S.

FOLHETIM DA NAÇÃO
DE 16 DE SETEMBRO DE 1886
29

MERCÊDES

(Tradução do hespanhol)

(Continuação do n.º antecedente)

Mercêdes fizera alluzões, vistas de leve e obscuras sobre os sentimentos. Nunca em seu vida franqueza tanta com essa reluctancia de que o que a mocidade lhe solicitava, o, contudo,sentia inventivel repugnancia em lhe acceder,supposto que a sua razão lhe aprovasse como cumprimento dever.

—Não posso, tio, não posso,respondeu por fim. Se com todo o sacrifico das minhas vistas,se com a da vida pudesse salvar a do primo, teria-o eu tão pouca confiança em si momento em sacrifical-a. Bastara, para isso o desejo ardente de resgatar com divida de sangue para com o filho d'aquella,a quem eu pus tinha a vida n'uma hora de arrebatamento. Mas contra o que a tia me pode levantam-se invencivels obstaculos. Para e fazer tinha que violentar não só o coração,mas tambem a consciencia.

—Deus me livre, minha filha,de exigir de ti,nem de ninguem,os seus que a consciencia reprove... Tem pouco para ti o conselho do padre Ramundo?

—Porque não ha de ter?

—Pois foi ello que me acconselhou,ao vir-me a tua triste situação,que viesse pedir-te que acceitasses o casamento para que Fernando.

—Oxalá exclamou Mercêdes socalmente.

—Ella ahi está. Podes perguntar-lho.

Effectivamente, o padre Ramon Tubau,pois assim,embora bondoso semblante, trazia ainda grava duas as impressas de dia anterior, entrou n'aquelle momento na sala, depois de lançar um olhar penetrante para a mocinha e uma sobrinha, fechou a porta,e foi se sentar simplesmente entre as duas,como quem não tinha momentos de se incisar-se de assumpto de que tratavam.

—Meu Padre,apressou-se a dizer Mercêdes. Foi Deus que o trouxe. Ah sabe o que a tia me pedia. E não, e sondaragão pela terrivel desgraça que a ameaça,agarra-se á primeira taboa de salvação que lhe apparece. Mas acaba de me dizer que foi o tio quem lhe suggeriu a ida de me pedir que acceitasse do casamento para com Fernando para que dinheiro d'esse ducto fatal. Pois não é uma esperança illusoria? Acredita o tio na efficacia da minha intervenção? Ainda que assim fosse pensa o se que pouco fazer o que a tia me pede?

—Saibamos porque é que ta julgue que não deves fazel-o,observou tranquillamente o padre Tubau. Quer-me parecer,minha sobrinha, que o assumpto merece que o examinemos com socego.

—Pois bem, disse Mercêdes, já que o tio,que leu não o é para mim o mais carinhoso protector da minha existencia,é meu director espiritual, me ordena que falle, vou lhes abrir o coração... Fernando, com effeito, nos tem sido arrebatado valorosamente que é propria de um carater. Ainda que o que queram que eu lhe caia representa para o mundo de pensar d'ello o maior dos sacrificios,não julgo impossivel energia. Mas é isso exactamente o que mais me afasta. Eis lá. Se quizer,em compensação,que eu corresponda ao seu amor,ha de pedir-me uma impossivel.

—Não o amas? pergunta com ansiedade a mocinha.

—Não,não o amo. Fernando não dará por calladas as tristes coisas que a estou com Luiz, assim eu tenha de seu amor,isto é,um resto de uma mentira. Essa mentira obrigava-me a sacrificar-lhe a minha vida e a dar-lhe a minha mão. Não hesitaria talvez a tal sacrificio para evitar a desgraça que me ameaça, mas,torno a perguntar,fero isso-o, tio?

—Não, Mercêdes, respondeu o joven em tom firme e energico. Por segredo e impulsivo que lhes o Sr.não justificaria nunca a ruin dade de que. Tu não podes elevar as esperanças de Fernando, se não com a convicção de ao mesmo tempo,estrangeiro ás loucuras em que não. Isso violentava-o em seu livre arbitrio, e eu não. Eu acostumara-me a ver n'elle um irmão, um amigo, um companheiro de infancia que eu devia amar,estimar e respeitar sempre,quanto pódem,qualquer agitação que diga respeito á paixão. Assim como ninguem sabe que um mãe uma mesma na Hespanha, é possivel que se salve e se não dê-se, que se attentem contra a vida do Sr. D. Luiz.

Quando o mar não tenha passado do um ligeiro susto que annuviasse levemente o debaixo mar de rosas em que o principe navega, póde ter a utilidade de fe ser uma testemunha de leitura para o thanoro, para o sr. D. Luiz não continuar a viver viajator, que lhe não interessa a pelle mas levam ao seu povo bem amado, entre o cabello.

—

Bruxellas, 14.

Corre que se trata de casamento do infante D. Affonso de Portugal com a princeza Henriqueta, filha mais velha do conde de Flandres.

—

Paris, 14.

O correspondente do «Temps» em Milão, referindo-se a uma entrevista em com monsenhor Agliardi, diz que este lhe affirmou que o Vaticano tentava proseguir um negocio de China, sempre em harmonia com a França.

—

Darmstad, 13.

O principe Alexandre está completamente restabelecido das feridas, das viagens e das commoções das estradas e saidas. Declara que nunca disse que voltaria á Bulgaria se uma revolução rebentasse na Macedonia: desmente tambem os jornaes russos que pretendiam que a sua correspondencia secreta tinha caido entre as mãos dos rebeldes.

—

Paris, 14.

As informações recebidas de Sofia dizem que ha ali tendencia geral para um accordo com a Russia.

O «Temps» até estar prestes um accordo entre os tres imperios a respeito da Bulgaria. Parece que a Russia novidade brevemente as outras potencias signatarias do tratado de Berlim a mitterem as negociações sobre este assumpto.

PUBLICAÇÕES

—

ASSOCIAÇÃO DE BENEFICENCIA DA FREGUEZIA DE S. THIAGO A S.

déz,aportado,até ás sobre quanto is ha de ser excessivamente pouco dar este pouco delicado. Se te não conhecesse o caracter e a delicadeza dos sentimentos,ah,tu sacrificavaria; mas a questão é grave e altribuladora, e eu não ouvirá sinão Deus a responsabilidade do consetho.

—Pois isso,minha filha,acalmem a soccegos. Talvez que Fernando, mesmo sem ter lhe alentado a esperança,se resolva ao irresistivel sacrificio que exercos exige quanto te custa.

—Ninguem se,minha tia, disse Mercêdes,abaixando a cabeça,e esperando. Confesso-lho o quanto. Amo-o com paixão,e não farei resistencia da sua vingança,se do que ella ha de chamar a sua honra,acaba a troco de um coração que,talvez,ainda o,ah,só quer que lhe digo, com pesar meu lho não possa dar, porque o não sou, e esse coração não lhe pertence.

—Será d'este,perguntou-lhe o padre levantando-se,a tua ultima palavra.

(Continúa).

O *Jornal do Comércio* foi outro longevo diário lisboeta, editado entre 17 de outubro de 1853 e 29 de setembro de 1989[60] e, conforme definia seu próprio título, buscava dedicar-se mais especificamente às causas mercantis. Era um matutino de tendência monarquista[61], mantendo uma proposta editorial mais noticiosa. Em seu programa afirmava que pretendia "empenhar todos os esforços" para que fosse digno da missão que tinha a cumprir, a qual seria "importantíssima e de uma utilidade" que não poderia "ser desconhecida pela classe respeitável dos comerciantes". Assim, sua meta era "lançar a luz da publicidade sobre as transações e movimentos comerciais", prestando "um serviço ao mesmo tempo aos produtores e consumidores", dedicando-se "à discussão de assuntos econômicos e comerciais", que altamente interessariam "a todas as classes da sociedade". Tinha a meta "de fazer aparecer no país um órgão de todo o movimento mercantil, já nas praças de Lisboa, do Porto, e de todo o país, já nas do estrangeiro". Acreditava que seria através do comércio que a nação portuguesa poderia recuperar ao menos em parte a pujança do passado[62]. Contando com expressivos progressos técnicos, foi um dos mais importantes periódicos lisbonenses e, na virada do século, constituía um jornal de considerável influência no contexto luso[63].

[60] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 40.
[61] LEMOS, 2006. p. 393-394.
[62] JORNAL DO COMÉRCIO. Lisboa, 17 out. 1853. A. 1. N. 1. p. 1.
[63] TENGARRINHA, 1989. p. 185, 202, 231 e 234.

O JORNAL DO COMMERCIO

A ORDEM PELA LIBERDADE, A LIBERDADE PELA JUSTIÇA

47.° ANNO — Sabbado 5 de maio de 1900 — NUMERO AVULSO 10 RÉIS — N.° 13:915

A ALLIANÇA INGLEZA

LISBOA 4 DE MAIO

CHRONICA

TELEGRAMMAS

ULTIMA HORA

JOSÉ JOAQUIM DA COSTA

PROPOSTAS DA MARINHA

REPRESENTAÇÕES

EXPOSIÇÃO DE PARIS

O Conimbricense, editado entre 24 de janeiro de 1854 e 1º de julho de 1908[64], foi um dos periódicos que bem demonstrou o crescimento do movimento jornalístico nas províncias daquela época. Já ao dobrar do século, ele era um dos jornais mais antigos e de maior prestígio no contexto português, constituindo-se em um dos notórios defensores da liberdade de imprensa no país[65]. De tendência marcadamente informativa, era publicado duas vezes por semana na cidade de Coimbra, no distrito homônimo, na região central lusa, apresentando-se como um "jornal político, instrutivo e comercial" que pretendia proteger as causas da cidade, do distrito e da província. Nesse sentido, destacava que a posição que pretendia ocupar na imprensa estava vinculada à "defesa dos interesses" citadinos e distritais, e "se tanto fosse mister, também da província de Beira". Dizia que pretendia ser noticioso, tanto quanto o comportassem "os seus estreitos limites". Já com mais de três décadas de existência, garantia que seu intuito continuava a ser o "de advogar os interesses da sua boa terra natal, e de concorrer", na medida do "possível, para a sua prosperidade". Explanava ainda que seria um "dedicado defensor" da "causa da verdadeira liberdade e da reta justiça"[66].

[64] RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 186.
[65] TENGARRINHA, 1989. p. 188, 234, 247, 251 e 253.; e MARTINS, 1941. p. 94-95.
[66] O CONIMBRICENSE. Coimbra, 24 jan. 1854. A. 1. N. 1 p. 1.; e 16 nov. 1889. A. 43. N. 4.404. p. 1.

O CONIMBRICENSE

Administração
RUA MARTINS DE CARVALHO, 37

Redactor e editor — Joaquim Martins de Carvalho

Typographia
RUA MARTINS DE CARVALHO, 37

Assignaturas sem estampilha
Por anno ..... 3$200
Por semestre ... 1$400
Por trimestre ... $60

NUMERO AVULSO 40 REIS
Os srs. assignantes tem abatimento na publicação dos annuncios e correspondencias
Assigna-se e vende-se unicamente na rua Martins de Carvalho, n.º 37
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde

Assignaturas com estampilha
Por anno ..... 3$150
Por semestre ... 1$750
Por trimestre ... $85

Numero 4:808

COIMBRA — TERÇA FEIRA 10 DE OUTUBRO DE 1893

46.º ANNO

A emigração para o Brazil

Apesar das noticias aterradoras que successivamente vem do Brazil, continua a emigração para aquelle paiz em grande escala.

Ainda no dia 5 do corrente sairam de Ançã para o Brazil, 20 emigrantes.

Nada ha que contenha esta gente.

A situação do Brazil é afflictiva; e a guerra civil tem necessariamente de durar alli por muito tempo.

Quer triumphe o governo do vice-presidente Floriano Peixoto, quer vença a revolução commandada pelo almirante Custodio José de Mello, as desordens hão-de continuar indefinidamente em todo aquelle vasto paiz.

Os negocios estão alli quasi completamente paralisados, e Portugal soffre as duras consequencias d'essa situação.

A agricultura no Brazil, como era de esperar, luta com as maiores difficuldades; porque perante uma guerra tão violenta, a cultura das terras ha de necessariamente cessar quasi de todo; e os proprietarios tem de despedir grande parte do pessoal que occupavam nas suas propriedades.

Varios bancos interromperam as suas transacções, o que vae affectar a agricultura, as industrias e o commercio.

Do Rio de Janeiro retirou-se grande parte da sua população, e a que alli ficou está lutando com os horrores da fome, pela espantosa elevação do preço dos generos.

Os estados do norte do Brazil, que se abasteciam do Rio de Janeiro, estão a soffrer as consequencias da falta de communicações.

As avultadas transacções que fazia o commercio de Portugal com o Brazil estão suspensas.

Os commerciantes portuguezes tem naquelle paiz importantes valores em vinhos e outros generos, que para alli remetteram, sem os poderem mandar vir, com resultado da baixa do cambio.

Da mesma fórma os emigrantes, que em grande parte vão para o Brazil, na esperança de enviarem para as suas familias, que deixam em Portugal, com que paguem as suas dividas, o satisfaçam outros encargos, vêem-se desilludidos, tanto por não terem alcançado os meios que esperavam, como pela quasi absoluta impossibilidade da remessa, em vista da baixa espantosa do cambio, sendo necessario mandar d'alli mais de cinco libras para aqui se receber apenas uma.

Sabemos de portuguezes, residentes no Rio de Janeiro, e outras localidades do Brazil, que costumavam mandar regularmente auxilio ás suas familias, que se acham agora gravemente embaraçados em continuar as suas remessas.

Muitos portuguezes que lá iam ido na sua mocidade para o Brazil, quando aquelle paiz gozava de uma perfeita paz, e em que florescia o commercio, a agricultura e a industria, é que alli pelo seu grande trabalho haviam adquirido avultadas fortunas, regressaram para Portugal, a fim de passarem aqui o resto da sua vida no descanço a que tinham direito.

Grande parte d'essas fortunas estavam postas em fundos do estado, em acções de bancos e companhias, e em propriedades.

Os titulos e acções tem deixado de valer, e além d'isso o cambio, que ha poucos annos estava quasi ao par, desceu para onde nunca se viu, nem na famosa guerra com o Paraguay; e por isso não podem fazer vir para Portugal os seus rendimentos de titulos do estado, acções e propriedades, sem um prejuizo espantoso.

Assim grande numero dos que lá tinham vindo para Portugal, contando aqui receber do Brazil avultados valores, e fiados nisso haviam em o nosso paiz comprado importantes propriedades e prestado generosos serviços á sua terra natal, vêem-se agora em graves difficuldades, pela avultadissima diminuição dos seus rendimentos.

E é perante uma situação tão temerosa que se vê continuar-se a despovoar este paiz, indo os emigrantes para uma terra que se acha nas tristissimas condições que temos exposto.

Quantas pessoas que lem isto não para o Brazil folgariam de poder voltar para Portugal?

Vão, porém, para uma especie de ratoeira, d'onde não podem sair.

A cegueira é tal que não duvidam emigrar homens já velhos, com suas mulheres e filhos de menor edade.

Que espera essa gente obter em tal paiz, na sua edade avançada e com a responsabilidade da familia?

Mas não se quer saber de nada. E' mister emigrar, seja como fôr.

Em tudo isto influe a imitação. Para onde foi um grupo de emigrantes, tambem quer ir o resto da povoação.

Se por acaso algum dos emigrantes alcança no Brazil quaesquer meios de fortuna, o que hoje é muitissimo raro, esse facto serve de argumento para os individuos da sua localidade que ficaram cá.

E'-lhes indifferente saber dos que no Brazil estão lutando com a miseria.

Não se indaga dos nomeneclassimos que por lá morrem quasi ao abandono.

O que se vê apenas é que um dos emigrantes obteve alguns mezes; e isso é que serve de argumento e pretexto para o desenvolvimento da emigração.

Quem joga, se perde occulta a perda; e se ganha alardeia o que ganhou.

Da mesma forma os que estão desejosos de emigrar para o Brazil, só fallam de algum seu conhecido que alli obteve alguns lucros; mas dos que lá estão na ultima miseria e dos muitissimos que falleceram pelo excesso do trabalho e pelos effeitos do clima, nada se diz.

Parece-nos que os parochos das respectivas freguezias podiam prestar bons serviços, expondo aos seus freguezes, com a sua palavra auctorisada, estas e outras muitas reflexões.

O que se está vendo é muitissimo para deplorar.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A egreja de Santa Cruz

O estado em que se acha a magestosa egreja de Santa Cruz, não só inspira a maior tristeza, mas ameaça a saude publica da cidade.

E' enorme a quantidade de lodo que por ella e seus accessorios se espalha; e ainda assim que á força do trabalho e despeza d'alli seja removido, logo que venha uma chuva forte rebenta de novo a canalisação do claustro do Silencio, e a egreja enche-se immediatamente de agua e lodo.

Portanto a egreja transformou-se num permanente foco de infecção.

A junta de parochia, em virtude de resolução tomada em sessão extraordinaria de sabbado, foi no domingo de manhã fallar com o sr. governador civil d'este districto, a fim de lhe expor o deploravel estado em que se encontra aquella egreja, tanto mais para sentir, quanto é um importante monumento nacional.

O sr. governador civil recebeu os membros da junta com toda a deferencia, e prometteu-lhes convidar o sr. director das obras publicas e o sr. chefe d'esta secção hydraulica, a irem estudar urgentemente este ponderoso objecto e dar ácerca d'elle o seu parecer.

Esperamos que estes funccionarios tomarão em toda a consideração esta incumbencia.

Trata-se de um templo celebre pela sua architectura e por muitas e notaveis preciosidades artisticas.

Trata-se de um templo onde jazem os restos mortaes do fundador da nacionalidade portugueza, D. Affonso Henriques, e de seu filho D. Sancho I.

A agua e o lodo não só invadem o templo, mas chegam já a conspurcar aquelles dois primorosos jazigos!

E' por isso um dever nacional acudir de prompto a uma tal assolação.

Confiamos na boa vontade que tem de tomar muito a sorio a situação em que se acha a egreja de Santa Cruz, os srs. governador civil d'este districto e os mencionados engenheiros.

E muito confiamos em que o sr. ministro das obras publicas, conselheiro Bernardino Machado, que muito bem conhece a grandiosa egreja de Santa Cruz, e o valor d'este monumento nacional, coadjuvará efficazmente as diligencias necessarias para o salvar da ruina que o ameaça.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

O SR. BISPO CONDE

Já depois de estar composto o artigo antecedente foi honrem de tarde o sr. bispo conde visitar a egreja de Santa Cruz.

Achavam-se alli presentes os srs. presidente da camara municipal, Ayres de Campos; director interino das obras publicas, Franco Frazão; conductor das obras publicas, Estevão Parada; e a junta de parochia; além de outras pessoas.

O sr. bispo conde depois de se soteirar do estado da egreja, ordenou ao sr. prior da freguezia que desde logo tem cessasse alli de todo com o culto divino, até que deixassem de existir as circumstancias que o levavam a semelhante resolução.

Esse culto passa interinamente a ser effectuado na egreja do Carmo, pertencente á Veneravel Ordem Terceira da Penitencia.

O sr. director das obras publicas mostrou a melhor vontade de proceder de forma que deixasse de ser invadida pelas aguas e lodo aquella grandiosa egreja.

Pela sua parte o sr. presidente da camara tambem manifestou a melhor vontade de coadjuvar essas providencias, quanto estivesse ao alcance da corporação a que preside.

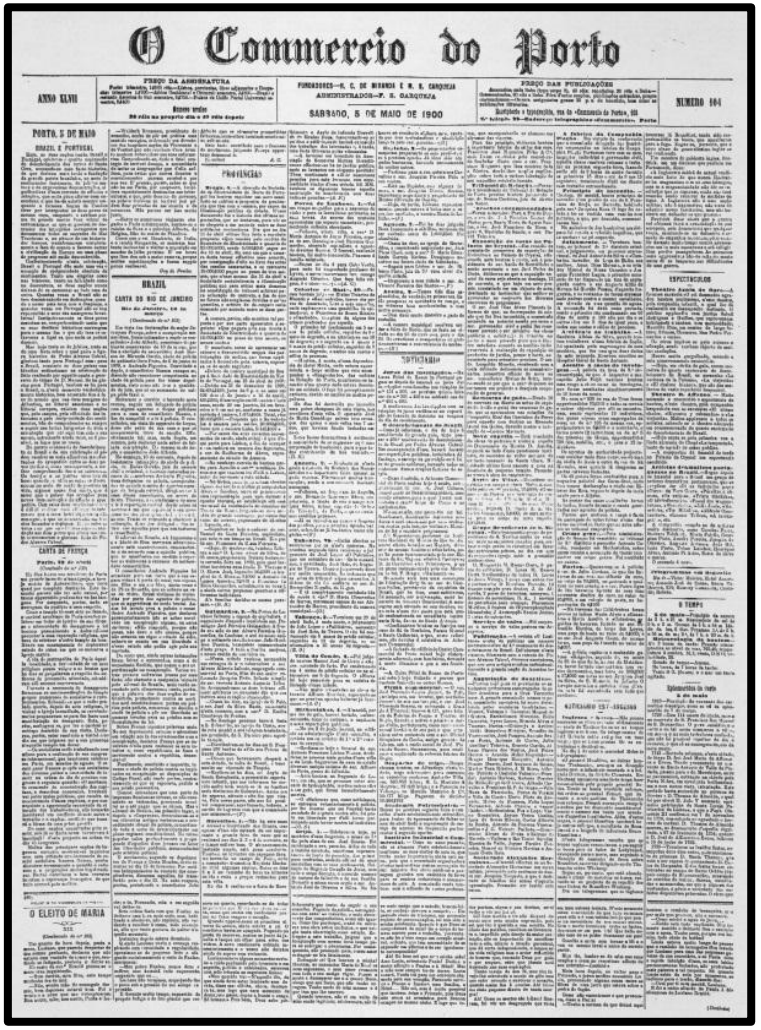
Muito estimaremos não ter senão muitos motivos para louvar todos os funccionarios e corporações, que contribuirem para evitar a continuação do estado lamentavel em que se acha aquelle magestoso templo.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

No contexto portuense e voltado às lides mercantis esteve *O Comércio do Porto*, publicado desde 2 de junho de 1854[67] até o ano de 2005 . A princípio era trissemanal, passando em seguida a diário, evoluindo também quanto às inovações tecnológicas e, ao final do século XIX, era um dos jornais mais antigos e de maior prestígio no Porto. Era um matutino cujo principal tendência voltava-se à informação geral[68], sustentando o intento de manter-se como uma publicação independente, exclusivamente comercial e alheia a questões de política partidária[69]. Desde o início, manifestava nitidamente os propósitos de representar a comunidade portuense[70], afirmando que a praça precisava "de um jornal de comércio, agricultura e indústria", no qual fossem tratadas "as matérias econômicas, históricas e instrutivas destes três poderosos elementos" nos quais se assentava "a prosperidade das nações modernas", voltando-se também à divulgação do Porto "no interior" e "nos mercados estrangeiros". Garantia que "na história, na geografia, na jurisprudência privativa, na literatura estrangeira e nos grandes sucessos estrangeiros" que pudessem afetar aquelas "três indústrias", tomaria objeto para os seus artigos, que muitas vezes teriam "por fim o recreio e a instrução dos leitores, sem, contudo, sair da particularidade" que impusera a si mesmo. Dizia ainda que seriam feitos "todos os esforços para revestir o jornal" daquilo que se tornasse "interessante por

[67] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 181.
[68] LEMOS. 2006. p. 170.
[69] TENGARRINHA, 1989. p. 185, 202, 221, 229 e 234; e TENGARRINHA, 2006. p. 207.
[70] CARQUEJA, Bento. *O Comércio do Porto: notas para a sua história*. Porto: Oficinas Gráficas de *O Comércio do Porto*, 1934. p. 10.

qualquer modo aos comerciantes, agricultores e industriais" e se não pudesse alcançar tal fim, deixaria o campo a quem melhor pudesse substituí-lo[71].



O Commercio do Porto

ANNO XLVII — NUMERO 104

SABBADO, 5 DE MAIO DE 1900

PORTO, 5 DE MAIO

BRAZIL E PORTUGAL

BRAZIL

CARTA DO RIO DE JANEIRO

CARTA DE FRANÇA

O ELEITO DE MARIA

PROVINCIAS

[71] O COMÉRCIO (DO PORTO). Porto, 2 jun. 1854. A. 1. N. 1. p. 1.

Típico representante da imprensa regional, na localidade de Viseu, ao norte de Portugal, no departamento homônimo, circulou entre os anos de 1855 e 1892[72] o *Viriato*. Seu título tinha por inspiração um comandante lusitano que participara dos embates contra os romanos pelo domínio da Península Ibérica. Era uma folha bissemanal profundamente religiosa e conservadora, voltada aos interesses locais. Estampava em seu cabeçalho o dístico "jornal político, literário, noticioso e comercial". Na década de sessenta, censurava a imprensa que se prostituía, "dando ao país e ao mundo civilizado um tristíssimo espetáculo", mas considerava que, "felizmente, para a honra deste santo sacerdócio", nem todos os jornais se deixavam arrastar naquela "corrente metafísica" e no "andar da prostituição e rebaixamento". Suas críticas se direcionavam aos republicanos, denominados de "democratas por excelência", os quais estariam a proclamar ao país "as doutrinas apostoladas", que incitavam "os povos à guerra civil e que estavam alistados" numa "cruzada malsinada". Com mais de três decênios e meio de existência, a folha lembrava a época de sua fundação, destacando que, desde então, suas matérias teriam sido sempre lidas com avidez[73].

[72] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 331-332.
[73] VIRIATO. Viseu, 6 abr. 1866. A. 12. N. 1149. p. 1.; e 15 dez. 1891. A. 37. N. 3755. p. 2.

ASSIGNATURA
SEM ESTAMPILHA
Trimestre ... 720
Semestre ... 1$440
Anno ... 2$880
Annuncios, cada linha ... 21
Repetição ... 10

VIRIATO

JORNAL POLITICO, LITTERARIO, NOTICIOSO E COMMERCIAL
PUBLICA-SE ÁS TERÇAS E SEXTAS FEIRA

ASSIGNATURA
COM ESTAMPILHA
Trimestre ... 800
Semestre ... 1$580
Anno ... 3$140
Avulso ... 40
Brazil e Africa (anno) ... 4$800

XXXVII ANNO

Administração
MANUEL JOAQUIM RIBEIRO
(Editor responsavel)
27—Rua da Calçada—27

DIRECTOR POLITICO — LUIZ FERREIRA
VIZEU—TERÇA FEIRA 24 DE NOVEMBRO—1891

Correspondentes
PARIS—Mr. A. Lorette—61, rue Caumartin, 61
BRAZIL—José F. de Lima Mattos—L. de St.ª Rita, 24

NUMERO 3749

REVISTA HISTORICA

NOVEMBRO

Dia 24 de 1667—Manifesto de D. Pedro II, assumindo as redeas do governo.

Dia 25 de 1560—Morre André Doria, o libertador de Genova (1528), que a subtrahiu ao dominio de França.

Foi declarado pae da patria, e erigiram-lhe uma estatua, por tal feito. Duas vezes attentaram contra a vida d'este patriota, e, de cada tentativa abortada, mais firmada sahia a sua reputação.

Dia 26 de 1667—O infante D. Pedro convoca as côrtes para o dia 1.º de janeiro de 1668, devendo os procuradores dos concelhos trazer poderes para confirmar a renuncia do reino ao mesmo infante e para jurarem este.

Dia 27 de 1807—Embarque da familia real portugueza para o Brazil, em consequencia da invasão de Junot. Grande consternação na capital.

Mundo conhecido dos antigos

Ponto de partida da Historia dos descobrimentos.—Não é certamente possivel dizer quaes foram os primeiros descobrimentos maritimos, qual o primeiro mar que o homem descobriu da terra, qual aquelle em que primeiro navegou com o fim de se dirigir a novos paizes, para satisfazer a uma tal indagação, seria necessario conhecer não só o ponto de partida dos homens que primeiro se moveram na superficie do globo, como tambem as successivas phases das suas emigrações,—factos estes que a luz da Historia, ainda auxiliada pela Pre-historia, só alcança em traços muito geraes, e esses mesmos, por vezes, controvertidos.

[illegible]

Industria nacional

Diz o «Conimbricense»:

Dentro em poucos dias funccionará na officina dos srs. Eduardo & Almeida, na rua da Magdalena, uma machina a vapor, feita n'esta cidade.

A machina é de expansão e da força de 7 cavallos effectivos.

A sua construcção foi dirigida pelo sr. [illegible], illustradissimo professor na Escola industrial Brotero.

Os desenhos foram feitos pelo mesmo professor e pelos distinctos alumnos da mesma Escola industrial, os srs. João Rocha e Manuel Maria Alves.

Os moldes de madeira para a fundição foram feitos pelo mesmo sr. João Rocha.

A fundição foi effectuada na acreditada fabrica do sr. José Alves Coimbra, na rua das Solas.

O trabalho de forja, serralheria e montagem, foi feito pelos donos da officina e muito habeis industriaes, os srs. Eduardo & Almeida.

Os desenhos originaes foram remettidos para o Museu industrial do Porto.

Imperador patriota

Varios membros da colonia brazileira em Paris receberam uma declaração de D. Pedro d'Alcantara de Bragança, na qual o ex-imperador manifesta o seu profundo pezar pelos acontecimentos, que segundo elle, conduzem fatalmente ao desmembramento do paiz, e accrescenta que está prompto a voltar ao Brazil se a nação reclamar a sua presença a fim de na velhice prestar um ultimo serviço á nação, integridade e grandeza da patria.

CHUVA ARTIFICIAL

A proposito da producção artificial da chuva, refere um correspondente do jornal *La Nature*, um caso interessante em que a explosão de cinco toneladas de polvora produziu uma chuva que durou hora e meia, abrangendo uma area de dez kilometros quadrados. Antes da explosão, o céu estava nublado, e depois da chuva ficou claro.

Em Coimbra, entre 13 de agosto de 1856 e 28 de junho 1907[74], foi editado de maneira bissemanal *O Tribuno Popular* que dizia colocar-se na "defesa dos interesses públicos com dedicação e independência". Enfatizava ainda que seria detentor de princípios, de "ideias rasgadamente liberais", de "crença e dedicação partidária" e de "nobres sentimentos" que o animavam "como humilde obreiro do progresso, da civilização, do adiantamento moral e material do país e especialmente de sua querida terra", em alusão à região em que circulava. Considerava-se "como o mais modesto, mas não menos aguerrido e leal soldado das fileiras do Partido Progressista", no qual, "voluntária e desinteressadamente" se alistara, "por íntima convicção inspirada no ideal simpático e patriótico do programa político" de tal agremiação a qual se honrava em pertencer. Nesse sentido, dizia estar ao lado dos homens que dirigiam o seu partido, os quais estariam a corresponder "briosamente à confiança que o país e a coroa neles confiaram, entregando-lhes esperançadamente a sua regeneração econômica e financeira" e "a salvação nacional, tão comprometida e arriscada pelos processos de má administração dos governos transatos". Assim, a partir do posto que estaria a ocupar, a folha declarava que pretendia continuar esforçando-se o quanto pudesse, "pela defesa dos bons princípios, auxiliando e apoiando o partido nas sensatas providências" que adotasse, "em harmonia com o respeito devido aos direitos de todos"[75].

[74] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 308.
[75] O TRIBUNO POPULAR. Coimbra, 6 fev. 1889. A. 34. N. 3.438. p. 1.

O TRIBUNO POPULAR

FOLHA BI-SEMANAL

N.º 3:438 | ASSIGNATURA EM COIMBRA. Anno, 3$200; semestre, 1$600, trimestre, 800. Numero avulso, 40 réis. Fóra de Coimbra. Anno 3$460; semestre, 1$730; trimestre, 865. | QUARTA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1889 | PUBLICAÇÕES. No corpo do jornal, 50 réis a linha. Na secção dos annuncios, 40 réis. Para os srs. assignantes metade do preço. Escriptorio da redacção, Rua da Moeda, n.º 10, 1.º andar. | ANNO XXXIV

COIMBRA

O NOSSO XXXIV ANNIVERSARIO

O *Tribuno Popular* entra hoje no 34.º anno da sua fundação!

E ao terminar os seus 33 annos de existencia digna e honradamente vividos na defeza dos interesses publicos com dedicação e independencia, não póde deixar de exultar de contentamento sincero e enthusiastico, por ter sabido manter intemeratamente a sua bandeira cumprindo denodadamente o seu dever, como tambem não póde deixar n'este momento de muito gratamente se mostrar reconhecido a todos quantos o tem auxiliado, collaboradores, assignantes, correligionarios, amigos e collegas na ardua tarefa a que se tem consagrado!

A vida já bastante longa, bem conhecida e desassombrada, do *Tribuno Popular*, dispensa-nos de mais uma vez repetir o que está escripto e é sabido, ácerca dos nossos principios, das nossas ideias rasgadamente liberaes, do nosso credo politico, da nossa crença e dedicação partidaria, em summa dos nobres sentimentos que nos animam como humildes obreiros do progresso, da civilisação, do adiantamento moral e material do paiz e especialmente da nossa querida terra, e como o mais modesto mas não menos aguerrido e leal soldado das fileiras do partido progressista em que voluntaria e desinteressadamente nos alistamos, por intima convicção inspirada no ideal sympathico e patriotico do programma politico do partido a que nos honramos de pertencer!

Nada ou muito pouco, temos pois a acrescentar, ao que dito está e o publico conhece.

O nosso posto continua a ser o mesmo hoje, como era hontem, como o será ámanhã, em quanto os homens que dirigem o nosso partido e actualmente o governo da nação, souberem como até aqui corresponder briosamente á confiança que o paiz e a corôa n'elles depositaram entregando-lhes esperançadamente a sua regeneração economica e financeira, isto é, a salvação nacional, tão compromettida e arriscada pelo descredito e pelos processos de má administração dos governos transactos.

E difficil para todos, governantes e governados, o momento critico que vamos atravessando; e só com muito tino, muita intelligencia e seria reflexão bem fundadas no patriotico dever de acertar na resolução dos delicados problemas que actualmente se agitam, por parte de uns; e muita prudencia e isempção, sem exaltações e exigencias menos bem cabidas, por parte de outros, se poderá chegar a uma solução pratica rasoavel e exequivel, se não optima, que ponha termo a conflictos que urge apasiguar.

Pela nossa parte, e no posto que occupamos, havemos de continuar a esforçar-nos quanto possa ser, pela defeza dos bons principios, auxiliando e apoiando o governo nas sensatas providencias que pretenda adoptar, em harmonia com o respeito devido aos direitos de todos, governo e governados, no interesse e bem estar geral do paiz, que é o que todos devem querer.

Terminaremos aqui as considerações que involuntaria e muito naturalmente nos accudiram ao espirito, e a que o assumpto levemente referido se prestava á maravilha, porque este artigo do nosso dia de festa não é destinado á politica nem á discussão, que hoje n'este logar seriam mal cabidas; e ao entrar no 34.º anno da nossa publicação, saudamos novamente, com o mais profundo reconhecimento, todos aquelles que com o seu valioso auxilio nos tem ajudado e de certo continuarão a ajudar como esperamos, a manter com independencia e dignidade a nossa existencia desafogada, sem acceitar subsidios nem admittir imposições de quem quer que seja, como é proprio do caracter desinteressado e digno, dos, proprietario, e director politico do *Tribuno Popular*, o que nos é agradavel poder affirmar e repetir bem alto, sem receio de contestações.

O sr. infante D. Augusto tem experimentado sensiveis melhoras.

O illustre enfermo já se levanta do leito.

O ADDIAMENTO

Na ultima sessão parlamentar foi lido o decreto que addia as camaras até 5 d'abril proximo, e que abaixo publicamos.

Depois das vergonhosas scenas praticadas na camara dos deputados, por um grupo da opposição, composto de desvairados e ambiciosos indomaveis, indisciplinados, grosseiros e provocadores, que esqueceram o respeito que a si deviam e o logar em que estavam, não podia o governo deixar de tomar a acertada deliberação que tomou, apoiada pela grande maioria da nação, a quem o escandalo indignava e estava revoltando justificadamente.

A providencia tão sabiamente tomada, só teve talvez o defeito de ser um pouco tardia. Bem sabemos que o governo queria encher-se de razão e provar bem evidentemente ao paiz a necessidade da sua medida extraordinaria, deixando toda a responsabilidade aos arruaceiros que a provocavam e mereciam.

Está pois terminado esse vergonhoso conflicto, que não foi a nosso ver constitucional, mas unicamente parlamentar, e com o qual nada teve o governo, a não ser para o fazer terminar como lhe cumpria, visto elle ter sido levantado entre os taes arruaceiros e a presidencia da camara, por ella no cumprimento do seu dever não estar resolvida a deixar-se enxovalhar relesmente, a tolerar que por mais tempo continuasse o chinfrim mais indecente, prolongado e mais indignamente executado a sangue frio, de que ha memoria, não já nos annaes parlamentares, mas nos dos desbragamentos com intervenção policial, da Ribeira Velha, ou nas assembleias do bairro de Alfama!

Aquillo, só visto!

Ainda bem que se pôz cobro áquelle degradante espectaculo que estava a emporcalhar vilmente as instituições, o parlamento, a dignidade social e os mais elementares principios da boa educação!

Ainda bem, e bem haja o governo, que soube dar um exemplo de respeito e consideração pela opinião publica, mantendo o prestigio do poder, e conservando-se á verdadeira altura do cumprimento do seu dever.

Com os dois mezes de ares do campo, e com o auxilio de um tratado de civilidade, é possivel que os cerebros destemperados, os espiritos exaltados e dominados por ambições irrequietas e insoffridas, melhorem da enfermidade perigosa que os atacou, e que em 5 d'Abril, encontremos no parlamento, contrictos e sabendo occupar o seu logar, os desvairados arruaceiros dos ultimos dias, a vergonha do parlamento portuguez.

Segue o decreto, esse efficaz e indispensavel calmante applicado aos delirios da opposição serpia, estonteada e unicreada!

«Usando da faculdade que me confere a carta constitucional da monarchia no artigo 74.º, § 4.º, depois de ter ouvido o conselho de estado, nos termos do artigo 110.º da mesma carta: Hei por bem addiar as côrtes geraes ordinarias da nação portugueza para o dia 5 de abril do corrente anno.

O presidente da camara dos senhores deputados da nação portugueza assim o tenha entendido para os effeitos convenientes.

Paço da Ajuda, 1 de fevereiro de 1889.—REI—*José Luciano de Castro*.»

O CORREIO DE ARGANIL

A camara municipal de Arganil e a grande maioria dos habitantes d'aquelle concelho, sem distincção de côr politica, representaram ha tempos ao illustre ministro das obras publicas, pedindo o restabelecimento da conducção das malas do correio em carro, entre a estação telegrapho-postal de Arganil, por Taboa, estação do caminho de ferro de Santa Comba ou Vimieiro, que tinha sido eliminada.

Essa representação foi então apresentada pelo deputado por Arganil, sr. Oliveira Mattos, que expôz ao illustre ministro das obras publicas a justiça que assistia ao pedido dos seus constituintes, e que agora renovando o seu empenho, obteve a promessa de que em breve seriam satisfeitos os seus desejos, no interesse dos povos de Arganil.

Apressamo-nos a dar tão agradavel noticia aos nossos apreciados amigos e correligionarios d'aquella localidade, que com ella tem mais uma prova da maneira como o seu representante e nosso illustre director politico se sabe desempenhar do cumprimento dos seus deveres.

Está em Lisboa o sr. dr. Bernardo d'Albuquerque, considerado lente da Universidade, e presidente da Junta Geral d'este districto.

INSTRUCÇÕES

Pelo governo civil d'este districto foram mandadas adoptar as Instrucções approvadas pela Junta consultiva de saude publica, insertas no *Diario do Governo*, n.º 22 de 28 do corrente, ácerca do uso do leite de vaccas, e fiscalisação technica d'estas para evitar o consumo d'aquelle alimento quando ellas estejam atacadas de tuberculose.

Vamos transcrever os primeiros quatro numeros d'aquellas instrucções para conhecimento dos consumidores.

1.º Não deverá fazer-se uso do leite, especialmente de vaccas, sem que tenha sido fervido durante quinze minutos, pelo menos.

2.º Quando o leite provenha de vaccas velhas é melhor não o utilisar, devendo sempre ser regeitado se a esta circumstancia se juntar a magreza do animal.

3.º Deve sempre suspeitar-se de todas as vaccas que tenham tosse. O leite d'estes animaes deve ser regeitado pelos consumidores;

4.º Embora não haja tosse nem velhice, mas, se o aspecto geral do animal deixar duvidas sobre a integridade da sua saude, é prudente recusar o leite.

Regressou a esta cidade, e reassumiu as funcções do seu cargo, o digno e considerado administrador d'este concelho, sr. dr. Francisco Eduardo d'Almeida Leitão.

Na grande reunião da maioria celebrada ante-hontem á noite no ministerio do reino, compareceram oitenta deputados e pares.

Assistiram os srs. presidente do conselho, e ministros da justiça, das obras publicas, e dos estrangeiros.

O sr. conselheiro José Luciano de Castro agradeceu a dedicação da maioria, e pediu-lhe que continuasse firme, e forte, para auxiliar o governo na resolução das difficuldades pendentes.

Sua ex.ª disse que o governo aproveitará o periodo do addiamento para estudar uma resolução conciliadora entre todos os interesses justos.

Por parte da maioria fallaram os srs. Laranjo, Carlos Lobo d'Avila, Eduardo d'Abreu, e Ignacio do Casal Ribeiro.

Está aberto concurso, cujo praso termina no dia 31 de março proximo, para o provimento dos logares de escrivães de direito das comarcas do ultramar.

A COMMISSÃO DO RECENSEAMENTO ELEITORAL DE GOES

Chamamos a attenção da auctoridade superior do districto para os escandalos que se estão passando na commissão do recenseamento eleitoral do concelho de Goes.

A maioria da referida commissão, inspirada no mais desaforado facciosismo, na mais revoltante arbitrariedade, tem praticado toda a casta de illegalidades, offendendo escandalosamente o direito dos cidadãos, a lei e a moralidade.

Consta-nos que se tem eliminado dos cadernos do recenseamento eleitoral grande numero de eleitores, mais de 300, todos reconhecidos como affeiçoados ao partido progressista!

A commissão, tem levado o abuso e a irregularidade intoleraveis, até ao ponto de não consentir que os parochos e regedores como informadores idoneos das suas freguezias, e a quem a lei incumbe esse dever, dêem quaesquer informações, prohibindo-os de prestar esclarecimentos ou usar da palavra para defenderem os seus parochianos do roubo do voto que na sua presença se lhe faz.

Pedimos energicas e promptas providencias contra o desaforo inqualificavel de uma commissão recenseadora, que esquecida dos seus deveres e das leis porque tem de regular os seus trabalhos, assim enxovalha indignamente as altas funcções de que está revestida.

Consta-nos que o digno administrador d'aquelle referido concelho, não só protestou energicamente contra o condemnavel e illegal procedimento da commissão, mas até levantou o competente auto que remetteu ao poder judicial contra os crimes praticados por tão iniqua corporação no exercicio das suas funcções.

E' pois necessario e indispensavel que o illustre magistrado que está á testa do districto, usando dos poderes de que está investido e zelando os direitos dos seus admi-

Nos Açores seria publicado no período entre 1º de abril de 1857 e 24 de fevereiro de 1895[76], na Horta, o semanário *O Faialense* o qual enfatizava que não abriria mão "dos princípios de prudência e imparcialidade", enunciados desde que vira "a luz da publicidade". Explicava que mantinha com "ilustração e dignidade" uma "missão civilizadora", bem como advogava "sem cessar os interesses mais vitais do distrito" e pugnava de modo constante, "pelos seus melhoramentos, sem tergiversar nunca no ponto fixo a que mirava", não visando "qualquer princípio que não fosse o da pública utilidade". Dando destaque ao seu caráter regional, o periódico insistia que permaneceria na tarefa "de reclamar os melhoramentos públicos e despertar a iniciativa particular para qualquer empreendimento" que fosse "favorável ao desenvolvimento do distrito"[77].

[76] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 319.
[77] O FAIALENSE. Horta, 1º ago. 1886. A. 30. N. 1. p. 1.

O FAYALENSE

Numero 14 — Domingo, 7 d'Abril de de 1895 — Anno XXXVIII

HORTA, 6 DE ABRIL

PORTUGAL E BRAZIL

Está finalmente terminado o desagradavel incidente que ha bastantes mezes conservava cortadas as relações politicas entre estes dois paizes tão intimamente ligados pelas tradicções da historia, pelos interesses commerciaes, pelo idioma, e pela antiga amizade quasi familiar que sempre os uniu, mesmo depois d'aquelle proclamar a sua independencia, porque era natural e coherente que o gigante não consentisse em viver sob as ordens e tutella da pygmeu.

Esta victoria politica honrando muito os dotes de intelligencia do sr. Carlos Lobo d'Avila, actual ministro dos negocios estrangeiros, veiu provar que com correcção de procedimento e lealdade de conducta o Brazil republicano não tem a menor duvida em seguir as suas relações politicas com o velho Portugal monarchico.

O termino d'esta sensaboria pouco vulgar entre nações amigas, é de grande vantagem para o nosso paiz, porque são tão importantes os interesses particulares e mesmo officiaes que ligam os dois paizes, que uma quebra de relações politicas entre elles, era um obstaculo e um embaraço ponderoso á marcha e desenvolvimento regular d'esses interesses.

A escolha do nosso novo representante junto do governo brazileiro, foi por assim dizer o complemento brilhante dos esforços e pericia do sr. ministro dos estrangeiros.

Thomaz Ribeiro é conhecido e apreciado no Brazil pelos seus trabalhos litterarios, e á sua reputação isenta de macula e de suspeitas menos limpas, junta ao seu bom senso, elevado criterio e distincto porte de homem de sociedade, garante nos que elle fará um logar brilhante conquistando a nosso favor as sympathias e adhesões dos homens de estado da grande republica do Sul.

Para o desempenho de cargo de tão melindrosa e grave importancia ha mister que o n'elle investido saiba attender e compenetrar-se da idéa firme de que representa unica e simplesmente o seu paiz, não tendo nada que vêr com este ou aquelle credo politico, exactamente como praticam os embaixadores da França acreditados nas grandes monarchias da Europa.

A Thomaz Ribeiro sobra-lhe prudencia e talento para bem desempenhar a sua missão do mais subido valor politico e diplomatico, sendo incapaz de produzir o menor attricto entre as relações officiaes dos dois paizes.

E fundamentado na experiencia das cousas e na philosophia dos factos, o velho proloquio de que nem tudo é para todos, nem todos são para tudo.

Nós ás vezes esquecemos e muitas invertemos estes factores, dando em resultado colhermos funestas consequencias faceis de engendrar, e difficeis de desembaraçar.

A questão com o Brazil foi uma d'ellas. O governo fez o que devia com lusimento e honra para a nação. Cumpre agora aos particulares secundarem-n'o nos seus intuitos e perceberem bem as suas intenções.

Nem os brazileiros teem nada que vêr com a politica dos portuguezes, nem estes com a d'aquelles.

Cada um em sua casa, e Deus em casa de todos.

Se ao Portuguez lhe convem o Brazil para ganhar a vida e adquirir fortuna, não deve sob principio algum intrometter-se nos negocios e questões politicas d'aquelle paiz, e se aos brazileiros lhes é agradavel o nosso territorio para sua residencia e conforto, igualmente devem ser alheios e estranhos a tudo quanto aqui se passa dentro da esphera das luctas partidarias, que são nossas e só a nós dizem respeito.

E' mesmo incivil, e demonstra pouca delicadeza de sentimentos, um estrangeiro intrometter-se na vida intima de qualquer nação, onde em defesa da sua propriedade e da sua justiça, tem sempre mais recursos e amparo que os proprios nacionaes em igualdade de circumstancias.

Não ha muito que nós vimos os allemães monarchicos e os francezes republicanos, incommodarem-n'os por igual em defesa dos seus interesses feridos. Nenhum d'estes paizes se importa com a nossa forma de governo, de systema e de instituições. O ultimo emprestimo russo foi coberto cinco vezes em Paris, e as festas de Toulon e Cronstadt alarmaram o mundo. Em communidade de interesses, a democratica França não hesitou em receber nos braços a autocratica Russia e vice-versa, com Sebastopol e tudo... Só os nossos ingenuos e bondosos republicanos é que lhes parece que se viesse a Republica, as outras republicas esqueciam os seus interesses, e ficavam logo de cócoras a adorarem o nosso barretinho phrygio!!

Os paizes pouco se importam com os systemas uns dos outros. O que elles querem é lisura nas suas relações diplomaticas condicções favoraveis para o seu commercio, cumprimento das mutuas obrigações contrahidas, e nada mais.

Cavalgamos um momento historico do pratico utilitarismo, e a época em que os reis se envolviam em lucta para sentarem de novo no throno algum collega deposto já lá vae.

Presentemente, por simples ideal politico ninguem se arrisca para os sentar mas tambem ninguem trabalha para de lá os tirar, e isto dá-se por igual com os reis e com os srs. presidentes. N'estes termos, como o ponto culminante a attingir é os interesses vitaes de todos os paizes, parece-me, salvo melhor opinião, que os melhores patriotas serão aquelles que pondo de parte a politica, trabalharem apenas serena e sinceramente para que em nome d'ella esses interesses não sejam feridos nem prejudicados.

E' o que devem fazer todos os portuguezes residentes no amplo e fertil territorio da Republica do Brazil, e todos os brazileiros que vivam no hospitaleiro e ridente solo da monarchia de Portugal.

(Universal) — *Alfredo Gallis.*

TREVAS

Rasgou-se o véu do Templo de alto a baixo
Cortou o vento o ar como um açoute.
Rugiram os leões, e o eterno facho
Do dia se eclypsou,—E fez-se a Noute.

Fenderam-se os rochedos, com ruidos,
Um singular terror gelou os ossos
Dos legionarios tragicos, vencidos
Da confusão, do espanto e dos destroços.

O morto surge e mais o seu sudario
Trazendo o assombro do final segredo.
O povo da Judea do santuario
Foi-se esconder na tréva—e teve medo.

As violetas murcharam sobre a haste.
E uma voz singular, lugubre, extranha,
Soluçou pela tragica montanha:
—*«Meu pae! Meu pae! porque me abandonaste?...»*

Gomes Leal.

A reunião progressista no Porto

Dizia-nos alguem ha dias: «Não ha partido que se divirta mais que o partido progressista.» Porque? «Se lhe parece, sempre em reuniões.»

A ultima realisou-se hontem no Porto. Fez as honras da casa o sr. dr. Oliveira Monteiro, coadjuvado pelos srs. Francisco J. d'Araujo e Correia de Barros. A amabilidade dos trez deixou penhorados todos que tiveram a felicidade de assistir á encantadora *soirée*. Pena foi que esses todos fossem tão poucos, e tão limitado o numero de pares. Ai! Terpsychore, que baixos estão os teus fundos no partido progressista.

E não somos nós que o dizemos, dil-o o *Diario de Noticias*, no seu telegramma do Porto, declarando que a reunião «foi menos concorrida que em outras occasiões» e que se notou a falta de varios oradores, «que nunca deixam de comparecer ás reuniões do centro progressista.»

Por isso a *soirée* correu tão desanimada, que o *Seculo*—note-se, o *Seculo*—no despacho do seu correspondente telegraphico, diz que não houve o enthusiasmo que se calculava.

Podera! Pouca gente, raros pares,—e a dança é tudo nas *sauteries*,—como podia o enthusiasmo deixar de ser pouco, de ser emfim, um enthusiasmo pacato, bonacheirão, um enthusiasmo de camisola de flanella e barrete de dormir?

Que a culpa não foi dos donos da casa. O sr. Oliveira Monteiro fez tudo que humanamente se póde fazer para animar a festa. Elle tocou ao piano com o brilho da execução de um Rubenstein, a serenata pathetica da «abstenção perante a urna» a «marcha do governo» trecho musical de grande effeito, composição do sr. José Luciano de Castro: o hymno da Maria da Fonte (com compassos da «Marselheza;» o «pas de quatre dos colligados;» elle cantou com a sua bella voz de barytono a grande opera da «Resistencia aos impostos» e a delirante romanza da «Reforma administrativa.»

Emfim, foi incansavel em divertir a sociedade. Tempo perdido. «Não houve o enthusiasmo que se calculava» na insuspeita confissão do *Seculo*. Tudo murcho, tudo frio, tudo sensaborão, tudo morto porque se acabasse á festa!

O partido progressista não estará ainda farto de fiasco? Não terá ainda reconhecido que é positivamente ridicula essa situação em que se encontra de, a cada comicio que realisa, a cada nova reunião que celebra, se vêr mais desamparado, não só do paiz mas dos seus proprios correligionarios? O que se passou no Porto é caracteristico.

Vem o sr. Oliveira Monteiro a Lisboa receber as tabuas da lei das mãos do sr. José Luciano, volta ali, convoca o povo d'Israel para lhe repetir as palavras do Jehovah progressista, e os grandes sacerdotes, os mais graduados da tribu, ficam surdos á convocação, e mandam Moysés pentear macacos. «Notou-se a falta de varios oradores que nunca deixam de comparecer ás reuniões do centro progressista.» Em que situação fica Moysés, em que situação Jehovah?

Quem esteve n'essa famosa reunião do Porto, a que o partido progressista chama o seu baluarte, que tenha ali nome, influencia, que seja emfim *alguem* conhecido no paiz?

Entre os oradores, se exceptuarmos o sr. Oliveira Monteiro, ninguem. Depois d'elle fallar quem apresenta a moção do estylo, é o sr. Isidoro de Moura, pessoa de certo muito respeitavel, mas cujo nome não é o de nenhum politico conhecido.

Depois do sr. Moura falla um operario a quem mandam callar, em nome da liberdade de pensamento, porque expõe idéas socialistas—um penhorista e um obreiro. E mais ninguem, e está encerrada a sessão, que fôra convocada por Moysés em nome de Jehovah, para declarar, pela setima vez, tantas quantas ferve o chá de Tolentino, guerra de morte e exterminio ao governo regenerador.

Querem maior e mais ridiculo fiasco? Ainda não deram porque estão sendo o divertimento do povo?

(A Tarde)

Também açoriana foi a folha semanal *A Terceira* editada na Ilha Terceira, em Angra do Heroísmo, entre 8 de janeiro de 1859 e 22 de dezembro de 1905[78], que se intitulava "folha política, agrícola, comercial e noticiosa". Definia que seu intento seria o de "defender e sustentar os verdadeiros interesses econômicos" da ilha e do distrito, bem como "tomar parte geralmente nas questões" agitadas pela imprensa, que tivessem "relação com o bem estar dos povos, e com a melhor organização política ou financeira do país". No que tange à política, se propunha a defender o que considerasse "bom e condenando ao mesmo tempo tudo o que não se encaminhasse ao bem público". Garantia que respeitaria "as opiniões contrárias, as leis da cortesia e da urbanidade, banindo de suas colunas tudo quanto" fossem "provocações ou injúrias impróprias do jornalismo". Dizia estar "sempre pronta às questões no campo dos princípios", abandonando a discussão das personalidades, que só trazia "males à sociedade", desmoralizando e desvirtuando a imprensa, ao não considerá-la "como um dos primeiros elementos da civilização, quando bem dirigida e encaminhada"[79].

[78] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 297.
[79] A TERCEIRA. Angra do Heroísmo, 8 jan. 1859. A. 1. N. 1. p. 1.

Numéro 1:862 Sabbado 23 de março XXXVII Anno — 1895

A TERCEIRA

Folha politica, agricola, commercial e noticiosa

EDITOR — JOSÉ MARIA BRASIL.

Assignatura por 12 n.os (paga adiantada)..... Rs. 600
Dita com estampilha..... » 850
Numero avulso..... » 60
Vende-se na loja do sr. Antonio Rodrigues Le Preux, o unico em que se vende impresso.

Redacção, administração e typographia
RUA DO INFANTE D. LUIZ Nos 2 E 4
ANGRA DO HEROISMO.

Annuncios insolidos como particulares, por linha Rs. 30
Repetições, não publicados, por linha..... » 10
Correspondencias de interesse particular, por cada..... » 60
Os autographos enviados á redacção serão sempre propriedade sua, ainda que não sejam publicados.

Angra do Heroismo

RELAÇÕES COM O BRAZIL

Segundo um telegramma da Agencia Havas, estão restadas as relações diplomaticas de Portugal com o Brazil.

O governo teve conhecimento da terminação do conflicto por um telegramma d'Inglaterra, que como se sabe tinha tomado o encargo de medianeira.

Regosijamos-nos com esta noticia, que tem uma alta importancia, comquanto as relações commerciaes tenham soffrido pouco com a anterior situação.

Em 14 de maio do anno passado recebeu-se a noticia official do rompimento, e d'ahi para cá successivas vezes se deu como certo o restabelecimento das relações para breve, sem que isso se realisasse.

O partido nativista que guerrêa desabridamente os portuguezes residentes no Brazil, não descançava um momento, oppondo-se com todas as suas forças á paz, e as dissenções intestinas abrigavam o governo da republica a operar com toda a prudencia.

A ascensão do Prudente de Moraes, que representava a restauração do poder civil, bastante tempo conturbado pela dictadura militar de Floriano, fez logo nutrir fundadas esperanças do restabelecimento das relações com Portugal, mas a má disposição dos animos, movida pela guerra dos inimigos dos portuguezes, collocava o governo em difficuldades, então inopportunas.

A este facto attribuimos a demora para a resolução do conflicto.

Pelos telegrammas ultimos diz-se que vae para o Brazil, como ministro portuguez, o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, e que vae para Lisboa o sr. dr. Assis Brazil.

Oxalá que se estreitem agora as relações, e que n'esse estreitamento se negoceie um tractado de commercio, satisfazendo aos interesses das duas nações, tão ligadas já pelas affinidades que resultam da colonisação.

O tratado negociado ha annos, pelo sr. Mattoso dos Santos, e que não foi ratificado, traria-nos immensas e valiosas vantagens.

Interessa, pois, com as bases d'aquelle, negociar am, que posto em praça favoreça o commercio e a navegação, e sirva para destruir no Brazil as más impressões que porventura hajam, a respeito de Portugal, promovidas pelos mal intencionados e coarctando os interesses dos dois paizes.

Em seguida publicamos um — ao publico — que o nosso illustre amigo sr. dr. José Pimentel Homem de Noronha, publicou no dia 20 do corrente, sobre a sua attitude politica, e de que fez a fineza de nos offertar um exemplar.

AO PUBLICO

Passado o momento em que inesperadamente recebi a minha exoneração de governador civil, julgo cumprir um dever vindo a publico definir a minha situação.

Não me leram a isso as ambições nem os mallnéiros, que possa ou deva ter n'esta occasião; porque acima d'essas velleidades, derivadas sempre d'uma desorientação do espirito, inexcusavel muitas vezes, entendo que está o meu dever civico, como homem publico.

Collocado ultimamente n'uma situação politica, que não solicitei directa ou indirectamente, mais pela complacencia dos meus correligionarios do que pelos merecimentos proprios, talvez por um errado criterio de quem, aliás, tão sincera e lealmente operava; achei-me nas circumstancias especiaes, que motivaram a actual crise da vida politica d'este districto.

Levado á politica, primeiro pelo amisade, depois pela gratidão, descuidadamente habituei-me a considerar como em mim encarnados os interesses do meu partido, e a votar-lhe um verdadeiro culto, como tinha votado áquelle que o creou, educou e sustentou n'este districto, promovendo-lhe uma existencia de vitalidade e de gloria.

Ao nobre Conde de Sousa de Menezes, chefe immortal, cuja memoria, a cada passo da vida politica d'este districto, é recordada com saudade immorredoura, deria aquella amizade e gratidão: — ao partido regenerador, de que elle foi um dos primeiros cabos de guerra no paiz, e o principal nos Açores, me devotei como soldado fiel e leal.

Confiando-me os azares da politica cargos d'administração publica, de que o ultimo foi o de que acabo de ser exonerado, diligenciei sempre por, satisfazendo aos deveres que me incumbiam esses cargos, não prejudicar os interesses politicos do partido, sob cujas bandeiras militava e milita, e antes engrandecel-o, como permittiram as minhas forças.

Sem considerações de qualquer ordem, que não importa as que se devem a amigos e adversarios, trabalhei sempre, arriscando até a propria vida, para cumprir religiosamente os deveres dos logares que exerci, quer nos assumptos politicos, quer nos que se prendiam com a administração districtal. D'aqui o convencimento de que se não agradaram muitos dos meus actos como auctoridade; o publico, porante quem, sem hesitar nunca, os pratiquei, ao homem fará justiça, quanto ás suas más intenções.

Retirando-me o governo a sua confiança, sem que para isso concorresse mais do que o desagrado d'alguns de idéas que manifestei sobre a orientação politica do partido, cuja direcção havia tomado provisoriamente, não me repito agravado pelos meus correligionarios, que tantas e tão distinctas provas de cordial amizade e immerecida consideração me teem sempre dispensado; e voltando a occupar o meu posto, como fiel e leal soldado do partido regenerador, callando os meus ressentimentos, que os não tenho de um partido, trabalharei por amor d'elle, para que do gelo fundo, vibrado talvez impensadamente na sua existencia, não lhe resulte o minimo gravame.

Resta-me, pois, admente testemunhar aos meus amigos pessoaes e politicos, e ao publico, que tão benevolente foi comsigo, durante a minha administração districtal, a expressão do meu sincero e perduravel reconhecimento.

Angra do Heroismo, 20 de março de 1895.

José Pimentel Homem de Noronha.

No dia 26 ao meio dia nas casas do sr. Manoel Homem de Noronha, teve logar uma reunião, para a qual foram convidadas algumas regeneradores, commissões eleitoraes das freguezias rurares, e centro da Villa da Praia, para se tractar da reconstituição politica do partido regenerador.

Passa incommodado de saude o sr. Henrique de Castro.

Desejamos as suas melhoras.

PROCISSÃO

No domingo ultimo realisou-se a de Passos, sendo muito concorrida.

Acompanhou-a o rev.mo governador do Bispado.

Atraz da imagem do Senhor tocava a philarmonica *Popular Angrense*, e atraz do pallio a *Triumpho*.

Foram oradores os rev.mos monsenhor Marianno de Sousa, na Conceição, e Duarte Nunes, no Collegio.

Foi promovido a tenente-coronel para o Estado-maior d'infantaria, o digno major do caçadores n.º 10 e nosso estimavel amigo, sr. Francisco Maria Xavier Pereira.

Felicitamol-o pela sua promoção.

Veio de S. Jorge no vapor *Agôr*, o nosso amigo sr. Thomé Gregorio Pereira da Silveira, digno conductor d'obras publicas.

Está de luto pelo fallecimento de sua sogra o nosso prestante amigo, sr. Antonio Machado Ramos, abastado proprietario da freguezia de S. Bartholomeu.

Acompanhamos o nosso amigo no seu pesar, e toda a familia da finada.

Falleceu o sogro do habil artista, e nosso dedicado correligionario, sr. Manoel Antonio Soares, a quem enviamos os nossos pezames.

No domingo fizeram-se as procissões de Passos nas freguezias de S. Bartholomeu, Serreta e Porto Judeu.

Na terça-feira foi-se esta procissão na freguezia de S. Matheus.

Acha-se restabelecido d'um incommodo de saude o nosso amigo, sr. Victorino da Costa e Silva, pelo que cordialmente o felicitamos.

Consta á *União* que a mesa administrativa da Misericordia d'esta cidade, deliberou mandar vir duas irmãs hospitaleiras para o hospital de Santa Espirito.

O nosso amigo, sr. Militão Moniz Pamplona ficou com o estabelecimento de mercearias da rua do Rego, que pertenceu ao sr. Antonio Gonçalves do Couto Arengas, ultimamente fallecido.

O novo proprietario fez já melhoramentos no estabelecimento, que se acha muito bem sortido.

Recommendamol-o ao publico.

Teve lugar terça-feira ultima na Sé Cathedral a festa de S. José, sendo orador monsenhor Antonio Marianno de Sousa.

Tambem teve logar igual festividade na egreja de S. Francisca. Foi orador o rev.º Bento Justino.

Regressou da Graciosa, no vapor *Agôr*, o sr. Evaristo Gabriel, que ali tinha ido em viagem de recreio.

Tambem regressou da Graciosa, no

No âmbito portuense circulou entre 1º de março de 1859 e 27 de outubro de 1892[80], o *Jornal do Porto*, diário que esteve dentre os precursores em trazer progressos mecânicos à sua oficina, por meio de modernas máquinas de impressão e incremento no número de funcionários[81]. O periódico propunha-se a cumprir, quanto coubesse "em suas forças, a missão elevada da imprensa periódica", ou seja, uma "missão civilizadora, instrutiva e moralizadora", atuando apenas com respeito ao "proveito público", a partir "da poderosa influência dessa instituição". Explanava que mereceria a sua "devida atenção tudo" o que dissesse "respeito ao distrito e à cidade do Porto, centro do movimento social da metade norte do reino". A folha buscava esclarecer que seria "sobranceira às paixões partidárias", de modo que, "na parte doutrinal", trataria "as questões com a imparcialidade humanamente possível". Enfatizava que não era "órgão exclusivo de nenhum partido político" reservando-se "a análise severa e imparcial de todos os atos do poder", não combatendo indivíduos", ou "defendendo parcialidades, nem resumindo "a sua missão política na estéril defensa de pequenas individualidades e interesses"[82].

Já com mais de trinta anos, o *Jornal do Porto* insistia que a sua própria existência constituiria "uma boa garantia" de que a "sua independência e imparcialidade" continuariam "a ser mantidas e observadas com o mesmo rigor e seriedade". Quanto à sua orientação "moral, política ou doutrinária", dizia

[80] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 42-43.
[81] TENGARRINHA, 1989. p. 202 e 229.
[82] JORNAL DO PORTO. Porto, 1º mar. 1859. A. 1. N. 1. p. 1.

persistir na defesa dos “interesses locais com a habitual independência”, assim como dos “interesses gerais com a mais livre imparcialidade”, abordando as questões políticas sem ódios, ressentimentos ou facciosismo”. Reiterava que buscaria conservar-se “indiferente às paixões partidárias, louvando ou fazendo censuras, sem atender às pessoas, às posições sociais e às cores políticas”. Pretendia ter “assinantes e leitores assíduos em todas as classes sociais e grupos políticos”, de modo que, “escrevendo para todos”, não queria divorciar-se de ninguém, atuando com “imparcialidade diligente” e procurando “ser cuidadoso na frase” para que pudesse ser recebido em todas as casas[83].

[83] JORNAL DO PORTO. Porto, 1º jan. 1891. A. 33. N. 1. p. 1.

XXXIII ANNO
SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 1891
NUMERO 269
JORNAL DO PORTO
Redacção e Administração, rua dos Caldeireiros, 26
12 DE NOVEMBRO DE 1891
AS SUBSISTENCIAS
PARIZ NOCTURNO
A MORTE D'UM CADI
N'UMA PRAÇA DE TOUROS
PENA ULTIMA
FALSOS MOEDEIROS
ECCOS DO EXTRANGEIRO
As seduzidas
França politica
NOTICIARIO
FOLHETIM
A. MATTHEY
O JURAMENTO
SEGUNDA PARTE
AS DUAS GOTTAS DE SANGUE

Na capital do reino seria editada *A Crença Liberal*, um semanário de cunho extremamente conservador, mantendo ferrenha oposição às tendências contrárias ao *status quo* reinante em Portugal[84]. Tal publicação circulou desde 1861 até a a virada do século, encerrando suas atividades em 19 de dezembro de 1900[85]. Ao final dos anos oitenta, a folha dava indícios de sua postura política ao tecer severas críticas ao modelo governamental. Nesse sentido, referia-se a um "governo ignóbil" que, "além de ter praticado as maiores torpezas", vinha descendo "a quantas abjeções" havia, já que a sua vida era "uma constante ignomínia", estando "agarrado às pastas" e não querendo as "largar decorosamente, empregando todos os meios para que o bolo" não lhe caísse das mãos"[86].

[84] ALVES, Francisco das Neves. A transição monarquia – república brasileira na perspectiva de um semanário português. In: *Revista Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2010. v. 1. n. 1. p. 115-116.
[85] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 222.
[86] A CRENÇA LIBERAL. Lisboa, 23 maio 1888. A. 27. N. 2828. p. 1.

A CRENÇA LIBERAL

29.º anno | Assignaturas em Lisboa:— Trimestre 300— semestre 1$100. Nas provincias:— Trimestre 1$075, semestre 2$150. — Escriptorio da redacção praça dos Restauradores n.º 53, 2.º— Publicações no corpo do jornal 60 réis a linha Annuncios 20 réis a linha. | Quinta feira 13 de novembro 1890 | O assignante tem direito á inserção gratuita das correspondencias que enviar, uma vez que forem de interesse publico. Toda a correspondencia e importancia d'assignaturas deve ser dirigida ao proprietario e redactor responsavel Hermenegildo Pedro d'Alcantara. | N.º 2942

O imperador do Brazil

Aos surdos

Amnistia...

Theatro de S. Carlos

Colyseu dos Recreios

Theatros

Real Colyseu de Lisboa

Também em Lisboa viria a circular um dos mais importantes e perenes periódicos portugueses, constituindo o mais marcante em termos de modelo noticioso. Era o *Diário de Notícias*, cujo programa foi editado ao final de 1864 e o primeiro número passou a circular em Lisboa, a 1º de janeiro do ano seguinte[87]. Constituía, assim, uma publicação cuja principal tendência era a informação geral[88] e, desde o início, optou pela "abstenção da polêmica jornalística", mantendo "um corolário da supressão do artigo editorial político", em que "tal polêmica mais larga e mais azedamente costumava expandir-se"[89], mantendo o mesmo estilo ao longo de grande parte de sua longeva existência[90]. Ele marcou o início do jornalismo moderno no contexto luso, operando "uma verdadeira revolução no panorama jornalístico nacional". Era um "jornal popular de preço e estilo ao alcance de todos", noticioso por essência "e sem filiação partidária". Seu "espantoso êxito resultou da combinação do baixo preço e da aparente 'independência' perante as correntes políticas", além das "elevadas tiragens", que reduziam "o custo unitário de produção", aumentando também "os rendimentos com a publicidade". As pretensas "'objetividade' e 'imparcialidade' com que se iniciou e pretendeu" se "apresentar ao longo da sua existência, na

[87] RAFAEL & SANTOS. 2001. v. 1. p. 252.
[88] LEMOS, 2006. p. 260.
[89] CUNHA, Alfredo da. O *Diário de Notícias: a sua fundação e os seus fundadores*. Lisboa, 1914. p. 16.
[90] DESLANDES, Venâncio. *Diário Nacional, o grande jornal português*. Lisboa: Imprensa do *Diário Nacional*, 1925.; e TEIXEIRA, Luís. *O Diário Nacional e o século XIX*. Lisboa: Ed. do Grupo de Amigos de Lisboa, 1941.

verdade camuflavam habitualmente uma posição conservadora de apoio ao poder estabelecido"[91].

A lógica de produção desse periódico levava em conta que, "se a tiragem" aumentasse, "as despesas gerais" conservavam-se "sensivelmente as mesmas e, portanto, o preço de custo de cada exemplar" seria "menos elevado", de modo que, "com maior tiragem" haveria "mais anúncios" que poderiam render mais. Dessa maneira, "para auferir maiores lucros", bastaria "baixar o preço e dirigi-lo a uma mais vasta camada de leitores, não como um jornal de opinião, mas meramente noticioso". Seus avanços na prática jornalística voltaram-se também à questão da venda e distribuição, estabelecendo um contingente sempre crescente de vendedores ambulantes, atividade facilitada pelo preço acessível do exemplar. Além disso, houve um incremento na quantidade de anúncios editados pelo *Diário de Notícias*, fenômeno também essencial à estruturação financeira da empresa jornalística, uma vez que era normalmente à publicidade que competia cobrir uma parte ou a totalidade dos custos da produção do jornal. Outra marca registrada da publicação foi o crescimento vertiginoso de suas tiragens, com o aprimoramento tecnológico em sua produção, lançando mão de máquinas rotativas cada vez mais evoluídas e com maior capacidade de impressão, bem como sua tipografia foi a primeira no contexto luso a utilizar-se das máquinas de compor. Tais práticas empresariais serviriam de modelo a um grande número de periódicos que surgiriam no

[91] TENGARRINHA, 2006. p. 214.

contexto luso, e, na virada do século XIX ao XX, o *Diário* contaria entre os jornais mais antigos e de maior prestígio em Portugal[92].

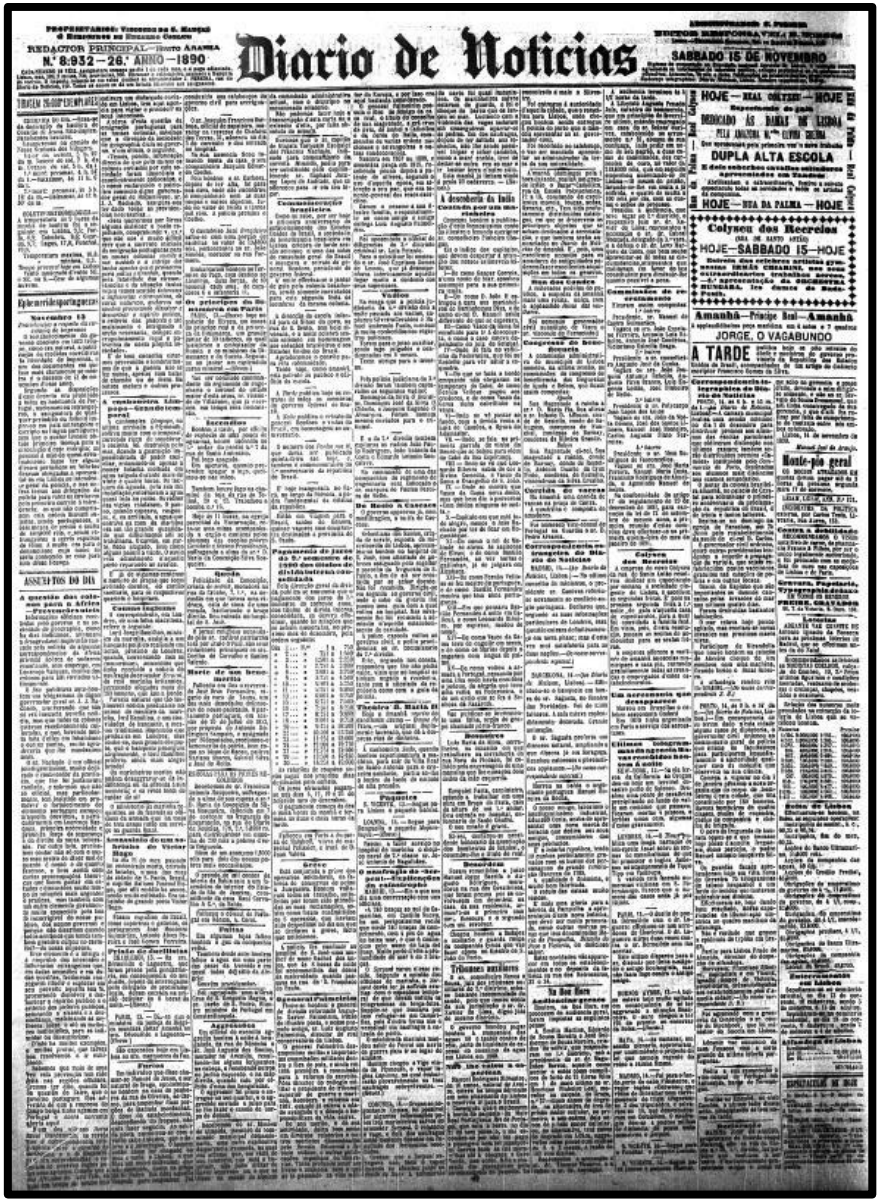
No lançamento do periódico, a redação afirmava que promovera tal publicação convencida "da sua necessidade e utilidade", pois visava a um único fim – "interessar a todas as classes, ser acessível a todas as bolsas, e compreensível a todas as inteligências". Declarava também que o seu próprio título dizia o que seria, ou seja, "uma compilação cuidadosa de todas as notícias do dia, de todos os países, e de todas as especialidades". Pretendia ser "um noticiário universal", escrito "em estilo fácil, e com a maior concisão", e que informasse "o leitor de todas as ocorrências interessantes, assim de Portugal como das demais nações", prometendo reproduzir, "à última hora todas as novidades políticas, científicas, artísticas literárias, comerciais, industriais, agrícolas, criminais e estatísticas". Anunciava que eliminaria o artigo de fundo, não discutindo política, nem sustentando polêmica, apenas registrando "com a possível verdade todos os acontecimentos, deixando ao leitor" que comentasse "ao seu sabor", quaisquer que fossem "os seus princípios e opiniões"[93].

No primeiro número em circulação, o *Diário de Notícias* destacava que tivera uma boa aceitação de parte do público, o que estaria a demonstrar que se em Portugal não se lia comparativamente tanto "como em outras nações", era pelo motivo de que "não havia publicações baratas, e ao alcance de todas as bolsas, e não porque os seus concidadãos fossem menos ilustrados". Já no

[92] TENGARRINHA, 1989. p. 213, 215, 221, 222, 225-229, 231 e 234.
[93] DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 29 dez. 1864. N. programa. p. 1.

momento em que completava duas décadas de existência, o periódico afirmava que permanecia "tranquilo na consciência" de que não desmerecera até então a atenção recebida de seus leitores, por ter mantido a "sua norma invariável de proceder". Nesse sentido, mantinha a proposta de colocar à disposição do público as suas colunas "para todas as informações e para a defesa de todos os interesses e causas justas de utilidade nacional", buscando "constantemente multiplicar as fontes das suas informações", através de seus colaboradores e correspondentes. Um ano depois, enfatizava que pretendia manter "sua autonomia jornalística" e "as normas invariáveis de seu procedimento", atuando em prol "do bem público, da moral social e da justiça, esforçando-se por advogar as causas justas". Dizia aspirar somente "à glória de modesto trabalhador útil", atuando "fora das correntes da política militante", de modo que as suas colunas estariam "francas a todas as ideias proveitosas ao público e ao país"[94].

[94] DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, 1º jan. 1865. A. 1. N. 1. p. 1.; 1º jan. 1884. A. 20. N. 6.442. p. 1.; e 1º jan. 1885. A. 21. N. 6.805. p. 1.



PROPRIETARIOS: Vicecomes de S. Marcos e Emerentes de Ernesto Gerardo

REDACTOR PRINCIPAL — Diario Arabes

N.º 8.932 — 26.º ANNO — 1890

Diario de Noticias

SABBADO 15 DE NOVEMBRO

HOJE — REAL CORTEZ — HOJE

DUPLA ALTA ESCOLA

HOJE — RUA DA PALMA — HOJE

Colyseu dos Recreios

HOJE — SABBADO 15 — HOJE

Amanhã — Principe Real — Amanhã

JORGE, O VAGABUNDO

A TARDE

Noite-geral

Outra publicação editada diariamente em Lisboa, e que mantinha uma ordenação discursiva calcada no modelo noticioso, foi o *Diário Popular*, que circulou de 13 de julho de 1866 a 13 de junho de 1896[95], vindo a ter significativa relevância e influência junto ao público leitor português[96]. No seu primeiro número, trouxe aos leitores uma brevíssima apresentação, na qual se limitou a informar que daria continuidade ao *Noticiário Português*, reorganizando-se e mudando seu título para aquele primeiro que representaria mais a contento "a índole de uma publicação destinada principalmente à instrução do povo"[97]. Mais adiante o jornal acrescentaria o artigo "O" ao nome estampado em seu cabeçalho. Já ao final do século XIX, ao encerrar suas atividades, o *Diário Popular* seria substituído por *O Popular*, o qual manteria as mesmas características editorias, tendo sido publicado na capital entre 14 de junho de 1896 e 20 de novembro de 1907[98].

[95] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 259.
[96] TENGARRINHA, 1989. p. 231 e 244.
[97] DIÁRIO POPULAR. Lisboa, 13 jul. 1866. A. 1. N. 1. p. 1.
[98] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 181.

O DIARIO POPULAR

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Escriptorios — Largo de S. Roque, n.os 4 a 5

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Escriptorios — Numero telephonico, 25

N.º 8:458 | LISBOA — Sabbado, 15 de novembro de 1890 | 25.º ANNO

LISBOA, 15 DE NOVEMBRO

A compra de Lourenço Marques

A' redacção

O naufragio do «Serpent»

HOJE — REAL COLYSEU — HOJE

RUA DA PALMA

HOJE — RUA DA PALMA — HOJE

NECROLOGIA

SORTE GRANDE

9:356 em cautellas

45:000$000

22:500$000

LOTERIA DO NATAL

Em 23 de dezembro de 1890

D. E. Gouveia & Silva

Pitta—Camiseiro

Monte-pio Geral

Egreja da Estrella

Tribunal de contas

Declaração

O POPULAR

Director politico—MARIANNO DE CARVALHO

Domingo, 6 de maio de 1900

5.º Anno

Centenario do Brazil

Sessão solemne na Sociedade de Geographia

Cambios e fundos

Comicios

Registo azul

Aggravamento dos impostos

Um representante da imprensa regional, editado no extremo-norte português, no distrito de Viana do Castelo, foi *O Eco do Lima*, publicado duas vezes por semana na vila de Ponte de Lima, entre 12 de agosto de 1866 e 2 de abril de 1891[99]. A folha prometia manter um "posto constante", permanecendo cercada "dos mesmos princípios" e envolta em seu programa original. Afirmava ainda que seu principal intento era o de escudar "os que necessitassem de apoio na defesa do justo e do bem" e exigia providências no contexto local de parte das autoridades públicas que enganavam as "pobres almas ingênuas" dos eleitores[100].

[99] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 278.
[100] O ECO DO LIMA. Ponte de Lima, 18 ago. 1889. A. 24. N. 3.221. p. 1.

O ECCO DO LIMA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Domingo, 24 de novembro de 1889

ANNO 24.º

Preços d'assignatura — Anno, 1$400; semestre, 1$000; trimestre, 600 rs. Pelo correio acresce o importe das estampilhas. Brazil: anno, 3$000, moeda forte (franco).—Avulso 30 réis.

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á ADMINISTRAÇÃO DO **Ecco do Lima** RUA DAS NEVES, N.º 7.

Annuncios — Por linha 20 rs. No formato do jornal, 100 rs. Os srs. assignantes gosam de 10 p. c. de abatimento nas publicações não officiaes. EDITOR RESPONSAVEL Severino de Faria

N.º 3:247

A' Bibliotheca Nacional — Lisboa

PONTE DO LIMA

Cansam-se os governos com o poder do que os partidos com as opposições.

A acção governativa bem depressa oxyda as engrenagens do machinismo partidario.

No nosso paiz, esse facto dá-se com uma força e uma evidencia notaveis.

Assim, entre nós, os governos gastam-se n breve espaço; e basta um periodo de tempo, relativamente curto, para que os ministerios necessitem recompor-se introduzindo sangue novo no seu organismo, ou tenham de demittir-se, deixando, fatigados, o logar a outros que, retemperados pelo descanço, subam animados d'uma energia nova.

Póde calcular-se em tres annos o periodo medio de vida para um governo.

Vive pouco o que viver menos; e torna-se incommodo e decrepito o que viver mais.

Desde então os governos, em lucta com o seu proprio partido, destroem-se a si proprios. Como Saturno, devoram os proprios filhos.

Surgem as questões em familia, as luctas intestinas. Debatem-se as ambições partidarias d'uns, contrapondo-se ás aspirações politicas d'outros. A doença invade os organismos partidarios. Approxima-se então a derrocada final.

E' esse o estado a que chegou o governo. Está gasto, está decrepito. E n'essa altura avançada da sua existencia, [illegible] pouco o mal que os adversarios lhe fazem, rebentam as proprias aggressões dos amigos, dos partidarios mais intimos.

Sobre decrepitude, enfermidade.

Emygdio Navarro, com os seus numerosos amigos, [illegible] fóra do poder, [illegible] o governo. Mariano de Carvalho, faz o mesmo. O ministerio está composto de mediocres e baixos. O edificio ministerial desmorona-se por todos os lados. Isto salta aos olhos. Não será para admirar que o abrir do parlamento seja o começo da marcha funebre que levará o ministerio á sepultura.

Está de luto o sr. dr. Ovidio Alpoim, digno delegado do procurador regio n'esta comarca. Falleceu o sr. Conde da Lobata, avô da esposa de S. ex.ª

Os nossos pesames ao nobre magistrado e sua ex.ma esposa.

No ultimo numero do «Jornal de Noticias», vem o seguinte telegramma, que é a expressão da verdade. A esse assumpto nos referiremos no proximo numero:

Ponte do Lima 22, ás 3. 6 da t.

(Do nosso correspondente)

A auctoridade administrativa e seus agentes iniciaram já os seus trabalhos para a nova eleição municipal e districtal, affirmando assim que será annullada a eleição que a opposição venceu.

Tem estado entre nós o sr. Jeronymo Maximino Guerra, digno subinspector d'este circulo escolar—que anda a fazer visita ás escolas d'este concelho.

Vem a proposito lembrarmos que a escola da freguezia de S. João da Ribeira está entregue ao mais lamentavel abandono e que, segundo nos consta, ha dias em que o professor nem sequer lá vae.

Na noite de quinta para sexta-feira ultima, seria meia noite, manifestou-se um violento incendio em casa do sr. João Luiz Gonçalves Carneiro, [illegible] d'esta villa, estabelecido á rua de S. João.

O fogo produziu-se no segundo andar da casa, na cosinha, quando toda a familia já dormia.

A casa, d'uma construcção elegante, não estava de todo concluida. Inteiramente nova começára a ser feita ha mezes; e posto que o proprietario, sr. Carneiro, já alli residisse, a sua construcção não estava ainda rematada.

O fogo pegou não se sabe bem como. Quando as madeiras incendiadas começaram a estalar, produzindo ruido, os donos da casa acordaram, acudiram á cosinha e, no primeiro momento, ainda tentaram, sós, extinguir o incendio. Comprehendendo logo que lhes era isso impossivel, gritaram por soccorro, das janellas.

Immediatamente acudiu muito povo ao local do sinistro e os bombeiros voluntarios foram pressurosos em prestar, desde logo os necessarios soccorros.

Assim, a corporação de bombeiros voluntarios appareceu logo, com o material de incendios, e começou uma verdadeira batalha no intuito de se destruir o fogo que estava então muito desenvolvido e attendissimo.

Com verdadeiro risco, treparam os bombeiros para o segundo andar da casa que então era presa das chammas, e, pelas janellas, applicaram o jorro d'agua das suas bombas que trabalharam incessantemente.

Então começou um trabalho indescriptivel. O fogo rebentava por todos os lados, irrompia pelo telhado, pelas janellas alastrava tudo. Foi então que os nossos bombeiros se houveram brilhantemente. Onde appareciam as chammas, appareciam elles. Encavalgados pelos telhados, pelas sacadas, nas escadas, nos forros da casa, por toda a parte, elles oppozeram ao incendio uma resistencia invencivel. A lucta foi heroica e terrivel. Muitos dos nossos bombeiros metteram-se a perigos de tal ordem que bem póde dizer-se que arriscaram denodadamente a sua vida.

Como dissemos, a casa era nova. Uma boa parte do segundo andar salvou-se, apesar de lavrar ahi o fogo á vontade. Isto mostra o modo energico como foi atacado o incendio.

Mas a cosinha, as immediações e as aguas furtadas da casa, ficou tudo completamente inutilisado—apesar de não ter sido inteiramente destruido. Traves, taipas, taboas, estão carbonisadas e inutilisadas porque arderam até mais de meio,—mas em certo ponto pararam—tal foi o rio d'agua que os nossos bombeiros fizeram cahir de toda a parte.

D'este modo, o fogo localisou-se e não só invadiu toda a casa, mas tambem não passou ás proximas, o que bem podia succeder.

Felizmente, não ha a lamentar nenhuma desgraça pessoal.

Apesar de tudo, a casa soffreu muito. Estava segura, em 1:500:000 rs. na companhia Garantia.

Dizem-nos que os prejuisos sobem, aproximadamente, á quantia de 800$000 rs.

Não concluiremos sem repetir ainda que os serviços prestados pelos nossos bombeiros foram admiraveis e relevantissimos.

O agente d'essa companhia o sr. João da Cunha Nogueira, já mandou proceder á louvação dos estragos causados a fim de serem pagos ao proprietario.

Republica do Brazil

O «Figaro» publica os principaes telegrammas ácerca dos successos no Brazil, e um artigo do qual extrahimos varios topicos importantes:

Refere os factos conhecidos; e tratando do ex-imperador diz:

. . . .

«A' primeira vista estes acontecimentos causam muita admiração.» Por toda a parte, e especialmente em Paris, creára-se o habito de vêr no imperador do Brazil um soberano da lenda: bom para os seus e adorado por elles. E' mais que verdade D. Pedro de Alcantara ser muito bom para os seus subditos, mas censuravam-n'o de bondades talvez demasiado humanitarias e não bastante governativas.

Consideravam-n'o mesmo, nos actos da governação, um tanto ou quanto amigo de Victor Hugo: «Nós respeitamol-o muito, mas ha cincoenta annos que elle reina.» Era isto o que dizia o seu amigo mais respeitoso.

Os outros não se constrangiam para formular as suas queixas.

O exercito queixava-se de ter sido abandonado, collocado no terceiro plano, desde que não precisaram dos seus serviços para combater o Paraguay, e quando um exercito tem um official para treze soldados, caso que se dá com o exercito brazileiro, o descontentamento póde tornar-se perigoso.

Os homens politicos queixavam-se de certas alterações feitas á constituição.

Houve nomeações de senadores que provocaram escandalos, de que os brazileiros são tão prodigos.

Havia, finalmente, esclavagistas que estavam furiosos pela abolição da escravatura.

. . . .

Os proprietarios do interior tinham passado para a opposição republicana, e o partido republicano no Brazil é importantissimo e numerosissimo porque se compõe de todos os descontentes.

. . . .

Pelo que toca á Europa, ha dois pontos interessantes: é preciso, em primeiro logar, que os interesses europeus no Brazil, que são numerosissimos, de ha certo tempo para cá, sobretudo, sejam salvaguardados e garantidos pelo governo, seja elle qual fôr, e é preciso, seguidamente, que a segurança da familia imperial seja mantida.

O imperador D. Pedro é um homem superior, que leva a superioridade até ao ponto de ser republicano, o que é imprudente para um soberano. Tem sabido, nas suas numerosas viagens, conquistar as sympathias da Europa sabia e litteraria.

Esperemos que os triumphadores do dia saibam respeital-o.

E' preciso não esquecer que sua filha, aquella que deveria ser um dia imperatriz do Brazil, tinha desposado um filho da casa de França, o conde de Eu, que bateu á frente das tropas brazileiras tão valentemente, como seu pae, o conde de Nemours, se batera á frente das tropas francezas. E' por esta razão que o que nos interessa mais das noticias do Brazil é a sorte da familia imperial.

E eis como os escravos souberam aproveitar a liberdade! as mulheres compraram espartilhos,—que não tinham direito a usar na escravidão, e os homens fizeram uma revolução!

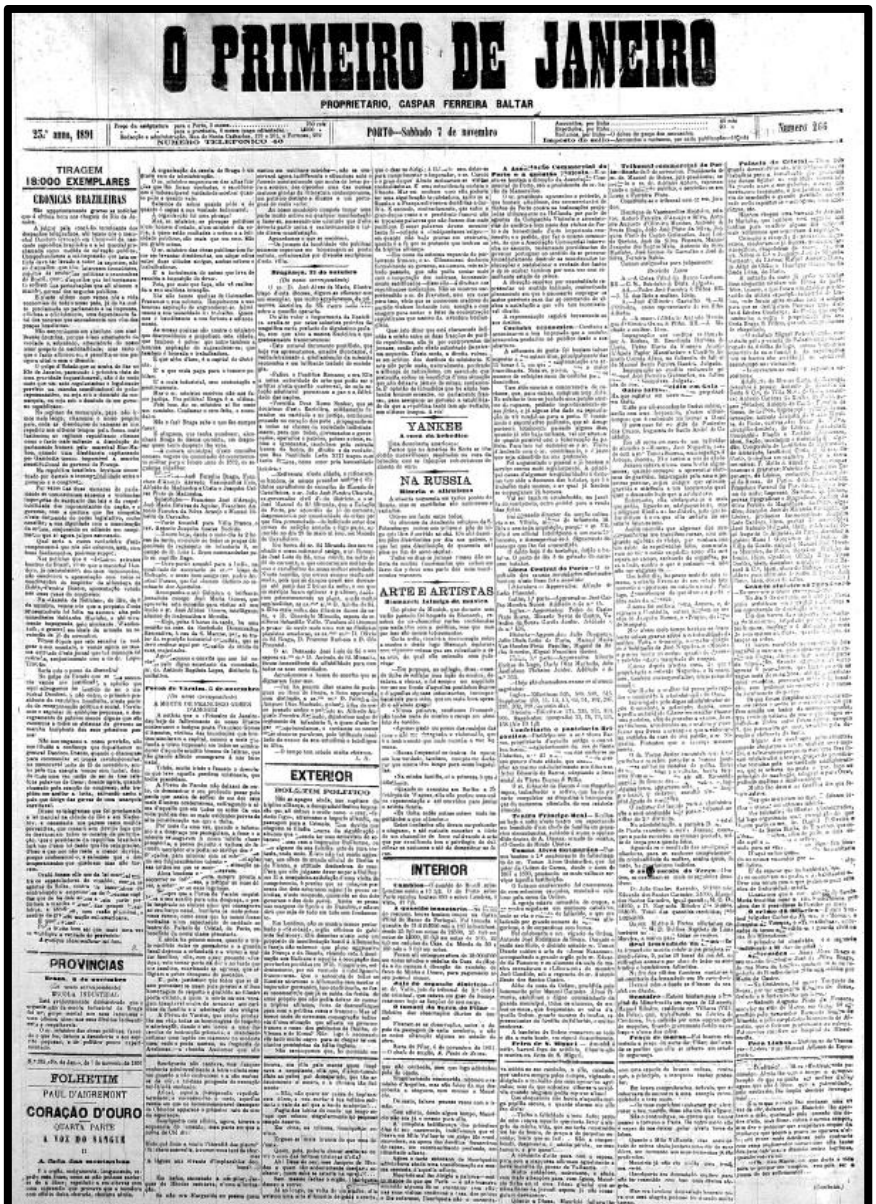
O «Imparcial» de Madrid, publica o seguinte tele-

Em 1º de dezembro de 1868 começou a circular no Porto outro dos longevos diários portugueses, *O Primeiro de Janeiro*, "um dos mais influentes na sociedade contemporânea" lusa e, "em especial no norte do país, onde sempre teve considerável expansão". Sua circulação começou bissemanal, mas, em um ano de existência, já passaria a ser editado diariamente. Esteve entre os primeiros periódicos que "adotaram os meios técnicos mais evoluídos da época" e, progressivamente, passou de "pequeno jornal político" a grande diário de informação e, na virada para o século XX, era um dos jornais mais antigos e de maior prestígio do Porto[101]. Seu título era alusivo à *Janeirinha*, "nome que assinalava um movimento popular de protesto que eclodira no primeiro dia" do ano de 1868, "contra a criação de um imposto sobre o consumo", causando, inclusive, a queda de um gabinete governamental[102]. Declarava que desfraldava sua bandeira "em nome do povo e fora de toda a preocupação partidária", prometendo que não emudeceria sua voz, de modo que o povo continuaria a ouvi-la, como "a de um defensor dedicado e eco das suas próprias queixas", de modo que a sua pena seria "o instrumento inflexível do desforço popular". Dizia ainda estar livre de compromissos, que não fossem "a verdade, a justiça e a defesa dos interesses populares", sendo o seu lugar "na vanguarda dos combatentes pela honra da nação e pelos interesses do povo"[103].

[101] TENGARRINHA, 2006. p. 220-222; e TENGARRINHA, 1989. p. 185, 229, 234, 257.
[102] LEMOS, 2006. p. 513.
[103] O PRIMEIRO DE JANEIRO. Porto, 1º jan. 1879. A. 11. N. 1. p.1.

Ao ultrapassar seu vigésimo aniversário, *O Primeiro de Janeiro* exclamava que nunca havia traído seus princípios, designados pela "causa do povo e do Partido Progressista", no qual dizia militar lealmente. Lembrando sua gênese, o jornal afirmava que nascera "de uma revolução popular" e pelo povo tinha sempre lutado e sofrido. Declarava também que em nenhum instante deixara de vigiar "pelas franquezas políticas e pelo bem estar material" daqueles que viviam "dia e noite curvados para a terra, moirejando nas fábricas e oficinas" e que poderiam sofrer, "sob os agraves da sua desventurada sorte, as torturas de um fisco insaciável e as opressões de ambiciosos governantes". Diante de mandatários que ousavam "perturbar nos seus tradicionais fundamentos a vida administrativa dos distritos, a autonomia dos concelhos e a maneira de ser da paróquia", impondo "odiosos tributos", a folha jurava que não esqueceria nunca a sua proveniência, nem renegaria a sua origem e, com a bandeira do povo e de seu partido, garantia que combateria sempre[104].

[104] O PRIMEIRO DE JANEIRO. Porto, 1º jan. 1889. A. 21. N. 1. p.1.



O PAIZ

PROPRIETARIO, CASPAR FERREIRA BALTAR

PORTO—Sabbado 7 de novembro

TIRAGEM 18:000 EXEMPLARES

CRONICAS BRAZILEIRAS

PROVINCIAS

FOLHETIM

PAUL D'AIGREMONT

CORAÇÃO D'OURO

QUARTA PARTE

A VOZ DO SANGUE

A Gazeta dos accionistas

A Assocíação Commercial do Porto e a quinta feira

Tribunal commercial de Porto

Palacio de Cristal

NA RUSSIA

ARTE E ARTISTAS

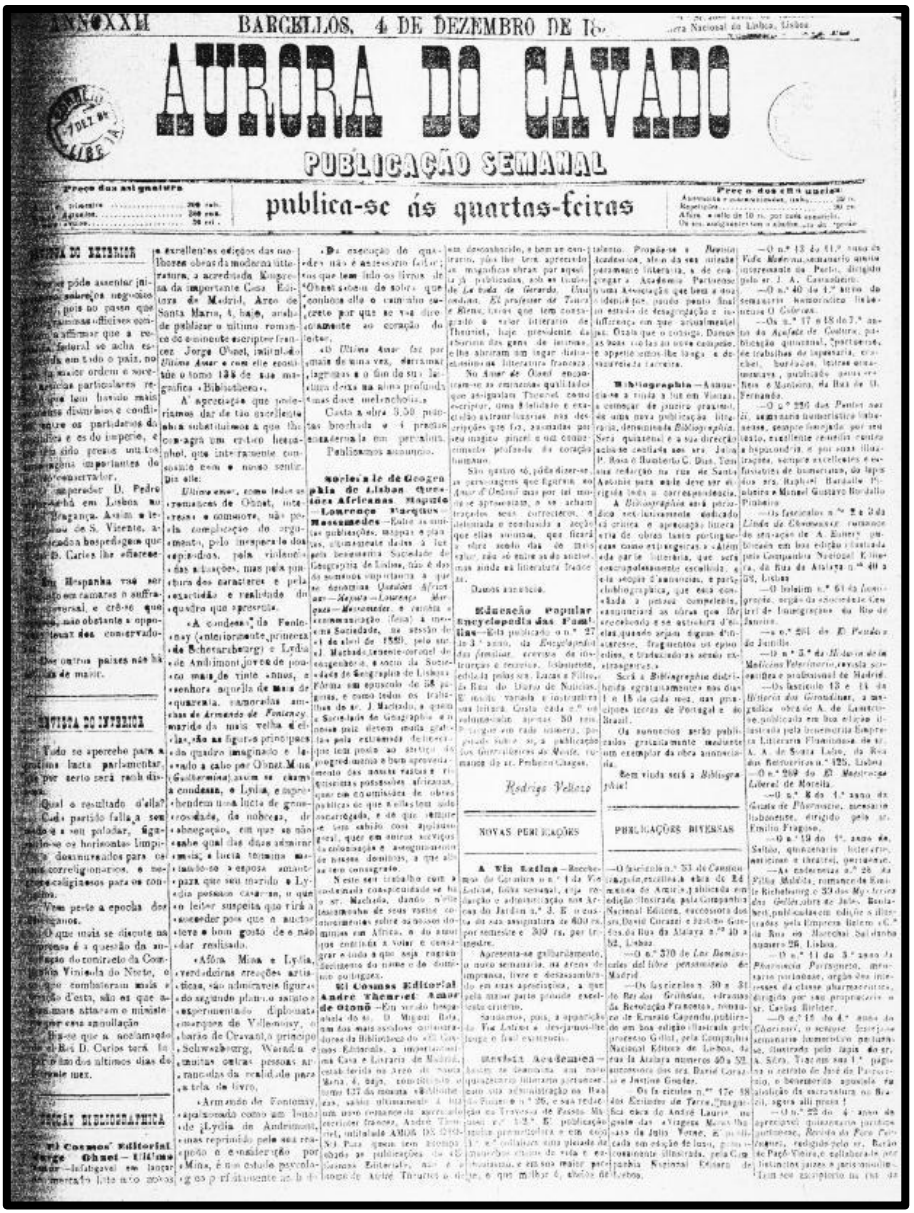
INTERIOR

EXTERIOR

BOLETIM POLITICO

A *Aurora do Cávado* foi outra publicação representante do jornalismo regional lusitano, sendo publicada na localidade de Barcelos. Seu título lembrava a região na qual era editada, ao norte de Portugal, no distrito de Braga. Era publicada semanalmente e circulou entre os anos de 1868 e 1895[105]. Buscando atuar como defensor dos interesses locais e regionais, tal semanário intentava manter um caráter predominantemente noticioso em suas manifestações.

[105] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 87.



ANNO XXII — BARCELLOS, 4 DE DEZEMBRO DE 18[illegible]

AURORA DO CAVADO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

publica-se ás quartas-feiras

Preço das assignaturas

Preço dos annuncios

REVISTA DO EXTERIOR

Nos se póde assentar juizo sobre os negocios [illegible], pois no passo que [illegible] ramas officiaes con[illegible] a affirmar que a re[illegible] federal se acha es[illegible] em todo o paiz, no [illegible] maior ordem e sove[illegible] particulares re[illegible] que tem havido mais [illegible] disturbios e conflic[illegible] entre os partidarios da [illegible] e os do imperio, e [illegible] sido presos muitos [illegible] importantes do [illegible] conservador.

O imperador D. Pedro [illegible] em Lisboa no [illegible] Bragança. Assim o te[illegible] de S. Vicente, a[illegible] hospedagem que [illegible] D. Carlos lhe offerece[illegible]

Em Hespanha vae ser [illegible] em camaras o suffra[illegible] universal, e crê-se que [illegible], não obstante a oppo[illegible] tenaz dos conservado[illegible]

Dos outros paizes não há [illegible] de maior.

REVISTA DO INTERIOR

Tudo se apercebe para a [illegible] lucta parlamentar, [illegible] por certo será rauh dis[illegible]

Qual o resultado d'ella? Cada partido falla a seu [illegible] e a seu paladar, figu[illegible] os horizontes limpi[illegible] desanuvendos para os [illegible] correligionarios, e ne[illegible] caliginosos para os con[illegible]

Vem perto a epocha dos [illegible]

O que mais se discute na [illegible] é a questão da an[illegible] do contracto da Com[illegible] Vinicola do Norte, e [illegible] que combateram mais a [illegible] d'esta, são os que a[illegible] mais attacam o ministe[illegible] por essa annullação

Diz-se que a acclamação [illegible] D. Carlos terá [illegible] dos ultimos dias do [illegible] mez.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

El Cosmos Editorial Jorge Ohnet — Ultimo Amor — Infatigavel em lançar [illegible] mercado litterario novos e excellentes edições das melhores obras da moderna litteratura, a acreditada Empresa da importante Casa Editora de Madrid, Arco de Santa Maria, 4, bajo, acaba de publicar o ultimo romance do eminente escriptor francez Jorge Ohnet, intitulado *Ultimo Amor* e com elle constitue o tomo 138 de sua magnifica «Bibliotheca».

A' apreciação que poderiamos dar de tão excellente obra substituimos a que lhe consagra um critico hespanhol, que interamente consoante com o nosso sentir. Diz elle:

Ultimo amor, como todos os romances de Ohnet, interessa e commove, não pela complicação do argumento, pelo inesperado dos episodios, pela violencia das situações, mas pela pintura dos caracteres e pela exactidão e realidade do quadro que apresenta.

«A condessa de Fontenay (anteriormente princeza de Schwarzbourg) e Lydia de Andrimont jovem de pouco mais de vinte annos, e senhora aquella de mais de quarenta, namoradas ambas de *Armando de Fontenay*, marido da mais velha d'ellas, são as figuras principaes do quadro imaginado e levado a cabo por Ohnet. Mina (*Guilhermina*) assim se chama a condessa, e Lydia, e apprehendem uma lucta de generosidade, de nobreza, de abnegação, em que se não sabe qual das duas admirar mais; a lucta termina matando-se a esposa amante para que seu marido e Lydia possam casar-se, o que o leitor suspeita que virá a succeder pois que o auctor teve o bom gosto de o não dar realisado.

«Afóra Mina e Lydia, verdadeiras creações artisticas, são admiraveis figuras do segundo plano o astuto e experimentado diplomata marquez de Villemoisy, o barão de Cravant, o principe Schwarzbourg, Waradin e muitas outras pessoas arrancadas da realidade para a tela do livro.

«Armando de Fontenay, apaixonado como um louco de Lydia de Andrimont, mas reprimido pela sua respeito e consideração por Mina, é um estudo psycologico perfeitamente acabado.

«Da execução do quadro não é necessario falar; os que tem lido os livros de Ohnet sabem de sobra que conhece elle o caminho secreto por que se vae directamente ao coração do leitor.

«O *Ultimo Amor* faz por mais de uma vez, derramar lagrimas e o fim de sua leitura deixa na alma profunda mas doce melancholia.»

Custa a obra 3,50 pesetas brochada e 4 pesetas encadernada em percalina.

Publicamos annuncio.

Sociedade de Geographia de Lisboa. Questões Africanas. Maputo — Lourenço Marques — Mossamedes — Entre as muitas publicações, mappas e plantas, ultimamente dadas á luz pela benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, não é das de somenos importancia a que se denomina *Questões Africanas — Maputo — Lourenço Marques — Mossamedes*, e remeta a communicação (feita) á mesma Sociedade, na sessão de 1 de abril de 1889, pelo snr. J. Machado, tenente-coronel de engenheria, e socio da Sociedade de Geographia de Lisboa. Fórma um opusculo de 58 paginas, e como todos os trabalhos do sr. J. Machado, a quem a Sociedade de Geographia em nosso paiz devem muita gratidão pela extremada dedicação que tem posto ao serviço do progredimento e bom aproveitamento das nossas vastas e riquissimas possessões africanas, quer em commissões de obras publicas de que a ellas tem sido encarregada, e de que sempre se tem sahido com applauso geral, quer em outros serviços da colonisação e asseguramento de nossos dominios, a que alli se tem consagrado.

N'este seu trabalho com a costumada conspicuidade se ha o sr. Machado, dando n'elle testemunho de seus vastos conhecimentos sobre os nossos dominios em Africa, e do amor que continúa a votar e consagrar e tudo o que seja engrandecimento do nome e do dominio portuguez.

El Cosmos Editorial André Theuriet: Amor de Otonô — Em versão hespanhola do sr. D. Miguel Rata, um dos mais assiduos collaboradores da Bibliotheca do «El Cosmos Editorial», a importantissima Casa e Livraria de Madrid, estabelecida no Arco de Santa Maria, 4, bajo, constituindo o tomo 137 da mesma «Bibliotheca», saiu ultimamente á luz um novo romance do apreciado escriptor francez, André Theuriet, intitulado AMOR DE OTONÔ. Para quem tem acompanhado as publicações do «El Cosmos Editorial», não é o nome de André Theuriet o de um desconhecido, e bem ao contrario, pois lhe tem apreciado as magnificas obras por aquella já publicadas, sob os titulos de *La boda de Gerardo*, *Una ondina*, *El professor de Tours e Siena*, livros que tem consagrado o valor litterario de Theuriet, hoje presidente da «Sociedade dos gens de lettres», e lhe abriram um logar distinctissimo na litteratura francesa.

No *Amor de Otonô* encontram-se as eminentes qualidades que assignalam Theuriet como escriptor, uma fidelidade e exactidão extraordinarias nas descripções que faz, animadas por seu magico pincel e um conhecimento profundo do coração humano.

São quatro só, póde dizer-se, as personagens que figuram no *Amor d'Otonô* mas por tal modo se apresentam, e se acham traçados seus correctores, e delineada e conduzida a acção que ellas animam, que ficará a obra sendo das de mais valor, não só entre as do auctor, mas ainda na litteratura francesa.

Damos annuncio.

Educação Popular Encyclopedia das Familias — Está publicado o n.º 27 do 3.º anno, da *Encyclopedia das familias*, revista de instrucção e recreio, lisbonense, editada pelos srs. Lucas e Filho, da Rua do Diario de Noticias. E' muito variada e instructiva sua leitura. Custa cada n.º ou volume-lhe apenas 50 reis. Protegem em cada numero, pagando sobre si, a publicação dos Guerrilheiros do Monte, romance do sr. Pinheiro Chagas.

Rodrigo Velloso

NOVAS PUBLICAÇÕES

A Via Latina — Recebemos de Coimbra o n.º 1 da *Via Latina*, folha semanal, cuja redacção e administração nos Arcos do Jardim n.º 3. E' o custo da sua assignatura de 600 rs. por semestre e 300 rs. por trimestre.

Apresenta-se galhardamente, o novo semanario, na arena de imprensa, livre e desassombrado em suas apreciações, a que pela maior parte prende excellente criterio.

Saudamos, pois, a apparição da *Via Latina* e desejamos-lhe longa e fraternal existencia.

Revista Academica — Assim se denomina um novo quinzenario litterario portuense, com sua administração na Rua do Fomento n.º 26, e sua redacção na Travessa de Passos Manoel n.º 1-2.º. E' publicação muito premettedora e em cujo 1.º n.º collabora uma pleiade de manoeuvres chaves de vida e entusiasmo, e em sua maior parte, o que melhor é, cheios de talento. Propõe-se a *Revista Academica*, além da sua missão puramente litteraria, a de congregar a Academia Portuense n'uma Associação que bem a nos a identifique, pondo ponto final ao estado de desagregação e indifferença em que actualmente jaz. Ouxalá que o consiga. Damos as boas vindas ao novo campeão, e appetitosamente lhe longa e desanuvelada carreira.

Bibliographia — Annuncia-se a vinda á luz em Vianna, a começar de janeiro proximo, de uma nova publicação litteraria, denominada *Bibliographia*. Será quinzenal e a sua direcção acha-se confiada aos srs. Julio P. Rosa e Humberto C. Dias. Tem sua redacção na rua de Santo Antonio para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

A *Bibliographia* será periodico exclusivamente dedicado á critica e apreciação litteraria de obras tanto portuguezas como estrangeiras. «Além da parte litteraria, que será escrupulosamente escolhida, e da secção d'annuncios, e parte bibliographica, que está confiada a pessoa competente, annunciará as obras que lhe recebendo e se estrutura d'ellas, quando sejam dignas d'interesse, fragmentos ou episodios, e traduzindo-as sendo extrangeiras.»

Será a *Bibliographia* distribuida gratuitamente nos dias 1 e 15 de cada mez, nas principaes terras de Portugal e do Brazil.

Os annuncios serão publicados gratuitamente mediante um exemplar da obra annunciada.

Bem vinda será a *Bibliographia*!

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

— O fasciculo n.º 53 de *Constantinopla*, excellente obra de Edmundo de Amicis, publicada em edição illustrada pela Companhia Nacional Editora, successora dos srs. David Corazzi e Justino Guedes, da Rua da Atalaya n.ºs 40 a 52, Lisboa.

— O n.º 370 de *Los Domingos del libre pensamiento* de Madrid.

— Os fascicules n.º 30 e 31 de *Rei dos Grilhões*, «dramas da Revolução Francesa», romance de Ernesto Capendu, publicado em boa edição illustrada pelo processo Gillet, pela Companhia Nacional Editora de Lisboa, da rua da Atalaya numeros 40 a 52, successora dos srs. David Corazzi e Justino Guedes.

— Os fascicules n.ºs 17 e 18 dos *Exilados da Terra*, magnifica obra de André Laurie, na gesta das «Viagens Maravilhosas» de Julio Verne. E' publicada em edição de luxo, pomposamente illustrada, pela Companhia Nacional Editora de Lisboa.

— O n.º 13 do 11.º anno da *Vida Moderna*, semanario muito interessante do Porto, dirigido pelo sr. J. A. Castanheiro.

— O n.º 40 do 1.º anno do semanario humoristico lisbonense *O Cabrera*.

— Os n.º 17 e 18 do 7.º anno do *Agafate de Costura*, publicação quinzenal, portuense, de trabalhos de tapessaria, crochet, bordados, leitras ornamentaes, publicado pelos srs. Reis e Monteiro, da Rua de O. Fernando.

— O n.º 226 dos *Pontos nos ii*, semanario humoristico lisbonense, sempre festejado por seu texto, excellente remedio contra a hypocondria, e por suas illustrações, sempre excellentes e esfusiantes de humorismo, do lapis dos srs. Raphael Bordallo Pinheiro e Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro.

— Os fascicules n.ºs 2 e 3 da *Linda de Chamounix*, romance de sensação de A. Ennery publicado em boa edição illustrada pela Companhia Nacional Editora, da Rua da Atalaya n.ºs 40 a 52, Lisboa.

— O boletim n.º 61 da *Immigração*, orgão da «Sociedade Central de Immigração» do Rio de Janeiro.

— O n.º 261 do *El Pendon* de Jumilla.

— O n.º 3.º da *Historia de la Medicina Veterinaria*, revista scientifica e profissional de Madrid.

— Os fascicules 13 e 14 da *Historia dos Girondinos*, a magnifica obra de A. de Lamartine, publicada em boa edição illustrada pela benemerita Empresa Litteraria Fluminense de sr. A. A. de Souza Lobo, da Rua dos Retrozeiros n.º 125, Lisboa.

— O n.º 269 do *El Maestrazgo Liberal* de Morella.

— O n.º 8 do 1.º anno da *Gazeta de Pharmacia*, mensario lisbonense, dirigido pelo sr. Emilio Fragoso.

— O n.º 19 do 1.º anno do *Saltão*, quinzenario litterario, noticioso e theatral, portuense.

— As enfermeiras n.º 26 da *Filha Maldita*, romance de Emile Richebourg, e 33 dos *Mysterios dos Gellés*, obra de Jules Boulabert, publicadas em edição illustradas pela Empresa Belem «C.ª da Rua do Marechal Saldanha numero 26, Lisboa.

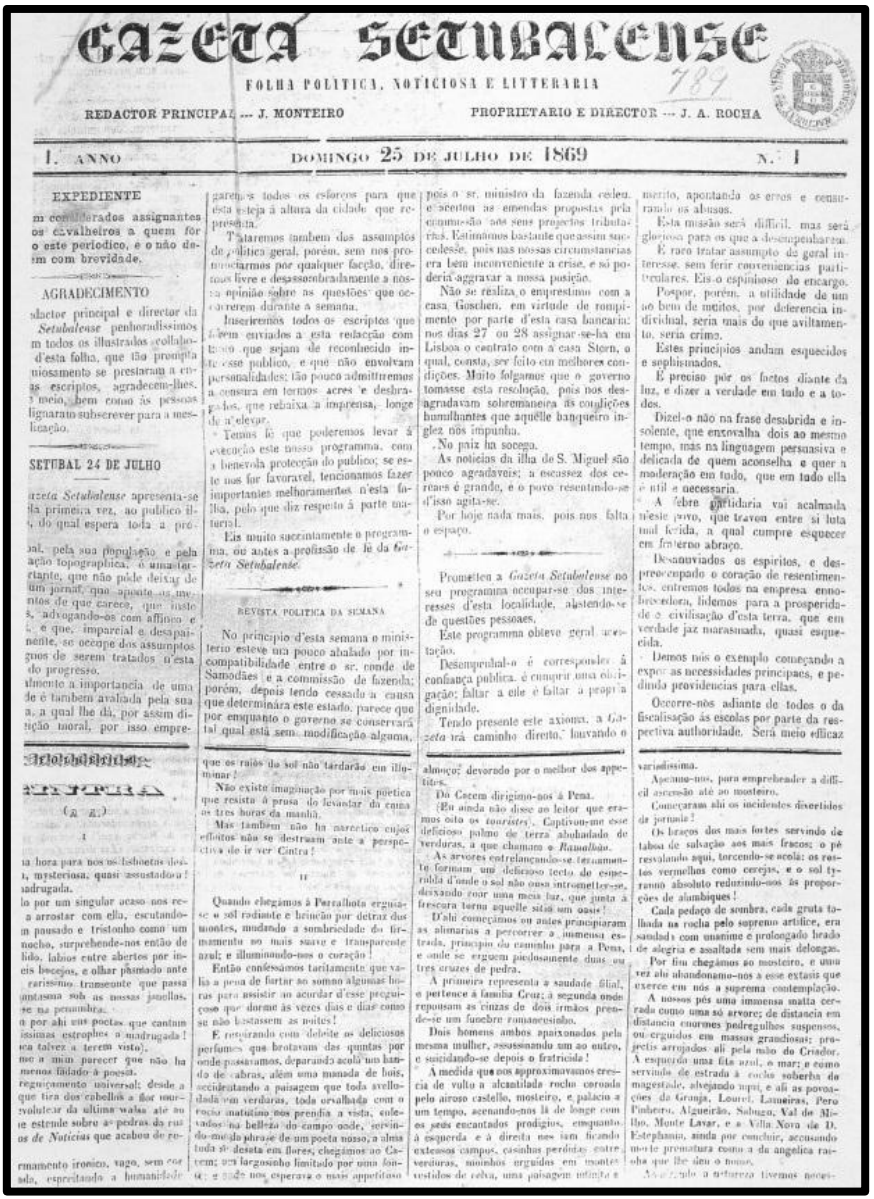
— O n.º 11 do 3.º anno da *Pharmacia Portugueza*, mensario portuense, orgão dos interesses da classe pharmaceutica, dirigida por seu proprietario o sr. Carlos Richter.

— O n.º 15 do 4.º anno do *Charivari*, o sempre festejado semanario humoristico portuense, illustrado pelo lapis do sr. A. Silva. Traz em sua 1.ª pagina o retrato de José de Patrocinio, o benemerito apostolo da abolição da escravatura no Brazil, agora alli preso!

— O n.º 22 do 4.º anno do apreciavel quinzenario juridico portuense, *Revista do Foro Portuguez*, redigido pelo sr. Barão de Paço-Vieira, e collaborado por distinctos juizes e jurisconsultos. Tem seu escriptorio na rua da

Também representando a imprensa regional, no caso de Setúbal, circulou a folha semanal *Gazeta Setubalense*, editada entre 25 de julho de 1869 e 22 de fevereiro de 1891[106]. Considerava que "Setúbal, pela sua população e situação topográfica", era "uma terra importante" que não poderia deixar de possuir um jornal que apontasse os melhoramentos de que carecia, "advogando-os com afinco" e que, "imparcial e desapaixonadamente", se ocupasse dos "assuntos dignos de serem tratados" em prol do progresso citadino. Nesse sentido, garantia realizar "todos os esforços" para que estivesse à altura da cidade que representava. Anunciava que trataria "também dos assuntos de política geral", sem, porém, se pronunciar "por qualquer facção", dizendo, "livre e desassombradamente" a sua opinião sobre as questões semanais, mantendo o compromisso de inserir escritos que fossem "de reconhecido interesse público"[107].

[106] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 380.
[107] GAZETA SETUBALENSE, Setúbal, 25 jul. 1869. A. 1. N. 1. p. 1.



GAZETA SETUBALENSE

FOLHA POLITICA, NOTICIOSA E LITTERARIA

REDACTOR PRINCIPAL — J. MONTEIRO — PROPRIETARIO E DIRECTOR — J. A. ROCHA

I. ANNO — DOMINGO 25 DE JULHO DE 1869 — N.º 1

EXPEDIENTE

m considerados assignantes
os cavalheiros a quem for
o este periodico, e o não de-
em com brevidade.

AGRADECIMENTO

ıdactor principal e director da
Setubalense penhoradissimos
m todos os illustrados collabo-
d'esta folha, que tão prompta
niossamente se prestaram a en-
as escriptos, agradecem-lhes,
meio, bem como ás pessoas
lignaram subscrever para a mes-
licação.

SETUBAL 24 DE JULHO

azeta Setubalense apresenta-se
da primeira vez, ao publico il-
, do qual espera toda a pro-

pal, pela sua população e pela
ação topographica, é uma ten-
tante, que não póde deixar de
um jornal, que aponte os me-
ntos de que carece, que inste
s, advogando-os com affinco e
, e que, imparcial e desapai-
nente, se occupe dos assumptos
guos de serem tratados n'esta
do progresso.
almente a importancia de uma
de é tambem avaliada pela sua
a, a qual lhe dá, por assim di-
ição moral, por isso empre-

[illegible]

[illegible]

(2 a.)

I

na hora para nos os lisbonetas dos
i, mysteriosa, quasi assustadora!
adrugada.
lo por um singular acaso nos re-
a arrostar com ella, escutando-
n pausado e tristonho como um
nocho, surprehende-nos então de
lido, labios entre abertos por in-
eis bocejos, e olhar pasmado ante
rarissimo transeunte que passa
antasma sob as nossas janellas,
se na penumbra.
a por ahi uns poetas que cantam
issimas estrophes a madrugada!
ca talvez a terem visto),
me a mim parecer que não ha
menos fadado á poesia.
regnicamento universal: desde a
que tira dos cabellos a flor tour-
volutear da ultima walsa até ao
e estende sobre as pedras da rua
os de Noticias que acabou de re-

rnamento ironico, vago, sem cor
olo, especulando a humanidade

garemos todos os esforços para que
esta esteja á altura da cidade que representa.

Trataremos tambem dos assumptos de politica geral, porém, sem nos pronunciarmos por qualquer facção, direi-mos livre e desassombradamente a nossa opinião sobre as questões que occorrerem durante a semana.

Inseriremos todos os escriptos que nos forem enviados a esta redacção com tanto que sejam de reconhecido interesse publico, e que não envolvam personalidades; tão pouco admittiremos a censura em termos acres e deshumanos, que rebaixa a imprensa, longe de a elevar.

Temos fé que poderemos levar á execução este nosso programma, com a benevola protecção do publico; se esta benevola protecção do publico se nos for favoravel, tencionamos fazer-lhe importantes melhoramentos n'esta folha, pelo que diz respeito á parte material.

Eis muito succintamente o programma, ou antes a profissão de fé da *Gazeta Setubalense*.

REVISTA POLITICA DA SEMANA

No principio d'esta semana o ministerio esteve um pouco abalado por incompatibilidade entre o sr. conde de Samodães e a commissão de fazenda; porém, depois tendo cessado a causa que determinára este estado, parece que por emquanto o governo se conservará tal qual está sem modificação alguma.

que os raios do sol não tardarão em illuminar!

Não existe imaginação por mais poetica que resista á prosa de levantar da cama ás tres horas da manhã.

Mas tambem não ha narcotico cujos effeitos não se destruam ante a perspectiva de ir ver Cintra!

II

Quando chegámos á Ferralhota erguia-se o sol radiante e brincão por detraz dos montes, mudando a sombriedade do firmamento no mais suave e transparente azul; e illuminando-nos o coração!

Então confessámos tacitamente que valia a pena de fartar-se somno algumas horas para assistir ao acordar d'esse preguiçoso que dorme ás vezes dias e dias como se não bastassem as noites!

E respirando com delleite os deliciosos perfumes que brotavam das quintas por onde passavamos, deparando acolá um bando de cabras, além uma manada de bois, occidentando a paisagem que toda avelludada em verduras, toda orvalhada com o fresco matutino nos prendia a vista, enlevados na belleza do campo onde, servindo-me da phrase de um poeta nosso, a alma toda se desata em flores, chegámos ao Cotovia; um largo sitio limitado por uma fonte, e onde nos esperava o mais appetitoso

pois o sr. ministro da fazenda cedeu, e acceitou as emendas propostas pela commissão aos seus projectos tributarios. Estimamos bastante que assim succedesse, pois nas nossas circumstancias era bem inconveniente a crise, e só poderia aggravar a nossa posição.

Não se realiza o emprestimo com a casa Goschen, em virtude de rompimento por parte d'esta casa bancaria: nos dias 27 ou 28 assignar-se-ha em Lisboa o contrato com a casa Stern, a qual, consta, se feito em melhores condições. Muito folgamos que o governo tomasse esta resolução, pois nos desagradavam sobremaneira as condições humilhantes que aquelle banqueiro inglez nos impunha.

No paiz ha socego.

As noticias da ilha de S. Miguel são pouco agradaveis; a escassez dos cereaes é grande, e o povo resentindo-se d'isso agita-se.

Por hoje nada mais, pois nos falta o espaço.

Prometteu a *Gazeta Setubalense* no seu programma occupar-se dos interesses d'esta localidade, afastando-se de questões pessoaes.

Este programma obteve geral acceitação.

Desempenhal-o é corresponder á confiança publica, é cumprir uma obrigação; faltar a elle é faltar á propria dignidade.

Tendo presente este axioma, a *Gazeta* irá caminho direito, louvando o

almoço; devorado por o melhor dos appetites.

Do Cezem dirigimo-nos á Pena.

(Eu ainda não disse ao leitor que eramos oito os *touristes*). Captivou-me esse delicioso palmo de terra abubadado de verduras, a que chamam o *Ramalhão*.

As arvores entrelaçando-se fraternalmente formam um delicioso tecto de esmeralda d'onde o sol não ousa intrometter-se, deixando reinar uma meia luz, que gosta a frescura torna aquelle sitio um oasis!

D'ahi começámos ou antes principiaram as alimarias a percorrer a immensa estrada, principio do caminho para a Pena, e onde se erguem piedosamente duas ou tres cruzes de pedra.

A primeira representa a saudade filial, e pertence á familia Graça; a segunda onde repousam as cinzas de dois irmãos prende-se um funebre romancesinho.

Dois homens ambos apaixonados pela mesma mulher, assassinando um ao outro, e suicidando-se depois o fratricida!

A medida que nos approximavamos crescia de vulto a alcantilada rocha coroada pelo airoso castello, mosteiro, e palacio a um tempo, acenando-nos lá de longe com os seus encantados prodigios, emquanto á esquerda e á direita nos iam ficando extensos campos, casinhas perdidas entre verduras, moinhos erguidos em montes vestidos de relva, uma paisagem infinita e

merito, apontando os erros e censurando os abusos.

Esta missão será difficil, mas será gloriosa para os que a desempenharem.

E raro tratar assumpto de geral interesse, sem ferir conveniencias particulares. Eis-o espinhoso do encargo.

Pospor, porém, a utilidade de um ao bem de muitos, por deferencia individual, seria mais do que aviltamento, seria crime.

Estes principios andam esquecidos e sophismados.

É preciso pôr os factos diante da luz, e dizer a verdade em tudo e a todos.

Dizel-o não na frase desabrida e insolente, que envolvalha dois ao mesmo tempo, mas na linguagem persuasiva e delicada de quem aconselha e quer a moderação em tudo, que em tudo ella é util e necessaria.

A febre partidaria vai acalmada n'este povo, que travou entre si luta mal ferida, a qual cumpre esquecer em fraterno abraço.

Desanuviados os espiritos, e despreoccupado o coração de resentimentos, entremos todos na empresa ennobrecedora, lidemos para a prosperidade e civilisação d'esta terra, que em verdade jaz marasmada, quasi esquecida.

Demos nós o exemplo começando a expor as necessidades principaes, e pedindo providencias para ellas.

Occorre-nos adiante de todos o da fiscalisação ás escolas por parte da respectiva authoridade. Será meio efficaz

variadissima.

Apeamo-nos, para empreheader a difficil ascensão até ao mosteiro.

Começaram ahi os incidentes divertidos de jornada!

Os braços dos mais fortes servindo de taboa de salvação aos mais fracos; o pé resvalando aqui, torcendo-se acolá: os restos vermelhos como cerejas, e o sol tyranno absoluto reduzindo-nos ás proporções de alumbiques!

Cada pedaço de sombra, cada gruta talhada na rocha pelo supremo artifice, era saudada com unanime e prolongado brado de alegria e assaltada sem mais delongas.

Por fim chegámos ao mosteiro, e uma vez ahi abandonamo-nos a esse extasis que exerce em nós a suprema contemplação.

A nossos pés uma immensa matta cerrada como uma só arvore; de distancia em distancia enormes pedregulhos suspensos, ou erguidos em massas grandiosas; projectis arrojados ali pela mão do Creador. A esquerda uma fita azul, o mar; e como servindo de estrada á cocha soberba de magestade, alvejando aqui, e ali as povoações da Granja, Lourel, Lameiras, Pero Pinheiro, Algueirão, Sabugo, Val de Milho, Monte Lavar, e a Villa Nova de D. Estephania, ainda por concluir, accusando-lhe prematura edade como a da angelica raceba que lhe deu o nome.

Admirando a natureza tivemos neces-

Na capital do reino circulou outro diário noticioso, o *Jornal da Noite*, editado entre 2 de janeiro de 1871 e 31 de março de 1892[108]. Representou uma inovação no que tange às técnicas de circulação dos periódicos de então, pois foi "o primeiro vespertino, uma novidade no periodismo português, embora alguns grandes matutinos" chegassem a "publicar, por vezes, quando os acontecimentos o exigiam, segundas edições durante a tarde"[109]. Em sua primeira edição, limitou-se a publicar um "expediente", informando sobre seu quadro funcional, anúncios e assinaturas[110].

[108] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 21-22.
[109] TENGARRINHA, 1989. p. 185.
[110] JORNAL DA NOITE. Lisboa, 2 jan. 1871. A. 1. N. 1. p. 1.

Nº 5884 — Terça-feira, 19 de novembro de 1889 — 19.º anno

JORNAL DA NOITE

DIRECTOR POLITICO, LUCIANO CORDEIRO

LISBOA, 19 DE NOVEMBRO

Nós e a revolução no Brazil

Rio de Janeiro, 18, m.
Todos os vinte Estados do Brazil proclamaram a Republica.
Reina socego.
Não está ainda fixada a data para as eleições da assembléa nacional constituinte.

(Havas).

Paris, 19, m.
Em Paris não se ligou a menor importancia ao telegramma de Madrid, publicado pelo «Tempo», dizendo que a revolução no Brazil teria a sua repercussão em Hespanha.

(Havas).

Londres, 19, m.
Os grandes jornaes inglezes voltam a occupar-se hoje dos assumptos do Brazil.

...

Visconde de Benalcanfor

Falleceu o visconde de Benalcanfor.

...

Duas questões africanas

(Continuação)

IV

...

Netto e Vasconcellos

...

Entre 1871 e 1891[111] circulou outro representante do periodismo regional luso, *O Correio do Ave*, publicado duas vezes por semana na Vila do Conde. Anunciava-se como uma "folha política e noticiosa", e seu título advinha da zona onde se localizava a sua sede, ao norte da foz do rio Ave, no distrito do Porto. Nos anos noventa, ao retomar sua edição, após uma breve interrupção, o jornal expressava alguns de seus princípios editoriais, voltados essencialmente à defesa da causa da grei progressista. De acordo com tal perspectiva, dizia que permaneceria abraçado "à mesma bandeira política" que desfraldara desde a sua gênese, atuando "com o denodo e a intrepidez de um combatente firme e leal", para o que não lhe faltariam alento e força. Declarava também estar dominado "pela mesma cálida fé e pelo mesmo ardente entusiasmo", pelo qual soubera "captar a consideração e estima do Partido Progressista", chegando a ser reputado como órgão partidário no concelho a que pertencia. Destacava que, "animado pela mesma crença partidária" estava pronto "a descer à estacada" sempre que fosse mister, agindo "como fautor principal na disseminação do seu credo" aos povos da região[112].

[111] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 209.
[112] O CORREIO DO AVE. Vila do Conde, 4 ago. 1891. A. 22. N. 153. p.1.

ANUNCIOS

O CORREIO DO AVE

FOLHA POLITICA E NOTICIOSA

Anno XXII

PREÇO DA ASSIGNATURA
Villa do Conde, anno..... 2$000 réis
Provincia..... 2$250 »
Brasil, moeda forte..... 3$000 »

Publica-se às terças e sextas-feiras
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA NOVA, 28, VILLA DO CONDE

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
Annuncios, cada linha..... 50 réis
No corpo do jornal, cada linha.. 40 »
Communicados..... 40 »

Terça-feira, 4 de agosto de 1891

N.º 155

Reapparece, hoje, o «Correio do Ave».

A sorte subtrahiu do nosso obscuro editor J. A. Palmeirim Gomes forçou-nos a uma suspensão que — frisemol-o — ardentemente desejavamos seria mais longa. Ajuda bem que o interregno foi curto, e assim podemos recomeçar a nossa tarefa.

Eis-nos, pois, abraçados á mesma bandeira politica que, ha vinte e dous annos, foi desfraldada pelo «Correio do Ave» com o denodo e intrepidez de um conductor forte e leal, e de que testemunhas vossos dão testemunho provas. Nem lhe encontraram alentos, nem lhe minguará força.

Pois já agora que o nosso brio e ardor estão estimulados, queremos deixar dominar-nos pela mesma enthusiasmo que até aqui soube captar a consideração e estima do partido progressista n'este concelho, pelo qual foi e tem sido absorvidamente repartido e seu orgão, — alta sem precedentes para tão honrosa distincção.

Nem menos cuidado que até aqui, e mais valentes ainda, se do mais valer formos capazes, estamos no nosso posto, animado pela mesma crença partidaria e promptos a dizer á estacada todas as vezes que for mister. Abrogados á bandeira politica ha tantos annos desenrolada pelo «Correio do Ave» e que, como factor principal na disseminação do nosso credo nos povos d'este concelho, tantos dias de gloria tem dado ao partido progressista, os sulcemos vencedor das refregas, vendo com orgulho a flammar triumphante d'essa mesma bandeira, os descommunaes á sepultura cravado nas suas dobras, como já hasteiam os nossos saudosos predecessores dr. Antonio José Lopes de Azevedo Lima e Joaquim Antonio Felisardo Gomes.

Não temos, pois, novo programma a desenvolver para ser revisto e archivado por todos os que n'este momento nos escutam. Ha muito que foi traçado por aquelles que respeitamos como mestres, e em vinemnos um d'elles como chefe politico, por cujos mãos a honra do partido a que temos a honra de pertencer. Hesita-nos sómente cumprir esse programma, e para isso erâmos que nos sentiremos animados de alentos, nem minguou de força.

Os Admiradores da Luz

Escripturarios de fazenda

Haverá no funccionalismo publico empregados mais desprezados, mais vis que estes?

Ha-os em condições um pouco eguaes aos abaixo de todos e os nossos olhados pelo governo são elles.

Temos os escrivães de direito que um certas comarcas os emolumentos são eguaes ou talvez superiores aos dos escrivães de fazenda como o são os de Alijó, Lamego, Vizeu e muitas outras.

E' verdade que temos Fronteira, Sattam e Taboaço e um sem numero de igual cathegoria onde o pobre escrivão por mais que trabalhe não lhe chegam os emolumentos para comer, quanto mais para se levarem pelo caminho quasi sua posição muda.

No entanto dizem elles hoje n'estas ordinarias, amanhã n'esta hora o rendem.

Agora um escripturario de fazenda... do que vive?

Do ordenado de 125$00 réis, que abatendo todos os descontos fica em 105$140 réis. Será isto regular?

E' justo, é regular, é bom; pois em seguida aquella mesquinhez como se papel da reparticão, veste-se com cohonestos da contribuição predial, e faz calçado dos impressos das matrizes.

Veja com bons olhos isto o governo actual, já que os seus antecessores não o fizeram.

São queixas que ouvem todos os dias d'estes empregados e com razão.

São os unicos que vivem na maior desgraça, os mesmos vistos pelo seu ministro e os mais odiados pelo povo.

O ex.mo Ministro da Fazenda que veja o odio, o rancor e a desgraçada furia que os povos lançam aquelles empregados, porque rigorosamente querem cumprir suas leis e depois já vê se são pagos como devem ou não.

Justiça e só justiça peço um nome de todos estes empregados ao ex.mo ministro da Fazenda.

S. ex.ª sabe perfeitamente que os ordenados são uma miseria, e se os de Lisboa e Porto levam 200$000 réis, qual a razão porque os dos mais concelhos os não devem ter?

E' verdade que os ordenados são eguaes; mas 505000 réis de exercicio e 1505000 do ordenado fazem a mesma conta de réis 2005000.

Não terão os restantes empregados,—escripturarios da fazenda—além dos de Lisboa e Porto o mesmo trabalho?

Temo, e talvez mais ainda.

E qual a razão de não terem os 505000 réis de exercicio?

S. ex.ª o sabe e eu entendo. Novamente peço justiça e egualdade para todos.

Hoje ficará por aqui e creio que s. ex.ª entrará na igualdade.

S.

EXPEDIENTE

Aos srs. assignantes do «Correio do Ave», que ainda estão em divida a esta redacção, pela importancia das suas assignaturas, pedimos o favor de solver os seus debitos, para regularidade da administração.

OS FRANCOS

E' como segue o decreto ha dias publicado no *Diario do Governo* que determina que os francos tenham temporariamente curso legal em Portugal.

Attendendo ás condições actuaes dos mercados monetarios do paiz, e considerando:

1.º Que as operações da amoedação na casa da moeda, apesar da actividade e zelo da sua administração e de todos os seus empregados, não satisfazem as justas exigencias de moeda metallica reclamada de todos os pontos do paiz;

2.º Que a moeda divisionaria franceza de 1 franco tem pouco mais ou menos igual ao da moeda portugueza de 200 réis, podendo facilmente concorrer com esta para facilitar as trocas, visto que a differença no toque é insignificante em relação aos fins a que ha de ser applicada a mesma moeda e póde ser, além d'isso, limitar-se ao governo a facilidade de a importar;

3.º Que embora a moeda franceza de que se trata não tenha poder liberatorio para as transacções da maior valia em França, é conveniente, quando introduzida nos mercados portuguezes, evitar por todos logares a sua sahida, bem como a da moeda portugueza de mesma especie, pelo menos, temporariamente, emquanto durar a crise monetaria que tem pesado sobre o paiz:

Hei por bem determinar o seguinte, usando da auctorisação concedida ao governo pela carta de lei de 20 de junho ultimo:

Artigo 1.º As moedas francezas de prata denominadas «1 franco» terão, temporariamente, curso legal em Portugal, pelo valor de 200 réis, contanto que tenham 5 grammas de peso.

§ 1.º A proporção que se tor cunhada moeda de prata nacional, o governo trocará as moedas de 1 franco pelo equivalente em moeda de prata portugueza á razão de 200 réis o franco.

§ 2.º A importação das moedas, a que se refere este artigo, só póde ser feita pelo governo ou com sua autorisação.

Art. 2.º E' prohibida, temporariamente, a exportação das moedas francezas de prata que forem lançadas na circulação em Portugal, em virtude do disposto no artigo antecedente, bem como a da moeda portugueza da mesma especie.

Art. 3.º A execução das disposições d'este decreto começará desde o dia 1.º de agosto proximo.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda assim o tenha comsigo e faça executar. Paço, em 30 de julho de 1891.—REI.—*Marianno Cyrillo de Carvalho.*

A salva brava está fazendo uma completa revolução em certos pontos do paiz. Segundo lêmos em um nosso collega da provincia, tem sorte de Minde uma grande quantidade de grato et. clusivamente dedicada á industria do aparado da salva brava' que se vende por aquellas sitios de uma maneira pasmosa, ao passo que o tabaco deixou de ter consumo.

Em Minde chama-se á salva brava *tabaco nacional Serpa Pinto.*

LENDA

Para tentar os homens bem disposto,
Um dia lá no inferno Lucifer,
Esfregou com SABÃO DO CONGO o rosto.
E transformou-se em divinal mulher!—

SABOARIA DO CONGO—VICTOR VAISSIER, PARIS, ROUBAIX

Depositario: — Militon Boldu, 37, Valverde, Madrid

O que é certo é a planta vae tendo adeptos e todos os dias lhe descobrem novas virtudes. Depois de verificar que a salva dá um chá' excessivamente tonico, digestivo e de saber agradavel, acaba-se de descobrir que as suas folhas, molhecadas no leite d'uma cadella dão uma excellente luz.

Não tem tanta virtude a salva brava, para que mais servirá ella?

Nodoas de tinta de escrever

Tiram-se sem difficuldade, da roupa branca, as nodoas de tinta de escrever, lançando-se-lhes em cima um pouco de sal e sumo de limão. Esta operação deve ser feita ao sol, e repete-se até que a mancha se disseminça de todo.

Lavada a roupa muito bem, e posta a corar ao sol, fica perfeitamente limpa.

O tabaco

O tabaco arruina o homem nos cafés ou ás tabernas, diminue a sua intelligencia, consome-o em continua e habitual embriaguez; queima, nas classes elevadas, as bases da vida de familia e arruina o poder, pois o vicio do fumo representa para as classes proletarias uma verba importante de despesa, em relação aos seus haveres. O tabaco irrita muitas vezes, em alta escala, o estomago e o cerebro. Ha exemplos de loucura pelo abuso do fumo, e as pessoas cujo estomago e economia geral se acham enfraquecidas e alteradas, em resultado de uso do tabaco, são numerosas. Deve saber-se que a nicotina, que os fumantes lançam fóra a cada instante, era sangue puro um momento antes de formada pela assimilação do tabaco. Abstenha-se, pois, a mocidade do contrahir esse mau vicio, e aquelles que já o tiverem inveterado, moderem o mais possivel os seus abusos, e com isso ganharão muito, physica e moralmente.

Outra publicação regional foi a *Correspondência de Coimbra*, que circulou semanalmente na cidade homônima, entre 1º de janeiro de 1872 e 29 de dezembro de 1909[113]. No programa estampado na primeira edição, exaltava o "seu empenho constante pelo engrandecimento, prosperidade e independência do país", a partir do qual não haveria "de desaproveitar as lições da experiência, nem desatender as circunstâncias" que pesavam sobre a "existência religiosa, política e econômica" da nação. Dizia não estar "ligada a partido algum", nem ser "órgão de *facções governamentais* ou *oposicionistas*, nem tampouco" ter política "*pessoal*, que sustentar ou combater *ex officio*". Argumentava assim que, em "meio às lutas dos partidos", haveria "de fazer ouvir a sua voz independente e mostrar o seu afeto a todos aqueles" que pugnassem "pelos princípios fundamentais da moral e da justiça". Pretendia atuar "a fim de que as necessidades e interesses locais" se ligassem "solidariamente, por meio da imprensa, com as necessidades e interesses gerais da nação"[114].

[113] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 216-217.
[114] CORRESPONDÊNCIA DE COIMBRA. Coimbra, 1º jan. 1872. A. 1. N. 1. p. 1.

ANNO XXIV — N.º 23

Correspondencia de Coimbra

QUINTA FEIRA 21 DE MARÇO DE 1895

O NOSSO REPRESENTANTE NO BRAZIL

Restabelecidas as nossas relações diplomaticas ou antes restaurada a nossa boa convivencia politica official com o Brazil, graças ao feliz exito, com que foram coroadas as negociações habilmente dirigidas pelo governo, e especialmente pelo sr. ministro dos negocios extrangeiros, era necessario, para complemento de tão honroso e benefico resultado, escolher, para nosso representante no Rio de Janeiro, um homem, que á necessaria illustração e competencia reunisse um acrisolado amor pela Patria, tivesse as sympathias e gosasse da subida estima dos brazileiros, merecendo ao mesmo tempo a inteira confiança e o respeito dos milhares de portuguezes residentes na capital e nos differentes Estados da vasta e promettedora Republica.

Foi tambem discreto e felicissimo na sua escolha o sr. ministro dos extrangeiros, nomeando para tão elevado cargo e espinhosa missão o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, entre nós e lá fóra sobejamente conhecido e altamente apreciado pelos seus grandes e comprovados meritos scientificos e litterarios, pela sua larga experiencia dos negocios publicos, e pelo seu nunca desmentido amor da Patria, sincera amisade e inteira dedicação pelo Povo brazileiro, que elle, por vezes tem affirmado amar tanto como a propria Nação portugueza, da qual a brazileira é filha a mais dilecta, e na educação da qual os portuguezes mais se preoccuparam com assiduos cuidados e particulares disvelos.

Chegada á maioridade, emancipada naturalmente da tutela da metropole, a antiga colonia portugueza, proclamou a sua independencia, fez reconhecer a sua autonomia em todo o mundo, formou um vasto imperio, e mais tarde constituiu-se n'uma auspiciosa Republica, onde, por todos os Estados se falla a lingua portugueza, se cultiva a litteratura portugueza, se conservam, e praticam, melhor talvez que em Portugal, os velhos e tradiccionaes costumes portuguezes.

Ligam-nos ao Brazil não só estes intimos laços de proximo e directo parentesco, mas importantes interesses na ordem material e moral; interesses commerciaes principalmente, para os quaes precisam os governos olhar attentamente; interesses d'um alcance moral de primeira grandeza, se attendermos a que no Brazil residem, e trabalham milhares de portuguezes, que se não esquecem da Patria, consagrando-lhe o melhor dos seus affectos, accudindo com a sua cooperação sempre que a Patria carece do seu valioso auxilio.

Por todas estas considerações foi acertadissima, foi de um grande alcance, e deve ser de incalculaveis beneficios para Portugal a nomeação do sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, nomeação que deveras e com vivo enthusiasmo applaudimos.

S. JOSÉ

O esposo da Virgem

S. José, o esposo da Virgem, que a egreja festeja, nasceu na Judéa, 45 ou 50 annos antes do advento Christo.

Era da tribu de Judá e da casa real de David, que reinou até o captiveiro da Babylonia.

Dois evangelistas escreveram a genealogia de S. José: S. Matheus e S. Lucas. O primeiro prova a sua descendencia de David por Salomão e pelos outros reis de Judá; o segundo deriva-a de Nathan, filho de David.

Julio Africano, auctor que viveu no segundo seculo, assevera ter sabido por tradição que Jacob e Heli foram irmãos uterinos, e que tendo morrido Heli sem filhos, Jacob casou, segundo a lei, com a viuva de seu irmão, nascendo d'este casamento S. José.

S. José era carpinteiro de profissão, mas — como diz S. Epiphanio — «ainda que no officio fosse obscuro e humilde, nunca houve no mundo homem mais nobre, nem mais brilhante aos olhos de Deus.»

Tendo chegado S. José áquelle supremo grau de perfeição que declara o Evangelho, chamando-lhe *varão justo*, isto é, um homem que possue todas as virtudes em grau eminente, querendo o Verbo encarnar nas entranhas d'uma virgem escolheu Maria para mãe e S. José para esposo d'ella.

O desposorio celebrou-se em Jerusalém, e, segundo affirma S. Thomaz, os dois esposos, immediatamente depois do enlace, fizeram voto de perpetua castidade.

O mysterio da Encarnação foi desvendado á Virgem Maria pelo anjo Gabriel. S. José, que com ella vivia, nada sabia do mysterio do Espirito Santo, e, ao advertir a gravidez da purissima esposa, ficou hesitante sem saber que determinação tomasse.

Foi então que, segundo S. Matheus, lhe appareceu um anjo em sonhos e lhe disse: «José, lembra-te que és da casa de David, e que d'ella ha de nascer o Messias promettido. Não temas, nem penses em deixar a companhia de tua esposa; é certo que está gravida, mas o filho que tem nas suas entranhas foi concebido por obra do Espirito Santo, porque é o Salvador do Mundo, unigenito do Eterno Pae e o promettido Messias. Deus escolheu-te para seres seu tutor e sustentador, e neste sentido seu pae. Não receis, pois, ficar com Maria; pois além de estares destinado para guarda fiel da sua virgindade e honra, se ella ficasse sem esposo, não poderia ser Mãe, sem detrimento da sua reputação.

Porás o nome de Jesus ao infante que nascer, para dar a entender aos mortaes que é este o que vem remil-os e salval-os, offerecendo-se em sacrificios pelos peccados dos homens.»

S. José acompanhou a Virgem a Bethlem, onde, num estabulo, nasceu o Salvador.

Quarenta dias depois do nascimento de Jesus, S. José conduziu-o ao templo de Jerusalem. Voltando a Bethlem, um anjo o advertiu de que Herodes queria tirar a vida ao divino Infante, ordenando-lhe que se retirasse para o Egypto com a Virgem e seu filho.

Assim fez S. José, permanecendo no Egypto até que, morto Herodes, o mesmo anjo lhe appareceu ordenando-lhe que voltasse á Palestina.

Não se sabe, ao certo, o anno em que o santo Patriarcha morreu; porém, crê-se com bastante probabilidade, que já havia morrido, quando o Salvador começou a prégar. O que parece certo é que, se S. José vivesse quando morreu Jesus, não teria este recommendado sua Mãe ao Evangelista S. João, pouco antes de expirar.

O nome S. José acha-se aos 19 de março nos martyrologios latinos, escriptos ha mais de oitocentos annos. A sua festa é a mais antiga na Egreja grega.

O sabio Gerson, chanceller da Universidade de Paris, fez magnificos elogios de S. José, no concilio de Constança, e declarando que todos os fieis devem ter confiança na poderosa intercessão d'este santo.

Gregorio XV e Urbano VIII fizeram festa de preceito a de S. José.

(*Das Novidades*).

Á MEMORIA DO Dr. José Joaquim Manso-Preto

Contristou-nos sobre modo o passamento inesperado d'este respeitavel ancião, caracter impoluto, patriota brioso.

Costumámo-nos a veneral-o desde os bancos do estudo official, em que elle sempre nos distinguiu com attenções paternaes.

Era o patriarcha d'uma honrada familia, que o adorava; o centro de uma roda de amigos que lhe prodigalisavam muita estima e muito respeito, e a quem elle sabia corresponder com a bondade que lhe era peculiar.

Não havia ninguem que pronunciasse o nome do dr. José Joaquim Manso-Preto, que não tivesse uma palavra que accrescentar em abono d'aquelle nobilissimo espirito.

Para todos tinha delicadezas, para todos a expansibilidade da sua grande alma.

De feito, a bondade era o apanagio do seu coração. De uma simplicidade de tracto que captivava, a sua vida era toda de abnegação pelos seus e pelos amigos.

Antigo e sabio professor de mathematica, hoje aposentado, servia ao presente o logar de secretario do Lyceu Central d'esta cidade, onde todos os seus collegas lhe abriam os braços, e todos os estudantes lhe ouviam os conselhos como a pae extremoso.

Que sentimentos de pezar não irão no paiz, por onde existem tantos e tantos discipulos seus, a quem elle prestara continuos obsequios com delicadas advertencias!

Era sem limites a sua caridade.

Nenhum desvalido, nenhum desgraçado recorria á sua protecção, que não fosse recebido com carinho.

Era tambem o dr. Manso-Preto um benemerito, um enthusiasta pelos melhoramentos publicos.

Não ia nestes sentimentos só com a sua boa vontade ou com o seu auctorisado conselho; mas com o serviço, com a acção valiosa.

Quem escreve estas linhas de singela commemoração dá testemunho d'alguns factos passados ha poucos mezes em que se patenteou, em serviços camararios, a sua rasgada generosidade, obsequiosa, sincera e franca, deixando-nos preso por grata admiração a esse vulto de memoria inolvidavel.

E não houve balizas, e não houve arvores de bom porte e de bom fructo que pozessem peia a tão ampla vontade de servir o publico.

Ao altruismo de tão elevado espirito deviamos esta expansiva referencia, que a sua modestia incomparavel não permittia em vida.

Paz á sua alma, e a nossa homenagem de condolencia a sua ex.ma viuva e ex.mos filhos.

R. A.

A proposito do partido municipal

Á «RESISTENCIA»

E' para pasmar como um jornal conimbricense de fina collaboração tem a audaciosa inconsciencia do insulto soez á camara, só porque ella não é da sua feição predilecta.

Tantos são os desmazelos, as politiquices, os esbanjamentos, os crimes, e até as *vaias estranhas e pessimos instinctos* que ella tem e pratica, que causa espanto como interinamente as justiças d'elrei não levam á forca facinoras tão consocios como são os vereadores da actual camara de Coimbra!

O estylo de tão celebrado campeão do insulto é imponente.

Ora vejam os nossos leitores uma amostra:

«As velhas ruas da cidade, nem conservadas, nem reparadas, encharcam-se da agua das chuvas, e abrem ao sol, como as queixadas sem dentes, os alveolos vasios de pedras; as estradas ruraes, antigamente tão bem conservadas, (*talvez haja engano, note bem*) estão hoje quasi inutilisadas, cavadas dos sulcos fundos das rodas dos carros, irregulares como um dorso de jumento magro.»

Leram? Gostaram? tambem nós.

Consta por ahi que o *Conimbricense* inutpiu quando ha tempo, vindo com a palinodia de que a camara não gastava nada nos melhoramentos do bairro de Santa Cruz, tendo recebido verbas importantes de receita pela venda de terrenos, a *Correspondencia* lhe mostrou com dados officiaes que havia alli gasto no anno de 1894—3:471$643 réis, tendo recebido sómente—2:683$335 réis, dispendendo-se portanto a mais do que o producto das vendas de terrenos—788$308 réis.

Pois a *Resistencia* diz que o bairro de Santa Cruz é *systematica e criminosamente abandonado, porque se affirmam*... diversas e variadas toleimas de bom calibre.

Em fim, que os vereadores não são mais que uns facinoras de feias caras, está dito e provado pela *Resistencia*.

Mas o periodo bombastico acima transcripto deve servir-nos para alguma cousa.

«... as estradas ruraes, *antigamente tão bem conservadas*, estão hoje quasi inutilisadas, cavadas, etc.»

As estradas de Santo Antonio dos Olivaes, por exemplo, estavam *tão bem conservadas* que passaram uns 15 a 18 annos que não tiveram quem lhes deitasse uma pedra. Um continuo lamaceiro!

Ora estas, pelo que vemos, nem reparadas, nem conservadas; mas inutilisadas é que deviam ficar, visto a censura do collega por ellas terem sido melhoradas!

E' preciso concertar todas as estradas, menos estas.

Melhoramentos em Santo Antonio! por modo nenhum. E' um escandalo!

Por aquelles sitios ninguem mora, por lá ninguem passa, para alli ninguem passeia.

Aquillo é um deserto! Apenas lá ha uma certa casita.

Ora nós apenas lastimamos que o articulista ignore completamente o assumpto sobre que escreve.

Tome informações por lá e por cá; e verá o que o vice-presidente da camara cedeu ao publico; o que elle conseguiu dos seus amigos e visinhos em terrenos e dinheiro; e depois conhecerá que ainda ha quem cuide do bem publico com desinteresse e economia.

Mas note o auctor do artigo que achamos bem a continuação dos insultos.

Os elogios são perfeitamente dispensados.

O troco será, póde crer, de pessoa que anda sempre de fronte bem levantada.

Estes incidentes trouxe-os a *Resistencia* a proposito do partido municipal, medonho caso que muito incommodou o collega; e isto porque o sr. governador civil insiste com a camara na creação d'aquelle logar, visto que a lei supprimiu os delegados da

Em Lisboa circulou entre 1º de julho de 1872 e o ano de 1910[115] o *Diário Ilustrado* que se consolidaria como uma importante publicação periódica portuguesa. Seu diferencial em relação a muitas das demais folhas diárias então em circulação foi exatamente o caráter ilustrado, trazendo diariamente ao público retratos de personagens e gravuras de paisagens e acerca de usos e costumes. Uma das suas melhores formas de obter seus rendimentos provinha da divulgação do *high-life*, motivo de ostentação da alta sociedade, pois ver o nome naquela seção equivaleria "à categoria de pessoa fina"[116]. Ainda que se anunciasse como uma folha independente, o *Diário* foi um ardoroso defensor da monarquia[117] e chegou muitas vezes a ser qualificado com adjetivações pejorativas de parte de outros jornais, tendo em vista seu extremado governismo no que tange aos regeneradores, de modo que, mesmo em períodos de maior repressão, continuaria a conseguir manter sua circulação até a implantação da república em Portugal[118].

O *Diário Ilustrado*, em seu "número-programa"[119], buscava demarcar seu caráter diferenciado no que tange a estampar imagens, prevendo que cada número traria "sempre uma ou mais gravuras executadas pelos primeiros artistas nacionais e estrangeiros". Divulgava também que seria utilizado o melhor dos papéis em publicações daquele gênero, devendo o tipo ser renovado

[115] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 257.
[116] MARTINS, 1941. p. 71-72.
[117] LEMOS. 2006. p. 297.
[118] TENGARRINHA, 1989. p. 258.
[119] DIÁRIO ILUSTRADO. Número programa – jun. 1872. p. 1-2.

duas ou três vezes por ano, para que o periódico fosse "sempre perfeitamente impresso". No que tange à parte ilustrada, o jornal anunciava que publicaria "retratos de todos os portugueses e estrangeiros mais notáveis"; bem como "vistas e monumentos mais célebres de Portugal, Brasil, Espanha, França", entre outros; "desenhos reproduzindo os acontecimentos mais notáveis da semana ou do mês"; gravuras "de modas copiadas dos principais jornais de Paris e Londres", de forma que pudesse o leitor "prescindir da assinatura dos jornais estrangeiros do gênero"; bem como "uma revista mensal ilustrada; brasões de armas de todas as terras de Portugal, acompanhados do resumo do foral em que lhe foram concedidos"; e "plantas e cartas topográficas, sempre que alguns acontecimentos importantes" as tornassem necessárias.

Ainda no seu "número-programa", o *Diário Ilustrado* publicava o "Boletim do dia", no qual afirmava que, "ao alistar-se nas honradas fileiras do jornalismo", não tinha "que hastear o seu pendão político", dizendo que não pretendia entrar "na liça para servir aos interesses de nenhum partido". Explicava, entretanto, que tal posição, não significaria "uma sistemática abstenção de expender as suas opiniões acerca dos negócios que interessavam ao país", uma vez que considerava "o indiferentismo político" como "um delito social", o qual "a imprensa não poderia instigar com o exemplo ou com o conselho". Declarava que, se o jornalismo tinha "uma missão civilizadora a cumprir, buscando esclarecer o público com o facho luminoso da razão e da ciência, nenhum assunto" deveria merecer mais a atenção do que aquele que se referia à vida nacional, Desse modo pretendia estimular "os leitores a interessarem-se pelo

bem da pátria, quer no progresso intelectual", ou "no desenvolvimento da indústria, do comércio", ou ainda "no estudo dos conhecimentos econômicos, sociais e administrativos", e, "enfim no constante movimento que resultava da aplicação dos princípios à gerência dos negócios públicos", com os quais se poderia educar "os bons e prestimosos cidadãos" e preparar-se "os elementos para tornar-se realizável a descentralização do poder, considerada como o grande desiderato da escola liberal", a qual buscaria "implantar, sem sofismas, nos países cultos, o governo do povo pelo povo".

De acordo com essa perspectiva, tal diário manifestava a opinião pela qual, se um jornal, mesmo que noticioso, caso se abstivesse "de expor de maneira desassombrada as suas ideias sobre as questões políticas, ou discutindo-as no campo dos princípios, ou contestando-as na sua aplicação prática", não representaria "mais do que uma inutilidade ou uma hipocrisia". Dessa forma, a inutilidade se daria mesmo quando a abstenção da folha fosse sincera, pois, "recusando-se a cumprir uma das mais importantes partes da sua missão", ficava "limitada a apenas rivalizar com as folhas avulsas", nas quais "outrora os cegos apregoavam pela cidade os acontecimentos pavorosos que estimulavam a curiosidade pública". Já a hipocrisia estaria a ocorrer quando, sob o pretexto "do indiferentismo afetado", a publicação fosse "servindo aos interesses de uma facção, esquivando-se à responsabilidade que a cada um pertencia" pelas ideias que sustentava ou pelas doutrinas que advogava.

Em relação a essas duas tendências, o *Diário Ilustrado* garantia que seguiria "um outro caminho", anunciando que buscaria "ser imparcial no

julgamento dos homens e dos seus atos, prestando homenagem a cada um, sem lhes indagar as procedências" e "sem se deixar influenciar pelo espírito apaixonado das facções". Explicava que estas tinham "razão de existir" e que eram "úteis até na grande luta em que se empenhavam os órgãos dos diferentes partidos militantes", mas que, em um jornal que não vinha "à arena das discussões pugnar sob o pendão de nenhum partido", acima de inúteis, seriam condenáveis. Considerava ainda que "a honestidade dos homens públicos lusos e o seu empenho em bem servir à pátria", estaria a autorizar "o jornalismo independente a fazer justiça a todos, sem vislumbres de servilismo", mantendo "a liberdade plena de aplaudir ou condenar os seus atos, segundo o consciencioso critério", com que deveriam ser julgados.

DIARIO ILLUSTRADO

Quinta feira 14 de abril de 1892

Numero 6:841

IGREJA DE S. JOÃO DE POITIERS

Um representante da imprensa voltado à profissão da fé religiosa, foi *A Verdade*, que se apresentava como "órgão da Associação Católica de Funchal" e "semanário religioso e noticioso", tendo sido publicado entre 23 de janeiro de 1875 e 30 de novembro de 1895[120], na cidade de Funchal, no distrito homônimo, na Ilha da Madeira. Foi uma folha de divulgação do catolicismo e, em seu programa, defendia que "o meio mais eficaz de divulgar e difundir doutrinas" seria, "sem dúvida a imprensa". Afirmava que não só concorria "um bom jornal para que a todos" chegasse "o ensino da verdade, senão que a muitos também" poderia preservar "do mais sutil dos venenos – o das más doutrinas". Nesse sentido, manifestava o desejo de constituir "um meio de advertir os incautos e de confirmar os precavidos", bem como "um eco fiel, embora débil, da voz da Igreja católica, que incessantemente" exortava, repreendia, animava, corrigia e salvava "o gênero humano inteiro". Considerava que "num país católico" era necessário manter "um órgão das ideias" professadas "pela maioria dos conterrâneos", em relação às quais seria "indispensável defender dos ataques" a elas dirigidos por "uma imprensa desenfreada e incrédula" [121].

Ao completar seu décimo aniversário, a publicação católica enfatizava que não havia "desmentido o seu programa de abstenção completa das questões partidárias e eleitorais" nas quais vivia "a família portuguesa. Dizia que buscava empreender "uma cruzada tão civilizadora como nobre e fecunda em resultados benéficos", sendo seu fim o de "civilizar e instruir", de modo que "a defesa dos

[120] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 323.
[121] A VERDADE. Funchal, 23 jan. 1875. A. 1. N. 1. p. 1.

interesses católicos, com perfeita abstenção da política militante e de questões pessoais" era a sua estrada. Tendo em vista "as calúnias, injustiças e indignidades" à folha dirigidas, afirmava que respondia com desprezo, uma vez que "o escritor católico" deveria "revestir-se de coragem e abnegação, afrontando ódios, calúnias, desprezos e chufas", pois, "santa e justa como era a sua causa", tornava-se "ainda mais, quando o sopro da impiedade" procurava persegui-la. Declarava ainda que "a imprensa católica" vinha contribuindo "para a paz e harmonia social" já que combatia "denodadamente a revolução e a insubordinação, procurando infundir nas massas populares o amor da virtude e do trabalho". Diante disso, alertava que "os revolucionários e os que amavam a anarquia" estavam sempre alertas contra tudo quanto fosse "tendente a boa harmonia e ordem social"[122].

[122] A VERDADE. Funchal, 2 fev. 1884. A. 10. N. 447. p. 1.

1875. 1.º *Anno.* *N.º* 1. *Sabbado, 23 de Janeiro.*

A VERDADE

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Assigna-se no escriptorio da redacção e administração.
PARA O FUNCHAL
Assignatura por mez . . . . 150 reis.
Continente . . . . 200 »
Avulso . . . . 40 »

(ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA)
SEMANARIO, RELIGIOSO E NOTICIOSO.

A correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, á redacção do jornal — A VERDADE. Ponte do Cidrão n.º 3 — Funchal.
Os originaes enviados á redacção não se devolvem, sejam ou não publicados.

Annuncios e correspondencias, linha 20 reis. Annuncios para os srs. assignantes até 15 linhas, gratis.

FUNCHAL 23 DE JANEIRO

Para todo aquelle que, attentando seriamente nas eloquentes lições da historia contemporanea, tem observado não só os factos, mas o movimento das idéas, é manifesto que nos achamos numa epocha de crise, em que os dois principios em lucta desde a creação da humanidade, concentram toda a energia como para um supremo e decisivo combate. Por um acto talvez o mais grandioso da historia da humanidade, a Egreja catholica, dispersa por toda a superficie do orbe, representada pelos seus Bispos reunidos em torno do seu chefe visivel, o Papa, affirmou mais solemnemente que nunca, que ella sómente é a depositaria da verdadeira doutrina, ella o unico caminho que conduz á salvação: servindo-nos das esplendidas expressões da Egreja, ella só é a porta do ceu e a arca da alliança. Mas a esta voz de paternal advertencia, de caridosa compaixão pelos desvarios e erros da orgulhosa sciencia humana, respondeu um bramido selvagem de maldições e de escarneos, mais brutal, mais culpado ainda que os brados dos que, pedindo Barrabaz, exigiam a condemnação de Christo. Mais ainda: os depositarios do poder politico, ja esquecidos de todos os principios de direito e justiça, não tremeram de pôr mãos violentas nos ungidos do Senhor; e Imperadores, Reis, Estadistas, litteratos, homens de sciencia, empregando com encarniçado furor todos os meios que lhes ministram a força material, os exercitos, as universidades, as lettras, procuram apagar a luz verdadeira que irradia do Vaticano e seduzir a humanidade a que os tome por chefes e guias e curve submissa a cerviz ao seu jugo oppressor e corruptor. Parece até que triumpharam, como pareciam ter triumphado os que pregaram num patibulo infame o Redemptor do mundo e o viram expirar entre agonias e tormentos, abandonado daquelles que escolhera para discipulos, negado até pelo mais zeloso delles, pelo que havia eleito seu representante na terra. Assim hoje está prisioneiro em Roma Pio Nono, como outr'ora se finou Gregorio 7.º desterrado em Salerno; jazem nos carceres de Bismark muitos dos Bispos da Allemanha; mendigam o pão de cada dia os membros do clero hespanhol, e até num paiz, — no Brazil que outr'ora fez parte d'esta nação fidelissima, ha cadeas e prizões para os Bispos, e liberdade e dominio para aquelles que os perseguem!

É neste momento que a todos os que crêem, a todos os que veem a luz, a todos os que ouvem as palavras de salvação, corre a obrigação de se unirem em commum esforço, para cumprirem o supremo dever do christão — a charidade; vendo nos que não pensam como nós, homens tambem e irmãos, e procurando que tambem elles partilhem dos bens que já conseguimos. Não; a doutrina de Christo não se guarda ciosamente dos olhos profanos, não é patrimonio de uma casta privilegiada; é bem commum da humanidade; é como aquella ceia da parabola a que foram convidados até os que se achavam nas praças e nas ruas da cidade; é como o sol que a todos dá luz e calor.

O meio mais efficaz de divulgar e diffundir doutrinas é sem duvida a imprensa. E não só concorre um bom jornal para que a todos chegue o ensino da verdade, senão que a muitos tambem preserva do mais subtil dos venenos, — o das más doutrinas. Insensivelmente, desapercebidamente como o viajante á sombra da mancenilha, absorvemos nos livros e jornaes a mais lethal peçonha, disfarçada as mais das vezes com brilhantes e seductoras apparencias. Seja, pois, este jornal um meio de advertir os incautos e de confirmar os precavidos. Seja um echo fiel, embora debil, da voz da egreja catholica, que incessantemente exhorta, reprehende, anima, corrige e salva o genero humano inteiro.

E nesta empreza, a que hoje damos começo com firme e animoso proposito, ajuda-nos tambem a certeza da victoria, senão nessa propria, pelo menos da causa que representâmos. Garantem-na as promessas do Salvador, e os seus radiosos prenuncios já são visiveis para todos aquelles que o êrro não obseca, nem o odio de todo enlouquece.

Carecemos, porém, do auxilio de todos os que pensam como nós, e convidâmos a reunirem-se, debaixo da bandeira que erguemos, todos os catholicos d'esta terra, onde ainda é tão viva a crença e profunda a fé. Confiâmos que hão de julgar-nos dignos da sua dedicada cooperação, e com todos elles contâmos para que este jornal não desappareça breve á falta de soccorros, como desfallece á mingua d'oleo a lampada esquecida pelos ministros do sanctuario. Seria para um paiz catholico a maior das vergonhas que nelle não podesse manter-se um orgão das idêas que professa a maioria dos nossos conterraneos, as quaes é todavia indispensavel defender dos ataques que contra ellas dirige todos os dias uma imprensa desenfreada e incredula.

Desejâmos arrancar á nascença essa semente de êrro e de impiedade que entre nós começam a espalhar a mãos largas, e desde já declarâmos que jamais fugiremos á discussão leal e cortez. O que nunca, porém, faremos será descer aos improperios e doestos que ahi diariamente se assoalham, com manifesta deshonra do povo que os tolera. Alguns dos papeis que ahi se imprimem, nem sequer com o nome d'elles mancharemos nossas columnas.

Implorado o auxilio do Senhor, invocado o seu sancto nome, damos hoje principio á empreza; oxalá nos não tornemos indignos de tão sancta protecção; oxalá que aquelles a quem nos dirigimos não sejam como os que teem olhos e não veem, ouvidos e não escutam.

Visita de S. Exc.ª Revd.ma o Sr. Arcebispo Primaz do Oriente á Associação Catholica do Funchal.

No dia 6 do corrente pouco depois de uma hora da tarde, achando-se reunidos na casa da associação catholica d'esta cidade todos os membros d'ella, foram convidados pela meza ou commissão directora da mesma associação, todos os sacerdotes presentes para esperarem á porta da casa da associação juntamente com os membros da meza s. ex.ª rev.ma o sr. Arcebispo de Gôa.

Achavam-se alli os Rvd.os conegos Dr. Custodio de Moraes e Britto e Filippe José Nunes, os Rvd.os padre Agostinho Theodoro Pitta, padre João Antonio de Caires, padre João de Sancta Cruz Ferreira, padre Agostinho Salvador Ferreira, Mr. Estanave, capellão do Hospicio da Princeza D. Maria Amelia, padre Antonio José de Macedo, padre Philomeno Augusto Gomes, padre Antonio José Vieira e Revd.mo João Innocencio Camacho, Joaquim Xavier Drummond, João Luiz Monteiro e outros ecclesiasticos e seculares distinctos.

O vestibulo e a escada principal da casa achavam-se enfeitados de louro, alecrim e alegra-campo, na entrada e na sala das sessões viam-se festões de flores pendentes do tecto e guarnecendo as paredes da salla, o solho achava-se todo alcatifado, e sobre o estrado onde é costume fazerem-se as prelecções via-se uma cadeira de espaldar, rodeada de muitos vasos contendo flores dispostas com muito gosto. A pequena capella da casa estava ricamente adornada.

S. Ex.ª Rv.ma chegando á casa da associação foi comprimentado pelos membros da commissão administrativa, pelos ecclesiasticos presentes e por todos os socios, ao entrar na capella foi-lhe apresentado pelo director espiritual da associação o Rev.º padre Philomeno Augusto Gomes o hyssope, tocando o Rv.º padre João Innocencio Camacho uma peça de musica sacra em um harmonico que alli se achava para esse fim.

S. Ex.ª Rv.ma depois de fazer oração, dirigio-se á sala das sessões e tomou assento na cadeira que lhe era destinada, logo em seguida o vice-presidente da associação o sr. Dr. João Baptista de Freitas Leal, pronunciou a seguinte allocução:

Ex.mo e Rv.mo Snr.
Senhores,

Neste dia solemne para toda a christandade, em que a sancta Egreja celebra a manifestação de N. Senhor Jesus Christo sobre a terra revestido da fórma humana, temos nós, os membros d'esta associação, o prazer de receber a honrosa visita d'aquelle que tendo sido nosso prelado e pastor, foi tambem nosso protector e amigo; e que, para manifestar a sua dedicação por esta tão util instituição, quiz, antes de deixar a terra natal e aquelles que foram seus filhos extremosissimos, honrar esta casa com a sua veneranda presença.

Os Magos vindos do Oriente sentiram grande alegria ao verem apparecer a brilhante estrella que os guiára ao presepio de Bethlem, «*Gavisi sunt gaudio magno.*»

Hoje, tambem nós não podêmos deixar de sentir ineffavel alegria ao vermos n'esta casa a brilhante estrella que nos conduzia pelo caminho da vida e da virtude, a fim de chegarmos a adorar o Senhor dos ceus e da terra que outr'ora tomára a fórma humana para nos remir e salvar.

Mas esta alegria não póde deixar de converter-se em tristeza, quando consideramos que essa estrella que era a nossa consolação, vae fugir a nossos olhos para, resplandecente de virtude, illuminar as terras do Oriente!

Sim, senhores, a par da alegria que nos deve animar em occasião tão solemne não póde a tristeza deixar de comprimir nossos corações de filhos extremosissimos e dedicados, ao vermos que esta honrosa visita encerra o Adeus da despedida.

E quem deixará de sensibilisar-se ao contemplar que em breve deixará esta terra aquelle que nella fôra tão extremosamente amado e respeitado!

Ex.mo e Rv.mo Snr.

Este dia ficará sempre gravado na memoria de todos os filhos d'esta associação, como um dos seus mais celebres e solemnes, e em nossos corações existirá sempre a veneração e amor pela vossa illustre pessoa e pelas apreciaveis virtudes que tanto vos ennobrecem e que todos nós reconhecemos e respeitamos.

Recebei, pois, illustre Principe da Egreja Catholica, os nossos cordeaes agradecimentos pela dedicação e honra que acabais de dispensar-nos, e queira o céo que a esta diocese e ao clero della aproveitem as sabias lições e os exemplos vivos de virtude e piedade

Especializado em temas voltados ao império colonial lusitano, circulou em Lisboa no período entre 20 de abril de 1876 e 6 de maio de 1894[123], o *Jornal das Colônias*, que sustentava por dístico a expressão "dedicado à defesa dos interesses das possessões portuguesas". Era uma publicação semanal predominantemente noticiosa que privilegiava a edição de informações acerca das regiões ultramarinas lusas nos continentes africano e asiático. Trazia também notícias do exterior, mas os enfoques mais recorrentes se voltavam a temáticas como administração colonial, inter-relações com as populações locais, expedições científicas e militares e práticas comerciais.

[123] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 24.

Numero 366 — Domingo 24 de Novembro de 1889

JORNAL DAS COLONIAS

DEDICADO A DEFEZA DOS INTERESSES DAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS

FUNDADO EM ABRIL DE 1876

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — ANDRÉ MEYRELLES DE TAVORA DO CANTO E CASTRO

ASSIGNATURAS

Lisboa e fóra, anno ..... 2$000
Lisboa e fóra, semestre ..... 1$000
Ultramar e Brasil, anno ..... 2$000
Ultramar e Brasil, semestre ..... 1$000
Publicações ao corpo do jornal, cada linha 60
Annuncios, cada linha 20

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRAÇÃO

Assignaturas e correspondencias, devem ser dirigidas á calçada da Estrella, 39

BOLETIM NOTICIOSO

Acontecimentos da semana

No dia 15 do corrente a Rainha D. Amelia deu á luz um infante que foi baptisado no mesmo dia com o nome de Manuel, por indicação da Rainha D. Maria Pia.

N'esse e nos dois dias immediatos houve as demonstrações officiaes de regosijo, que é costume em taes occasiões.

— Recebeu-se a noticia de haver sido proclamada a Republica do Brazil, e deposto o Imperador. Este inesperado acaso, pela sua importancia, occupou desde logo toda a imprensa e foi, como era natural, o assumpto quasi exclusivo de que ella se occupou.

— Recebeu-se as noticias importantes dos nossos triumphos em Africa, e no seguimento do prestigio de Portugal n'aquellas paragens, cujo dominio nossos paes, á força e com risco de ser, nos queremos disputar.

— Celebrou-se no dia 19 do corrente, ordenados exequias por alma do fallecido Rei D. Luiz I — a que assistiram SS. Magestades El-Rei D. Carlos, Rainha Viuva D. Maria Pia, Infante D. Affonso, ministros, corpo diplomatico, côrte e funccionarios de varias classes.

— Hontem (23), pelo 1 hora da tarde, S. Magestade a Rainha D. Maria Pia e S. M. El-Rei D. Carlos, deram recepção official ás pessoas que lhe foram apresentar pezames pela infausta morte do Rei D. Luiz I.

Republica no Brazil

A Europa ficou surprehendida no dia 16 do corrente, quando por varios telegraphicos do Rio de Janeiro, creados que um movimento militar, secundado depois pela população d'aquella cidade, mudava no dia 15 d'este mez as instituições d'aquelle paiz, deposto o velho Imperador D. Pedro II e proclamando a republica.

Sabia-se, é certo, que as ideias republicanas tinham, por diversas classes, lindo largo desenvolvimento n'aquelle paiz, e esperava-se que logo que fallecesse o actual imperador que tanto lhe captivou as sympathias, a republica substituiria a instituição monarchica.

A imprevidencia porem, d'alguns actos dos ministros da guerra e sentindo a ameaçação dos enervos que lhi vai recebendo pelos senhores das ragas, —crearam para que a revolução se anticipasse, e se realisasse com o auxilio pequeno facto por parte do governo do imperio que ficou logo no numero dos subsidiados por um governo provisorio que começando por usurpar ao Imperador a sua deposição e dissolver o conselho d'Estado e as camaras, proclamou em seguida a republica.

O ministerio provisorio ficou assim composto: presidente sem pasta, o general Deodoro da Fonseca; ministro do interior, o sr. Aristides Lobo; dos negocios estrangeiros, o jornalista Quintino Bocayuva; da fazenda, o deputado dr. Barbosa; da justiça, o sr. Campos Salles; da guerra, o professor Benjamin Constant; da marinha, o contra-almirante Wandenkolk; e da agricultura, o sr Demetrio Ribeiro.

É digna de louvor a cordura e moderação com que se houve o governo provisorio em tão difficil e melindrosa conjunctura, e com razão foram bem recebidas todas as attenções e deferencias que tiveram com o sympathico Imperador que por tão largos annos dirigira os destinos d'aquelle grande paiz.

As noticias a proclamação da republica ao monarcha destronado, participou-lhe que lhe seria mantido a sua dotação.

O Imperador, respondeu:

«Depois d'haver tomado conhecimento do messagem de 17 de Novembro, resignando-me ao facto consumado de ter sido deposto pelos Ms Koloios em M'passa, no dia 8 do corrente, os elementos foram immediatamente derrotados, deixando 72 mortos no campo, e tendo prisioneiros alguns chefes.

Serpa Pinto já tinha sido abrigado a ir a Magamedsan buscar reforços. Na sua ausencia, foi a expedição ai cada, Alvaro Ferreira, que logo nomeou tudo a especialidade, sendo de alto ser militar, portuguezes como um bravo, sendo os auxiliados repetidas com grandes ovações.

Região dos Dembos

Depois volta da região dos Dembos, ao governo de Angola, que se havia subordinado ao nosso dominio em 1870 e que desde então até hoje se tinha conservado independente, forçou agora a Lunda prestar vassallagem á corôa portugueza aos mãos do governador geral, pedindo que sejam collocados entre os nossos tres novos territorios.

Guiné

Dabor, ultimo rebelde do Geba, que durante a campanha não fez possivel explorar, foi morto no dia 4 do corrente, em combate dado pelas forças do mesmo tribu, fieis aos gruenos. Terminou assim a guerra do Geba, com prestigio para o nosso portuguez. Foi severo a contigo. Paz em todo o territorio.

Deputados pelo Ultramar

Foram eleitos deputados pela provincia d'Angola os srs. conselheiro João Coutinho de Lacerda, que foi ultimamente governador geral do Cabo Verde e augusto Ribeiro, que fôra na ultima legislatura deputado pela mesma provincia.

Por Macau foi eleito o sr. Adolpho Loureiro, distincto engenheiro proposto pelo governo.

Estimaremos muito que o governo não lhesse contrariado a eleição do sr. Barão da Costa que tão distinctamente se desempenhára do mandato que aquelle povoação lhe havia confiado — é nosso parecer o sr. Adolpho Loureiro, por alguns dos circulos da occasião não supera ao a vontade governativa que é a maioria d'elles, como aliás succede com todos os governos.

O Adreus da communidade portugueza em Hong-Kong

Não podendo dirigir-nos individualmente a todos os cavalheiros da colonia portugueza de Hong-Kong que frequentam com a sua assignatura o valioso e que já nos referimos n'este jornal, e cuja honrosa iniciativa partiu do benemerito Bibliotheca Luitiano d'aquella cidade, não nos houvera o mal ou menos honroso, com consideração inconsiderada do nossa parte, que aqui mencionamos os nomes desses cavalheiros para que fiquem registados no *Jornal das Colonias*, que elles engrandecem e nobilitaram com immerecidos louvores e expressões intimissimas e indefinidaveis na pessoa do seu redactor.

O adreus não é só valiosissimo para não pela delicadeza da phrase, pela confiança benevola que em nós deposita, e bema grandeza dos sentimentos que expressa, mas tambem porque é um trabalho calligraphico d'alto valor, que muito honra o estabelecimento artista que tão habilmente desenhou tantos nomes franciosos cita Ilha vista de Macau.

Esta comido n'uma rica capa de velado azul com guarnições de prata, tendo no centro um marlim, o retrato do redactor d'este jornal, encimado pelo seu brazão d'armas, a qual foi feita na acreditada officina dos srs. Kelly e Walsh: o retrato está entre dois ramos de bambu de prata, o 1.º feito por um abil artista Chinez.

Estrou gratidão pois á *Bibliotheca Lusitana* e aos amigos que dirigiram e assignaram um documento de tão alta significação e vão para o redactor do *Jornal das Colonias*.

A todos um cordial aperto de mão.

(Seguem-se os nomes dos assignantes.)

L. Pereira Marques, J. M. A. da Silva, Antonio Paulo Gutierrez, João Caetano da Costa, Kassoio d'Aguiar, Alfeus da Silveira, Demetrio d'Araujo e Silva, Antonio Maria Pereira Pinto, Mariquiano Maria da Rosa, Aureio Guilherme dos Remedios, José Antonio Barradas, Daniel Francisco Campos da Rosa, J. A. Carvalho, Andreonio Francisco Alves, Francisco Jorge Barros, Constancio Joaquim Grenalves, João Antonio Barreto, Carlos Daenberg, A. C. Botelho, Secundino Antonio Noronha, Portuzano Antonio Corteiro, Alexandre de Bettis, Daniel Antonio Cordeiro, Izidoro Maria Barradas, F. Machado, G. Tramovich, J. M. Gutierrez, Antonio Nunes, Francisco Salles Botelho, E. P. Siqueira, Alfredo Francisco de Jesus Soares, J. Webster & J. M. Carvalho, F. A. dos Remedios, L. M. Duarte, Alfredo Jorge Vieira Ribeiro, G. R. Carvalho, G. dos Remedios, J. M. T. Ribeiro, A. A. das Remedios, Henrique Daenberg, V. Daenberg, J. de Pinna, Luciano de Carvalho, F. A. de Carvalho, M. C. de Soares, J. F. Kraal, Augusto Aurelio de Gusmão, Antonio dos Passos da Costa, José Marcellino da Costa Campos, José Maria Braz Botelho, A. J. Rocha, Alfeus A. da Jesus, Alfeus Antonio Cordeiro, Francisco Maria Gutierrez, José N.-Senra da Silva, S. Lourenço, Laurenço Manoele Baptista, Querino J. Gutierrez, P. M. Gutierrez, J. B. F. Gomes, J. A. Guimarães, Gregorio M. Gutierrez, João José das Dôres Barros, Luiz A. Vieira, Alfredo Barqueno, A. F. dos Remedios Junior, José Filippe Tavares, Alfredo Maria da Rosa Pereira, Carlos Maria Gualarte, Miguel Angelo Antonio Soares, J. M. Pinto Tavares, M. E. dos Remedios, A. M. Pinto dos Remedios, F. Mendonça de Jesus, Aulo Miguel S. Alves, José M. Victor de Figueiredo, Florentino das Remedios, F. D. Gerdes, Thomaz P. Lobo, J. P. Pascoal, J. C. Monteiro, A. J. Vieira, J. G. Gutierrez, M. Gutierrez, F. M. Franco, Francisco Pinto Silva, M. J. d'Aguiar, B. A. da Costa, João Antonio dos Remedios, Francisco Salles de Soares, João Maria Pinto da Silva, J. F. Campos da Rosa, C. M. Barradas, Francisco M. Francisco Antonio Jorge, Vital J. dos Remedios, R. J. dos Remedios, A. H. dos Remedios, C. F. de Carv-lho, Antonio Maria Pinto da Silva, João Mattis Ferreira, José Maria d'Egi, Joaquim Telles de Almeida e Castro, Aluizio Antonio F. J. Jorge, Victorio Alexandre de Paula Gomes, José Antonio dos Remedios, Cornelio Carvoni, Cardoso Carvoni, Valeriano C. da Rosaria, F. M. P. Hyndman, Hermenegildo M. Bento, José Gabriel da Rocha, João A. de Carvalho, F. P. do Vasconcellos Soares, Alcaire Alves, Francisco X. de Almeida e Castro, José Joaquim de Azevedo, Mecuniano João d'Aquino, Jr., P. Vandenberg, José Luiz do Salvador Alves, José Lacerda Jr., D. Noronha, Leonardo Moreira, José P. de Noronha Braga, F. X. Pinto da Silva, José Pinto de Sêrra, M. A. Baptista, M. J. Marques, José Maria de Castro Reis, J. G. dos Remedios, Augusto Marques, O. Baptista, J. N. Rosa, C. J. Duarte, F. E. L. Soares, C. A. de Sousa, Lino J. Lopes, L. de Lazare Barreto, F. F. Soares, J. L. Vieira, J. M. Xavier, F. Francisco, F. Mallinkodt Alves, M. A. Baptista Jr., Hilladore Osorio, Florenco M. R. Mattos, Portirio F. do Rosario, J. M. Carvalho, Antonio Maria Ferreira, H. A. do Rosario, A. J. do Rosario, Byshaw Jr., A. M. Baptista, J. M. da Graça, J. M. Osorio, José A. da Graça, J. R. Gomes, L. G. de Almeida e Castro, A. O. Gutierrez, F. M. da Graça, Luiz de Araujo Rosa, A. F. dos Reis de Sá, S. V. dos Remedios, F. J. dos Remedios, Leocadio A. Xavier, F. A. Osorio, José A. Osorio, E. P. Campos, Antonio Chaves, Manoel M. dos Prazeres Mendonça M. d'A. R. da Silva Guimarães, Antonio José da Rocha, Pantaleão Nabuco de S Sá, Luiz Marianno, B. C. P. Campos, Silvestre Xavier, F. da Pinna e Antonio de Pinna, Francisco de Salles Almeida, Carlos M. Cabral, Francisco Vital Simões, P. da Silva, A. P. de Carvalho L. M. Alfeiras, J. M. Gomes, J. M. Figueiredo Jr, J. A. de Lis, L. F. A. Coelho, J. S. Rodrigues, L. Senra, Antonio de Barros, J. d'Almeida, F. V. Freire, Cassemiro J. Lopes, Edmundo Arthur da Carvalho, José C. d'Aguiar, Theodoro Antunes Barreiros, Pio M. A. do Grupo, Benjamin J. d'Aquino, J. M. de Gusmão, J. M. A. de Reis, C. P. Pinto Remedios, J. J. Lobia, A. A. da Costa.

Fallecimento

O illustre escriptor e nosso presado amigo, o sr. João Chrysostomo Machado acaba de passar pela tremenda dolorosissima de perder um filho na edade da vida, vendo-se assim injustamente gafpeado pela fatalidade que tão inesperadamente nos arrebatou quando todas as esperanças lhe sorriam.

Não tendo podido, por falta de saude, tomar parte na demonstração de sentimento que um grande numero d'admiradores e amigos deram a ribeira escriptor, acompanhando á sua ultima morada o infeliz jovem, tão cedo roubado aos seus carinhos, deste logar nos associamos á inconsolavel resolução que lhe foi feita n'esse dia.

Só podera comprehender a dôr do pai amantissimo, aquelle que tiver passado por taes transe cruel.

Foi encendida nos srs. Augusto da Silva Pinto Pereira e Alexio José dos Santos Sá da Costa Soares que a construcção de todas as obras de canalisação e accessorios para o aproveitamento na cidade do Mindello, Cabo Verde, das aguas pluviaes, bem como a construcção de todos os predios precisos ao mesmo fim, denominado *Norte*, da ilha de S. Vicente, o para fornecimento de aguas aos navios que aportarem á mesma ilha.

Fallecimentos

Fallecerem em Lisboa o mestre distincto escriptor e or. visconde de Benalcanfor, inspector de instrucção secundaria e par do reino nientes, e o sr. Adolpho de Castro Noto de Vasconcellos, chancellor dos consulados, do Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Vapor Moor

Sahiu de Lisboa no dia 18 do corrente para Lourenço Marques e outros portos d'Africa, levando 179 passageiros em transito e quatro de Lisboa.

Vejam-se nos annuncios grandes sensacionaes do *Penitenciario de Paris*.

Aos surdos

Uma pessoa curada de 23 annos de surdez e zumbidos nos ouvidos por um remedio simples, enviará gratuitamente a descripção a quem lh'a pedir.—NICHOLSEN, Caixote, 84, Madrid.

Ao norte de Portugal, na cidade de Penafiel, localizada no distrito do Porto, circulou *O Comércio de Penafiel*, longeva edição bissemanal que circulou entre 22 de abril de 1876 e 30 de dezembro de 1950[124]. Chegou a estampar no seu cabeçalho a expressão "órgão do Partido Regenerador de Penafiel e circunscrição", mudando em seguida para "jornal político, agrícola, comercial e noticioso". Exaltando o valor do jornalismo regional, afirmava em seu programa que a imprensa era para a humanidade e também, "em particular, para cada povoação – calor e luz para todos" que recolhiam de seus frutos, considerando esta como a doutrina que levara à criação naquela cidade de "um periódico útil, ameno e interessante" que pudesse "servir ao comércio, à indústria, aos interesses locais, ao cultivo do espírito e à distração agradável das famílias". No início de sua carreira, dizia preferir a "ausência completa de política partidária e a negação de publicidade a qualquer artigo que direta ou indiretamente" viesse a ferir individualidades quer cidadãos, quer corporações". Quando completou década e meia, já como órgão partidário, o jornal manifestava orgulho do empreendimento e do "esforço nas pugnas incruentas do jornalismo", das quais saíra "com a consciência intemerata de ter cumprido um dever e cooperado relativamente no grande movimento da civilização". Explicava que abraçara a bandeira regeneradora "na vanguarda dos mais denodados combatentes no campo das lutas partidárias", além de se colocar na "defesa intransigente e sincera dos interesses" do seu concelho, encargo que jamais abandonara e pela manutenção do qual queimaria "até o último cartucho". Mais tarde, abandonaria

[124] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 179.

a via partidarista, declarando não deixar de ser regenerador, e sim optando pelo patriotismo, diante das precárias condições da situação nacional, prevalecendo o "desejo sincero de cooperar" para "o bem geral do país, e, especialmente para o desenvolvimento e progresso dos interesses do concelho"[125].

[125] O COMÉRCIO DE PENAFIEL. Penafiel, 22 abr. 1876. A. 1. N. 1. p. 1.; 22 abr. 1891. A. 16. N. 1.566. p. 2.; e 23 abr. 1892. A. 17. N. 1.671. p. 1.

O COMMERCIO DE PENAFIEL

Orgão do Partido Regenerador de Penafiel e circumscripção

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS — PROPRIETARIO—ANTONIO AUGUSTO VEIGA

XVI ANNO

ANNUNCIOS — PUBLICAÇÕES no corpo do jornal, 60 réis a linha, communicados 40 réis. Annuncios 30 réis, repetições 20 réis. Annuncios de leilões 120 réis. Os srs. assignantes teem a reducção de 25 por cento. Os originaes enviados á redacção não serão restituidos, ainda quando não publicados. Ajustam-se annuncios ao mez e anno.

Quarta-feira, 11 de Novembro de 1891

ASSIGNATURAS — PENAFIEL, anno 1$000 réis, trimestre 300 réis. PROVINCIAS: (paga adiantada), anno 1$200 réis, trimestre 360 réis. BRAZIL: anno 4$500 réis, semestre 2$300 réis. Numero avulso 20 réis. Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção, rua Serpa Pinto, n.os 26 a 30, Penafiel.

N.° 1:624

PENAFIEL—1891

Expediente

A administração d'este jornal sollicita dos seus estimaveis assignantes de fóra d'esta cidade a renovação das suas respectivas assignaturas e a satisfação immediata dos seus respectivos debitos, para o que vae iniciar a competente cobrança postal, afim de regularisar tanto quanto possivel o serviço de expediente d'este jornal.

Serviço militar e emigração

A emigração não cessa, recrudesce. A população dos campos foge, sem distincção de edade ou condições.

Já que parece impossivel distrahir os emigrantes da ideia fixa que os impelle a longes terras,—o interesse maior que podemos ter, é investigar a maneira de evitar a propagação d'esta verdadeira doença, tão injustificada como ruinosa para o paiz, e especialmente para as classes agricolas.

O peor de todos os males, a causa principal da emigração, vem do horror pela vida militar. Dos mancebos apurados para o exercito communica-se a mania aos parentes e aos visinhos, e são esses os que hoje jazem no atropellamento da expatriação.

A ultima lei do recrutamento, estabelecendo as substituições, que de facto em pouco melhoram as condições dos mancebos apurados para o serviço militar, foi aggravada por uma portaria que estatue a edade maxima de trinta annos para os substitutos. Tanto valeu inutilisar as primitivas vantagens da lei, porque para a maioria dos individuos que servem no exercito os trinta annos são limite do serviço effectivo e do serviço de reserva. Terão de buscar-se os substitutos entre os novamente recenseados, e esses emigram clandestinamente, como se sabe.

Se os mancebos recenseados são apurados com pequenas excepções, é necessario fixal-os, embora padeça o contingente enviado para os corpos. O que não devemos, é ficarmos sem soldados e sem lavradores. Se o exercito tem de soffrer com a falta de recrutas, que ao menos se não atrophie a agricultura.

O systema das remissões a dinheiro offerece as maximas garantias de exito. O recenseado não é obrigado a procurar um substituto com menos de trinta annos, e a ficar com a responsabilidade da permanencia d'esse substituto nas fileiras do exercito. As remissões correspondem á libertação e abandono d'essa responsabilidade. Satisfeita a remissão, o mancebo é senhor da sua vida, ao abrigo de qualquer eventualidade.

Assim a emigração não receberá o contingente dos recrutas, e é de crêr que termine de vez esse formidavel cancro social que nos arruina.

Cada emigrante que foge tem de pagar ao engajador quinze ou vinte libras. As remissões a dinheiro pódem custar menos. Essa despeza é ainda aggravada pelo dispendio feito na America, para onde os emigrantes se encaminham, tendo por futuro incerto uma collocação que não chega nunca. E essa despeza fal-a contente o nosso homem do campo, quando com menos podia pagar um substituto!

Todos estes inconvenientes encontram uma solução que se offerece como a mais efficaz nas remissões a dinheiro. A hesitação sobre este ponto, parece-nos ociosa. Todas as tentativas se justificam em presença d'uma situação de tanta gravidade, como a que se está produzindo nas nossas aldeias.

Combata-se pela conservação do amor á terra natal, e abandonem-se certas reservas, que, justificadas em circumstancias normaes, são verdadeiros prejuizos, quando o paiz é ameaçado por um facto social de tanta gravidade, como a emigração aos milhares e o abandono dos campos.

Que seja posta em pratica a remissão do serviço militar.

A industria nacional

São do illustre publicista, sr. Oliveira Martins, os seguintes periodos, extrahidos de um artigo seu, publicado n'uma folha do Brazil:

«Aqui tenho perante mim cortadas umas folhas para encher, e os cuidados absorventes da situação actual suggerem-me considerações até certo ponto illustrativas.

Esse papel em que escrevo vem de França, das papelarias de Angoulême. A penna que tenho entre os dedos é da fabrica de Perry, de Londres. O papel é soffrivel, a penna é excellente. Ambos são baratos. Estou sentado em uma cadeira commoda, de altura graduavel e de movimento oscillatorio; veiu dos Estados-Unidos. Sento-me á uma mesa de nogueira da America. Escrevo sobre um caderno de matta borrão allemão. Tomo notas com um lapis excellente da fabrica Faber, de Leipzig; é o lapis memorandum, grafite para, armado com um disco de borracha para apagar as emendas. E tenho deante de mim um frasco de gomma arabica para collar os cortes da imprensa nacional e estrangeira que celebra em todos os tons a crise portugueza.

Até a gomma arabica é franceza, da fabrica Antoine fils, de Paris; a tinta azulada, que vejo ir correndo sobre o papel, até essa propria tinta de escrever é allemã. O papel e a penna e tudo isto, a meu vêr, dizem mais sobre a crise do que todas as gazetas do mundo!

Concebe-se facilmente que possa viver um povo comprando tudo, absolutamente tudo quanto consome, no extrangeiro. E' porém necessario que esse povo, tenha rendas com que pague as contas; e assim foi comnosco, quando cada anno chegavam ao Tejo, no seculo XVI, as naus da India carregadas com os despojos da rapina oriental, e, no seculo XVIII, as naus dos quintos com os productos das minas do Brazil.

No seculo XIX descobrimos outra India ou outro Brazil aqui ao pé da porta, nos mercados financeiros europeus; e conseguimos sacar-lhes mais dinheiro talvez do que deu o proprio Brazil colonial. Em 1851 os encargos da divida portugueza não chegavam a 2.000:000$000 contos, hoje orçam por 24.000:000$. Em 40 annos tivemos artes para nos endividar 12 vezes! Encerramos o periodo das guerras civis com a bolsa vasia, mas o coração alegre: encerramos agora o periodo do *fomento* encravilhados até ás pontas das unhas.»

A republica do Brazil

Não vale a pena mostrarmos ao publico as lições que se encerram nos acontecimentos do Brazil. [illegible]

[illegible]

(29) Folhetim

ERNEST CAPENDU

A RODA DA FORTUNA

XI

As cartas

[illegible]

(Continúa).

De natureza satírico-humorística foi editado em Lisboa *O Pimpão*, o qual sobreviveu por um período significativo em se tratando de tal estilo jornalístico, circulando duas vezes por semana entre 1º de outubro de 1876 e 15 de janeiro de 1918[126]. Seu título fazia alusão à figura do fanfarrão e do festivo, bem de acordo com seu espírito calcado no humor. Em seus primórdios, começaria "por ser apenas de humor literário", passando, posteriormente, a "ser um hebdomadário de sátira política, mas também com brejeirice pelo meio", e, ainda mais tarde, "ao introduzir ilustrações, a sua opção vai para o erotismo"[127]. O caráter humorado estava já presente inclusive nos dísticos em seu cabeçalho, apresentando-se como "órgão dos dissidentes de todos os partidos existentes", e "folha de rachar", ou ainda "artigos de escacha feitos com uma acha". Posteriormente, como em 1892, mudaria o frontispício, acrescentando àqueles dizeres, a expressão "folha humorística bissemanal".

Este mesmo jornal era também jocoso ao apresentar-se aos leitores, afirmando que seria "vadio em política e indiferente em religião", podendo "ser um favo de mel como muita gente" que cultivava "o gênero com proveito próprio" mas não iria contradizer "a sua índole maledicente e mordaz". Destacava que pretendia aborrecer "o vício, a devassidão, a hipocrisia", e esclarecia que, para ele não havia "amigo, nem distinto escritor, nem ilustre defunto", pois trataria "a todos pelos seus nomes" e a todos receberia "sem distinção de classes". Prometia beliscar " sem tirar a pele", rir do que fosse

[126] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 174.
[127] SOUSA, O. M. de, s/data. p. 182.

ridículo e a tudo castigaria e, uma vez agredido, iria defender-se. Em sua segunda edição, enfatizava que se dedicava "a todos os seus amados companheiros, rachadores, tosadores, esfoladores, escachadores, maledicentes, satíricos, epigramáticos, irônicos e burlescos", empregando para todos substantivos contundentes, típicos dos satíricos da época[128].

Em Póvoa do Varzim, localidade ao norte de Portugal, próxima à cidade do Porto, circulou, entre 1877 e 1899[129], a *Estrela Povoense*. Chegou a apresentar o dístico "semanário absolutamente independente", de acordo com sua proposta de ser predominantemente noticioso. Ao completar uma década e meia, o jornal dava ênfase à sua proposta editorial, segundo a qual "a independência mais completa e a imparcialidade mais rigorosa" iriam nortear sempre o seu proceder. No mesmo sentido, garantia que não se desviaria do caminho "da verdade, da ordem e da justiça", não comentando "o insulto, a verrina, a acusação infamante", que seriam "horríveis abjeções", as quais eram reprovadas e condenadas "por toda a gente sensata de sentimentos nobres". Defendia que o jornal deveria "ser evangelizador de princípios bons e nunca escola de imoralidades". E ainda concluía que, "a par da independência mais completa, da imparcialidade mais rigorosa", ele haveria "de propugnar constantemente pelo engrandecimento" daquela "importantíssima vila", pedindo e reclamando todos os melhoramentos que se tornassem necessários[130].

[128] O PIMPÃO. Lisboa, 1º out. 1876. A. 1. N. 1. p. 1.; e 8 out. 1876. A. 1. N. 2. p. 1.
[129] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 311.
[130] ESTRELA POVOENSE. Póvoa do Varzim, 22 fev. 1891. A. 15. N. 728. p. 1.

ESTRELLA POVOENSE

SEMANARIO ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

Anno 15

Director e redactor principal—A. dos Santos Soares.

Administrador—Julio Rodrigues de Cepeda Chaves.

Redactores—A. M. Pinto da Silva e A. Silveira Junior. Collaboradores—Dr. Domingos Amorim, dr. David Alves, J. Matheus da Silva, José Avelino, José Augusto Carneiro e José Alves Vieira.

N.° 728

Assignaturas: Povoa, semestre, 600 rs.—Para fóra anno 1$500 rs.—Brazil, anno 3$000 rs. fortes.—Redacção e administração, rua do Cidral, 33.

Povoa de Varzim, 22 de fevereiro de 1891

Annuncios e communicados, linha, 30 rs. Annuncios d'anno, preços convencionaes. Annuncios litterarios, gratis, enviando um exemplar.

Poder-se-hão publicar n'este jornal todos os escriptos que não se opponham á Religião, á ordem, á honra pessoal e que não tenham affeição partidaria.

A direcção e a redacção d'este periodico não perfilham as opiniões que forem expendidas nos escriptos de seus collaboradores: a sua responsabilidade pertence, exclusivamente, aos signatarios d'esses escriptos, que, todavia, teem de soffrer a previa censura da direcção e redacção. Declaram tambem que são completamente extranhas ás secções de communicados e annuncios.

N'este jornal publicar-se-hão todas as reclamações e queixas dos nossos assignantes, que sejam fundadas na verdade e na justiça e que satisfaçam ás condições acima expostas.

15.° ANNO

Umas palavras apenas:

Entra hoje a "Estrella Povoense" no seu 15.° anno, e entra hoje tambem em uma nova phase, em uma nova vida.

A independencia mais completa, a imparcialidade mais rigorosa nortearão sempre o proceder d'este jornal. E será inabalavel, firmissimo, esse proceder: poderemos abandonar os trabalhos a que nos propozemos, mas nunca quebraremos o nosso proposito, nunca trahiremos o nosso programma.

Talvez não gostem d'esta nossa conducta alguns amadores do insulto soez, da verrina escandalosa, da accusação infamante. Se assim acontecer — dizemol-o altivamente — não assignem esses o nosso jornal, porque não será a falta de assignaturas que desviará a "Estrella Povoense" da Verdade, da Ordem e da Justiça. O insulto, a verrina, a accusação infamante são abjecções que nos horrorisam e que toda a gente sensata, de sentimentos nobres, reprova e condemna. — O jornal deve ser evangelisador de principios bons e nunca eschola de immoralidades. Pensamos assim e procederemos assim. Fiquem certos d'isto.

E a par da independencia mais completa, da imparcialidade mais rigorosa, este jornal ha de propugnar constantemente pelo engrandecimento da nossa importantissima villa. [illegible] desassombradamente, todos os melhoramentos que se tornarem necessarios. Sem nunca descer a excessos, sem nunca ultrapassar a esphera da Ordem, da Razão e da Justiça, mas sem preoccupações, sem contemplações de qualidade alguma, ha de combater, valentemente, todos os preconceitos mesquinhos, todos os abusos, que acarretam prejuizos sem conto.

Será esse o nosso proceder: poderemos, repetimos, abandonar os trabalhos a que nos propuzemos, mas nunca quebraremos o nosso proposito, nunca trahiremos o nosso programma.

Nada mais.

O MOLHE DO SUL

E' tempo de acordar e de attender energicamente a um assumpto da maior importancia, a uma questão momentosa, que a todos interessa, porque interessa summamente á prosperidade, ao engrandecimento d'esta villa.

Nada de hesitações e de demoras; que demoras e hesitações, n'esta occasião, podem acarretar gravissimas consequencias.

O perigo é grande, e toda a negligencia em o debellar será o maior dos crimes.

O molhe do sul, segundo a actual planta dos melhoramentos da enseada da nossa praia, é inutil e prejudicial. Não melhora em coisa alguma as condições em que se encontra a praia, não a beneficia em coisa alguma, para nada lhe serve, quiçá sirva sómente para a deteriorar ainda mais.

Para que o molhe do sul corresponda ao fim a que é destinado, deve obedecer a outra planta, deve soffrer modificações, deve tomar outra direcção. E, se acaso não quizerem fazer essas alterações, se, *por qualquer motivo desconhecido*, não quizerem ouvir os nossos justissimos pedidos, instemos então para que esse molhe não se construa, augmentando-se, com a quantia que n'elle se havia de despender, o molhe do norte.

Não adduzimos razões: apresenta-as bem claramente a representação, que em seguida publicamos, dirigida a El-Rei pela irmandade de N. Senhora da Assumpção.

Torna-se urgentemente necessario, porém, que essa representação não seja a unica. É dever da camara, de todas as corporações, de todos os habitantes d'esta villa, secundar os esforços da real irmandade. Não se descure esta nossa recommendação. É principio assente que a união faz a força; e esta união é agora, mais que nunca, precisa. Nada de hesitações e de demoras! O perigo é grande, e toda a negligencia em o debellar será o maior dos crimes. Attendamos ao nosso bem, ao futuro d'esta villa!

Não abandonaremos esta gravissima questão. — O programma do nosso jornal exige que assim procedamos.

* * *

Senhor! O Governo de Vossa Magestade mandou proceder a obras para melhoramento da enseada d'esta villa, pelo que esta meza beija as mãos de Vossa Magestade; mas tem a ponderar o seguinte: — Estas obras constam de um molhe chamado molhe do norte, outro do lado do sul, quebramento e extracção da rocha Borraceira e balizagem da pedra Gonelgas. O molhe do norte já começou a construir-se, seguindo do extremo do paredão e ha de constar de doze alinhamentos rectos até á pedra Leixão. O primeiro alinhamento fórma com o NO. um angulo de 31°15' e tem a extensão no projecto de 274m,40. O segundo alinhamento faz com o NO. um angulo de 41°5' e mede o comprimento de 119,m40. Os dous alinhamentos dão a extensão total de 393,m80. O molhe do sul começará, segundo a planta respectiva, 1 metro acima da maxima preamar sobre a pedra *Fobita* e projecta-se por um alinhamento recto a terminar no extremo do grande rochedo denominado *Estramundes*.

Examinando, portanto, com reflexão, o logar do molhe do sul vê-se que o termo d'este molhe da parte do mar dista do do norte a extensão de 500 metros, dando assim do lado do mar uma grande abertura, d'onde resultará infallivelmente ser o dito molhe do sul inutil para o melhoramento da enseada, além do que não beneficia uma outra entrada da parte do mar, entre a pedra *Mendibus* e *Estramundes*, que ate aqui tem servido algumas vezes de utilidade aos pescadores, residentes no extremo sul da villa. Para que este molhe do sul possa servir de melhoramento da enseada d'esta villa, torna-se necessario que principie na praia no logar em que o seu declive marque um metro acima da maxima preamar de aguas vivas, sendo o ponto de partida ao norte da pedra do *Cabedello*, em um unico alinhamento recto, passando por cima, ou ao do lado do norte, da pedra *Gonelgas*.

Esta meza não póde saber se porventura haverá alguma difficuldade que se opponha a que se faça esta alteração; no caso, porém, que isto não tenha logar por qualquer motivo desconhecido, lembra esta meza que, vista a inutilidade do molhe do sul como está delineado na respectiva planta, em vez d'este dito molhe do sul se dê maior extensão ao molhe do norte, despendendo-se n'este a quantia orçamentada no acima dito molhe do sul, construindo-se a maior o numero de metros que se possa obter com aquella quantia, que aliás se despenderia n'este molhe, accrescentando-se estes metros a maior no primeiro alinhamento recto do molhe do norte. Por tanto, á vista do exposto, roga esta irmandade que a construcção do molhe do sul seja feita a começar no logar acima indicado, isto é: ao norte do penedo chamado *Cabedello*, e a não se poder realisar esta alteração, que, em vez da construcção d'este molhe, se dê maior incremento ao molhe do norte, despendendo-se n'esta alteração a quantia que aliás se despenderia com o molhe do sul.

Rejubilamos vivamente com o quasi completo restabelecimento da snr.ª D. Emerenciana Rodrigues da Costa Silveira, avó do nosso redactor snr. Antonio Silveira Junior.

ESTUPIDEZ

Para alguma coisa ha de dar a bebedeira…

Em a noite de terça-feira passada, alguns amigalhotes de Baccho entretiveram-se a apagar muitos candieiros da illuminação publica e a mudar a taboleta da loja do sr. Manoel Francisco Nogueira Junior, do Passeio Alegre, para juncto da casa do sr. Candido Augusto Landoll, redactor da «Independencia», á rua da Junqueira, e a [illegible] do Thomaz ferrador para proximo da casa do sr. Joaquim Martins da Costa, acreditado negociante, na Praça de S. Roque.

O pobre do Thomaz ferrador foi quem soffreu mais com a brincadeira estupida dos bacchantes: cortava o coração vel-o, logo pela manhã, suar e tresuar, [illegible], para collocar no seu respectivo logar o pesadissimo instrumento.

Prégá hoje, de manhã, na Matriz, o nosso illustre amigo rev.mo Abbade de Nabais; de tarde, na Lapa, o mesmo rev.mo Abbade; e na Misericordia o nosso distincto amigo rev. padre Francisco Lello de Moraes.

CAMARA MUNICIPAL

Sessão ordinaria de 9 de Fevereiro de 1891

Aos 9 de Fevereiro de 1891, n'esta villa da Povoa de Varzim e sala das sessões da camara municipal, estando presentes os srs. vereadores: Gonçalves Cascão, Martins Ferreira, Ferreira Torres, Sá Vieira e Gomes Casaes, faltando apenas e por motivo justificado o vereador Almeida Brandão, foi pelo presidente da mesma José Ferreira do Valle, aberta a sessão pelas 11 horas da manhã; e, lida e approvada a acta em minuta da sessão anterior, propoz o presidente e foi unanimemente approvada e assignada uma mensagem de felicitação a S. Magestade El-Rei pelo mallogro da revolta militar que teve logar no dia 31 de Janeiro findo na cidade do Porto.

Em seguida foi apresentada a correspondencia seguinte:

Officios

—Da administração d'este concelho, acompanhando uma copia do auto de inspecção e visita a duas cocheiras suspeitas de doença de mormo. Inteirada.

Requerimentos

—O de José Alves Pereira, do logar de Regufe, pedindo licença para construir uma casa na rua do Principe, foi deferido em conformidade do parecer do empregado technico, que declara não receber o requerente nem ceder terreno publico.

—De José Maria Pereira da Silva, da freguezia de Beiriz, pedindo licença para reedificar a casa que possue no logar da Pedreira da mesma freguezia — foi deferido nos termos da respectiva informação que diz não receber nem ceder terreno publico o requerente.

—De Manoel Martins Vinagre, da rua de Santos Minho, d'esta villa, pedindo licença para levantar a frente d'uma casa que possue na dita rua — foi a informar ao empregado technico.

—De José Francisco da Silva, da freguezia de Rates, pedindo a venda ou aforamento de uma porção de terreno maninho, sito no logar de Valle-Maior da dita freguezia. Foi a informar á respectiva junta de parochia.

—Finalmente foi concedido por seis mezes o subsidio de lactação a Emilia Rosa Ferreira, viuva, da freguezia de Beiriz, para auxiliar a creação de seu filho José.

E não havendo mais nada a tractar, encerrou-se a sessão pela 1 hora da tarde.

Os devotos da imagem do Bom Jesus do Cruzeiro, que se venera no logar do Caclheiro, projectam mandar edificar uma nova e elegante capella. Para isto teem distribuido cartas pedindo a coadjuvação de todos os [illegible].

Desejamos que os devotos [illegible] possam levar [illegible] a cabo [illegible].

Entre 1877 e 1900[131], foi editado no Porto o semanário *Gazeta Militar*, cujo título já demarcava sua inspiração. Afirmava que se manteria "sempre no caminho da sua preocupação constante de pugnar pelo bom nome do exército" por ser esta "uma daquelas instituições que mais" deveriam interessar ao país. O jornal declarava que continuaria "no papel que a si próprio" impusera, ou seja, "sem outra política" que não fosse "a de interesse geral da nação, e em particular a do exército". Dizia que não estava "ao serviço especial de quem quer que fosse", de maneira que usaria "livre e espontaneamente da crítica dos fatos que no decorrer do tempo" fossem ocorrendo, estando pronto "a louvar os bons, como a condenar aqueles que por sua natureza" se afiguravam "maus ou que assim fossem considerados pela opinião pública"[132].

[131] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 377.
[132] GAZETA MILITAR. Porto, 7 jan. 1895. A. 19. N. 896. p. 1.

GAZETA MILITAR

DIRECTOR E PROPRIETARIO, Antonio Rodrigues Barbosa

19.º ANNO | PREÇO DA ASSIGNATURA — (PAGAMENTO ADIANTADO) Anno, 2$400, semestre 1$200 réis. Toda a correspondencia dirigida á redacção, rua de S. Victor, 86, — Porto. | N.º 896

Porto, 7 de janeiro de 1895

Estamos no anno de 1895, sem que vissemos, ao cabo de um longo percurso de tempo gasto em promessas, alguma medida de alcance lisongeiro para o bom nome da instituição militar. Pequenos nadas, verdadeiras bagatelas, como de resto tem sido esta a norma da nossa orientação militar, eis em que se gastou o melhor da gestação de um anno. Diz-se, ainda agora, que vae ser decretada em dictadura a annunciada reforma do exercito, o limite de edade, a reducção do quadro do generalato etc. etc.

Nós, pela nossa parte, não sabemos distinguir ou extremar cada uma d'estas coisas de qualquer das outras, ou melhor—não sabemos como é que uma chamada reforma do exercito não abranja no seu conjuncto todos os pontos que acima referimos; porquanto, em nossa opinião constituiriam todos elles juntos aquillo a que nós chamamos, genuinamente,—a reforma do exercito.

Infelizmente, a legislação a retalho, sendo sempre o prurido dos nossos dirigentes; e não ha que vêr com ella viveremos, como uma especie da tradição nacional, muito propria da nossa indole, pelo visto.

E assim, acontece que nos encontramos sempre em falta de alguma coisa, quando não é uma falta sensivel de tudo o que se precisa n'um dado momento atinente a um determinado fim; nem de outra fórma se explica rasoavelmente o estado de abatimento em que se encontram, de ordinario, todas as dependencias do nosso mundo official.

Não são passados muitos dias que um exemplo frisante e por extremo doloroso nos não viesse inquietar, mostrando-nos de caminho que nós—embora n'um paiz colonial—carecemos de elementos indispensaveis para acudir de prompto—com elementos proprios—a uma das nossas colonias ameaçadas. Foi preciso que a metropole se organisasse á pressa uma expedição, com gente não aclimada, nem, de forma alguma, conhecedora d'aquellas regiões, gente emfim inhabilitada, para ir bater-se com o gentio. E não é que falta ao exercito portuguez a coragem nem a vontade de ser prestadio ao seu paiz, tornando-se crédor do conceito e estima publica; mas, porque aonde não ha o elemento da previsão e do calculo, por certo que o resultado final não pode ser nunca exacto e seguro, como é para desejar sempre que se trata de um problema do altissimo interesse, e mormente o problema que diz respeito á segurança de um povo.

* * *

A nossa *Gazeta*, pois, sempre no caminho da sua preoccupação constante de pugnar pelo bom nome do nosso exercito, como uma d'aquellas instituições que mais devem interessar ao nosso paiz, continuará, como sempre, no papel que a si proprio se impoz. Sem outra politica que não seja a do interesse geral da nação, e em particular a do exercito, não se transviará jámais da senda em que uma vez se lançou; e, por isso, não se pondo ao serviço especial de quemquer que seja, usará livre e expontaneamente da critica dos factos que no decorrer do tempo se forem dando, prompta a louvar os bons, como a condemnar aquelles que por sua natureza se lhe afigurem maus ou que assim sejam considerados pela opinião publica. Desejariamos muitissimo encher as nossas columnas com palavras de acolhimento lisonjeiro áquelles actos que dimanassem das estações superiores; mas, claro está, que para isso seria necessario que em taes regiões se pensasse, reflectidamente e por uma vez, em remediar o mal acerbo que contamina a nossa sociedade, ao menos com respeito ao mundo official. E sem duvida que nas ditas instancias ha a melhor boa vontade em acertar; infelizmente os resultados praticos é que não correspondem ao desideratum que as mesmas teem em vista. E repetindo, oxalá, que alguma coisa de proveitosa e da boa apparença com que o exercito haja de se congratular, folgando nós com elle e felicitando-o pela sua boa fortuna de um dia. Eis a nossa affirmação e o nosso voto.

De relance

Após as continuas reformas e innovações até aqui introduzidas no fardamento do official do exercito, sempre nos pareceu ser o actual padrão, a expressão mais complexa, emfim, a ultima palavra sobre o assumpto; porém enganámo-nos, porquanto já se diz que ainda se espera um novo projecto, uma segunda edição do primitivo mais correcta e augmentada.

Não sou pessimista professo, nem tão pouco apologista convicto d'este ou d'aquelle uniforme; mas o que é para lamentar é que não tenhamos um plano exclusivamente nosso, um typo genuinamente nacional, sem precisarmos de recorrer a differentes moldes estranhos, como acontece respectivamente ao presente padrão, porisso que não é mais do que uma mera imitação, um simples plagiato, mas nunca uma invenção ou descoberta perfeitamente nossa.

E' sempre facil architectar um determinado plano, porém mais difficil é resolvel-o de modo que se adopte ao fim principal.

Todos os meios são bons quando estes satisfaçam o fim essencial, mas aqui succede precisamente o contrario.

Com effeito, este ultimo plano d'uniformes está condemnado por si mesmo, pois nem sequer o recommenda a fórma artistica; contém realmente defeitos visiveis, imperfeições bem palpaveis, que todos lhe reconhecem, sendo effectivamente um d'elles o ser assás dispendioso e incommodo para quem d'elle tiver de fazer uso frequente, especialmente no rigor do verão, pela falta de flexibilidade do talho e compressão que apresenta em todo o seu conjuncto que se torna altamente incommodativo usal-o.

O capote, que mais se assemelha a uma sotaina enquanto á fórma do que a um artigo puramente militar, o qual, além de ser de má qualidade a fazenda de que se compõe, é susceptivel de pouca conservação attenta a propria côr que não é fixa. Em egualdade de condições está os restantes artigos que fazem parte complementar do alludido fardamento.

Concordo que o antigo uniforme contivesse as suas incorrecções, mais ou menos pronunciadas, mas que era mais economico, ao passo que este é sómente dispendioso bastante conquanto pareça mais simples e menos faustoso.

E' já velho costume n'este malfadado paiz, andarmos sempre por imitação dos outros, não só em questão d'uniformes como em tudo o mais; depois, não falta quem se lembre de improvisar novos typos de uniforme e d'elles faça resenha e enorme escandal pela imprensa e orgãos officiosos, sem todavia se attender reflectidamente para com as conveniencias dos interessados, d'aqui, resulta pois a má orientação que na verdade resultam de taes planos *ad-hoc*.

Segundo o meu vêr, entendo que nenhum plano d'uniforme se deve afastar do seu objectivo principal, e sem obedecer a uma razão qualquer de conveniencia a qual, se funda na economia da farrera do mesmo fardamento tanto para o official como para uma praça de pret.

Mas, qual foi a conveniencia, que resultou do novo padrão após tantas alterações que em tão curto espaço, tem conhecido o exercito?

Sob o ponto de vista militar e economico, não acho razão alguma que por ventura justifique uma reforma profunda e radical, pois que ninguem ignora que os padrões antigos do uniforme dos officiaes, são demasiadamente dispendiosos, o que está em completa opposição e desharmonia com o mediocre vencimento d'um official subalterno.

Ainda pela mesma circumstancia, julgo inopportuno qualquer remodelação sobre o actual systema, visto que importa novas despezas para os interessados, e com ellas só teem a ganhar os fornecedores e alfaiates.

Bem dizia o Bocage, que estava á espera que chegasse a ultima mola para mandar proceder á *farpella*...

Assim nós precisavamos de fazer o mesmo, porque do contrario, todo o soldo é pouco para occorrer ás despezas de fardamento que se vão multiplicando cada vez mais, sem que d'ahi advenha resultado satisfactorio!

Nas actuaes circumstancias, a questão dos taes uniformes é com effeito um pesado fardo para o official que, já lucta com difficuldades para manter a sua posição militar no meio luxuoso que atravessamos.

C. P.

O exercito portuguez

Foram distribuidas, ha pouco, as contas do ministerio da guerra da gerencia de 1892-1893 e do exercicio de 1891-1892. Dos mappas e desenvolvimentos que as documentam extrahem-se informações muito interessantes. Ahi vão algumas:

A despeza realisada em 1892-1893 sommou 5.967:999$209 réis, sendo ordinaria 5.748:672$328 e extraordinaria 199:326$881, que se compõe das seguintes parcellas: fortificações de Lisboa e seu porto 104:759$940, obras em quarteis e mais edificios militares 78:600$518, ampliação da fabrica da polvora 11:400$000, carreiras de tiro 3:349$905, acquisição de torpedos e material correlativo 1:140$000, emigrados hespanhoes 76$518.

A conta do exercicio de 1891-1892, definitivamente encerrada em 31 de dezembro de 1892, mostra que a despeza total, n'esse periodo, foi de 5.336:560$107 réis, que se decompõe por esta fórma:

Soldos e vencimentos 1.427:095$725 réis, gratificações 386:891$932, ajudas de custo 4:013$710 réis, pret e fardamentos réis 1.295:659$395, maioria de readmissão de officiaes inferiores 52:301$685, de outras praças 5:628$645, gratificações de guarnição e classe 62:015$610, de marcha 3:331$365, de tratamento do gado 11:306$235, pão 174:548$848, forragens 524:822$660, luzes 16:988$343, rancho 332:728$809, massas para conservação e entretenimento de armamentos 30:511$174, para ferragens e curativo de cavallos 27:859$677, vencimento de cavallos para os officiaes montados dos differentes corpos do exercito e remonta réis 35:176$907, rações de bordo 9:736$176, supprimento aos hospitaes militares réis 44:717$205, excesso da despeza com o tratamento de officiaes e praças de pret em hospitaes civis 11:491$548, expediente e diversas outras despezas 676:735$356. N'esta quantia comprehende-se tres verbas muito importantes: para material dos diversos estabelecimentos dependentes do ministerio da guerra 326:130$119, subsidios de marcha e residencia eventual e transportes réis 144:707$724, material dos corpos do exercito 71:996$263. A despeza extraordinaria, cuja applicação foi a mesma que especificamos, a proposito da gerencia de 1892-1893, importou em 213:019$915.

O effectivo do exercito foi este: 9 generaes de divisão e 24 de brigada, 45:000$000 réis; 2 generaes, 1 coronel, 1 tenente-coronel, 1 major, 4 capitães, 1 tenente ao serviço de el-rei, 4:320$000; 1 major e 2 capitães ao serviço do infante D. Affonso, réis 600$000; 4 commandantes das quatro divisões militares, 4 segundos-commandantes, 4 chefes de estado-maior, 4 sub-chefes e ajudantes, 12 ajudantes de campo, 4 cirurgiões de divisão, 4 de brigada, 4 officiaes de secretaria, 4 archivistas, 2 aspirantes, 4 continuos, 4 serventes (sargentos, cabos e soldados reformados), 29:254$080; 4 commandantes dos districtos das ilhas, 1:320$000 réis.

Estado-maior: 6 coroneis, 6 tenentes-coroneis, 6 majores, 20 capitães, 10 tenentes, 1 archivista, 48:117$000 réis.

Engenheria: 10 coroneis, 10 tenentes-coroneis, 10 majores, 40 capitães, 40 tenentes, 12 alferes, 2 desenhadores, 1 archivista, 15 caserneiros, 120 guardas, 93:033$390.

Regimento: 1 tenente quartel-mestre, 1 cirurgião-mór, 1 cirurgião-ajudante, 1 facultativo veterinario, 8 1.ºs sargentos, 73 2.ºs, 72 1.ºs cabos, 72 2.ºs, 352 soldados, 4 clarins, 12 corneteiros, 4 ferradores, réis 36:399$605.

Torpedos: 1 director, 4 adjuntos, 1 commandante, 1 subalterno, 2 1.ºs tenentes da armada, 1 engenheiro machinista, 1 ajudante de manobra, 1 1.º sargento, 6 2.ºs sargentos 10 cabos, 90 torpedeiros, 2 corneteiros, 30 fogueiros, serralheiros, machinistas, etc, réis 29:728$280.

Artilheria: 15 coroneis, 15 tenentes-coroneis, 17 majores, 82 capitães, 68 1.ºs tenentes, 82 2.ºs—Tres regimentos de campanha, dous e quatro companhias de guarnição e uma brigada de montanha: 243 officiaes de differentes patentes, gratificações—réis 49:440$000; 2 quarteis-mestres, 14 cirurgiões-móres, 5 ajudantes, 3 capellães, 3 picadores, 7 veterinarios, 19 aspirantes a officiaes, 6 sargentos ajudantes, 3 contra-mestres de clarins, 3 corneteiros, 22 selleiros, coronheiros, espingardeiros, etc. 52 1.ºs sargentos, 215 2.ºs, 444 1.ºs cabos, 444 2.ºs, 2:126 soldados, 156 clarins, corneteiros, aprendizes, 64 ferradores e aprendizes—398:073$000.

Cavallaria: Inspecção geral, 6 officiaes, 12 empregados menores, gratificações—3:720$000.—Regimentos, 10—10 coroneis, 10 tenentes-coroneis, 10 majores, 10 ajudantes, 60 capitães, 64 tenentes, 67 alferes, 25 graduados, 20 quarteis-mestres, 20 cirurgiões, 10 capellães, 10 picadores, 10 veterinarios, 25 alferes graduados, 103 aspirantes a officiaes, 10 sargentos-ajudantes, 10 mestres e 10 contra-mestres de clarins, 40 espingardeiros, coronheiros, etc., 60 1.ºs sargentos, 130 2.ºs, 240 1.ºs cabos, 240

Na localidade da Guarda, em distrito homônimo, na fronteira com a Espanha, circulou, entre 24 de fevereiro de 1878 e 3 de maio de 1903[133], o *Distrito da Guarda*, outro representante do jornalismo regional luso. Se apresentando como "órgão do Centro Progressista", a folha semanal garantia que se conservaria "no seu posto, defendendo nos limites das suas forças, com vigor e energia, a política do glorioso partido" a que se honrava em pertencer. Ainda declarava que, com seu "esforço e trabalho", continuaria "defendendo os elevados problemas de política e da administração pública", as quais eram "as aspirações do Partido Progressista", além disso, no distrito e no concelho continuaria "pugnando pelos melhoramentos" dos mesmos, e que, "tão abandonados", tinham "incontestáveis direitos". A tais propostas, somava-se a de ser "sempre severo e rigoroso, quando o poder e as autoridades" se desviassem "do caminho da mais estrita moralidade"[134].

[133] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 262.
[134] DISTRITO DA GUARDA. Guarda, 23 fev. 1890. A. 13. N. 625. p. 1.

DISTRICTO DA GUARDA

ORGÃO DO CENTRO PROGRESSISTA

12.º ANNO — Domingo, 1 de Dezembro de 1889 — N.º 613

GUARDA

A REPUBLICA BRAZILEIRA

E A

MONARCHIA PORTUGUEZA

A revolução brazileira que rebentou no Rio, originou diversas e sensatas apreciações sobre as consequencias da propaganda republicana em Portugal.

Supponhamos que desabrolhe-se no Porto ou em Lisboa uma revolução republicana, e que um governo provisorio, immediatamente estabelecido, proclamasse a queda da monarchia, impondo ao sr. D. Carlos e á familia real a obrigação de saharem do que immediatamente. Como acceitaria o nosso povo a mudança da forma governativa? Patenteiaria pelas tradições ancestraes e fraternaria a realeza? Assistiria indifferente á mudança do scenario politico? Festejaria o movimento com as phrases massiças locaes e com foguetes?

Obriga a essas perguntas a maneira como os brazileiros acolheram a revolução. Os que as agrossaram como conservadores e sympathicos ao imperador, mudaram repentinamente de côres; os monarchicos exercem conversorios tão subitaneos que enthusiastam pelas formulas republicanas.

Os brazileiros, pois que se vê, não são homens de convicções profundas. Acceitam os factos, acolhem com sympathia a proclamação da republica, dão adeus ao imperador, esquecidos de que ainda hontem o festejavam com vivas e o cobriam com palmas.

Succederia cá a mesma cousa?

Amanhã um audacioso, aproveitando-se d'um incidente politico, d'uma medida antipathica e com geral, levantava-se de prometter a troça augmento nos seus vencimentos; e a soldadesca cercava o palacio real, mandava dizer saber o monarcha, ordenava a sua deposição e depois os paços dos deputados.

Qual seria a opinião? Qual a attitude do povo? Acompanharia com o mais completo desprezo, com as gargalhadas de escarneo que lhes ficavam.

E por que? E porque as forças politicas são indifferentes perante o exercito. E um caso de duvida prefere-se a monarchia.

Que garantias nos offerece a republica, cujo presidente nem poderes ha constituidos segundo as leis, e cuja particularidade legada a Brazil os actos do governo executivo, exactamente como nas monarchias? Será que a escolha do presidente offerece mais garantias de intelligencia e fidalguia que a escolha de um monarcha por hereditariedade?

Temos as vistas experimentadas do suffragio universal e dissemos completamente os ungidos com exaltadas theorias dos eleitores. A França republicana e a poderosa nação dos Estados Unidos escolhem para presidentes, ordinariamente, homens que significam nullidade. As democracias, sempre desconfiadas, receiam-se dos homens de valor; e porque, homens por homens, preferimos um monarcha hereditario a um presidente eleitoral.

Mas deixando essas considerações, voltemos ao assumpto.

Sem attender ás vantagens de qualquer forma politica, o paiz, conhecendo por experiencia que os partidos politicos são a força anarchisadora mais contundente dos interesses moraes para o desprestigio do parlamentarismo e teme bem cedo a indifferença pela Brazileira real, não sentiria soluções se por ventura uma revolução qualquer, á maneira do Rio Brazil, collocasse um presidente em logar do rei.

A causa d'esta desgraçosa acção é o rebaixamento dos costumes, permittido pelos governos sem força para o reprimir, tolerado pela massa, cerrados de que qualquer representação contra a lenidade dos mesmos costumes póde pôr em perigo a queda da monarchia.

Affirma-se que a monarchia precisa de reprimir os excessos da propaganda republicana. E impossivel. Nem a monarchia tem a moralidade moral nem a força para o fazer; nem o parlamento da propaganda republicana. Essa direcção, nem clarões que representa e disciplinam os elementos dispersos.

Se a monarchia cahir um dia por uma revolução inesperada, provocada por qualquer incidente, não deve attribuir a acontecimento se produzir dos republicanos, que é não tem. A mudança de forma do governo nesse caso é simplesmente determinada pela reluctancia, pelo indifferentismo e pelo nojo por tudo, pela immoralidade geral. Essas circumstancias poderão ser apreciadas por muitos estadistas, sustentando-se com enthusiasmo pelos portuguezes, a quem não pertencem as honras de governo.

A brandura de costumes, de que tanto se falla, não significa mais do que a fraqueza dos governos demasiadamente para reprimirem todos os actos de relaxamento e de corrupção, todos os dias presenciados.

Podem os partidos politicos governar segundo os principios da moralidade, reagir contra o indecoro e amoralidade geral, obrigar todos a cumprirem a lei e a serem fieis aos seus deveres? No dia em que o tentassem, a monarchia cahia, sem forças para levar a cabo empresa tão difficil.

BRAZIL

A republica abençoada

O accordeque do Rio de Janeiro abençoou a republica; e dias antes da queda da monarchia prohibira o mesmo Deus que se reconhecesse nessas pela alma do bello Victor da Silva, por ser o grão senhor de muitissimas brazileiras. A agencia Havas chama liberal a esse prelado!

Um principe sovina

Sem duvida a monarchia tinha de cahir no Brazil, mas em presença de que os brazileiros supponhamos mais imperador o conde de Eu. Este succede a D. Pedro II; este conde é o principe mais sovina e mais avarento que conhecemos. Emquanto esteve no Brazil, a sua mais consoladora e mais intima paixão foi accumular riquezas. Ao mesmo á conta da gente pobre.

Nova ella de ringger annos, pelo qual lhes augmentou 10$000 réis mensaes. Uma pobre viuva, redusida de fidvo, um dos mesmos não ganha pagar ao principe, destinado a ser um soberano. O bom do conde, ou qualquer burguez que viva da renda de suas casas, mandou ordem de despejo á pobre mulher; e essa está em vias apressam, ordenou que lhe destabelecesse a casa.

Este humanissimo arrenjava a sua fortuna, por exemplo, aqui na Guarda, emprestando dinheiro a 20 por cento, e acontecendo uma casa de penhores.

Bismark e o Brazil

O ministro de Allemanha, ao assumir do governar o Europa, pensa no que poderia, restabelecer o monarchico no Brazil. Talvez não haja empresa facil. E pois que succederam as negociações iniciadas pelo Bismark o irrigido Sa de Maximiliano do Mexico, o infeliz principe fuzilamento sacrificado por Napoleão III.

BRAZIL

A republica abençoada

O accordeque do Rio de Janeiro abençoou a republica; e dias antes da queda da monarchia prohibira o mesmo Deus que se reconhecesse nessas pela alma do bello Victor da Silva, por ser o grão senhor de muitissimas brazileiras. A agencia Havas chama liberal a esse prelado!

Um principe sovina

Sem duvida a monarchia tinha de cahir no Brazil, mas em presença de que os brazileiros supponhamos mais imperador o conde de Eu. Este succede a D. Pedro II; este conde é o principe mais sovina e mais avarento que conhecemos. Emquanto esteve no Brazil, a sua mais consoladora e mais intima paixão foi accumular riquezas. Ao mesmo á conta da gente pobre.

Nova ella de ringger annos, pelo qual lhes augmentou 10$000 réis mensaes. Uma pobre viuva, redusida de fidvo, um dos mesmos não ganha pagar ao principe, destinado a ser um soberano. O bom do conde, ou qualquer burguez que viva da renda de suas casas, mandou ordem de despejo á pobre mulher; e essa está em vias ao mesmo, ordenou que lhe destabelecesse a casa.

Este humanissimo arrenjava a sua fortuna, por exemplo, aqui na Guarda, emprestando dinheiro a 20 por cento, e acontecendo uma casa de penhores.

Bismark e o Brazil

O ministro de Allemanha, ao assumir do governar o Europa, pensa no que poderia, restabelecer o monarchico no Brazil. Talvez não haja empresa facil. E pois que succederam as negociações iniciadas pelo Bismark o irrigido Sa de Maximiliano do Mexico, o infeliz principe fuzilamento sacrificado por Napoleão III.

Divida do Brazil á Inglaterra

O Brazil deve á Inglaterra os melhor em capitaes e a insignificante quantia de quinhentos e tantos mil contos réis.

A liberdade da republica Brazileira

Os homens do governo provisorio não são partidarios da liberdade da imprensa. Não lhes agrada a brandura dos costumes. E por isso mandam prender os homens de valor que lhes não desafectos. Não se lê prisão o sr. José Patrocinio, um talento o sr. Silveira Martins, orador, homem influente. A razão foi muito simples: ser amigo do general Deodoro, o presidente provisorio. Tambem se acha prisioneiro o antigo ministro do gabinete Candido d'Oliveira.

Italianos no Brazil

Para o Brazil tem emigrado nos ultimos annos milhares de portuguezes, italianos e allemães. Acham-se n'aquelle paiz 400:000 subditos da Italia.

CHRONICA POLITICA

Serpa apeiado e Barjona elevado

Os barjonianos da Guarda referiram mais desolado nas ultimas eleições; e nigem mais os perdos antes da sua eleitoral, foram a dedo pelo não dizer, apassaram-se aos governistas para os representadores de si, que os receberam com os braços abertos, promettendo-lhes quanto queiram.

As ultimas eleições condemnam o sr. Barjona a não ir ao poder pelo menos tão cedo, e que ninguem se lhe, e embora da satisfação os que tinham desejo de ver o sempre. Agora tudo se arranja em paz. Os regeneradores, dizem os empregados de cá, vão apoiar o sr. Serpa, mantendo este abstenção para a sua privada, e alevam á cadeia o sr. Barjona.

Cumpre-nos a crer que os regeneradores procedam bem pouco correctamente com o sr. Serpa, que apoiar das suas distincções para a camara dos deputados, a pouco que o sr. Barjona só lá vem lá, e para isso lá faz grande o amabilissimo governo do partido progressista. Cinda-nos portanto a crer. Mas os magnates de si, levados de convicções e influencia politica affirmam-o, e para isso ha tarão as suas razões.

O que devem ser os reis

Os mesmerianos tempestuam bramam pelas consequencias da revolução do Brazil. O imperador D. Pedro cahiu por ser demasiadamente liberal, pela concessão excessiva e desmasiada que fez á democracia; a ruina da Hespanha mostrou ao sr. Augusta a vontade que tinha de ser estadista ao levar por diante o projecto do suffragio universal, com receio de que lhe succedo o mesmo que ao imperador brazileiro.

Em Portugal a opinião patria pelas medidas de repressão contra a propaganda republicana, reconhece que a negligencia do poder e a brandura dos costumes do rei a acquiriram em terra. N'outro tempo os reis corriam Rabel ii em Hespanha, Carlos x, Luiz Philippe na França e vargas teriam desfructado por não serem liberaes, hoje os mesmerianos estimam exactamente por serem excessivamente democratas. O que devem pois ser os reis, conservadores ou liberaes?

FOLHETIM

O MEU PRIMEIRO DUELLO

(RECORDAÇÕES D'UM JORNALISTA)

IV

No mesão de maio, em certa affluido em todos os sentidos da pequena cidade mantenha nos fallecimento que no domingo seguinte seria inaugurada, com grande pompa, a estatua do popular Mario Blanchard.

Representando do povo em 1840, Mario Blanchard tinha-se distinguido na camara pelas suas ardentias convicções republicanas. Apesar do baixinho valho aquella occasião, arrogou-se com ardor ao trabalho, como se fosse novo; nem fatigado pela politica, morreu em seu cadaver do deputado, um pleno senado da camara; sob cinzas de louros — escreveram os jornalistas da terra.

Uma subscripção departamental foi aberta pelo *Eixo*, e depois de quatro annos de espera, a estatua levantar-se á entrada do velho. Talvez seria em fevereiro só com a ideia d'esta cerimonia.

Era realmente verdadeira audacia inaugurar a estatua d'este valente republicano nos primeiros mezes, dando de duvidas e de perturbação, que se seguiram á queda do imperio.

O mal-perfeito sentimento á cerimonia? O mais livres com alto uma violenta altercação acerca de d'este assumpto.

Emfim, no mez de grandes preoccupações chegou o dia da inauguração. Enviaram-se para ao grosso, a estatua levantara-se apparatosa na praça do *Reservoir*, os castanheiros prolongam-se á donando cahir sobre ella as suas ramos verdejantes. A população apodera-se e compromette para as inscripções do pedestal:

A MARIO BLANCHARD,
REPRESENTANTE DO POVO,
SEUS CONCIDADAOS RECONHECIDOS

Sabes cada lado do pedestal de grande tinham-se gravado as phrases mais memoraveis proferidas na Camara pelo velho democrata.

«Cesquerro Roma foi regida pela Republica, durmiam os reis tranquillos.»

Discurso de 7 d'abril de 1849.

«A Republica é innocente, porque nunca os chaos lanou intolerancia e Tyrannia.»

Discurso de 25 de maio de 1849.

Estava ao sol primeira fileira dos espectadores. O muito tosca a galeera, e depois d'elle muitas velho barbas cobertos á grossa d'alma e o alto valor do seu deputado comprovado. Sim que um gesto, sem que uma palavra, sem que um applauso pedesse trahir os meus sentimentos escrever: escrevi todos os discursos; e constaria, nelle Deus mesmo vezes, senti vontade de ir, arrasado de fanfarronadas d'uma eloquencia incrivel.

No seu tremeu de 20 de maio, *Gazeta* saiu lisongeiramente dos cantis do cavaquismo. O *Eixo*, ou-trazo de chapeão e folha official.

Aconselhei a João Maria que mandasse acommodar o meu acto por todas as ruas da cidade, encarregando-o d'esse serviço creados de garotos, porradores de jornal.

Era uma novidade; o successo foi enorme.

— Gazeta de Tallos! Sai ahi um numeral Artigo sobre a inauguração da estatua de Mario Blanchard! 10 centimos!

Trezentos de sinadar (cer 2:500 exemplares) sodava louco de contentamento, mas não me deixei adormecer á sombra dos meus triumphos. Pensei a fim de ir assistir a preparar a recepção de Spartaco.

Talvez ainda esperava assistir pela Erika: a alegre Rex illustrado e tão claro, que teve rosto pela imprensa. O padre Spartaco, de que desgraça feita cantou nas suas asas, tornara-se o terror do dia; os leitores do *Eixo*, reconhecia a letra do seu secretario, tinham os labios bombardear de redagar que personalidade escandalosa e mesdizer. Agente... tinha querosa saber; não se falava n'outra cousa; quem seria aquelle Spartaco?, perguntava-se aos seus amigos. Silveira Julio Maria; Gravaes de nuno; Ismenio aos perguntas subtis e capciosas.

— Conhece-o? E' de Tallos! Tem-no encontrado na redacção do jornal? Vem ele ou envia os seus artigos pelo correio?

Os mais curiosos citavam nomes; os gabolas, com seu ar mysterioso, quem seria Spartaco é você? — elles affiançavam-se com as outras mysterioses.

Approvei o *Eixo* duas horas depois estava vendido; ao fim de quasse já não havia.

A tragedia era correcta, brilhantes periodo, ironico; contrahia o criticava cada uma das suas phrases; não faltavam os apostrophes dolorosos, as pinadas, o gargalos.

No verdade era necessario não ir logo ao de cabo; convinha attrahir habilmente esta polemica, excessivo e acalmar os animos, interessar o elle na leitura e os quizes ácbas da provincia. Uma precipitação teria estragado tudo.

N'essa noite a quinhão publicou como uma vendetta; os velhos eram por Spartaco, contra elle; no dia seguinte, ao jornal, ninguem sabia o nome do seu jornalista, um verdadeiro jornalista, um diabrico sarcastico, um espirito notavel. E depois, no fim do, na realidade, elle tinha razão; os rapazes novos, que até então occultio seus francezismos, começaram a sentir uma certa sympathia por Mario Blanchard, que se não fal ao ordenar ao sentido largo da palavra, pelo menos salvou orgão d'ideas, exprimir pensamentos ja em a uma linguagem correcta.

O que é o coração humano! Chegou a ter ciumes do verdadeiro successo de Spartaco.

Serão muito longe contar-vos minuciosamente as differentes phases da luta que se empenhou entre este e o novo jornal insurgiram. A cavallada illustres atacou entre nós dous, julgava-se que Spartaco ia apagara, para por Pesarel era por Spartaco. Os jornaes visinhos tomaram parte na luta; a imprensa departamental dividia-se em partidarios e apostasiados; insultou-se, ameaçou-se, os commerciantes ameaçaram-se, os estrangeiros sossem, que tinham voltado aos seus logares tranquillos, as lutas sanguinolentas dos Guelphos e dos Gibelinos.

O perfeito começava uma epidemia; ameaçava a minha combinação anachronica. Isto fazia-me receio, mas causava da parte do publico; é que não se cousa mais apreciada que duas patadas entre dous escriptores desageitados em cousa a outro uma vez por semana. A *Gazeta* e o *Eixo* continuavam agora a par; as duas folhas tinham 2:000 exemplares; os liberaes tinham feito uma subscripção para comprarem o jornal governamental; e os conservadores não queriam perder os thesouros das cadeias d'esse furioso Spartaco.»

João Maria, reconhecido, elevava-se quasi interessar a 400 francos. A minha felicidade seria completa se não me atormentasse o ideia de que cedo ou tarde teria preciso resolver com um temeroso polemista.

(Continua).

GEORGES DARCY.

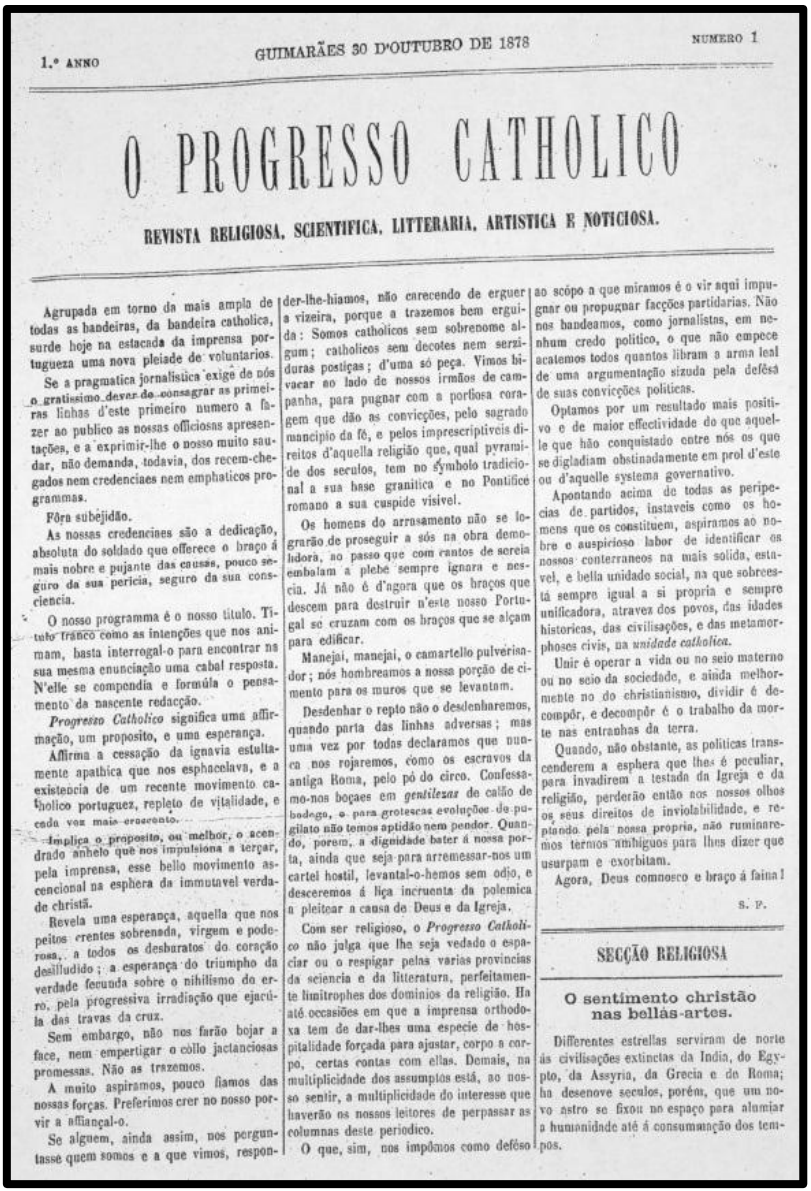
Voltado à caricatura, circulou na cidade do Porto, entre 9 de junho de 1878 e 29 de dezembro de 1895[135], o hebdomadário *O Sorvete*, que, "não obstante as suas interrupções", tornou-se "indispensável nos lares", pois, "era a verdadeira crônica alegre da vida portuense daquela época". Foi uma "narrativa divertida do dia a dia de homens de negócios e da política", escrito "como se fosse simples conversa maliciosa de café" com um "traço leve e hábil" e "um olhar ingênuo, mas salutar"[136]. Mesmo ao apresentar-se ao público, mantinha o tom humorado, dizendo que a sua proposta era a "de oferecer ao público um periódico para rir ao menos uma vez por semana", mas tal jornal deveria ser como um sorvete: "inocente, sem ser estúpido; doce, sem ser enjoativo; fresco, sem ser nocivo à saúde do corpo e da alma; saboroso, sem ser *salgado*; ameno, sem ser monótono"; constituindo, enfim, "uma publicação agradável a todos os paladares". Mantendo a jocosidade, dizia que não seguiria a tradição de apresentar um programa, por estar em desuso e por não querer prometer coisa alguma. Revelando suas intenções, declarava que não pediria assinaturas, correspondentes ou colaboradores, pois o que queria realmente era "um vintém por exemplar"[137].

[135] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 287-288.
[136] SOUSA, O. M. de, s/data. p. 192-193.
[137] O SORVETE. Porto, 9 jun. 1878. A. 1. N. 1. p. 1-2.

Nº 148
SORVETE
PREÇO, 20 Rs
ILLUSTRAÇÕES DE S. SANHUDO.
ADMINISTRAÇÃO, RUA DO LARANJAL, 116.
ADMINISTRADOR — JOSÉ VASQUES
4º ANNO.
PORTO, 13 DE MARÇO, DE 1881.
DEVAGAR SE VAE AO LONGE

Representando tanto a imprensa regional quanto a religiosa, circulou em Guimarães entre 30 de outubro de 1878 e 1º de janeiro de 1925[138], ao norte de Portugal, no distrito de Braga, a folha quinzenal *O Progresso Católico* que estampava o dístico "revista religiosa, científica, literária, artística e noticiosa", passando, depois, para "religião e ciência - literatura e artes". Na apresentação, dizia estar "agrupada em torno da mais ampla de todas as bandeiras", a católica e que o seu programa figurava no próprio título, compreendendo-se nele "a fórmula e o pensamento da nascente redação", significando "uma afirmação, um propósito e uma esperança". Referia-se à "existência de um recente movimento católico português, repleto de vitalidade, e cada vez mais crescente", pelo qual se bateria e, se necessário, desceria "à liça incruenta da polêmica a pleitear a causa de Deus e da Igreja". Afiançava que não iria "impugnar ou propugnar facções partidárias" e não se bandearia "em nenhum credo político", preferindo labutar por uma "unidade social e católica"[139].

[138] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 204.
[139] O PROGRESSO CATÓLICO. Guimarães, 30 out. 1878. A. 1. N. 1. p. 1.



1.º ANNO — GUIMARÃES 30 D'OUTUBRO DE 1878 — NUMERO 1

O PROGRESSO CATHOLICO

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA.

Agrupada em torno da mais ampla de todas as bandeiras, da bandeira catholica, surde hoje na estacada da imprensa portugueza uma nova pleiade de voluntarios.

Se a pragmatica jornalistica exige de nós o gratissimo dever de consagrar as primeiras linhas d'este primeiro numero a fazer ao publico as nossas officiosas apresentações, e a exprimir-lhe o nosso muito saudar, não demanda, todavia, dos recem-chegados nem credenciaes nem emphaticos programmas.

Fóra subejidão.

As nossas credenciaes são a dedicação, absoluta do soldado que offerece o braço á mais nobre e pujante das causas, pouco seguro da sua perícia, seguro da sua consciencia.

O nosso programma é o nosso titulo. Titulo franco como as intenções que nos animam, basta interrogal-o para encontrar na sua mesma enunciação uma cabal resposta. N'elle se compendia e formúla o pensamento da nascente redacção.

Progresso Catholico significa uma affirmação, um proposito, e uma esperança.

Affirma a cessação da ignavia estultamente apathica que nos esphacelava, e a existencia de um recente movimento catholico portuguez, repleto de vitalidade, e cada vez mais crescente.

Implica o proposito, ou melhor, o acendrado anhelo que nos impulsiona a terçar, pela imprensa, esse bello movimento ascencional na esphera da immutavel verdade christã.

Revela uma esperança, aquella que nos peitos crentes sobrenada, virgem e poderosa, a todos os desbaratos do coração desilludido; a esperança do triumpho da verdade fecunda sobre o nihilismo do erro, pela progressiva irradiação que ejacúla das travas da cruz.

Sem embargo, não nos farão bojar a face, nem empertigar o collo jactanciosas promessas. Não as trazemos.

A muito aspiramos, pouco fiamos das nossas forças. Preferimos crer no nosso porvir a affiançal-o.

Se alguem, ainda assim, nos perguntasse quem somos e a que vimos, responder-lhe-hiamos, não carecendo de erguer a vizeira, porque a trazemos bem erguida: Somos catholicos sem sobrenome algum; catholicos sem decotes nem serziduras postiças; d'uma só peça. Vimos bisoiros a ao lado de nossos irmãos de campanha, para pugnar com a portiosa coragem que dão as convicções, pelo sagrado mancipio da fé, e pelos imprescriptiveis direitos d'aquella religião que, qual pyramide dos seculos, tem no symbolo tradicional a sua base granitica e no Pontifice romano a sua cuspide visivel.

Os homens do arrasamento não se locrarão de proseguir a sós na obra demolidora, no passo que com cantos de sereia embalam a plebe sempre ignara e nescia. Já não é d'agora que os braços que descem para destruir n'este nosso Portugal se cruzam com os braços que se alçam para edificar.

Manejai, manejai, o camartello pulverisador; nós hombreamos a nossa porção de cimento para os muros que se levantam.

Desdenhar o repto não o desdenharemos, quando parta das linhas adversas; mas uma vez por todas declaramos que nunca nos rojaremos, como os escravos da antiga Roma, pelo pó do circo. Confessamo-nos boçaes em *gentilezas* de calão de bodego, e para grotescas evoluções de pugilato não temos aptidão nem pendor. Quando, porem, a dignidade bater á nossa porta, ainda que seja para arremessar-nos um cartel hostil, levantal-o-hemos sem odio, e desceremos á liça incruenta da polemica a pleitear a causa de Deus e da Igreja.

Com ser religioso, o *Progresso Catholico* não julga que lhe seja vedado o espaciar ou o respigar pelas varias provincias da sciencia e da litteratura, perfeitamente limitrophes dos dominios da religião. Ha até occasiões em que a imprensa orthodoxa tem de dar-lhes uma especie de hospitalidade forçada para ajustar, corpo a corpo, certas contas com ellas. Demais, na multiplicidade dos assumptos está, ao nosso sentir, a multiplicidade do interesse que haverão os nossos leitores de perpassar as columnas deste periodico.

O que, sim, nos impõmos como defêso ao scópo a que miramos é o vir aqui impugnar ou propugnar facções partidarias. Não nos bandeamos, como jornalistas, em nenhum credo politico, o que não empece acatemos todos quantos libram a arma leal de uma argumentação sizuda pela defêsa de suas convicções politicas.

Optamos por um resultado mais positivo e de maior effectividade do que aquelle que hão conquistado entre nós os que se digladiam obstinadamente em prol d'este ou d'aquelle systema governativo.

Apontando acima de todas as peripecias de partidos, instaveis como os homens que os constituem, aspiramos ao nobre e auspicioso labor de identificar os nossos conterraneos na mais solida, estavel, e bella unidade social, na que sobreesta sempre igual a si propria e sempre unificadora, atravez dos povos, das idades historicas, das civilisações, e das metamorphoses civis, na *unidade catholica*.

Unir é operar a vida ou no seio materno ou no seio da sociedade, e ainda melhormente no do christianismo, dividir é decompôr, e decompôr é o trabalho da morte nas entranhas da terra.

Quando, não obstante, as politicas transcenderem a esphera que lhes é peculiar, para invadirem a testada da Igreja e da religião, perderão então nos nossos olhos os seus direitos de inviolabilidade, e reptando pela nossa propria, não ruminaremos termos ambiguos para lhes dizer que usurpam e exorbitam.

Agora, Deus comnosco e braço á faina!

S. P.

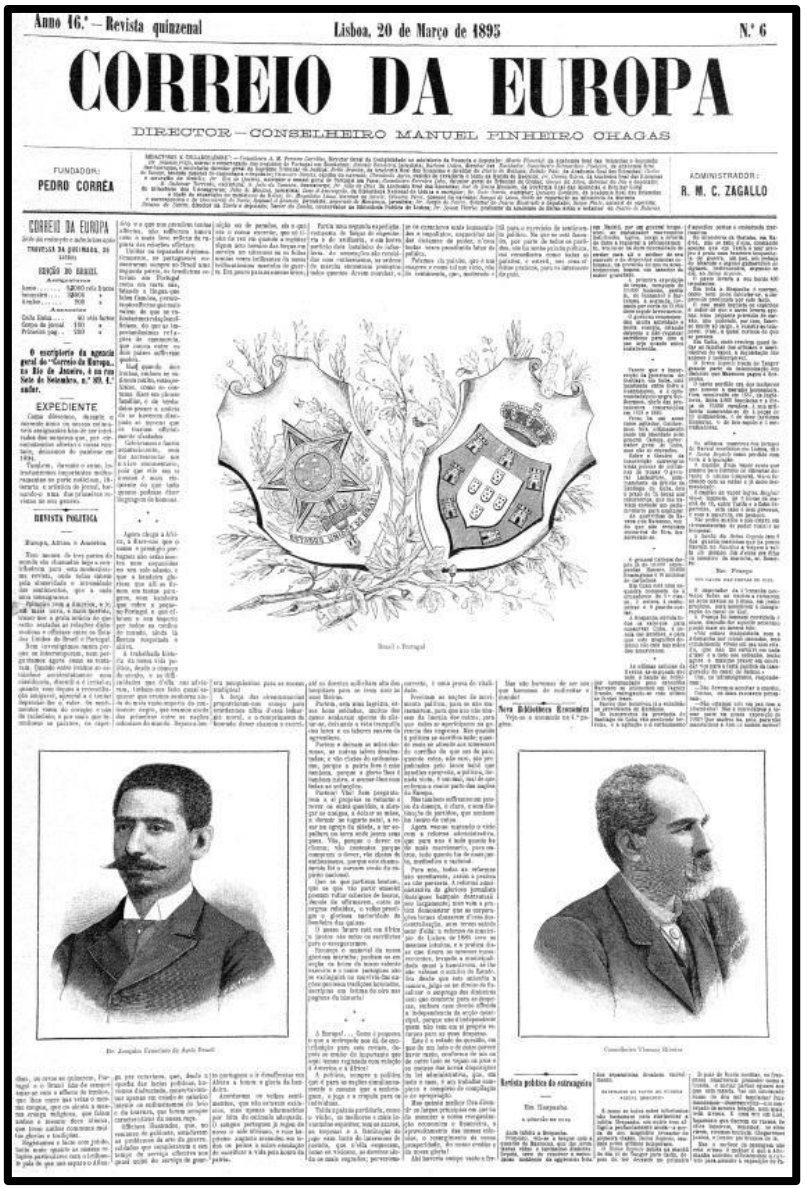
SECÇÃO RELIGIOSA

O sentimento christão nas bellas-artes.

Differentes estrellas serviram de norte ás civilisações extinctas da India, do Egypto, da Assyria, da Grecia e do Roma; ha desenove seculos, porém, que um novo astro se fixou no espaço para alumiar a humanidade até á consummação dos tempos.

De natureza ilustrada, o *Correio da Europa*, foi um periódico quinzenal publicado em Lisboa, entre os anos de 1878 e 1922[140]. Como indicava seu título, pretendia estender-se além das abordagens em relação a Portugal, voltando-se a temáticas concernentes ao continente europeu como um todo. Não seguia o modelo das revistas ilustradas tradicionais, e sim o padrão da maioria dos periódicos, mas estampava figuras em sua primeira página referentes à personalidades, episódios históricos, acontecimentos e paisagens, com significativa qualidade gráfica. Já ao final do século XIX, demarcando seus principais enfoques, anunciava que introduziria "importantes melhoramentos na parte noticiosa, literária e artística", buscando tornar-se "uma das primeiras revistas no seu gênero"[141].

[140] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 195.
[141] CORREIO DA EUROPA. Lisboa, 20 mar. 1895. A. 16. N. 6. p. 1.



Anno 16.º — Revista quinzenal

Lisboa, 20 de Março de 1895

N.º 6

CORREIO DA EUROPA

DIRECTOR — CONSELHEIRO MANUEL PINHEIRO CHAGAS

FUNDADOR: PEDRO CORRÊA

ADMINISTRADOR: R. M. C. ZAGALLO

CORREIO DA EUROPA

EXPEDIENTE

REVISTA POLITICA

Revista politica do estrangeiro

Também ilustrada e uma das melhor elaboradas e mais longevas publicações de seu gênero que circulou em Portugal foi *O Ocidente*, quinzenário editado em Lisboa entre os anos de 1878 e 1915[142] e que ostentava em seu cabeçalho a inscrição "revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro". Em seu prospecto[143], declarava que "o empreendimento de uma publicação ilustrada" que exprimisse "justamente o estado da arte em Portugal" e fosse exclusivamente lusa, que caracterizasse "o espírito público nacional" e correspondesse à necessidade que tinham "todos os povos de afirmar a sua individualidade moral e o seu modo de ser no concerto das civilizações", não poderia "ser apenas uma obra de interesse particular", e sim "um dever impreterível de interesse público", o que serviria para justificar a sua edição. Nesse sentido, garantia que serviria "à ideia civilizadora de trazer para a evidência da luz, a vida nacional" que palpitava "no mundo obscuro do esquecimento público".

Na mesma edição, *O Ocidente* prometia reproduzir gravuras "dos monumentos nacionais, das curiosidades arqueológicas de todo o velho mundo", bem como "dos grandes homens do passado e os contemporâneos dignos de homenagem nacional". Explicava que, em suas páginas, "tanto nacionais como estrangeiros", teriam "um lugar na galeria das celebridades". Além disso, destacava que "a indústria agrícola e manufatureira; a navegação, o comércio, a guerra, a religião, os costumes, as invenções, as viagens" e, enfim, toda uma

[142] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 137-138.
[143] O OCIDENTE. Lisboa. Prospecto (1877). p. 1 e 4.

“multidão de fatos comovedores e palpitantes de que o mundo moderno era teatro”, seriam “comentados com o lápis e com a pena na galeria pitoresca e multiforme da publicação”. Tinha ainda a expectativa de dedicar um cuidado especial à exploração portuguesa na África e à reprodução de obras de artistas portugueses. Em relação a outras revistas ilustradas editadas fora de Portugal, enfatizava que não poderia nem pretendia “rivalizar em magnificência com as publicações estrangeiras do mesmo gênero”, mas desejava “ser portuguesa pelas forças” que haveria de empenhar, “sendo ao mesmo tempo universal pelo espírito”, de modo que esperava boa recepção do público luso ilustrado, bem como dos “irmãos do Brasil”.

O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	5$800	1$900	$450	$129
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Estrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

42.º ANNO — VOLUME XII — N.º 383

11 DE AGOSTO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO DO BRAZIL, NO CAMPO DE MARTE

(Segundo uma photographia)

Na cidade nortista de Penafiel, desde o ano de 1878 até 30 de abril de 1907[144], circulou outro periódico regional lusitano, *O Penafidelense*, um bissemanal que se anunciava como "jornal político, literário, noticioso e agrícola". Como típico representante da imprensa provincial, destacava que sua meta era lançar todas as forças para zelar pelos "interesses do concelho em especial e do país em geral", mesmo que para isso tivesse de enfrentar as "entidades que representavam o poder central". Em termos políticos, criticava "a paixão e o facciosismo partidários", uma vez que tais fatores obcecavam "os espíritos mais lúcidos, impelindo-os a praticar atos que a sua própria consciência" reprovava, ainda mais "quando examinados livres das imposições e das circunstâncias" que os ditaram. Considerava que faltava ao país a "boa política", predominando o "esquecimento dos deveres cívicos" por parte de alguns governantes[145].

[144] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 164.
[145] O PENAFIDELENSE. Penafiel, 2 jan. 1891. A. 14. N. 1358. p. 1.

O Penafidelense

JORNAL POLITICO, LITTERARIO, NOTICIOSO E AGRICOLA

XIV ANNO | PUBLICAÇÃO BI-SEMANAL | Terça-feira 10 de novembro de 1891 | N.º 1:447

PENAFIEL, 9 DE NOVEMBRO

O BRAZIL

Resultados das provocações

FOLHETIM

LUIZ NOIR

O CAÇADOR D'AVESTRUZES

PARTE SEGUNDA

CAPITULO VII

Elle!...

CAPITULO VIII

O garbi

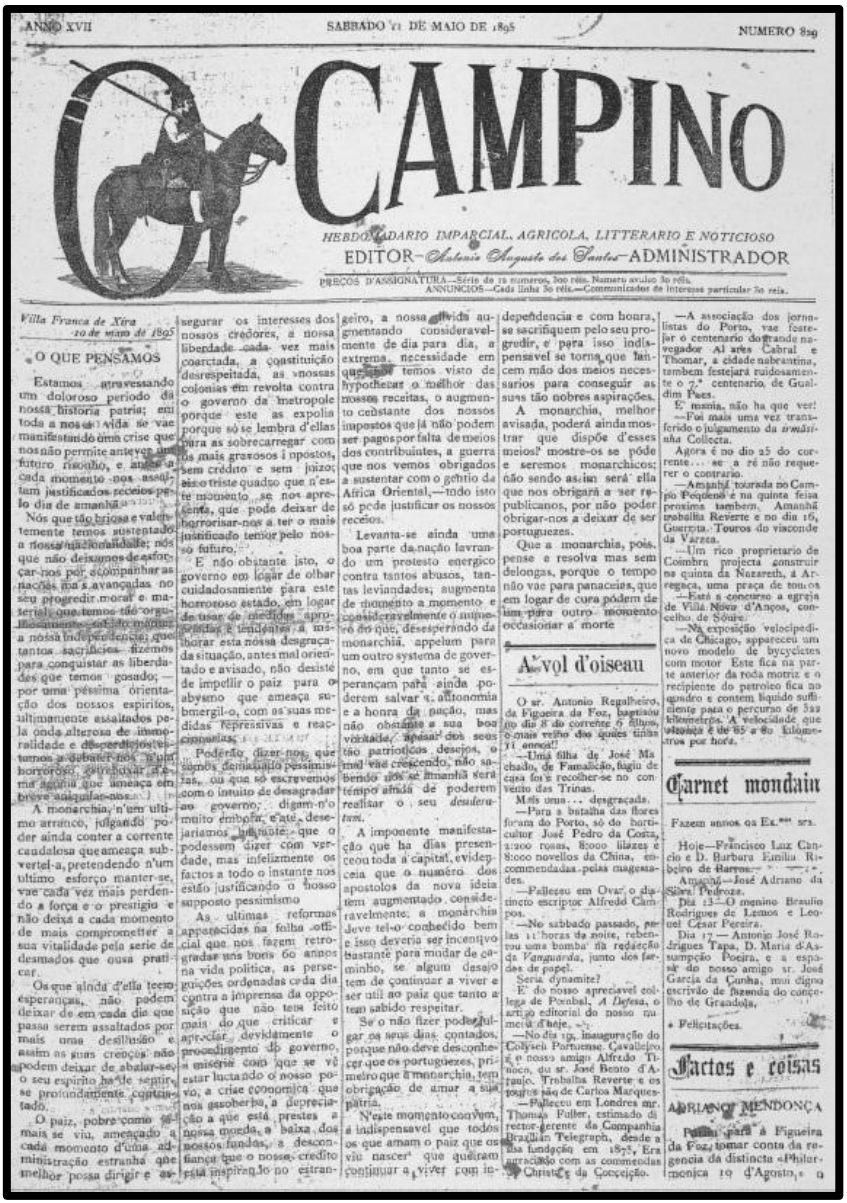
CAPITULO IX

Onde Juarez é magnanimo

(Continua).

Próximo à capital, na Vila Franca de Xira, no distrito de Lisboa, entre 20 de abril de 1879 e 27 de novembro de 1896[146] circulou *O Campino*, que, no frontispício, se apresentava como "hebdomadário imparcial, agrícola, literário e noticioso". Suas manifestações denotavam certa radicalidade em nome dos despossuídos, apontando recorrentemente as disparidades entre ricos e pobres e suas ideias refletiam uma visão negativa em relação às estruturas vigentes em Portugal, expressando facetas de um republicanismo. Em artigo publicado já ao final de sua existência, revelava alguns elementos constitutivos de sua forma de pensar, como ao denunciar que os lusitanos estavam "atravessando um doloroso período da sua história pátria", pois se manifestava uma crise que não permitia "antever um futuro risonho, e antes, a cada momento" se sobressaíam "justificados receios". Considerava que "a monarquia, num último arranco, julgando ainda poder conter a corrente caudalosa" que ameaçava "subvertê-la, pretendendo num último esforço manter-se", ia "cada vez mais perdendo a força e o prestígio" e não deixava "a cada momento de mais comprometer a sua vitalidade, pela série de desmandos" que estaria a praticar. Apontando para várias das dificuldades nacionais, o jornal opinava que aumentava a cada "momento e consideravelmente o número dos que, desesperando da monarquia", apelavam "para um outro sistema de governo", no qual depositavam a esperança de poder "salvar a autonomia e a honra da nação"[147].

[146] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 143.
[147] O CAMPINO. Vila Franca de Xira, 11 maio 1895. A. 17. N. 829.



ANNO XVII — SABBADO 11 DE MAIO DE 1895 — NUMERO 829

O CAMPINO

HEBDOMADARIO IMPARCIAL, AGRICOLA, LITTERARIO E NOTICIOSO

EDITOR—*Antonio Augusto dos Santos*—ADMINISTRADOR

PREÇOS D'ASSIGNATURA—Série de 12 numeros, 300 réis. Numero avulso 30 réis.
ANNUNCIOS—Cada linha 30 réis.—Communicados de interesse particular 50 reis.

Villa Franca de Xira 10 de maio de 1895

O QUE PENSAMOS

Estamos atravessando um doloroso periodo da nossa historia patria; em toda a nossa vida se vae manifestando uma crise que nos não permite antever um futuro risonho, e antes a cada momento nos assaltam justificados receios pelo dia de amanhã.

Nós que tão briosa e valentemente temos sustentado a nossa nacionalidade; nós que não deixamos de esforçar-nos por acompanhar as nações mais avançadas no seu progredir moral e material que temos tão orgulhosamente exhibido perante a nossa independencia; que tantos sacrificios fizemos para conquistar as liberdades que temos gosado; — por uma pessima orientação dos nossos espiritos, ultimamente assaltados pela onda alterosa de immoralidade e descrença dos costumes a subverter-nos n'um horroroso cataclysmo, estamos a ver aguma que ameaça em breve assolar-nos.

A monarchia, n'um ultimo arranco, julgando poder ainda conter a corrente caudalosa que ameaça subvertel-a, pretendendo n'um ultimo esforço manter-se, vae cada vez mais perdendo a força e o prestigio e não deixa a cada momento de mais comprometter a sua vitalidade pela serie de desmandos que ousa praticar.

Os que ainda d'ella teem esperanças, não podem deixar de em cada dia que passa serem assaltados por mais uma desillusão e assim as suas crenças não podem deixar de abalar-se, o seu espirito ha-de sentir-se profundamente contristado.

O paiz, pobre como se mais se viu, ameaçado a cada momento d'uma administração estranha que melhor possa dirigir e assegurar os interesses dos nossos credores, a nossa liberdade cada vez mais coarctada, a constituição desrespeitada, as nossas colonias em revolta contra o governo da metropole porque este as expolia porque só se lembra d'ellas para as sobrecarregar com os mais gravosos impostos, sem credito e sem juizo; eis o triste quadro que n'este momento se nos apresenta, que pode deixar de horrorisar-nos a ter o mais justificado temor pelo nosso futuro.

E não obstante isto, o governo em logar de olhar cuidadosamente para este horroroso estado, em logar de tratar de medidas apropriadas e tendentes a melhorar esta nossa desgraçada situação, antes mal orientado e avisado, não desiste de impellir o paiz para o abysmo que ameaça submergil-o, com as suas medidas repressivas e reaccionarias.

Poderão dizer-nos, que somos demasiado pessimistas, ou que só escrevemos com o intuito de desagradar ao governo; digam-n'o muito embora, e até, desejariamos bem muito, que o podessem dizer com verdade, mas infelizmente os factos a todo o instante nos estão justificando o nosso supposto pessimismo

As ultimas reformas apparecidas na folha official que nos fazem retrogradar uns bons 60 annos na vida politica, as perseguições ordenadas cruda dia contra a imprensa da opposição que não tem feito mais do que criticar e apreciar, devidamente o procedimento do governo, a miseria com que se vê estar luctando o nosso povo, a crise economica que nos assoberba, a depreciação a que está prestes a nossa moeda, a baixa dos nossos fundos, a desconfiança que o nosso credito está inspirando no estrangeiro, a nossa divida augmentando consideravelmente de dia para dia, a extrema necessidade em que temos visto de hypothecar o melhor das nossas receitas, o augmento constante dos nossos impostos que já não podem ser pagos por falta de meios dos contribuintes, a guerra que nos vemos obrigados a sustentar com o gentio da Africa Oriental,—tudo isto só pode justificar os nossos receios.

Levanta-se ainda uma boa parte da nação lavrando um protesto energico contra tantos abusos, tantas leviandades; augmenta de momento a momento e consideravelmente o numero do que, desesperando da monarchia, appelam para um outro systema de governo, em que tanto se esperançam para ainda poderem salvar a autonomia e a honra da nação, mas não obstante a sua boa vontade, apesar dos seus tão patrioticos desejos, o mal vae crescendo, não sabendo nós se amanhã será tempo ainda de poderem realisar o seu *desiderutum*.

A imponente manifestação que ha dias presenceou toda a capital, evidencia que o numero dos apostolos da nova ideia tem augmentado consideravelmente; a monarchia deve tel-o comhecido bem e isso deveria ser incentivo bastante para mudar de caminho, se algum desejo tem de continuar a viver e ser util ao paiz que tanto a tem sabido respeitar.

Se o não fizer poderá julgar os seus dias contados, porque não deve desconhecer que os portuguezes, primeiro que a monarchia, tem obrigação de amar a sua patria.

N'este momento convem, é indispensavel que todos os que amam o paiz que os viu nascer que queiram continuar a viver com independencia e com honra, se sacrifiquem pelo seu progredir, e para isso indispensavel se torna que lancem mão dos meios necessarios para conseguir as suas tão nobres aspirações.

A monarchia, melhor avisada, poderá ainda mostrar que dispõe d'esses meios? mostre-os se póde e seremos monarchicos; não sendo assim será ella que nos obrigará a ser republicanos, por não poder obrigar-nos a deixar de ser portuguezes.

Que a monarchia, pois, pense e resolva mas sem delongas, porque o tempo não vae para panaceias, que em logar de cura podem de um para outro momento occasionar a morte

A vol d'oiseau

O sr. Antonio Regalheiro, da Figueira da Foz, baptisou no dia 8 do corrente 6 filhos, o mais velho dos quaes tinha 11 annos!!

—Uma filha de José Machado, de Famalicão, fugiu de casa foi recolher-se no convento das Trinas.

Mais uma... desgraçada.

—Para a batalha das flores foram do Porto, só do horticultor José Pedro da Costa, 2:200 rosas, 8:000 lilazes e 8:000 novellos da China, encommendadas pelas magestades.

—Falleceu em Ovar, o distincto escriptor Alfredo Campos.

—No sabbado passado, pelas 11 horas da noite, rebentou uma bomba na redacção da *Vanguarda*, junto dos fardos de papel.

Seria dynamite?

E' do nosso apreciavel collega de Pombal, *A Defesa*, o artigo editorial do nosso numero d'hoje.

—No dia 13, inauguração do Coliseu Portuense. Cavalleiro, é o nosso amigo Alfredo Tinoco, do sr. José Bento d'Araujo. Trabalha Reverte e os toiros são de Carlos Marques.

—Falleceu em Londres mr. Thomas Fuller, estimado director-gerente da Companhia Brazilian Telegraph, desde a sua fundação em 1872. Era agraciado com as commendas de Christo e da Conceição.

—A associação dos jornalistas do Porto, vae festejar o centenario do grande navegador Al ares Cabral e Thomar, a cidade nabeantina, tambem festejará ruidosamente o 7.º centenario de Gualdim Paes.

E mania, não ha que ver!

—Foi mais uma vez transferido o julgamento da *arnaisinha* Collecta.

Agora é no dia 25 do corrente... se o ré não requerer o contrario.

—Amanhã tourada no Campo Pequeno e na quinta feira proxima tambem. Amanhã trabalha Reverte e no dia 16, Guerrita. Touros do visconde da Varzea.

—Um rico proprietario de Coimbra projecta construir na quinta da Nazareth, á Arregaça, uma praça de touros

—Está a concurso a egreja de Villa Nova d'Anços, concelho de Soure.

—Na exposição velocipedica de Chicago, appareceu um novo modelo de bycyclettes com motor Este fica na parte anterior da roda motriz e o recipiente do petroleo fica no quadro e contem liquido sufficiente para o percurso de 322 kilometros. A velocidade que alcança é de 65 a 80 kilometros por hora.

Carnet mondain

Fazem annos os Ex.mos srs.

Hoje—Francisco Luiz Cancio e D. Barbara Emilia Ribeiro de Barros.

Amanhã—José Adriano da Silva Pedroza.

Dia 13—O menino Braulio Rodrigues de Lemos e Leopoldo César Pereira.

Dia 17 — Antonio José Rodrigues Tapa, D. Maria d'Assumpção Pereira, e a esposa do nosso amigo sr. José Garcia da Cunha, mui digno escrivão de fazenda do concelho de Granadola,

* Felicitações.

Factos e coisas

ADRIANO MENDONÇA

Partiu para a Figueira da Foz, tomar conta da regencia da distincta «Philarmonica 10 d'Agosto,» a

Voltado à caricatura e editado em Lisboa, circulou entre 12 de junho de 1879 e 16 de dezembro de 1899[148], com uma interrupção nos anos oitenta e noventa, um dos mais importantes jornais caricatos portugueses, *O Antônio Maria*, que de acordo com suas práticas crítico-humorísticas, esteve entre os mais combativos ao *status quo* reinante em Portugal[149]. Seu título era comicamente alusivo a um político regenerador, Antônio Maria Fontes Pereira de Melo. Em suas páginas ganhou vida o "imortal Zé Povinho", figura representativa do povo lusitano. Tal folha faria "para o advento da república" mais "do que os outros jornalistas do partido", através de "desenhos flagrantes, ousados e elucidativos", que "eram como catapultas contra o regime"[150]. Nesse sentido, exerceu "vasta influência no espírito público" e, "com a sua pena cáustica, caricaturava a monarquia agonizante"[151] e sua ação representou um "novo renascimento da caricatura política em Portugal, marcando a história desta arte, e da política nacional até ao final do século"[152].

Em um jocoso e irônico programa, o semanário caricato dizia que pretendia ser uma "síntese do bom senso nacional tocado por um raio alegre do bom sol peninsular" que iluminava a todos. Dizia que a ele não restava "outro remédio, na maioria dos casos, senão ser oposição declarada e franca aos

[148] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 59-60.
[149] FRANÇA, José Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: caricaturista político*. Lisboa: Terra Livre, 1976.
[150] MARTINS, 1941. p. 101.
[151] TENGARRINHA, 1989. p. 239
[152] SOUSA, O. M. de, s/data. p. 202.

governos, e oposição aberta e sistemática às oposições", o que não o impossibilitaria "de ser amável uns dias por outros, e cheio de cortesia em todos os números". Explicava que não vinha "possuído do extremo desejo de derribar as instituições vigentes" logo em seguida, esperando que elas ao menos o assinassem primeiro. Revelando a amplitude de seu público, afirmava que abria "os braços a todos os confrades" que soubessem ler e escrever, ou que tivessem "a ciência de assinar de cruz, pedindo-lhes a honra de o fazerem depositário dos segredos do seu espírito". Enfim, propunha-se a fazer "em prosa e verso, à pena e a carvão, a silhueta da sociedade portuguesa no último quartel do século dezenove"[153].

Por pouco mais de um lustro, a redação de *O Antônio Maria* teria de suspender a sua publicação, época em que foi substituído pelo hebdomadário *Pontos nos ii*, em um título alusivo à expressão cujo significado era o de analisar e esclarecer dada circunstância com argúcia. A folha manteria as mesmas características e linha editorial do semanário que substituía e circulou em Lisboa entre 7 de maio de 1885 e 5 de fevereiro de 1891[154]. Em sua apresentação, o hebdomadário mostrava uma historieta de Maria que, viúva havia três meses de Antônio, em uma referência à publicação anterior, resolvera tocar a folha sozinha. Dizia que sua meta era a de fazer "rir sem descanso, de boca escancarada até mostrar o cavername, de todos os mil grotescos" que fervilhavam pelo país, "como formigas num açucareiro" e, com tais "galhofeiras

[153] O ANTONIO MARIA. Lisboa, 12 jun. 1879. A. 1. N. 1. p. 1.
[154] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 179.

disposições" vinha à "presença do público ilustrado" pedir "vênia para patentear – em doses o mais homeopáticas possíveis – todos os patuscos acontecimentos" de que tomara "nota no canhenho do seu Antônio, desde o dia em que ele fora chamado abaixo"[155]. Ao retornar, em 1891, *O Antônio Maria* reapresentava-se ao público numa divertida conversa entre "Antônio, o moderado, e Maria, a irascível", a qual, até então, estaria a orientar os *Pontos nos ii* e retomava alguns dos elementos programáticos estabelecidos à época da sua gênese[156].

[155] PONTOS NOS ii. Lisboa, 7 maio 1885. A. 1. N. 1. p. 1-2.
[156] O ANTONIO MARIA. Lisboa, 5 mar. 1891. A. 7. N. 294. p. 1-2.

10 DE JANEIRO DE 1895
O ANTONIO MARIA
1
O
antonio maria
VOLXH
1895
ANNO XI
415

3 DE JANEIRO DE 1891
1
Pontos nos ii
SETIMO ANNO
1891
ANNO VII
Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lithographia da Companhia Nacional editora, Largo do Conde Barão
Imprensa Minerva—12 Travessa da Espera, 14
288

Um outro diário que circulou em Lisboa, entre 26 de junho de 1879 e 31 de julho de 1897[157], foi o *Comércio de Portugal* que, já no seu cabeçalho, se definia como "órgão do comércio e indústria portuguesa". Na edição inaugural, identificada como "número-programa"[158], o jornal apresentava-se à imprensa do país como um "soldado obscuro, mas convicto", que, "firme na estacada e a peito descoberto", haveria "de velar pela causa do povo", tendo a pátria por bandeira e, "por símbolo imaculado, a altivez da nacionalidade livre". Ao dirigir-se "aos seus irmãos, naquele sacerdócio elevado e nobre" do jornalismo, concordava que eles poderiam estar separados pelas opiniões, de acordo com as "diversas escolas políticas", mas todos se uniriam "na fraternidade das ideias liberais", de modo que ele adotava por lema a expressão "liberdade e progresso".

Também no "número-programa", o periódico declarava que o comércio e a indústria portuguesa careciam de "um paladino que, com valor extremado", por eles pelejasse denodadamente, tendo em vista que ambos encontravam-se "entregues às suas próprias forças", lutando "incessantemente contra o abandono", de modo que se uniam "como um só homem no pensamento elevado de fazer ouvir na imprensa a voz do seu direito". De acordo com esse plano geral, o *Comércio de Portugal* dizia não aprimorar programas, nem definir doutrinas, pretendendo "advogar abertamente os princípios da escola protecionista", de maneira que, "sem os excessos que prejudicavam interesses importantes",

[157] RAFAEL & SANTOS. 2001. v. 1. p. 179.
[158] COMÉRCIO DE PORTUGAL. N. programa, junho de 1879. p. 1.

procuraria “evangelizar convictamente a sã verdade”, a partir do “embrião das sociedades do futuro”, sintetizado “na aliança entre o capital e o trabalho”.

COMMERCIO DE PORTUGAL

ORGÃO DO COMMERCIO E INDUSTRIA PORTUGUEZA

XI ANNO — Terça feira 19 de novembro de 1889 — N.º 3:104

LISBOA

SECÇÃO FINANCEIRA

SECÇÃO OFFICIAL

QUESTÃO ELEITORAL

Manifestando o regionalismo jornalístico ao norte de Portugal, na localidade de Barcelos, circulou, entre 7 de agosto de 1879 e 26 de outubro de 1918[159], a *Folha da Manhã* que se apresentava como "semanário político e noticioso". Tal periódico intentava demonstrar um caráter apartidário, enfatizando que não lhe cegava "a política partidária", nem lhe afrontava "a mancha da vilania", pois "a tolerância, o respeito e a consideração" seriam as normas do seu "viver nem sempre bafejado pelas boas auras da fortuna". Afirmava ainda que viera "para defender os interesses da sua querida terra", não podendo ninguém acusá-lo de não ter "cumprido esse dever com o mais verdadeiro entusiasmo e decidida boa vontade". E, finalmente, dizia que "a imparcialidade, a retidão e a justiça" balizavam os seus princípios[160].

[159] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 333.
[160] FOLHA DA MANHÃ. Barcelos, 7 ago. 1890. A. 11. N. 575. p. 1.

FOLHA DA MANHÃ

FUNDADOR
JOÃO BAPTISTA DE LIMA

SEMANARIO POLITICO E NOTICIOSO

RESPONSAVEL
MANOEL JOSÉ D'OLIVEIRA

ANNO XII

Assignaturas
Trimestre 350 rs.—com estampilha 450
Semestre 700 » — » 850
Anno 1$400 » — » 1$600
Anuncio 40 rs — » 42 1/2

BARCELLOS
QUINTA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 1891

Publicações
Corpo do jornal . . . . . 40 rs.
Secção d'annuncios . . . . . 30 »
Repetição . . . . . 20 »
Correspp. frauco de porte á Redacção da FOLHA DA MANHÃ

N.º 620

Barcellos, 15

REPUBLICA BRAZILEIRA

Não foram precisos seculos, não foram necessarios lustros, nem mesmo annos, bastaram apenas alguns mezes para se reconhecer que o advento da republica no Brazil sómente redundou em males irreparaveis para esse grande povo.

A discordia tomou logar á fraternidade e ás doçuras de uma vida quieta e remansada, sob a egide de um monarcha illustre e benevolo, succedem a bacchante demagogica. Os cargos, as dignidades, os officios, as valias são repartidas entre os apaniguados.

O descredito, os desbaratos e turbações succedem-se espantosamente.

Bem sabemos que não se passam sem desbaratos e turbações estas rapidas mudanças, estas catastrophes dos povos; mas nunca estas attingiram um ponto tão elevado como no Brazil. «Imaginae todos os males possiveis, diz Cezar Zama, deputado e jornalista brazileiro, que nos tenham causado 67 annos de monarchia, e nada serão elles comparados com os que temos soffrido em 16 mezes de regimen em que vivemos».

Os utopistas, os arautos da republica com uma altivez olympica e uma colera vulcanica avançaram ao acaso e abateram, anniquilaram um throno! Realisado o seu intento, os titans olharam-se orgulhosos, bateram as palmas e entraram na posse da almejada herança da monarchia.

Os collegas de cá applaudiram-os e apontaram-os como exemplo ao nosso povo.

O sr. Latino Coelho, do alto das columnas do *Seculo*, trovejando contra as monarchias, louvou o novo governo brazileiro, appoiou os seus actos e mostrou o gran de prosperidade a que tinha attingido a nova republica.

Ora como Deus fez a verdade, e o homem a mentira, não tardou que aquella se patenteasse de forma a confundir os utopistas.

Eis ahi a eloquente carta que do Brazil recebeu o sr. Latino Coelho em resposta ao seu *famoso* artigo.

«Deparamos no «Paiz» de 26 de março com o artigo de vossa lavra, que ao ludo transcrevemos.

Não vos temos sómente por eximio jornalista, escriptor primoroso e erudito: mas ainda por homem honestissimo e republicano ás direitas.

Um homem de vossa ordem não deve continuar illudido pelas informações interesseiras, que de cá lhe transmittem.

E' indispensavel que um jornalista obscuro, que é tambem deputado n'esta infeliz terra, mas que se presa de ser sempre verdadeiro, vos arranque a venda, que tendes sobre os olhos d'alma.

Estaes longe de fazer a mais ligeira ideia de que é o Brazil actualmente, e do que é a Republica, que a 15 de novembro foi proclamada, despertando tão vivas esperanças no seio da nossa sociedade.

D'aquella data em diante passamos de cathegoria de povo civilisado, em que eramos tido no velho mundo, para o estado barbaro.

Nós não temos aqui republica alguma: temos uma degradada autocracia, e á sua frente o mais ignorante, o mais incapaz dos soldados *broqueis*, que poderdes imaginar.

Juntae a isto ministros incapazes, e aos infelizes Estados, que suppondes formar uma federação, uma chusma de regulos e pequenos consules que não reunem dinheiro algum.

A constituição, que valemos, e na qual fallaes com tanto enthusiasmo, não passa de lettra morta, que quotidianamente é violada com ostentação pelos dominadores do dia.

A eleição tornou-se entre nós farça torpissima. Já os eleitores se não reunem mais em collegio; já não se apuram cedulas: as actas eleitoraes são lavradas a bico de penna pelos taes intendentes municipaes inventados por esta republica sem generos, que não pode ser classificada entre nenhuma das formas de governo conhecidas, os pelos propositos d'esses mesmos intendentes, que arranjam e compõem com igual limpeza a quando cilla não sae a gosto dos que governam, das proprias secretarias do governo assim as actas para serem refalsificadas em cesta particulares, servindo até agentes de policia, como é voz publica, de amanuenses dos agentes officiaes encarregados da nobre tarefa.

Se entramos no terreno administrativo, não ha na lingua que fallamos, vocabulos com a energia precisa para exprimir os abusos e escandalos, de que o Brazil inteiro é testemunha.

Póde-se sem receio dizer que o governo, que temos tido, depois de 15 de novembro de 1889 até hoje, tem sido o mais organisado do paiz.

Vivemos n'um estado peior do que aquelle de que falla Tacito: *corruptere et corrumpi, seculum vocabatur.*

O nosso governo tem sido muito mais escandaloso do que o de Juarez Celman, em Buenos-Ayres.

Imaginae todos os males possiveis, que nos tenham causado 67 annos de monarchia, e nada serão elles comparados com os que temos soffrido em 16 mezes de regimen em que vivemos.

Não cabe nos estreitos limites de este artigo—carta—dar-vos completo conhecimento do que vae por cá n'esta democracia, que admirastes, o que é uma verdadeira cavalleiresca.

As fezes sociaes todas tem vindo á tona.

Tudo quanto dizeis do velho Portugal applica-se a nós, mas n'uma escala ascendente quasi incrivel, e por isto trasladamos para as nossas columnas o vosso artigo.

Emfim, a nossa situação é tão desesperadora, que, se Deus não nos livrar do presidente que temos, iremos fatalmente parar na guerra civil, que é a maior desgraça, que póde ferir um povo.

Não, não desejos para a vossa patria a republica que tem o Brazil.

O nosso governo nos ameaça, nos espolia no interior, e nos desbonra no estrangeiro perante quantos ecclesiam realmente o que é o regimen, em que actualmente vivemos.

Queremos crer que Portugal seja infeliz, acreditai, porém, que, por maior que vos pareça a vossa desgraça, a nossa é muito maior, muito mais intoleravel.

Não ha no Brazil um só republica no antigo e sincero, que não se sinta profundamente revoltado contra os espectaculos que diariamente contemplam.

Sacra fames auri! eis o caracteristico da republica que invejaes

POLHETIM

AS GEORGICAS

DE VIRGILIO

Vêi quão bem sirva no campo, e a Ceres quanto agrade
cultor que vai de cruzinho, e c'o a vinheca grade
os torrões do seu campo assiduo esfarelando!
Alegre lá do Olimpo a Deosa o está velando!
Folga de contemplar, como, picando a junta,
mette o arado através, e lavra a lavra ajunta.
Esse é que amanha a herdade, e a terra senhoreia.

Lavradores, pedi, querendo bos estreia,
nos invernos, seccura, e chuva nos solsticios.
O pó do inverno é ouro: os pues com taes indicios
já se estão regalando e rindo-se a lavoura!
Lá o verein na aceifa! a Mysia não se aloura
com messes tão de lei; nem Gérgara, que admira
os seus ricos trigues, a estes os prefira.

Que direi do cultor, que, mal semeia, accule
a leiva a derruir [que nada crear póde;]
depois, canaes abrindo ao seu ribeiro ou rio,
rega todo o semeado; e quando ferve o estio,
queima os chãos, tisna a herva anciosa em vão d'allivio,
prompto lhe faz descer do alto do declivio
os liquidos crystaes, hue vão de pedra em pedra
trazer-lhe, e murmurando, a vida e nova medra!
E o como elle, em surdinho á flôr do sulco o trigo,
mette o gado a espontal-o, e o salva do perigo
de lhe vir a camar, quando pender maduro!
E o como corgim do arneio escôa o charco impuro,
nas dobias estações mórmente em que extravasa
pelos campos o rio, e tudo afoga em vasa,
que em lhe apontando a calma em pantanos fumeia!
Mas bois e homens tó'qui só têm a obra meia;
milcausas á lavoura ameação inda aggravos;
indical-as convem.

Damnão-lhe os patos bravos;
damnão strymóneos grous; damna a raiz amarga
dos almeirões; e damna a arvore que cubarga
ao sol passagem livre.

O Pai, rei da natura,
bem podia allisar o trato da cultura,
mas não quiz: preferio, porque o mortal se adestre,
se estimule, se active, e o reino seu campestre
não viesse a perder-se um dia no desamparo,
que o lavrar fosse afan, e industria o seu preparo.

[Continua].

Também ao norte lusitano, mas em Valença, no distrito de Viana do Castelo, foi editado entre 23 de fevereiro de 1880 e 14 de dezembro de 1919[161] *O Valenciano*. Publicado duas vezes por semana, se definia como um "modesto operário" dedicado "à vasta arena do trabalho", definindo "as suas aspirações e a sua índole", por meio da "singeleza e da modéstia". Declarava que tomava "a verdade e a justiça por norma" e, com tal base, haveria "de defender os interesses da localidade", na qual se agrupavam "tantos elementos de prosperidade e de vida, bafejados pelo sopro criador da natureza exuberante". Essa missão era vista como "um dos mais gratos deveres" que impunha a si mesmo, "inspirado no afeto, na dedicação e na simpatia", que lhe mereciam "os honrados e laboriosos filhos da formosa castelã do Minho". Garantia que respeitaria "todos os partidos e todas as opiniões", apreciando "com inteira imparcialidade os atos de qualquer governo, prestando sempre culto às franquias liberais" e "aos interesses materiais e morais do país, seguro quilate por onde medir-se as tendências e as aspirações" dos que faziam "a sua rotação pelas eminências do poder". Pretendia contribuir "para a elevação do nível moral da sociedade" e para "promover o bem estar dos povos"[162].

[161] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 319.
[162] O VALENCIANO. Valença, 23 fev. 1880. A. 1. N. 1. p. 1.

14.° ANNO — DOMINGO 17 DE SETEMBRO DE 1893 — 1385

O VALENCIANO

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS E DOMINGOS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA — Valença, semestre 1$800 reis, fóra de Valença 1$[illegible]. Hespanha, semestre 34 reales. Brazil (pelos paquetes) anno 4$800 reis (fortes). Pagamento adiantado.

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AO PROPRIETARIO E EDITOR GUILHERME JOSÉ DA SILVA — VALENÇA

CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO — Annuncios e communicados: linha 40 réis, repetição 20 réis; para os srs. assignantes annuncios commerciaes 20 réis a linha. Communicados 25 p. c. de desconto.

Valença 16 de setembro

O BRAZIL

A SITUAÇÃO

Graves complicações politicas vão dia a dia tornando mais angustiosa a vida d'esta poderosa nação; as revoluções e as luctas fratricidas, que teem feito derramar tanto sangue e depauperar a existencia economica d'este paiz poderoso, tudo parece continuar, sem que venha de momento aniquilar este mal, a paz que é a grande força progressiva dos povos livres.

No actual momento, o Brazil atravessa a maior das crises; pelo laconismo das noticias que nos chegam, diz a *Vida Nova*, ninguem póde avaliar do grau da situação perigosa que aquelle paiz tolera, o que é certo é que graves acontecimentos se desenrolam, porque as communicações telegraphicas foram totalmente interrompidas por ordem do governo brazileiro, e isto mostra que é necessario esconder aos olhos da Europa, a quem o Brazil está hoje ligado intimamente, a gravidade dos factos.

Como se sabe, a esquadra brazileira acaba de revoltar-se contra o governo intimando-o a deixar as cadeiras do poder e esta sublevação, das forças mais vivas e hercules do Brazil, amedrontam terrivelmente todos aquelles que tem suas economias, ganhas á custa de sacrificios e dedicações, compromettidas seriamente.

O nosso paiz que atravessa uma das crises mais medonhas e assustadoras que podem inquietar um povo que passou tantos seculos respeitado e enobrecido, e que tem hoje de viver entre uma lucta de miseria e de descredito, vê cada vez mais angustiosa a sua existencia, faltando-lhes esse sangue vicial, que vinha do Novo Mundo, insuflar as suas arterias enfraquecidas.

Tudo pois se prepara para uma lucta que ninguem póde avaliar da sua gravidade, tudo parece enfim accumular-se n'esta hora de terror e de miseria.

A razão do movimento, crê-se que se filia na condemnação do energico e vigoroso almirante Wandenkolk, uma das mais queridas individualidades da armada brazileira, e que por esse motivo dispõem das maiores sympathias.

E é incrivel que este movimento assume grandes proporções se o governo não olhar para o alcance d'esta sublevação que nos parece altamente sympatica.

Não são, porém, as noticias que temos recebido, o elemento bastante para largos commentarios, apesar de que é necessario sempre prever o peior, quando as noticias nos chegam prenhes de duvidas, e por isso esperemos pelos acontecimentos, que oxalá não tenham a gravidade que se nos afigura, para bem de nós todos.

*

Do *Figaro*:

«Ha tres dias que a legação brazileira em Paris está inquieta. Todas as communicações com o Rio de Janeiro estão cortadas e, á hora a que escrevemos não se sabe bem se o Brazil possue um governo official e se os ministros europeus representam ainda o seu paiz.

O movimento insurreccional de agora é um dos mais serios que tem estalado no Brazil desde a queda de D. Pedro II.

O que está provado é que a população lamenta já a queda do imperio que tinha assegurado ao paiz um meio seculo de paz e de prosperidade.

Não será preciso muito para que se dê uma contra-revolução.

*

Um jornal francez dá as seguintes informações ácerca do movimento revolucionario do Brazil:

«Acaba decididamente de rebentar, pouco mais ou menos nas mesmas circumstancias que occasionaram em 1891 a queda do marechal Fonseca, a sedição que já desde algum tempo se fomentava na marinha brazileira. O pretexto foi fornecido pelo veto do marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica e chefe do poder executivo, a uma lei do Congresso regulando a eleição presidencial de modo que o vice-presidente, que tivesse, á falta do presidente, exercido as funcções d'este, fosse inelegivel para a proxima presidencia. Esta lei, affectando a eleição presidencial de 1.° de março de 1894, visa directamente o vice-presidente sr. Peixoto que se recusou a sanccional-a:

Immediatamente tres navios de guerra estacionados na bahia do Rio, o couraçado *Aquidaban* e os cruzadores *Republica* e *Trajano*, além de quatro torpedeiros, sublevaram-se, estando á frente da revolta o almirante Custodio José de Mello que intimou o marechal Peixoto a resignar o poder. Foi este almirante quem, em novembro de 1891, forçou, de combinação com esse mesmo marechal Fonseca a demittir-se. Depois foram ministros da marinha, mas ha alguns mezes rompeu ruidosamente com o vice-presidente e denunciou os seus actos inconstitucionaes, n'uma carta de demissão sensacional. O vice-presidente Peixoto parece não ser de tão facil composição como o finado presidente Fonseca, que se retirou para evitar a guerra civil, e prepara-se para uma resistencia teimosa.

A esquadra insurrecta tomara posição fóra do porto, afim de se subtrahir ao fogo das fortalezas da bahia e pozera o Rio em estado de bloqueio para forçar a mão ao marechal Peixoto. Teme-se um bombardeamento do porto, se as condições dos insurrectos;—isto é as demissões do vice-presidente e dos seus ministros,—não forem acceites.

O ministro dos negocios estrangeiros declarou ao representante das potencias que o governo se sente bastante forte para manter a ordem, mas que não póde impedir uma tentativa de bombardeamento. Os commandantes de navios estrangeiros, por iniciativa dos commandantes de navios francezes, decidiram intervir para obster ao bombardeamento da cidade. O cruzador italiano *Bausan* chegou ao Rio. O cruzador italiano *Dogali* parte da Bahia com o mesmo destino.

Segundo as noticias recebidas por via de Buenos-Ayres, o marechal Peixoto teria sido nomeado dictador. Todas as communicações com o Rio estão interceptadas pelo governo. Crê-se que esta medida é sómente temporaria. Os telegrammas para o Uruguay, para a Republica Argentina, via Lisboa, são acceites com transmissão pelo Brazil, mas ficam submettidos a uma censura severissima.

Como se póde ver pelo sentido do veto do vice-presidente Peixoto, a insurreição da marinha é devida á pretenção d'este em se perpetuar no poder, embora a aspiração geral dos republicanos seja ver um civil chegar á presidencia.

Os manejos attribuidos aos monarchistas parecem estranhos a este movimento, ainda que se torna notorio que metade da armada é imperialista e que a insurreição do Rio Grande do Sul é [illegible] de tendencias restauradoras apesar das negativas dos seus chefes e entre outros do sr. Silveira Martins. De São [illegible] communicam que houve um combate importante entre os revolucionarios, commandados pelo general Saraiva e as tropas governamentaes do coronel Portugal. Não ha ainda pormenores ácerca d'esta batalha. O presidente do Rio Grande, sr. Castilho, deu ordem para se proceder rigorosamente contra os revolucionarios.»

Inundações em Madrid

Na noite de 10 rompeu-se uma grande porção de canos do Lozoya, irrompendo d'elles a agua com enorme violencia, isto n'um dos pontos mais concorridos de Madrid, a rua do sol, alagando esta rua e em breve muitas circumvisinhas, e pondo em grave risco a segurança e a vida dos seus moradores.

Com effeito, a agua ia minando e descimentando os fundamentos de muitas casas. Graças, porém aos soccorros, demorados e deficientes por parte da camara, mas promptos e energicos por parte dos moradores, que, em grande quantidade, com pás, escovas, bombas e grande porção de areia, occorreram áquelle local, conseguindo pôr um dique á violencia das aguas.

Houve uma derrocada, que produziu grande alarme, pois que foi, até certo ponto, proveitosa, pois que tendo ficado a descoberto o cano de conducção das aguas lá se pondo, enfim obstruil-o depois de grandes esforços.

Além das inundações na rua do sol, houve ainda outras parciaes, uma na praça de S. Bernardo, que causou uma grande depressão no terreno, outra na rua de Malasaña e outra na praça de Alonso Martinez.

FOLHETIM (101)

VISCONDE PONSON DU TERRAIL

A VINGANÇA DA BARONEZA

TRADUCÇÃO DE J. G.

—Ouça—proseguiu o barão—sinto extinguir-se a minha vida, o meu ultimo suspiro, a minha ultima hora approxima-se: morro, sorrindo-me, o meu sorriso é envenenado...

Mas vou confiar-lhe o meu segredo; será a unica pessoa que o conhecerá, e talvez dê uma lagrima ao meu tumulo.

O dominó escutava-o com attenção.

—Ainda ha pouco—continuou o barão—que eu não pensava em arrancar a minha fortuna a collateraes avidos, e que só me dedicam odio e desprezo. Acommetteu-me um pensamento, o de semear alguma felicidade no meu caminho, ou de quem a felicidade tinha fugido...Offerecerei a minha mão a uma desconhecida; não recusará uma saudade á minha memoria...

O barão parou e pareceu esperar uma resposta...

O dominó ficou silencioso.

O senhor de Nossac proseguiu:

—Amo uma morta ha dous annos; essa morta é minha mulher.

O dominó encolheu os hombros.

—Na Allemanha, encontrei uma joven que se parecia com ella, e amei essa joven; na Bretanha, vi uma creoula que se lhe assemelhava igualmente, e amei essa creoula.

Mas na joven e na creoula, só amava minha mulher.

—De veras!—disse o dominó, em voz ironica.

—Pela minha honra, senhora!

—Sabe barão, que a sua mulher foi infeliz?

—Em que, senhora?

—Em que só a amou depois de morta.

—O barão soltou um grito surdo.

—E' falso!—disse elle!

—Ora!

—Amei-a no dia em que a vi!

—O que fez barão com que fosse passar as horas das suas bôdas nos braços d'uma amante. Eis um singular amor.

—Donde sabe isso, senhora?

—Sei-o, isso basta.

O senhor de Nossac tornou-se de repente triste e solemne.

—Que pensaria senhora—disse elle—d'um fidalgo que dando a sua palavra, calcasse aos pés essa palavra?

—Diria que esse fidalgo era um cobarde!

Os olhos do barão brilharam de alegria.

—Pois bem!—disse elle—ouça então! Eu tinha uma amante, estava arruinado, o regente acabara de morrer.

Eu nunca tinha visto a mulher com quem devia casar, casei, pois com ella, sem amor, e para me salvar da miseria.

Mas era preciso a todo o custo, livrar-me da minha amante, e tive a fraqueza de lhe fazer um juramento.

Prometti-lhe, a partir do dia do meu casamento, uma noite á sua escolha...

—E depois?—disse o dominó com vivacidade.

—Quando vi minha mulher, amei-a. Ah! era muito tarde para me desligar do meu juramento. Na noite das minhas bodas, no momento em que eu acabava de conduzir minha mulher ao quarto nupcial, quando tocava quasi uma d'essas felicidades que eu não merecia, um criado disse-me algumas palavras ao ouvido e eu segui-o.

A' porta do palacio estava uma carruagem, e dentro d'ella a minha amante. Reclamou ella a execução da minha promessa e obrigado a obedecer, oh! que infernal noite! As torturas sem nome, as saudades mortaes, que soffri, durante essas horas, não têem definição possivel!

(Continúa)

Na região do Alentejo, em Elvas, no distrito de Portalegre, foi publicado *O Elvense*, que circulou semanalmente e, depois, duas vezes por semana entre 10 de junho de 1880 e 20 de agosto de 1980[163]. Ao apresentar o seu programa, o periódico buscava "tornar bem patente" que não levaria "em mira o ocupar-se da política, nem mesmo muito de leve". Afiançava que, "no desempenho da missão" a que se propusera, "de propugnar pelos interesses mais vitais" da sua terra, procuraria "sempre ser benévolo para com todos, e só depois de muito pedir", quando não fosse atendido, em seus "justos clamores", empregaria "uma linguagem mais severa, frases mais sentidas, mas nunca por forma", que ofendessem "pessoalmente a ninguém". Acreditava que as reivindicações do país deveriam deixar de limitar-se apenas ao campo das reclamações, passando-se à ação. Nesse sentido, definia os lusos como "um povo meridional" que sofria "as consequências naturais" do "seu caráter impetuoso" e "entusiástico na concepção, como desalentado na execução". Tal espírito se reproduziria por ocasião dos reclamados empreendimentos e melhoramentos "apregoados na imprensa", o que já serviria para trazer o contentamento, sem a necessária realização dos mesmos[164].

[163] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 287.
[164] O ELVENSE. Elvas, 10 jun. 1880. A. 1. N. 1. p. 1.; e 6 maio 1900. A. 20. N. 2007. p. 1.

Anno XII — Elvas – Domingo, 29 de Novembro de 1891 — N.º 1:128

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

PUBLICAÇÕES

Na primeira página, cada linha 100 rs.
Segunda dita ..... 40 »
Na secção dos annuncios ..... 20 »
Repetições ..... 10 »

E' nosso correspondente em Paris, Mr. A. Lorette, 61, rue Caumartin, 61.

O ELVENSE

Director politico — Eusebio Nunes

12—RUA DE OLIVENÇA—12
Redacção e Administração

ASSIGNATURA

Série de 52 numeros, pagamento adiantado ..... 800 rs.
Estrangeiro, idem 950

NUMERO AVULSO 10 RÉIS

ACTUALIDADES

O BRAZIL

São assombrosas as noticias vindas do Brazil, e além de assombrosas são grantuitorias, por que as revoltas succedem-se umas ás outras.

Ha pouco mais de dois annos uma revolta saida das casernas, e commandada pelo generalissimo Deodoro da Fonseca, depoz o imperador D. Pedro da Bragança, e proclamou a republica, instituindo-se aquella general no mando supremo á frente da confederação dos Estados Unidos da America do Sul.

Ha poucos mezes uma pequena revolução se manifestou na capital do Brazil, e que bem poderia denominar-se o inicio do descontentamento publico, e ha bem poucos dias foi a nação saltada pelo inesperado golpe de estado do general-mesmo Deodoro, dissolvendo o congresso!

Agora é uma revolta não de exercito mas da armada, embora commandada por aquelle, que depoz o seu presidente, acceitando este a deposição por não ter os documentos necessarios preparados para a isso, ou talvez por querer poupar a desnecessaria effusão e uma sanguinolenta guerra civil. Se grandes são os erros fundamentaes por Deodoro, as gravissimas são as suas responsabilidades de governo, se «frente» para a nação foram as suas ultimas medidas dictatoriaes praticadas, que bem expiados devem ser todos os seus erros com o acto de bom senso, se não de patriotismo com que prontamente deu a demissão, acceitando o *mandado de despejo*, que lhe foi imposto pela força armada, caso este que foi logico, pois que é por demais certo e sabido que *quem a ferro mata a ferro morre.*»

Foi logo chamado a substituir o deposto presidente da republica o marechal Floriano Peixoto, um militar de grande prestigio no exercito e de grandes sympathias n'aquelle mundo americano, pelas suas sympathicas qualidades de prudencia, coragem e energia, e pelos seus merecimentos como homem de saber, dando-lhe direito a assumir o supremo mando d'aquelle povo a sua qualidade de vice-presidente da republica brazileira.

Floriano Peixoto foi o bravo militar, que sendo ajudante general do exercito, por occasião da revolta de 15 de novembro de 1889, se recusou terminantemente a dar ordem de fogo contra as forças revoltosas, respondendo ao visconde de Ouro Preto, então presidente do conselho de ministros, que não mandava atirar sobre seus irmãos por que acima de tudo era brazileiro!

Praza a Deus, que sempre assim possa dizer, e não seu amando forçado, pela força das circumstancias, a obedecer o que em nome do patriotismo e da humanidade se recusou a cumprir as ordens de Ouro Preto, empregando os seus altos merecimentos pessoaes e acieitando-os no restabelecimento da paz e da ordem publica, no apaziguamento da sobreexcitação popular e na suppressão da anarchia, que lavra lavra n'aquella vasta e desditosa emporio, bem mais feliz, respeitado e engrandecido com o governo do ex-cooperador do que sob o poder da espada flammejante do generalissimo Deodoro da Fonseca.

* * *

Pedia a reforma o cirurgião em chefe do exercito sr. Miguel Antonio da Conceição Dantas.

Na sua vaga serão promovidos:—o aquelle posto o sr. cirurgião de divisão Joaquim de Almeida Simão; a cirurgião de divisão o sr. cirurgião de brigada José Antonio de Mello Vieira, e a cirurgião de brigada o cirurgião mor de artilheria 4, sr. Joaquim Maria Gusmão Guerra.

* * *

Foi alterado o plano de uniformes do corpo da guarda fiscal, harmonisando-o com o actualmente adoptado para o exercito.

* * *

Foram julgados incapazes do serviços activo os srs. Francisco Antonio Costa, capitão de infanteria 19, e Manoel Antonio Fernandes, tenente de infanteria 5.

* * *

Boa Esperança foi submergido. Um marinheiro que estava no mesmo navio que julgava ver alguma coisa parecida com uma barrica flutuou do no mar a alguma distancia do navio.

Um bote foi tripulado e lançado á agua.

Dentro de meia hora voltou com uma historia singular. Os marinheiros ouviram vozes agarrado á barrica um homem no ultimo periodo d'esgotamento. Tinham-no tirado de lá e trazido comsigo. Immediatamente agasalharam carinhosamente os pobres do bote um individuo meio afogado, o qual foi quem pôde para beber. O medico do Douro encarregou-se do seu tratamento e declarou-se estar ainda vivo. Pouco depois o homem quasi afogado abriu os olhos.

—Que navio! perguntou a captivo quando viu que ele já estava em estado de falar.

—O *Boa Esperança*, respondeu o homem, debilmente. Aberto um rumbo e foi ao fundo.

—Quem é o ser

O homem vacillou um momento. As suas faculdades estavam evidentemente um pouco transtornadas.

ROSAS E MYRTOS

A MINHA CRUZ

Foi um raio, que passou.....
Já não luz, já se apagou;
Foi desilusão o nome
Por cumulo d'afflicção
D'alguem ignoro coração,
Que atraiçoou, porque, não sei.

Eu vivia sem amar,
Eu detestava sem sonhar,
Acordei do meio á tua,
Era anjo o que então vi;
Mas teve medo, fugi,
Fugi para a minha cruz

Cruz de ferro... e tão pesada!...
Mandou-m'a Deus, é sagrada
Não a posso abandonar!
Mando-me em ler a esperança;
E um mar sem o bonança,
Sem uma estrella polar!

Venha agora a provação,
Que tarsura em tudo gero,
A minha cruz edificar;
Venha o ultimo sedactor,
Que de noite diz amor,
A lympha para arguntar:

Nem a mais leve impressão,
Nem a sombra de sensação
Em meu rosto se ha-de ver;
Mas as cinzas d'um vulcão,
No gelado coração,
Hão-de achar quando eu morrer!

* * *

Não creias

A ...

O' bruxo cysne do norte,
O' tentadora ovação,
Tu, que tens um coração
Onde vicejo a poesia,
Porque maldizes a sorte,
E a julgas pesada cruz!
Pois o amor não te sedem?
Não acerá não te anchuia!

Porque tamanha descrença,
E tanta falta de fé,
Quando Deus te fez merol
D'esse tão vasto infinito!
Porque, sob a cruz immensa,
Tu has de a fronte pender,
A esp'rança deixar morrer,
Sandes, tenente de infanteria 5.

—O meu nome é Jorge Endjehardt, de Philadelphia, disse depois.

Passado um instante olhou-se em volta anciosamente.

—Além de mim ha mais alguem salvo? perguntou elle n'um um desfallecido murmurio.

—Nem vivo alma.

O homem soltou um profundo suspiro, e fezo outra vez sem sentidos.

* * *

CAUTELA SEGUNDO

Topsey Turvey vê um phantasma

Não creio que a sr.ª Turvey tivesse em tempo algum fado Cowper; é, com effeito, multissimo pouco provavel que as suas leituras particulares tivessem passado de ahi das obras do charado Dr. Watts. E quasi certo que este talentoso auctor fosse do seu conhecimento, porque se conta que ella em tempos, recitando com sua solemnidade Topsey por esta metter os dedos dentro da pera da marmellada, disseram o seguinte.

«Senas finds some mischief still
For idle hands to do.»

Pois este rosto formoso
—Que não vi, meu adivinho—,
Esse malquisse, o carinho
Que tu abrigas no seio,
Não te tornam cubiçoso
Esse ardente coração!...
E de extinguir um vulcão
Julgas que possa haver meio!..

Oh! não! não creias, donzella,
Que vem *mui bem empregado*,
Num a sombra de cruzado
E' tu rosto se ha de ver.
Se n'esse alma para o bella
Fulgir um raio de luz!..
Verias como foge a cruz
Apenas o amor nascer!

Abel d'Mario.

KODAK

A natureza deu-lhe espirito e talento, mas quasi que lhe não deu pescoço.

Tem o cabello cortado á moda de la vinte annos, com imperfeita arruz, como quando andou á escola. A gentil assetiada, a lesta, o bigode retrecido, o pé pequeno e bem calçado, não lhe ou typo aristocratico.

E' homem que tem sobre todas as cousas opiniões particulares que expõe pausada e emphaticamente, quasi cuspa limitado por uma pequena linha curva, e pode dizer se que nos mesmos supprehensores só os assombros teem morrimento. Jornalista corrupto, é o terror dos typographos por não deixar escapar uma virgula, mas um dia atreveu com o jornalismo para casa do diabo e começou a escrever a historia do Alemtejo cantada pelos almocreves, hortelões e lavadeiras. Os patricios chamaram-lhe mentador e não sei se mansion; ella ria-se da troça e la recebendo louvores e loyas dos melhores lenocinios portuguezes e italianos, sobendo demais que ne sua terra ninguem é propheta. O mais notavel é que sem ser atrevidinho passa a vida a dar conselhos; na questão no *Elvense*, vendo ca o homem; ha duvidas na camara municipal, lá está o homem; ha melindres no club, desfal-os o homem; e, com franqueza, é um bom conselheiro que sabe resolver tudo com duas phrases:—*Eu te digo, diz a um... Agora deixa dizer-te, diz a outro...*

* * *

(Satanaz encontra sempre ensinadas para occupar os máos progressos.)

E, pensando que este solemne artigo por si só lhes tornaria bem conhecido, acrescentava-lhe uma pintura das delicias da vida activa pedindo a Topsey que contemplasse os cosinme da laboriosa abelha que exalta o resplandor de todas as horas do dia colhendo mel em cada flor aberta.» Citação muito despropositada para a occasião, porque, substituindo o mel pelo mel, e pois de marmelado aberto por flor aberta, Topsey tinha na realidade feito, o melhor que podia, por imitar o bello exemplo indicado.

Topsey teria remettido n'este sentido se fosse taperiga esperta, mas infelizmente não o era. Apenas limpou ao rosto as ultimas pegajosas, olhou para a tia com um sorriso brejeiro, e fugiu do quarto para encontrar em outra parte as maldades (ou marmelada) que poderesse.

A sr.ª Turvey e Topsey, sua sobrinha de doze annos, eram os unicos habitantes d'uma grande casa antiga n'uma rua proxima da praça Russel. A sr.ª Turvey era creada de governo do sr. Gurth Egerton, cavalheiro que andava viajando pelo estrangeiro para beneficio de sua saude, e achando-se isolada em quatorze quartos para ella só, não contando as adegas, escondeijos escuros e corredores sombrios, tinha, em mi hora, obtido licença de seu irmão, viuvo e guarda de cantinho de ferro, para ter em sua companhia a filhinha d'ella, e ur dz vez em quando ou ano rado abandonada os echos soturdados por uma voz humana.

Que Topsey acordava-os ecos, não ha duvida. Estes passeriam bem mal se fossem muito sonolentos. Durante o dia de ver em quando podiam passar pelo somno, quando Topsey sais a arejados, mas ordinariamente só liam era permettido dormir-se e gozar do seu descanço natural, quando Topsey gosava do d'ella, á noite.

Vejam que ma coisa é esta Topsey. Effectivamente foi ao perse Cowper em quanto nós nos importamos d'ella. Voltemos já a falar de Cowper e da sr.ª Turvey.

Ha uma passagem bem cosbicida no *Poète de Inverno*, que muca leia, mesmo n'um dia quente de julho, sem desejar encontrar-me n'uma noite d'inverno no para poder seguir o conselho do poeta. E' a seguinte: «Agora atiça o lume, fecha bem os postigos, desce as cortinas, roda para aqui o sofá, e em quanto o vaso que ferve e silva ahi longe para o ar uma columna de vapor, e as taças que alegram nas não enfeitam supernos por cada um, dimos as boas vindas á pacifica noite que entra».

Ora a sr.ª Turvey, como dizer, nunca tinha isto como trucho encantador de conselho, mas estava com certeza prendo-o em pratica. Era uma noite de inverno, e bem rigoroso, e ella tinha sitiado o lume, fechado bem os postigos e descido as cortinas. A mesa ficava muito perto do lume para que fosse preciso rodar o sofá, mas estavam postas tres cadeiras em logares muito convenientes, o vaso estava fervendo e silvando o mais alegremente passaram e tres chaveiras com seus competentes pires estavam, socegada e praxentemente, esperando por tomar a devida parte no programma do espectaculo da noite.

(*Continua.*)

SINAPISMOS

Já botei um sinapismo,
Largou pingo e Gervras.
Mas de os levar não ha meio.
Não os posso resolver:
E quanto mais n'isto scismo,
E mais mistuo, e mais penso,
Cada vez mais me convenço
Que os não posso convencer:

Os collegas do *Correio*
Não tiveram melhor fim,
E aquella bôa pindita
Não fez maior sensação!
Ora, amigos, isto é feio!
Vêem todos a pedir
E nocte, sem sentir,
Sempre a dizerem que não!

Acaso p'ros ensaiar
O Marquez não está prompto?
Não lhes serve até *do posto*?
Não lhes mostra a vocação?
Não têm ahi p'ra cantar
Mutos de quem não falio?
Pois o Torres e o Zagallo
Não sucam já rabeção?

Se um corista se quiez
Não ha ahi o Adelino?
Pois não é um desatino,
Não é mesmo desharmano,
Que, qual padica mulher,
Se façam assim rogar?...
Ou querem, p'ros animar,
Que vá por lá o Mansono!

Rigallot.

PARABENS

Fazem annos:

Hoje, os srs.ᵐᵒˢ qz.ᵐᵒˢ:

D. Adelia Adelina Ripado de Matos.

D. Angelica da Conceição Lopes.

D. Francisca do Carmo Travassos Valdez.

D. Maria da Encarnação Andrade Cardoso Fino.

D. Maria Rita Freire d'Andrade Carvajal.

Os srs.:

José Julio Lopes da Costa.

Dr. Luiz Maria da Silva.

Sanzanino Antonio Bastos.

Amanhã, as ex.ᵐᵃˢ s.ᵐᵃˢ:

D. Bernardina da Conceição Ferreira da Veiga.

D. Margarida Ezequilla Pinto Carneiro.

Os srs.:

João Augusto Nogueira de Sá.

João Baptista.

Na terça, as ex.ᵐᵃˢ s.ᵐᵃˢ:

D. Beatriz Eugenia Rosado Ferreira.

D. Emilia do Carmo Ferreira.

Os srs.:

Adriano Eloy Gamoiro Burguete.

Antonio Duarte Esteves.

José Hodrodoro Vargas.

Na quarta, as ex.ᵐᵃˢ s.ᵐᵃˢ:

D. Maria Carlota de Sousa Mello e Soure.

D. Maria da Conceição Garcia d'Andrade.

D. Maria Izabel da Conceição Tierno e Silva.

D. Mariaana do Carmo Zagallo Faria de Menezes.

Os srs.:

Gaspar Candido da Graça Fino.

José Antonio Bagalha Junior.

Miguel Eduardo Alvares da Silveira Pinto Mascarenhas.

Foram concedidos 30 dias de licença, nos termos do decreto de 12 de agosto do corrente anno, ao sr. capitão de infanteria n.º 4 Rodolpho Augusto de Passos e Souza.

Toca hoje no jardim da Praça, se o tempo o permittir, de uma ás tres horas da tarde a charanga de bombeiros n.º 1.

Outro representante do jornalismo regional foi o bissemanal *A Correspondência do Norte*, editado entre 19 de junho de 1880 e 5 de maio de 1906[165], na cidade de Braga, no distrito homônimo, ao norte de Portugal, na região do rio Cávado. Teve forte identificação partidária, chegando a apresentar-se como "folha progressista" e "órgão do centro progressista". Nesse sentido, fazia questão de confirmar "o credo professado", destacando "uma adesão constante aos princípios do partido sob a bandeira do qual" se alistara. Propunha-se à tarefa de pugnar pelos interesses de sua terra, concelho e distrito, "com a boa vontade que sempre" dispensara "aos assuntos mais e menos importantes da sua administração, do seu engrandecimento, do seu progresso, da sua civilização, enfim"[166].

[165] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 218.
[166] A CORRESPONDÊNCIA DO NORTE. Braga, 4 jan. 1890. A. 11. N. 938. p. 1.

A CORRESPONDENCIA DO NORTE

Bi-semanario
Publica-se ás quartas-feiras e sabbados
PROPRIETARIO
MANOEL RIBEIRO DE CARVALHO

ORGÃO DO CENTRO PROGRESSISTA

Redacção e Administração
Rua Nova de Souza n.º 117—1.º andar
DIRECTOR E ADMINISTRADOR
HENRIQUE AUGUSTO ROUFFE

XV ANNO—1894 | ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA — Braga—semestre 1:200rs.—provincias 1:360 — estrangeiro 4:500 — avulso 40. | SABBADO 19 DE MAIO DE 1894 | ANNUNCIOS — [illegible] do jornal 60 — communicados 80 rs. | NUMERO 1:363

Braga, 18 de Maio

Braga e o Bom Jesus

ESTANCIAS DE RECREIO

As tradições do pittoresco local do Bom Jesus e a fama das excellencias da nossa terra, engrandecendo-se de anno para anno, e se fosse possivel fazer-se uma rigorosa estatistica dos frequentadores e visitantes, bastaria da ha 10 annos a esta parte, ella provaria exhuberantemente, a asserção que acima avançamos.

Para isto, devemos mencional-o, muitissimo teem concorrido,não só os melhoramentos materiaes; muitissimo importantes,mas os melhoramentos moraes, que sempre teem acompanhado aquelles, na sua evolução constante e altamente benefica.

Estamos, justamente na quadra em que Braga e o seu formosissimo arrebalde attrahem, com mais ou menos demora, os que cá veem procurar descanço, saude, socego e commodidades, a par dos recreios e dos attractivos, que são um grande reparador das forças abatidas nos trabalhos e nas luctas da vida.

Para que continuemos a merecer os louvores que nos andam consignados nas nossas gloriosas tradições é mister que todos, todos, sem distincção de classes, se preparem para que aos forasteiros, aos visitantes, aos hospedes de Braga e do Bom Jesus, se proporcionem as maiores commodidades a par da necessaria economia.

Aceio e limpeza nos meios de transporte; aceio e limpeza nos hoteis e hospedarias; preços equitativos,sem exagguros de ganancia exploradora; franqueamento de templos, asylos, hospicios, bibliotheca,de todos os monumentos e estabelecimentos que possam ser visitados por quem os deseje vêr e até estudar; proporcionamento de recreios e actos de attracção, como amenidade a quem fóra de sua casa e da sua terra procura distrahir-se; facilidade em todas as indicações pedidas; serviço correcto em toda a parte; policia bem instruida para bem instruir os forasteiros; finalmente, tudo quanto, sem economia de fadiga e de boa vontade, possa concorrer para o agrado, dos que—e não são poucos — veem procurar em Braga e no Real Sanctuario, com mais ou menos demora nas suas excursões, o descanço ou o attractivo, n'esta esplendida quadra do anno.

Attrahir e não affastar; captivar e não desprimar — eis o grande principio que é mister adoptar e realisar, porque é assim e só assim que a concorrencia se estabelece e ninguem póde deixar de comprehender que tanto maior fôr a concorrencia, tanto maior será a vantagem para todos.

Do maior movimento veem maiores recursos e estes são sempre uma animação e nunca deixam de ser uma riqueza em maior ou menor gráu.

Convem, portanto, que hoteis e hospedarias, americanos e trens de aluguer, estabelecimentos de toda a ordem, emfim, não estejam a especular e explorar torpemente os forasteiros na certeza de que sendo equitativos, correctos no procedimento,e aceiados nas commodidades a proporcionarem, isso será motivo para prosperidade, porque será attractivo para concorrencia.

E' do maior interesse attrahir concorrencia e de subido alcance economico crear e manter boa fama. Excellencias naturaes, que muito recommendam as excursões a Braga e ao Bom Jesus, não faltam ahi,mas do que todos devemos compenetrar-nos é de que pelo nosso procedimento correcto, justo e equitativo nos cumpre completar essas excellencias com que nos dotou a natureza, e de que tanto nos vangloriamos.

Isto não se entende unicamente com o periodo, curto relativamente, dos festejos do S. João,que duram cinco dias; deve estender-se como principio permanente e constante, em todo o tempo, mas muito especialmente, no largo periodo que vai do principio da primavera, em geral,ao principio do outomno e ainda do inverno.

Façamos o que se faz em toda parte aonde se comprehende a vantagem da concorrencia plenamente satisfeita. Afastarmos os visitantes de Braga e do Bom Jesus é como que indicar-lhes o caminho de Cintra ou do Bussaco e ainda de muitas estancias de aguas e banhos, aonde se não vai unicamente procurar allivio a quaesquer padecimentos.

Portanto, é preparar, por todos os meios e por todas as fórmas para que os forasteiros que venham e retirem, levem a toda a parte a grata informação de que no nosso paiz,nada ha mais agradavel que uma excursão a Braga e nada mais appetitoso que uma temporada no Bom Jesus do Monte.

O assumpto do dia

Já toda a imprensa do paiz se tem referido largamente ao lamentavel conflicto com o Brazil.

Não seremos nós,n'este momento que vá alimentar malquerenças contra o governo portuguez pelos factos occorridos. Isto fica para mais tarde, apurando-se então todas as responsabilidades.

Por agora só nos cumpre aguardar os acontecimentos, e do que fôr occorrendo informaremos os nossos leitores.

Damos em seguida um primoroso artigo, transcripto do nosso presado collega o «Commercio do Porto».

E' um artigo sensato e digno de se archivar.

Escreve o nosso collega:

PORTUGAL E O BRAZIL

Não nos arrastam as primeiras impressões. Não.

Por mais graves que sejam as noticias recebidas do Brazil, por mais lancinantemente que ellas firam o amor patrio, não vamos tomar á conta de aggressão de um povo o que não pôde ser mais do que effeito do ataque de uma turba.

Fôra insania sem nome, culpa sem absolvição, crer que os governos de dous paizes secularmente unidos possam abrir um scisma entre povos que o sangue tornou irmãos, que a lingua commum estreitou nas mais intimas relações e cuja historia, durante mais de quatro seculos se confunde e brilha nas mesmas paginas de ouro, — dous povos que devem um ao outro muito do que são. Nem a mais violenta diplomacia, nem a mais acceza guerra seriam capazes de destruir laços de tal ordem, liames de tal natureza.

Mas, para que pensar em tal? Equivaleria, quasi, a levantar duvidas sobre as altas faculdades dos dous povos.

Consulte o Brazil a sua historia. Vá a 1530 e lá verá que de esforços Portugal empenhou na povoação do Brazil, lá encontrará noticia dos avultados subsidios gastos para a repressão dos corsarios. Passe ao seculo XVI e terá noticia da applicação de um regimen economico que não desbouraria os tempos actuaes. Avance para o seculo XVII e observará como a soberania portugueza plantou o ramo da paz na terra brazileira. Venha para o seculo XVIII e verá o que valeu n'esses tempos a torrentuosa colonisação portugueza. No proprio seculo XIX, ainda mesmo depois da independencia do Brazil, nas provações da guerra do Paraguay, em que a patria brazileira pugnava pela sua unidade ameaçada, Portugal teve sempre para essa nação, sua filha, affectos que se não exalçam, dedicações que se não louvam, porque não ha premio nem louvor para o amor de mãe.

Um grande escriptor definiu assim a missão de Portugal no Brazil:

«O pequeno reino de noventa leguas, por si só, repellindo a avida e poderosa dominadora dos mares, povoou o vasto continente, que, em uma superficie de mais de um milhão e [illegible] mil kilometros quadrados, se desdobra desde a Oyapock até ao Chuy, e desde o cabo de S. Roque até ás terras longinquas, d'onde se avistam os cimos altaneiros dos Andes; e com seus unicos recursos plantou em toda essa immensa região a cruz do Senhor e com ella a unidade de religião, de raça, de lingua e de costumes».

Desde que assim é, poderão os tempos apagar ao Brazil os traços deixados pela colonisação portugueza? Em todo o Brazil ha de nobre e grande, de [illegible] e illustre, poderá [illegible] de lobrigar as nossas tradições, que nos sorriem? Certamente, [illegible] e Justiça, porque se ha sempre o orgulho portuguez.

Não se invectam, pois desavenças onde tudo affirma allianças; não se accendam represalias onde não póde haver senão concordia.

Abra-se o livro da Historia e não será difficil encontrar lição proficua: — Quando em 1874, compatriotas nossos foram [illegible] no Pará, quando se aconselhava que o governo portuguez mandasse para o porto de Belem um vaso de guerra, a fim de proteger a vida e a fazenda dos seus nacionaes, o que é que se entendeu por melhor? Entendeu-se e escreveu-se que as difficuldades mais ou menos graves entre a familia portugueza e brazileira se resolvem com mais efficacia appellando-se para os sentimentos de dignidade que nunca, jámais, abandonaram as duas nações irmãs e amigas.

Sigam se agora estas mesmas normas.

As noticias que nos vêem do Brazil não nos aterrorisam: obrigam-nos a meditar. Ao confrontarmos as mais recentes com as que nos trazem os jornaes chegados ante-hontem ao Tejo e com outras de proxima data, assalta-nos o espirito o receio de que encontrassem écco nas altas regiões do poder os protestos da multidão inscienta em questões de direito, os gritos erguidos, como represalia, em nome de uma falsa comprehensão do brio nacional.

E' preciso confiar, todavia, em que o governo brazileiro aprecie bem o valor das relações entre Portugal e o Brazil e pense bem em que essas relações ficam muito superiores ao embate das paixões das multidões que, como as ondas do Oceano, açoutam a praia, para recuarem em seguida, dominadas pelo proprio peso.

O governo brazileiro terá assim a alta comprehensão da sua missão.

Pela sua parte, o governo portuguez só interpretará o pensar e o sentir nacional, só se inspirará no bem da patria portugueza, quando fizer tudo quanto dignamente se pôde fazer para manter e consolidar á custa de todos os esforços os laços que nos prendem ao Brazil.

Despeitos e paixões não devem attingir os elevados páramos em que se ventilam estas questões. Não devem chegar lá os eccos das multidões irrequietas; apenas a razão fria alli deve dominar.

Esperamos que assim haja de succeder na pendencia com o Brazil.

Antiga nobreza

III

CONDES

O titulo de conde existia desde o tempo dos imperadores romanos; a primitiva significação d'esta palavra era companheiro, por que os senhores d'esta dignidade eram familiares dos principes.

Os capitães godos, que destruiram o imperio romano, abraçando o fausto dos vencidos tomaram d'elles o titulo de Conde para indicar os próceres ou maiores que serviam nas barbaras côrtes.

Estes transmittiram-os ás nações modernas. Na Hespanha appareceu nos principios da guerra da independencia contra os invasores arabes.

Na historia dos differentes conflictos entre D. Affonso Henriques e D. Affonso VII, de Castella, faz-se menção de varios Condes do Minho e Galliza. Escripturas d'esse tempo apresentam os nomes de muitos nobres com o titulo de Conde; e na tomada de Trancoso, pelo principe D. Sancho, lá vem dous Condes.

Parece que se reuniam na mesma pessoa, por vezes, as dignidades de Rico homem e Conde, como succedeu, por exemplo, com Mendo Affonso, um dos cavalleiros de D. Affonso Henriques.

Os condados eram, então, vitalicios. Não raro, dava-se egualmente o titulo de Conde ao possuidor de grandes terras,e talvez seja esta a origem de chamar-se um condado ás grandes propriedades.

IV

DUQUES, MARQUEZES, VISCONDES E BARÕES

As relações com a Inglaterra, no tempo de D. João I, em que subditos d'aquella corôa vieram a Portugal auxiliar-nos na consolidação da independencia nacional, e a ida á França de D. Affonso V, annos depois, introduziram em Portugal muitos usos e instituições estranhas, e, entre ellas, os titulos de marquez e duque.

O infante D. Pedro, filho de D. João I, mais tarde regente do reino durante a menoridade do Principe D. Affonso, foi o primeiro que houve em Portugal. Deu-lhe seu pae o titulo de duque de Coimbra, e ao celebre infante D. Henrique o de duque de Vizeu.

O titulo de marquez foi introduzido por D. Affonso V, que nomeou o conde de Ourem primeiro marquez de Valença.

No seu regresso da França, foi o mesmo rei que nomeou os primeiros viscondes e varões.

Previlegio dos da Mourisca

Oje sabado vinte e cinco dias do mez de maio do anno de mil e quinhentos e trinta e dous annos sendo juntos em Camara onde hé costume os muito onrados Senhores o L.º D.º Barbosa juiz de fora e Jorge de Barros o comendador Antonio de Castilho o bacharel Fernã Gil Toscano vereadores e Antonio Cordeiro procurador do concelho todos cidadams e regedores d'esta mui antiga e sempre leall cidade de Braga e sendo assi juntos fasendo Camara e vereaçam perante elles ditos senhores e em presença de mi escrivam apareceo Joham Fernz. sapateiro morador no arrabalde de Sam Marcos d'esta cidade como rei da mourisca e logo por elle dito Joham Fernz lhe foi apresentado hu previlegio da dita mourisca feito por mim escrivam que lhes foi concedido pelos officiaes d'esta Camara o anno passado segundo lhes parecia e ao dito escrivam que o fez e que lhes requeria que o confirmassem e mandassem trasladar no livro da Camara o quall previlegio hé o que se ao diante segue

O L.º D.º Barbosa Juiz de fóra em esta muito antiga e sempre leall cidade de Braga pelo reverendissimo senhor Dom Diogo de Sousa arcebispo e senhor da dita cidade Primaz das Hespanhas etc. e Lançarote Freire e Fernão Soares e Pedro Paes vereadores e Gaspar Gonçalves procurador do concelho na dita cidade fazemos saber a vós que esta carta de ordenança e previlegio virem como considerando nós quão aprasivel e de

Também da cidade de Braga foi publicado *O Constituinte*, folha bissemanal editada entre 17 de julho de 1880 e 22 de janeiro de 1890[167], cujo título era alusivo à sua filiação partidária, como já ficava declarado desde a edição do seu programa, no qual se apresentava na qualidade de órgão do Partido Constituinte, buscando reagir contra a visão pejorativa dos demais partidos tradicionais, que não reconheciam aquele agrupamento como um partido propriamente dito. Segundo o jornal, existia "realmente um grupo de homens", seguidores, "com convicção de um certo programa político, distinto de todos os outros programas pelos princípios e pelo modo de compreender a sua aplicação" ao país e, com base em tais ideais, se achavam "incorporados, organizados e disciplinados a tomar parte ativa nas lutas da civilização e na marcha da governação pública". Declarava que era preciso que se entendesse que o Partido Constituinte era "essencialmente monárquico e representativo", repelia "as imperfeições do passado e o estado precário e desmoralizado do presente", mas não perfilhava "tampouco as aspirações excessivas dos sistemas exagerados". Dizia querer o "desenvolvimento natural e ordenado das instituições e não as transformações precipitadas e repentinas", entendendo que o sistema monárquico representativo ainda não esgotara sua missão junto à sociedade portuguesa. Finalmente, destacava que não pretendia "destruir os princípios fundamentais da organização política", respeitando "a dinastia, a religião e as

[167] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 188.

tradições" e desejando "a reforma das instituições", adaptando-as aos novos tempos e oferecendo soluções para a crise que tomava conta do país[168].

Quando *O Constituinte* encerrou sua jornada em Braga, surgiu em seu lugar *O Nacional*, que manteve a circulação bissemanal e foi editado entre 25 de janeiro de 1890 e 30 de junho de 1894[169]. Tal transição viria a trazer consigo também algumas mudanças de procedimento, caso do anúncio feito pelo periódico de que passaria a trabalhar "para bem da causa pública" e não se deixaria "mais emaranhar na rede ardilosamente preparada pela política dos interesses", prometendo caminhar altivo e "sempre com a independência", e "olhando desdenhosamente para o *mare magnum* de intrigas" característico da política portuguesa. Com inconformismo e certa desilusão, declarava que não lhe serviria de obstáculo "o egoísmo" que campeava "infrene por todos os cantos do malfadado país"[170].

[168] O CONSTITUINTE. Braga, 17 jul. 1880. A. 1. N. 1. p. 1.
[169] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 118.
[170] O NACIONAL. Braga, 3 jan. 1894. A. 15. N. 1.318. p. 1.

O CONSTITUINTE

X. ANNO — QUARTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1889 — N.º 924

DIARIO HISTORICO

Novembro

Dia 21. — Decretamento do systema constitucional da Republica Brazileira, em 1806, declarando nullas promessas feitas pela fraqueza.

— Promoção, em 1832, do visconde da Serra Martha a tenente general do exercito legitimista, em assedio ao Porto, em 1832.

— Licenciamento, em 1806, da reserva militar entre nós, que tinha sido chamada ao serviço em 23 de Julho anterior.

Dia 22. — Entrada do exercito francez em nosso paiz, em 1807, constituindo união na 1.ª das 3 vezes —1807, 1808, e 1810— debaixo do commando do general Junot, á voz da viuvinha de Napoleão Bonaparte.

— Recusa da nossa imperatriz caiada. D. Carlota Joaquina, em jurar a Constituição do paiz, em 1822.

— Inauguração solemne do Instituto Vasco da Gama em Goa, em nossas Estadas da India, em 1870.

Dia 23. — Eleição do Summo Pontifice Clemente XI, em 1700, sãmanesão se no seculo João Francisco Albano, e ainda natural d'Urbino na Italia.

— Chegada ao Porto, a travez de fogo violento dos inglezinhos em assedio á cidade, em 1832, de dois bergantins vindos da Inglaterra: — o *Lyra*, com feno e cevada; e o *Adelaide*, com 20 cavallos.

— Dissolução das côrtes entre nós, em 1859.

Braga, 20 de novembro

A republica no Brazil

Em poucas horas se transformaram as instituições politicas da grande imperio sul-americano: e esta subita transformação é assombrosamente notavel, pelo modo porque se operára.

Tres ministeiros, da scmada do lirazil, investem contra o ministro da marinha, fecam esse homem, ou matam-no; e poucas horas depois o governo monarchico absoluto é o poder, o presidente do conselho é declarado prisioneiro, um governo provisorio decreta a dissolvação do monarchia, dissolve o parlamento, appella para o suffragio dentro de 60 dias, e o Brasil, que acclamava monarchias, alvoroça republicano!

A rapidez vertiginosa, instantanea, electrica mesmo, do facto assombra-nos espantosas successos, consomem naturalmente todas as attenções, e tiram supersaturados todos espiritos; porque a verdade é, que os acontecimentos do dia 15 são realmente assombrosos: e precipitados fulminantemente como o foram, não deram tempo para sobre elles descer com a necessaria firmeza a reflexão desapaixonada, que os deve estudar, comprehender, e criticar.

Não ha na historia das grandes transformações politicas de nação, algumas que possa comparar-se com esse extraordinario acontecimento, que acaba de assombrar o mundo inteiro.

Nos annaes gloriosos da nação portugueza, ha uma convulsão que tem alguma semilhança, pela morte porque ella rematou: referimo-nos á restauração de 1640.

Pelas 9 horas da manhã do dia 1 de Dezembro em Lisboa, como no dia 15 de Novembro no Rio de Janeiro, o sangue d'um homem salva as aspirações d'uma consciencias humanitarias, que illuminam a sua missão do jugo estrangeiro: nem mais nem menos, uma mera tal deposição, a revolução abateu-se com a rapidez do relampago por todo o paiz; e os dominadores deixaram de ser pedestal de violencias, para serem elles se arguirem triumphantes as victimas da gloria, sobre as ruinas d'um extranho e oiroso dominio.

No Brazil não houve, como em Portugal, um governo estrangeiro; não houve um regimen absoluto, corrupto e aviltante; não houve um monarcha carnavalesco, um antithese inexplicavel: houve apenas um fenomeno revolucionario, orientado pelos tendencias democraticas, que se vão desenvolvendo na Europa, e que tem os seus mais fortes alicerces na liberalissima America.

A questão politica do Brazil, e chamamos-lhe attenção, porque tão desconhecida e ainda tão mal estudada foi a insurreição, que muito ao acaso do que nos procedeu d'um povo bem organisado se pode ella attribuir.

A mutação, pois ou fosse do governo brazileiro, mal se pode por emquanto apreciar devidamente.

Qual será a fórma do governo?

Não é facil responder a esta interrogação: o que resulta natural da simples observação dos factos, é que não era o ex-imperador o monarcha sympathico, e cordialmente querido da nação brazileira.

Que a revolução republicana remontasse depois da morte de D. Pedro II, era isso um acontecimento explicavel e até mesmo esperado: as tendencias democraticas d'aquelle grande imperio ha muito que eram manifestamente crescidas, não só pela imprensa mas por muitas outras fórmas: a abolição da escravatura, que foi a mais brilhante gloria da corôa de Pedro II, teve por factores duas forças egualmente poderosas—a democracia e a philosophia, que, convergindo fortemente para o mesmo ponto, apressaram a solução d'esse importantissimo problema.

O espirito profundamente erudito de D. Pedro II, e seus sympros, as relações litterarias que estabeleceu com os primeiros homens de lettras da Europa, impressionaram os seus contemporaneos, d'um modo differente, as apparencias dum cesarismo de meio, que

FOLHETIM

O TRIBUTO DAS CEM DONZELLAS

TRADUCÇÃO DE

Costa Goodolphim

(*Continuado do n.º 923*)

III

O califa Azab-el-Rajaan

A pouca distancia de Cordova, ao lado a ribeira coberta de Guadalquivir, existia nos tempos do que vamos fallando, a soberba cidade antiga chamada o seu nome de Rasafa, outra fora a magnifica cidade que, ao dizer crente a tradição, soberava as palacios encantados que enriqueceram os contos das mil e uma noites.

Nada ahiam já d'aquella maravilha, o tempo e os invernos se nos mostrão, e vestigio algum póde dizer com fundamento, aqui outora Rasafa.

Dois annos só haviam decorrido desde o dia em que Azab-el-Rajaan, fugitivo em Africa, refugiado na côrte de Tahrar, capital do Algarve, recebera um topos de Cordova, que, conhecel-nos de sua alta linhagem e das suas desgraças, causadas da desastrosa guerra civil sustentada pelos Alfaristes contra os usurpadores, a saber-sabia, da tyrannia do usurpador el-Fehri, e dos tributos de sua partidari: Samiil, wali de Toledo, desapoiado dar unidade e força ao reino, forem offerecer a sua corôa áquelle a que e d'onde nascera a quem o povo Alarabia confiara pacs, paceiros e paiza.

O Fehri e Samiil haviam sido vencidos, successivamente de Alfaristas, e infiamado o reino de entusiasmo com os seguidos triumphos do primeiro califa da sociedade.

E assim, quando a paz soltava as suas azas de oiro sobre ella o califa de Cordova; quando tinha sobre ella o sol da prosperidade, principiaram a bentar as antigas cidade, as *Cordoba Patricia* dos romanos, ajuntas, hospicios e alcaçares e entre elles a Rasafa, residencia redonda de

perfeita e arg-dita para sua exclusiva morada pelo califa.

No anno 737, não havia terminado ainda aquelle palacio de prazer, em todas as suas partes, apresentava-se-se aspecto de vida e animação de um edificio que ornava a cap des mouros: davam os ultimos de gosto do architecto: durante o dia o grupo de trabalho e dos operarios cuja guiza na sua construcção deveram as suas inscripções; porem apenas o sol abandonava o Arabiada para illuminar outros hemispherios, cessava a animação e silencio se encetava o doce repouso das noites do rio, o rio das perolas entre os tamarindos e as arvores do deserto, cuja fragrancia, delicada-se através dos transparentes dos espaldas de mouros, uma harmonia delicioso prolatada por uma guzla e a voz de uma mulher.

No meio a que nos referimos, o califa longo-lamente reclusão n'um dos de purpura, ajuntou n'uma nuvem colonia e basta, colheita por um tapete de brocado, assim diante uma turma rapidissima chuva de pequenos

o Cuba como chefe, e que a despeito de todo o seu cavalheirismo, pelos serviços que lhe prestára, e pelo bem que soube illuminar-lhe a historia, um dia terá de atira-lo a mar, não quiz ou não pôde amparar-lhe a queda desastrosa e inglorio, que os iconiços lhe preparavam n'um momento.

Nem sabemos que o Brazil não é uma nação revolucionaria, antes é amante da ordem, respeitadora da lei, trabalhadora, e extremamente zelosa das suas prerogativas e immunidades.

Perante estas tendencias, é extremamente inexplicavel a ereação e quasi que instituição, com que esse grande nação deixou apear do throno e mutilar-lhe, que era o herdeiro e a gloria das suas tradições e da sua gloria.

Não houve ainda monarchia mais infeliz na queda, do que Napoleão II dentro dos muros de Schon: mas era ao menos cahir fulminado pelo desastre d'uma guerra bizarra, e depois d'uma batalha sanguinolenta.

D. Pedro II perdeu, sem sequer chegar a cahir do throno: abandonou o seu throno sem o desamilio, sem que se vê, o inquinino que ali papa e reuna ao sorberio: foi um desvalido de desgraça, não foi um desthronisado nosso.

O que será o dia d'amanhã, é um segredo impenetravel por emquanto: os primeiros symptomas não são por agora alarmantes: o ministerio provisorio tem pessoas as sympathias e a confiança publica: e a tranquillidade que tem reinado, não só no Rio de Janeiro, como nas outras provincias do imperio, fazem suppor que a republica tem vitalidade, e promessa duração.

É é natural que assim succeda, por que no Brazil, que é grande em tudo, conhecem-se seus homens. Effectivo não estudar o meio de não fazer depender a prosperidade, e a riqueza

instrumentos de oiro e marfim, um thesouro cheio de deposito feito, uma falta de haveres guardo, occupava-se em defender á luz de uma lampada de agatha, alumiada com muito arte, o plano do grande alguns (*arrapato*) que designava construir, de modo que fosse semilhante á da Mesquita, mister a mais sumptuosa de que a que andava de edificar em Bagdad, e sobretudo comparavel á de Abdalo em Jerusalem.

Estava então Azab-el-Rajaan em flor da sua juventude, tinha dado a seus cinco, a seu lez bravura e levemente cuesta, grandes olhos garços e olhar agradavel e sympathico. Tazia d'elle uma formosura extrema para harmonia das suas feições, pelo seu estatura gentil e elevada, a robustez dos seus membros, bellos que, sem destoar de ser varonil, tinha inveja-vel uma dama, o que lhe valeu a fama de ser o cavalleiro mais galhardo do seu tempo.

Junto ao califa, sentado n'uma pelle de tigre, um escrão de semblante melancolico e quomado, cor que lhe

publicos, d'um fumo que, embora assombrosos pelos resultados, é logicamente comprehendido no effeito da mudança d'um Chefe, e na substituição do meio duma d'homens e governar.

O que desejamos, e cremos que são tambem estes os desejos de todo o cidadão portuguez, é que a nova fórma do governo dirimam, sobre a terra de Santa Cruz, terrenos de brasilitos; por isso que não d'esses horriveis e fatalidades tambem pode-rómos ser quinhoeiros.

CORRESPONDENCIA

Espozende, 17 de Novembro de 1889

Não era o mais intento, dar a minima importancia ao espirito d'aquella para o *Universal*; por isso que tenho pouco bom publico, aos dignos leitores do *Constituinte*, as traições de uma certa canalha, a quem com não sendo muitos de vida d'uma genuinidade!

O inf...talissi-parilha... ainda não está bem descoberto: mas quando lhe acertar bem as loulasda o chicote, então ha-de elle patentear ao publico, por si mesmo, ao caracter de traidor e publico, aos adjectivo.

Não tenho emmedo nas minhas correspondencias: só bem claros e explicitos, para todos os leitores as comprehenderem em breves correios.

Ora vamos lá, seu esporrista: vejo aqui certidão da capitania, assim como o que quer dizer da Bahia.

Se não apresentar a lei certidão; e não confirmar o que quer dizer na sua suspeitada correspondencia para o *Universal*, no 14 do corrente — ha-de apresental-o, seu escriba, como calumniador, e como incapaz por isso de exercer emprego publico.

Desculpe-me, desgraçado; e deveria de ti, acharte que possas, os bicos das minhas botas.

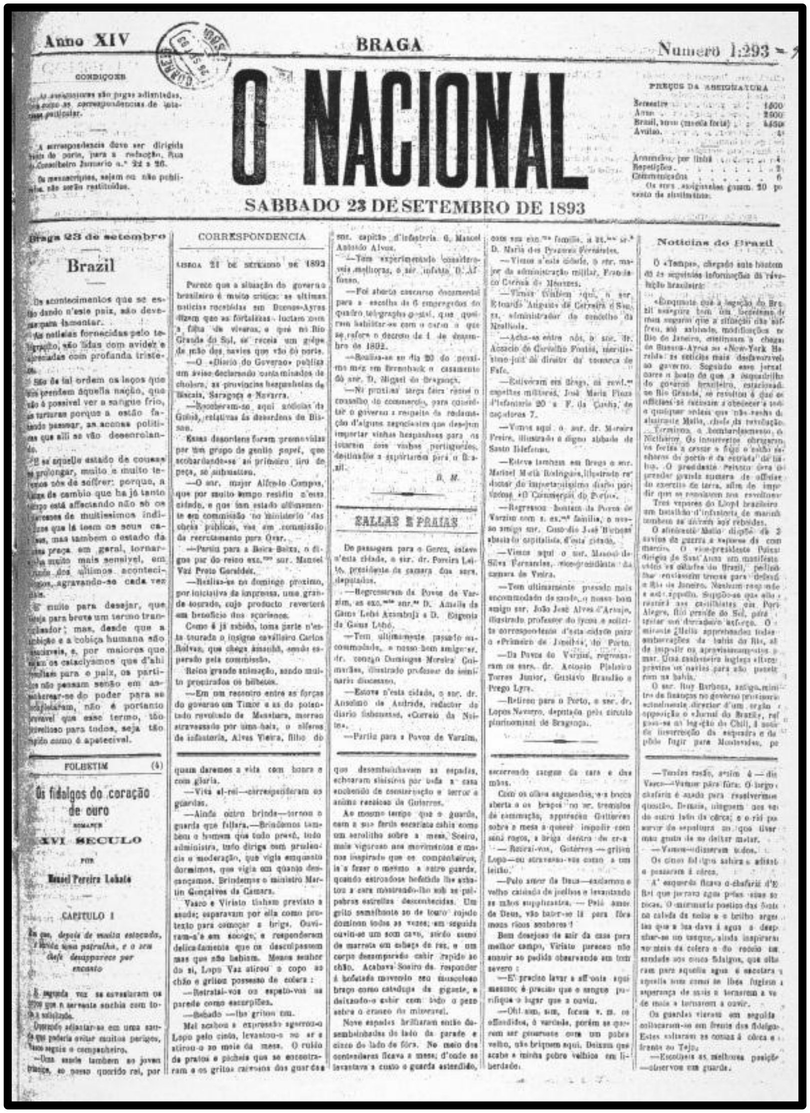
quava um assocel contrasto com a sua largo e brilhado brilho côr de prata, lia com acanto doce os amores mais gloriosos dos califas de Damasco, ascendentes de Azab-el-Rajaan.

Sentado junto a elle, debaixo sobre os joelhos, humilde e silencioso como um cão que se estende aos pés do seu amo, estava uma escrava africana, de tez morena, olhos negros, labios purpurios, e brilhantes e vastos cabellos.

De vez em quando a escrava preferia cantar-lhe n'uma guzla de cinco a meia-lua, a dego, alliava para o califa, acariciando-a ficava com uma curiosidade infantil e seu olhar de gazela ao nacito, que agora lendo com uma pausada, grave e sonora.

Aquelle grupo, interessante já de si pela formosura de cada e da creança, por suas especiaes fórmas de sala e vario, e pela presença nobre e magestica do senhor augmentava com effeito pela belleza de cadeia em que estava ricamente apurada toda a riqueza de gosto oriental.

(*Continua*).


Anno XIV — BRAGA — Numero 1:293

O NACIONAL

SABBADO 23 DE SETEMBRO DE 1893

CONDIÇÕES

As assignaturas são pagas adiantadas, assim como as correspondencias de interesse particular.

A correspondencia deve ser dirigida franca de porte, para a redacção, Rua do Conselheiro Januario n.º 22 a 26.

Os manuscriptos, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

PREÇOS DA ASSIGNATURA

Semestre ... 1$000
Anno ... 2$000
Brazil, anno (moeda forte) ... 4$500
Avulso ... 40

Annuncios, por linha ... 40
Repetições ... 20
Communicados ... 60

Os srs. assignantes gosam 20 por cento de abatimento.

Braga 23 de setembro

Brazil

Os acontecimentos que se estão dando n'este paiz, são deveras para lamentar.

As noticias fornecidas pelo telegrapho, são lidas com avidez e apreciadas com profunda tristeza.

São de tal ordem os laços que nos prendem áquella nação, que não é possivel ver a sangue frio, as torturas porque a estão fazendo passar, as scenas politicas que alli se vão desenrolando.

E se aquelle estado de cousas se prolongar, muito e muito temos nós de soffrer; porque, a taxa de cambio que ha já tanto tempo está affectando não só os interesses de muitissimos individuos que lá teem os seus capitaes, mas tambem o estado da nossa praça em geral, tornar-se-ha muito mais sensivel, em vista dos ultimos acontecimentos, agravando-se cada vez mais.

É muito para desejar, que seja para breve um termo tranquilisador; mas, desde que a ambição e a cobiça humana são insaciaveis, e, por maiores que sejam os cataclysmos que d'ahi resultem para o paiz, os partidos não pensam senão em assenhorear-se do poder para se locupletarem, não é portanto provavel que esse termo, tão desejado para todos, seja tão rapido como é apetecivel.

CORRESPONDENCIA

LISBOA 21 DE SETEMBRO DE 1893

Parece que a situação do governo brazileiro é muito critica: as ultimas noticias recebidas em Buenos-Ayres dizem que as fortalezas luctam com a falta de viveres, e que no Rio Grande do Sul, se receia um golpe de mão dos navios que vão do norte.

—O «Diario do Governo» publica um aviso declarando contaminadas de cholera, as provincias hespanholas de Biscaia, Saragoça e Navarra.

—Receberam-se aqui noticias da Guiné, relativas ás desordens de Bissau.

Essas desordens foram promovidas por um grupo de gentio papel, que acobardando-se ao primeiro tiro de peça, se submetteu.

—O snr. major Alfredo Campos, que por muito tempo residiu n'esta cidade, e que tem estado ultimamente em commissão no ministerio das obras publicas, vae em commissão do recrutamento para Ovar.

—Partiu para a Beira-Baixa, o digno par do reino exc.mo snr. Manuel Vaz Preto Geraldes.

—Realisa-se no domingo proximo, por iniciativa da imprensa, uma grande tourada, cujo producto reverterá em beneficio dos açorianos.

Como é já sabido, toma parte n'esta tourada o insigne cavalleiro Carlos Relvas, que chega ámanhã, sendo esperado pela commissão.

Reina grande animação, sendo muito procurados os bilhetes.

—Em um recontro entre as forças do governo em Timor e as do potentado revoltado de Manatuto, morreu atravessado por uma bala, o alferes de infanteria, Alves Vieira, filho do snr. capitão d'infanteria 6, Manuel Antonio Alves.

—Tem experimentado consideraveis melhoras, o snr. infante D. Affonso.

—Foi aberto concurso documental para a escolha de 6 empregados do quadro telegrapho-postal, que queiram habilitar-se com o curso a que se refere o decreto de 1 de dezembro de 1892.

—Realisa-se no dia 20 do proximo mez em Bronnbach o casamento do snr. D. Miguel de Bragança.

—Na proxima terça feira reune o conselho do commercio, para consultar o governo a respeito da reclamação d'alguns negociantes que desejam importar vinhas hespanholas para os lotarem com vinhos portuguezes, destinados a exportarem para o Brazil.

D. M.

SALLAS E PRAIAS

De passagem para o Gerez, esteve n'esta cidade, o snr. dr. Pereira Leite, presidente da camara dos srs. deputados.

—Regressaram da Povoa de Varzim, as exc.mas snr.as D. Amelia da Gama Lobo Azambuja e D. Eugenia da Gama Lobo.

—Tem ultimamente passado incommodado, o nosso bem amigo sr. dr. conego Domingos Moreira Guimarães, illustrado professor do seminario diocesano.

—Esteve n'esta cidade, o snr. dr. Anselmo de Andrade, redactor do diario lisbonense, «Correio da Noite».

—Partiu para a Povoa de Varzim, com sua exc.ma familia, a ex.ma sr.a D. Maria dos Prazeres Fernandes.

—Vimos n'esta cidade, o snr. major da administração militar, Francisco Correia de Menezes.

—Vimos tambem aqui, o snr. Eduardo Augusto de Carvalho e Souza, administrador do concelho da Mealhada.

—Acha-se entre nós, o snr. dr. Accacio de Carvalho Freitas, meritissimo juiz de direito da comarca de Fafe.

—Estiveram em Braga, os revd.mos capellães militares, José Maria Pinto d'infanteria 20 e F. da Cunha, de caçadores 7.

—Vimos aqui o snr. dr. Moreira Freire, illustrado e digno abbade de Santo Ildefonso.

—Esteve tambem em Braga o snr. Manoel Maria Rodrigues, illustrado redactor do importantissimo diario portuense «O Commercio do Porto».

—Regressou hontem da Povoa de Varzim com s. ex.ma familia, o nosso amigo snr. Custodio José Barbosa abastado capitalista, d'esta cidade.

—Vimos aqui o snr. Manoel da Silva Fernandes, vice-presidente da camara de Vieira.

—Tem ultimamente passado mais encommodado de saude, o nosso bom amigo snr. João José Alves d'Araujo, illustrado professor do lyceu e solicito correspondente d'esta cidade para o «Primeiro de Janeiro», do Porto.

—Da Povoa de Varzim, regressaram os srs. dr. Antonio Pinheiro Torres Junior, Gustavo Brandão e Prego Lyra.

—Retirou para o Porto, o snr. dr. Lopes Navarro, deputado pelo circulo plurinominal de Bragança.

Noticias do Brazil

O «Tempo», chegado aqui hontem dá as seguintes informações da revolução brazileira:

«Emquanto que a legação do Brazil assegura tem um telegramma do mesmo assegurando que a situação não soffreu, até agora, modificações no Rio de Janeiro, continuam a chegar de Buenos-Ayres ao «New-York Herald» as noticias mais desfavoraveis ao governo. Segundo esse jornal corre o boato de que a esquadrilha do governo brazileiro, estacionada no Rio Grande, se revoltou e que os officiaes se recusam a obedecer a todo e qualquer ordem que não venha do almirante Mello, chefe da revolução.

Terminou o bombardeamento de Nictheroy. Os insurrectos obrigaram as forças a cessar o fogo e estão senhores do porto e da entrada da bahia. O presidente Peixoto deu ordem de prender grande numero de officiaes do exercito de terra, afim de impedir que se revoltassem.

Tres vapores do Lloyd brazileiro um batalhão d'infanteria de marinha tambem se uniram aos rebeldes.

O almirante Mello dispõe de 3 navios de guerra e vapores de commercio. O vice-presidente Peixoto dirigiu-se ao Sant'Anna em manifesto a todos os estados do Brazil, pedindo-lhe que enviassem tropas para defender o Rio de Janeiro. Nenhum respondeu a este appello. Suppõe-se que elle recorrerá aos castilhistas em Porto Alegre, Rio grande do Sul, para tentar um derradeiro esforço. O almirante Mello apprehendeu todas as embarcações da bahia do Rio, afim de impedir os aprovisionamentos por mar. Uma canhoneira ingleza aconselhou previamente os navios para não penetrarem na bahia.

O snr. Ruy Barbosa, antigo ministro da finanças no governo provisorio, actualmente director d'um orgão da opposição o «Jornal do Brazil», refugiou-se na legação do Chili, á noite da insurreição da esquadra e d'ahi pôde fugir para Montevideu, por...

FOLHETIM (4)

Os fidalgos do coração de ouro

ROMANCE

XVI SECULO

POR

Manuel Pereira Lobato

CAPITULO I

Em que, depois de muita estocada, chega uma patrulha, e o seu chefe desapparece por encanto

A segunda vez se esvasiaram os copos que a servente enchia com toda a solicitude.

Querendo adiantar-se em uma saude que poderia evitar muitos perigos, Vasco seguiu o companheiro.

—Uma saude tambem ao joven principe, ao nosso querido rei, por quem daremos a vida com honra e com gloria.

—Viva el-rei—corresponderam os guardas.

—Ainda outro brinde—tornou o guarda que fallara.—Brindemos tambem o homem que tudo prevê, tudo administra, tudo dirige com prudencia e moderação, que vigia emquanto dormimos, que vigia em quanto descançamos. Brindemos o ministro Martin Gonçalves da Camara.

Vasco e Viriato tinham previsto a saude; esperavam por ella como pretexto para começar a briga. Ouviram-n'a em socego, e responderam delicadamente que os desculpassem mas que não bebiam. Menos senhor de si, Lopo Vaz atirou o copo ao chão e gritou possesso de colera:

—Retratai-vos ou espeto-vos na parede como escorpiões.

—Bebado —lhe gritou um.

Mal acabou a expressão agarrou-o Lopo pelo cinto, levantou-o ao ar e atirou-o ao meio da mesa. O ruido de pratos e pichels que se encontraram e os gritos raivosos dos guardas que desembainhavam as espadas, echoaram sinistros por toda a casa enchendo de consternação e terror a alma receiosa da Guiterres.

Ao mesmo tempo que o guarda, com a sua farda escarlate cahia como um aerolitho sobre a mesa, Soeiro, mais vigoroso nos movimentos e mais inspirado que os companheiros, ia a fazer o mesmo a outro guarda, quando estrondosa bofetada lhe achatou a cara mostrando-lhe sob as palpebras estrellas desconhecidas. Um grito semelhante ao de touro rojado dominou todos as vozes; em seguida ouviu-se um som cavo, sendo como de marreta em cabeça de rez, e um corpo desamparado cahir rapido ao chão. Acabava Soeiro de responder á bofetada movendo seu musculoso braço como catadupa de gigante, e deixando-o cahir com todo o peso sobre o craneo do miseravel.

Nove espadas brilharam então desembainhadas do lado da parede e cinco do lado de fóra. No meio dos contendores ficava a mesa; d'onde se levantava a custo o guarda estendido, escorrendo sangue da cara e das mãos.

Com os olhos esgazeados, e a bocca aberta e os braços no ar, tremulos de commoção, appareceu Guiterres sobre a mesa a querer impedir com seus rogos, a briga dentro de sua casa.

—Retirai-vos, Guiterres —gritou Lopo—ou atravesso-vos como a um leitão.

—Pelo amor de Deus—exclamou o velho caindo de joelhos e levantando as mãos supplicantes. — Pelo amor de Deus, vão bater-se lá para fóra meus ricos senhores!

Bem desejoso de sair da casa para melhor campo, Viriato pareceu não annuir ao pedido observando em tom severo:

—E' preciso lavar a affronta aqui mesmo; é preciso que o sangue purifique o lugar que a ouviu.

—Oh! sim, sim, foram v. m. offendidos, é verdade, porém se querem ser generosos com um pobre velho, não briguem aqui. Deixem que acabe a minha pobre velhice em liberdade.

—Tendes razão, assim é — disse Vasco—Vamos para fóra. O largo do chafariz é azado para resolvermos a questão. Demais, ninguem nos vê do outro lado da cêrca; e o rio póde servir de sepultura ao que tiver mau gosto de se deixar matar.

—Vamos—disseram todos.

Os cinco fidalgos sahiram adiante e passaram á cêrca.

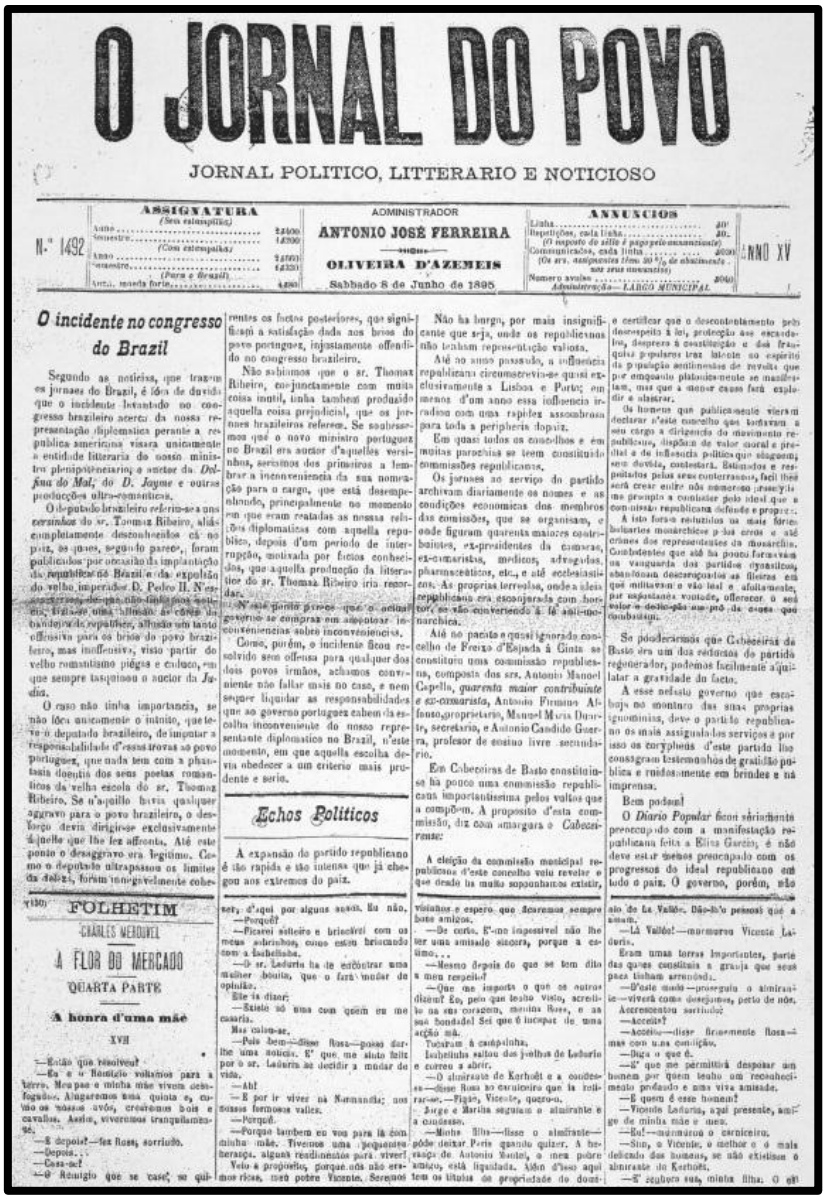
A' esquerda ficava o chafariz d'El-Rei que jorrava agua pelas suas bicas. O murmurio poetico das fontes na calada da noite e o brilho argentino que a lua dava á agua a despenhar-se no tanque, ainda inspiraram no meio da colera e do receio uma saudade aos cinco fidalgos, que olharam para aquella agua e escutaram aquelle som como se lhes fugisse a esperança de mais a tornarem a ver e de mais a tornarem a ouvir.

Os guardas vieram em seguida e collocaram-se em frente dos fidalgos. Estes voltaram as costas á cêrca e á frente ao Tejo.

—Escolhei as melhores posições—observou um guarda.

Na localidade de Oliveira de Azeméis, no distrito de Aveiro, circulou entre 12 de novembro de 1880 e 31 de dezembro de 1910[171], *O Jornal do Povo*, cujo dístico era "jornal político, literário e noticioso". Era editado duas vezes por semana, e dizia trabalhar "pela causa da civilização e da justiça, sem sacrificar a verdade e o bem no altar das conveniências políticas", sem que para isso tivesse de abandonar suas filiações partidárias. Dessa maneira, afirmava que, na "luta incruenta de ideias", ele se colocava "ao lado do Partido Progressista na maior generalidade do seu ideal político", já que as suas "convicções se encontravam na unidade superior do mesmo ideal". Nesse sentido, admitia, por vezes, estar "em divergência" com o partido, pois na solução que dava "aos diversos problemas", utilizava-se de seu próprio "raciocínio", o qual poderia ser diferente daquele pensado pela sua agremiação, garantindo que seguiria suas "apreciações", não submetendo-se a "qualquer disciplina partidária". Ainda assim, propunha-se a combater "denodadamente como obreiro obscuro", ao lado daquela agremiação partidária, "apreciando os acontecimentos à luz do mesmo ideal" e convicções. Além disso, revelando o caráter regional, enfatizava que pretendia manter a meta de advogar "com todo o entusiasmo" pelos interesses de sua terra, de forma independente em relação aos "partidos militantes e governos do país"[172].

[171] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 43-44.
[172] O JORNAL DO POVO. Oliveira de Azeméis, 12 nov. 1890. A. 11. N. 1.022. p. 1.



O JORNAL DO POVO

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

N.º 1492 — ANNO XV

ASSIGNATURA (Sem estampilha)
Anno ..... 2$400
Semestre ..... 1$200
(Com estampilha)
Anno ..... 2$600
Semestre ..... 1$300
(Para o Brazil)
Anno, moeda forte ..... 4$000

ADMINISTRADOR
ANTONIO JOSÉ FERREIRA
OLIVEIRA D'AZEMEIS

ANNUNCIOS
Linha 40
Repetições, cada linha 20
(O imposto de sello é pago pelo annunciante)
Communicados, cada linha ..... 40(0)
(Os srs. assignantes têm 30 % de abatimento sobre estas annuncios)
Numero avulso ..... 20(0)

Sabbado 8 de Junho de 1895

Administração—LARGO MUNICIPAL

O incidente no congresso do Brazil

Segundo as noticias, que trazem os jornaes do Brazil, é idéa de duvidar que o incidente levantado no congresso brazileiro acerca da nossa representação diplomatica perante a republica americana visara unicamente a entidade litteraria do nosso ministro plenipotenciario, o auctor do *Dollma do Mal*, do *D. Jayme* e outras producções ultra-romanticas.

O deputado brazileiro referiu-se aos *versinhos* do sr. Thomaz Ribeiro, aliás completamente desconhecidos cá no paiz, os quaes, segundo parece, foram publicados por occasião da implantação da republica do Brazil e da expulsão do velho imperador D. Pedro II. N'esses versos, de que não fazemos questão, lê-se uma allusão ás côres da bandeira dos republicos, allusão um tanto offensiva para os brios do povo brazileiro, mas inoffensiva, visto partir do velho romantismo piégas e cahduco, em que sempre tasquinou o auctor da *Judia*.

O caso não tinha importancia, se não fôra unicamente o intuito, que teve o deputado brazileiro, de imputar a responsabilidade d'essas troças ao povo portuguez, que nada tem com a phantasia doentia dos seus poetas romanticos da velha escola do sr. Thomaz Ribeiro. Se n'aquillo havia qualquer aggravo para o povo brazileiro, o desforço devia dirigir-se exclusivamente áquelle que lhe fez affronta. Até este ponto o desaggravo era legitimo. Como o deputado ultrapassou os limites da delicadeza, foram unanimemente cohe-

rentes os factos posteriores, que significaram a satisfação dada aos brios do povo portuguez, injustamente offendido no congresso brazileiro.

Não sabiamos que o sr. Thomaz Ribeiro, conjunctamente com muita coisa inutil, tinha tambem produzido aquella coisa prejudicial, que os jornaes brazileiros referem. Se soubessemos que o novo ministro portuguez no Brazil era auctor d'aquelles versinhos, seriamos dos primeiros a lembrar a inconveniencia da sua nomeação para o cargo, que está desempenhando, principalmente no momento em que eram tratadas as nossas relações diplomaticas com aquella republica, depois d'um periodo de interrupção, motivada por factos conhecidos, que aquella producção da litteratice do sr. Thomaz Ribeiro iria recordar.

N'este ponto parece que o actual governo se compraz em aggravar inconvenientes sobre inconvenientes.

Como, porém, o incidente ficou resolvido sem offensa para qualquer dos dois povos irmãos, achamos conveniente não fallar mais no caso, e nem sequer liquidar as responsabilidades que ao governo portuguez cabem da escolha inconveniente do nosso representante diplomatico no Brazil, n'este momento, em que aquella escolha devia obedecer a um criterio mais prudente e serio.

Echos Politicos

A expansão do partido republicano é tão rapida e tão intensa que já chegou aos extremos do paiz.

FOLHETIM

CHARLES MERQUIEL

A FLOR DO MERCADO

QUARTA PARTE

A honra d'uma mãe

XVII

—Então que resolveu?

—Eu e o Romulo voltamos para a terra. Meu pae e minha mãe vivem desgraçados. Alugaremos uma quinta e, como os nossos avós, crearemos bois e cavallos. Assim, viveremos tranquillamente.

—E depois?—fez Rosa, sorrindo.

—Depois...

—Casa-se!

—O Romulo que se case, se quiser, d'aqui por alguns annos. Eu não.

—Porquê?

—Ficarei solteiro e brincarei com os meus sobrinhos, como estou brincando com a Isabellinha.

—O sr. Ledoria ha de estudar uma mulher bonita, que o fará mudar de opinião.

Elle ia dizer:

—Existe só uma com quem eu me casaria.

Mas calou-se.

—Pois bem—disse Rosa—posso dar-lhe uma noticia. E' que me sinto feita por o sr. Ledoria se decidir a mudar de vida.

—Ah!

—E por ir viver na Normandia; nos nossos formosos valles.

—Porque?

—Porque lembrem-se vou para lá com minha mãe. Tivemos uma pequenina herança, alguns rendimentos para viver!

Veio a proposito, porque nós não eramos ricos, nem pobres Vicente. Serenou

Não ha burgo, por mais insignificante que seja, onde os republicanos não tenham representação valiosa.

Até no anno passado, a influencia republicana circumscrevia-se quasi exclusivamente a Lisboa e Porto; em menos d'um anno essa influencia irradiou com uma rapidez assombrosa para toda a peripheria do paiz.

Em quasi todos os concelhos e em muitas parochias se teem constituido commissões republicanas.

Os jornaes ao serviço do partido archivam diariamente os nomes e as condições economicas dos membros das commissões, que se organisam, e onde figuram quarenta maiores contribuintes, ex-presidentes da camara, ex-camaristas, medicos, advogados, pharmaceuticos, etc., e até ecclesiasticos. As propias terrolas, onde a idéa republicana era escanjurada com horror, se vão convertendo á fé anti-monarchica.

Até no pacato e quasi ignorado concelho de Freixo d'Espada á Cinta se constituiu uma commissão republicana, composta dos srs. Antonio Manoel Capella, *quarenta maior contribuinte e ex-camarista*, Antonio Firmino Affonso, proprietario, Manoel Maria Duarte, secretario, e Antonio Candido Guerra, professor de ensino livre secundario.

Em Cabeceiras de Basto constituiu-se ha pouco uma commissão republicana importantissima pelos valiosos que a compõem. A proposito d'esta commissão, diz com amargura o *Cabeceirense*:

> A eleição da commissão municipal republicana d'este concelho veiu revelar o que desde ha muito suppunhamos existir,

visinhos e espero que ficaremos sempre bons amigos.

—De certo. E'-me impossivel não lhe ter uma amisade sincera, porque a estimo...

—Mesmo depois do que se tem dito a meu respeito?

—Que me importa o que os outros dizem? Eu, pelo que tenho visto, acredito na sua coragem, menina Rosa, e na sua bondade! Sei que é incapaz de uma acção má.

Tocaram á campainha.

Isabellinha saltou das joelhas de Ledoria e correu a abrir.

—O almirante de Kerhoët e a condessa—disse Rosa ao cavalleiro que la rolar-se.—Fique, Vicente, quero-o.

Jorge e Marina seguiram o almirante e a condessa.

—Minha filha—disse o almirante—póde deixar Paris quando quizer. A bemfeitoria de Antonio Rontel, o meu pobre amigo, está liquidada. Além d'isso aqui tem os titulos de propriedade do dou-

o certificar que o descontentamento pelo desrespeito á lei, protecção aos escandalos, desprezo á constituição e dos franquias populares traz latente no espirito da população sentimentos de revolta que por emquanto platonicamente se manifestam, mas que a menor causa fará explodir e alastrar.

Os homens que publicamente vieram declarar n'este concelho que tinham a seu cargo a direcção do movimento republicano, dispõem de valor moral e pecuniario e de influencia politica que ninguem, sem duvida, contestará. Estimados e respeitados pelas suas conterraneos, facil lhes será crear entre nós numerosa cleuzella ás ordens do ideal que a commissão republicana defende e propaga.

A isto forão estimulos as mais fortes bofetadas monarchicas a nós dadas e até crimes dos representantes da monarchia. Combatentes que até ha pouco formavam na vanguarda dos partidos dynasticos, abandonam descoroçoados as fileiras em que militavam e vão leal e afoitamente, por espontanea vontade, offerecer o seu valor e dedicação ao pé da cruz que combatem.

Se pódessemos que Cabeceiras de Basto era um dos esteios do partido regenerador, podemos facilmente aquilatar a gravidade do facto.

A esse nefasto governo que escarneçe no montuno das suas proprias ignominias, deve o partido republicano os mais assignalados serviços e por isso os coryphêus d'este partido lhe consagram testemunhos de gratidão publica e ruidosamente em brindes e na imprensa.

Bem podem!

O *Diario Popular* ficou seriamente preoccupado com a manifestação republicana feita a Elias Garcia, e não deve estar menos preoccupado com os progressos do ideal republicano em todo o paiz. O governo, porém, não

ão de La Vallée. Dão-lh'o pessoas que a amam.

—Lá Vallée!—murmurou Vicente Ledoria.

Eram umas torres importantes, parte das quaes constituia a grande que sem pena tinham arrendado.

—D'este modo—proseguiu o almirante—viverá como desejamos, pelo de nós.

Accrescentou sorrindo:

—Acceita?

—Acceito—disse finamente Rosa—mas com uma condição.

—Diga o que é.

—E' que me permittirá despesar um homem por quem tenho um reconhecimento profundo e uma viva amisade.

—E quem é esse homem?

—Vicente Ledoria, aqui presente, amigo de minha mãe e meu.

—Ah!—murmurou o cavalleiro.

—Sim, o Vicente, o melhor e o mais delicado dos homens, se não exceptuar o almirante de Kerhoët.

—E' seguro sua, minha filha. O ali

O jornalismo regional também se fez presente na cidade de Évora, sede do distrito homônimo, através do semanário *O Manuelinho de Évora* que no seu cabeçalho estampou a inscrição "folha política, literária e humorística", depois modificada para "folha política, literária, noticiosa e independente". Tal periódico circulou entre 1º de dezembro de 1880 e 29 de junho de 1904[173] e "seu título era inspirado em um nome que se popularizara desde os tumultos que viriam a culminar na revolução de 1640"[174], à época do movimento da restauração lusa. Em seu programa, o jornal tecia severas críticas à situação nacional, referindo-se a uma época marcada pela "controvérsia política dos partidos militantes", pelo "favoritismo audaz de governo protervos", e pela "legislação inepta e vexatória de estadistas e aventureiros" que ameaçavam "impelir o espírito liberal da sociedade portuguesa para um meio subversivo, suscitando uma conflagração geral no país". Diante disso, argumentava que a sua "gargalhada inofensiva mas arguta e conceituosa", refletida "nas caixas tipográficas da imprensa periódica, e protestando energicamente pelos abusos e vexames sancionados por fementidos patriotas de qualquer procedência política", acharia "por certo um eco simpático e perdurável no foro íntimo do cidadão português", que prezasse "sinceramente as instituições liberais do século e as aspirações consentâneas do legítimo progresso"[175].

[173] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 85-86.
[174] ALVES, F. N., 2012. p. 45.
[175] O MANUELINHO DE ÉVORA. Évora, 1º dez. 1880. A. 1. N. 1. p. 1.

O MANUELINHO D'EVORA

IX anno | Assignatura: anno, 2$ rs; seis, 1$ rs; numero, cem reis; fóra d'Evora accresce o porte do correio. Avulsos, 40 reis. Administração, largo dos Cavalleiros, n.º 6. | FOLHA POLITICA, LITTERARIA, NOTICIOSA E INDEPENDENTE. «Omnes Socrates, omnes Plato. Sed magis amica veritas. | PUBLICA-SE todos os corpos de jornal, ao meio dia; ao meio dia e meia; ao meio dia e tres quartos; ao meio dia e quarenta e cinco minutos, ao meio, repetindo-se preços convencionaes. Os originaes não se restituem. | N.º 447

Evora, 20 de novembro de 1889

Advertencias

Continúa a ser assumpto palpitante do dia a revolução brazileira e não sabemos se mais se deve admirar a rapidez, se a maneira pacifica como ella se levou a effeito. O que é certo é que a republica está proclamada e que o velho imperador vem a caminho da Europa.

Boa ou má, tendo ou não tendo razão de ser, isso é assumpto para artigos de maior folego e com outros pontos de vista; só nos occuparemos da influencia que esta revolução pode ter em Portugal, onde o povo aprecia os factos pelas primeiras impressões, pelo lado côr de rosa, e applaude enthusiasticamente a revolução com inveja—quem sabe?—de não ter precedido a nossa antiga colonia.

As immoralidades do poder nos ultimos annos teem produzido um tal descontentamento, que só a muita prudencia dos chefes da opposição tem impedido, talvez, que a propaganda revolucionaria tome maior corpo.

Temos ouvido o povo e eis o que elle diz:—Nós rebentamos com trabalho um dia inteiro e o que ganhamos mal nos chega para comer e vestir os nossos filhos. Se no fim do anno não pagamos as contribuições, ou porque nos faltou o trabalho, ou porque a doença nos roubou as economias ainda molhadas de suor, veem roubar-nos a mobilia em nome da lei, para encher as algibeiras dos ministros, que hontem eram pobres e hoje são capitalistas, e para pagar os compromissos eleitoraes. Porque é que o rei não põe côbro a tudo isto?...—

E aqui o amor pelas instituições não é bastante para sufocar o descontentamento, e o nome do chefe da nação é envolvido nas apreciações severas, mas justas, contra os ministros que nos governam.

Fazemos votos pelas prosperidades da monarchia, porque ainda não podemos convencer-nos de que a republica nos traga felicidade que o systema monarchico não possa dar-nos. O defeito não é das instituições, é dos homens, e tanto maior razão para que el-rei, a que os bons conselheiros devem informar do estado do paiz, para que el-rei attenda as reclamações d'um povo que está cançado de immoralidades e que um dia, n'um supremo esforço de livrar-se da tutella dos maus ministros, póde lançar-se no caminho da revolução.

Não fazemos estylo: estas palavras, quasi que podemos dizel-o, são a reproducção fiel do que ouvimos nos grupos dos operarios, mesmo do que ouvimos entre os que, tendo uma vida mais desafogada, vêem sem razão legitima os impostos cercear-lhes os rendimentos.

Moralidade no poder, eis o que todos nós queremos: ora isto é coisa que não encontraremos no actual ministerio e melhor do que nós o sabe el-rei. Portanto não pode allegar ignorancia.

O estado das nossas finanças é desesperado e nós não podemos pagar mais. Não seria melhor e mais proficuo não dar motivo para que um dia o povo se recuse a pagar?

Eleições parochiaes

PREGUEZIA DA SÉ

EFFECTIVOS

Miguel José da Fonseca	129
Caetano José Valente	125
José da Silva	85
José Francisco de Castro	57
José Antonio Netto	49

SUBSTITUTOS

Luiz Pinto Martins	157
José Alberto Casacello	47
José Rebello da Silva	48
José d'Oliveira	128
Pedro José da Mira Leal	35

PREGUEZIA DE S.to ANTÃO

EFFECTIVOS

P.e Antonio Ferreira Sarmasso	26
Antonio José d'Abreu	91
Antonio Luiz da Fonseca	26
Bruno José da Silva	26
Luiz José Queiroz	26

SUBSTITUTOS

Adriano Augusto Mattoira	26
Francisco Manoel Mathias	26
Francisco Honorio Annes	26
José Antonio d'Oliveira	26
José Augusto Annes	26

PREGUEZIA DE S. PEDRO

EFFECTIVOS

Antonio Manoel Machado	33
Manoel Joaquim de S. Pedro	33
Mathias José dos Santos	33
Antonio Pedro Passaporte	34
José Manoel Gomes	33

SUBSTITUTOS

Custodio Martins Ribeiro	32
Manoel Antonio Queiroz	32
Manoel Maria Cabrella	32
Antonio Domingos Pereira	32
Francisco A. Amaro Leiria	32

PREGUEZIA DE S. MAMEDE

EFFECTIVOS

Padre Frederico Vaz Martins	130
Alexandre José da Mira	130
Francisco Luiz de O. Ramires	90
Abilio Maria do Rego	76
José Gaspar dos Santos	61

SUBSTITUTOS

José Augusto Severino Coelho	133
Luiz Augusto de Souza	129
Joaquim José Baptista	97
José Maria Justo Lello	62
Pedro Antonio de Mira	54

Através da imprensa

O sr. ministro das obras publicas e o caminho de ferro do sul

«Pouco tempo antes de ter sido publicado o decreto mandando proceder ás eleições geraes para deputados, foi nomeada uma commissão para estudar umas novas tarifas para os caminhos de ferro do sul e sueste, recommendando-se á commissão que attendesse á justa harmonia dos interesses dos particulares com os do estado.

Toda a gente, que se interessa pela prosperidade das nossas provincias do sul exultou de contente, e nós mesmos, que não somos dos mais crentes e dos mais enthusiastas por aquillo que ainda não vemos feito, tambem não escapámos á corrente, e aqui deixámos consignados os nossos louvores ao sr. ministro das obras publicas, —do que estamos deveras arrependidos.

Passaram-se tempos e tempos; fizeram-se as eleições; já lá vae um bom par de mezes, e a commissão dorme o somno dos descuidados. Toda a gente já está desenganada e todos estão concordes em que a nomeação da tal commissão não foi mais que uma arma eleitoral... bem como o *parte d'abrigo* em Lagos; o *hospital* em Olhão; a *ponte* em Villa Real; e o ramal do caminho de ferro de Messines para Lagos.»

Tem muita razão o *Jornal de Noite*, mas o ministro das obras publicas não *está lá, é de gesso*, e de resistencia calcarea o director das referidas linhas.

Augmento de caulotos...

«Esquerdas de Montemór.

Diz o nosso collega *Diario Popular* que os esquerdistas de Montemór-o-Movo, cujo numero augmenta de dia para dia, abstiveram-se da lucta eleitoral; no entretanto alguns d'elles foram muito votados para a camara municipal.

Quando, tendo-se abstido, tiveram uma votação mui rasoavel, que faria se ambicionassem cargos publicos; n'este caso estamos convencidos que venceriam a lucta eleitoral, e aos serpios acontecer-lhes-hia o mesmo que aos de Estremoz, ficariam de vizeira cahida.»

O que dirão ácerca d'esta *caulotada* do *Jornal d'Estremoz* os *direitos* de Montemór-o Novo?

Folha d'Evora

«Gregorio de Niza», gazetilheiro do *Voz de Estremoz*, diz espirituosamente:

Li isto não sei onde:

«A *Folha d'Evora* é um jornal diario, litterario e noticioso que vae ser publicado em Evora.»

É? Lá me parece que não.

De modo que a nova folha,
Segundo me quer parecer,
E' tal qual como a pescada
Que já era... antes de ser.

Por noticia telegraphica sabemos que na ordem do exercito sahida hontem foi nomeado inspector geral da arma de infanteria o sr. general Valladas, actual commandante da 4.ª divisão militar sendo substituido n'esta commissão interinamente pelo sr. general de brigada Domingos José Gomes, que era governador da praça d'Elvas. O sr. general Judice, 2.º commandante da mesma divisão foi transferido para Lisboa logar na 2.ª, e o sr. general Botelho da Cunha que occupava alli este logar vem substituir este sr. O sr. general Malaquias de Lemos foi nomeado inspector geral de cavallaria e para o seu logar de commandante da 3.ª divisão foi nomeado o sr. general Furtado, que era inspector geral de infanteria.

Premios

Em sessão extraordinaria, a camara municipal distribuirá no dia 1.º de dezembro os premios aos alumnos das escolas municipaes que fizeram exame de instrucção primaria elementar.

Além do diplôma conferido a todos os alumnos, aos que obtiveram distincção será dada uma cruz dourada com a legenda **Ao merito**, cercada de ramo de louro e carvalho.

Os que tiveram a classificação *optimo* receberão a mesma cruz, prateada, com egual legenda, ramos dourados.

Aos que mereceram a classificação *bom* será distribuida uma medalha dourada com a legenda **Ao merito**, tendo no verso um emblema formado de livros, tinteiro, esquadro, compasso e esphera.

Os alumnos que tiveram as primeiras classificações, receberão ainda livros elegantemente encadernados em percalina: os outros differentes brochuras.

E uma festa altamente sympathica, a que a nossa camara, honra lhe seja, dedica sempre as maiores attenções.

Falleceu em Thomar um velhote de 102 annos d'idade.

Chamava-se Gil Cardoso Vicente, e era guarda do convento de Christo.

De volta à capital do reino, ali foi editado um dos mais relevantes jornais antimonárquicos lusos, *O Século*, fundado como órgão partidário e vindo a constituir um dos mais importantes diários da história da imprensa portuguesa, dedicando suas páginas também à ampla difusão de informações, à divulgação de folhetins e à inovação dos números ilustrados de domingo, em edições especiais de oito páginas, além de ampliar constantemente suas tiragens. A expressão de suas convicções republicanas levaria por vezes a uma vigilância próxima, ou mesmo a atitudes coercitivas de segmentos governamentais. À virada do século, o periódico figurava como um dos jornais de maior prestígio no contexto lusitano[176] e sua longeva circulação se estenderia de 4 de janeiro de 1881 a novembro de 1983[177]. Teve o sucesso como uma de suas características, pois "a aura do acolhimento público bafejou-o logo ao nascer, para o que muito contribuiu o estado de efervescência em que se encontravam os ânimos" e "os sucessos políticos que se desenrolaram"[178].

Em seu "número-programa"[179], lançado ao país, em 1880, que foi profusamente distribuído, tendo provocado grande interesse[180], o jornal fazia sua apresentação fortemente vinculada à sua natureza político-partidária. Afirmava o periódico que os partidos monárquicos estavam "vivendo uma vida

[176] TENGARRINHA, 1989. p. 234, 237, 255 e 258-259.; e TENGARRINHA, 2006. p. 224 e 225.
[177] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 271.
[178] BESSA, Alberto. *O jornalismo: esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*. Lisboa: Liv. Ed. Viúva Tavares Cardoso, 1904. p. 255.
[179] O SÉCULO. Lisboa, dez. 1880. N. programa. p. 1.
[180] LEMOS. 2006. p. 555.

emprestada, sem elevação moral, sem dignidade e sem caráter", num quadro em que, a essa "imensa reação conservadora de hipocrisia, de falsidade e de mentira", convinha "opor uma grande e uma sólida ação democrática de verdade, de justiça e de sinceridade", de modo que para isso teria sido fundado *O Século*, ou seja, "para ser justo, verdadeiro e independente". Segundo a concepção da folha republicana, a sociedade portuguesa, "no jogo desconjuntado das suas instituições representativas e das corporações viciadas", tenderia "fatalmente a dissolver-se por uma completa ausência de convicções sérias e por uma absoluta escassez de educação científica e profissional".

De acordo com *O Século*, diante das circunstâncias descritas no seu número de apresentação, ele passaria a ser editado para que houvesse um jornal coadunado com o seu tempo e a sua época, bem como "para destruir o egoísmo pessoal em que tudo" estava baseado, para "honrar o trabalho e a consciência humana", para ser "cidadão útil" e para ser "mais alguma coisa do que uns simples imitadores, sem brio e sem iniciativa". O periódico, sinteticamente, considerava a si mesmo como uma publicação "de combate e de bom senso". Concluindo sua apresentação, a folha destacava que seus intentos seriam os mesmos do passado e os do futuro, quer seja, "transformações amplas e radicais no organismo político nacional, a moralidade nos homens e o senso comum e justiça nos governos". Diante de tais metas, o diário republicano afirmava que se conseguisse cumpri-las, já teria "preenchido uma altíssima missão de progresso e de civilização".

NONO ANNO — N.º 2:795 — Numero avulso 10 réis — Quarta feira 20 de novembro de 1889

O SECULO

Redactor principal — MAGALHÃES LIMA

A Republica no Brazil

Republica dos Estados Unidos do Brazil

PORTUGUEZES EM AFRICA

FOLHETIM

EUGENIO SILVEIRA

LEGADO SINISTRO

AS QUARENTENAS

O gaz em Lisboa

No distrito de Portalegre, em Elvas, circularia *A Sentinela da Fronteira*, semanário editado entre 15 de janeiro de 1881 e 30 de outubro de 1891[181], tendo chegado a ostentar o dístico "folha democrática", refletindo seus ideais em prol do republicanismo. Ao apresentar-se, esclarecia que o seu título constituía praticamente o seu programa, ou seja, estacionada na fronteira, se propunha a ser uma "sentinela ativa, vigilante e patriótica". Destacava que não lhe causava "susto a política partidária", de modo que haveria "de examinar com desassombro a marcha dos partidos, louvando o bem" que fizessem e censurando "todos os desvios da estrada coimbrã". Além disso, tinha por "simples objetivo" o de "concorrer para a publicação" do que fosse "útil, especialmente ao Alentejo", mas pretendia manter erguida a sua "bandeira do radicalismo"[182].

[181] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 281.
[182] A SENTINELA DA FRONTEIRA. Elvas, 15 jan.1881. A. 1. N. 1. p. 1.; e 20 maio 1888. A. 8. N. 517. p. 1.

A SENTINELLA DA FRONTEIRA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PREÇOS DA ASSIGNATURA
Em Elvas—Cada serie de 20 numeros ... 200 réis
Fóra d'Elvas » » » com estampilha ... 250 »
Folha avulso 10 réis.—Depois do dia da publicação 20 réis.
As assignaturas são pagas adiantadas.—De fóra recebe-se em sellos ou vales do correio.

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES
Annuncios, para os srs. assignantes, cada linha 20 réis.—Para os não assignantes 30 rs. —Repetição 20 réis. — Correspondencias d'interesse particular 20 réis por linha. — Annunciam-se publicações litterarias remettendo-se pelo menos um exemplar. — Annuncios permanentes publicam-se por preços convencionaes.

Assigna-se em Elvas — Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, ao administrador do jornal—M. d'Araujo e Silva.

Anno 1 | ELVAS—Sabbado, 15 de janeiro de 1881 | Numero 1

ELVAS

O titulo d'este jornal constitue quasi o nosso programma. Estanciamos na fronteira, e propomo-nos fazer ali sentinella activa, vigilante e patriotica.

De quando em quando chegam-nos rumores suspeitos d'além da raia internacional. Por vezes as facções da nação visinha designam entre nós o terreno neutral d'ardentes e intermináveis desavenças, um como que laço d'união de um difficil *modus vivendi*, expediente bellicoso que ao mesmo tempo deveria realizar o sonho eterno de todo o bom hespanhol, quer monarchico quer republicano, pois que todos, maldizendo a memoria de Filippe II, ao mesmo passo se extasiam ante os resultados da sua tenebrosa politica em 1580.

Não vimos, porém, arvorar bandeira d'odios de visinhança, embora nos propenhamos fazer bom serviço d'atalaya. Desejamos prosperidades ao nosso agrisanado visinho, e sempre fizemos votos porque a sua liberdade não seja deploravel ficção; mas, se ambicionamos viver em boa paz, não queremos ir com elle conquistar Gibraltar e Marrocos.

Basta sobre este ponto.

A *Sentinella da Fronteira* não lhe cansa senão a politica partidaria. Ha de examinar com desassombro a marcha dos partidos, louvando o bom que façam ou meditem, e censurando-lhes todos os desvios da estrada coimbran. Não convencerá as intenções rectas, tambem não desculpará os erros egoistas. O que se houver feito para bem, nunca o considerará maldoso pelos simples attritos da execução.

No estado presente, vê apenas dois grandes partidos em lucta constitucional: um composto de veteranos illustres, acompanhados da pleiade dos seus admiradores e parciaes; outro de nossos aventureiros, fortalecidos por um nome prestigioso e seguidos de turbas collecticias, já mais hesitantes. Recommenda-se um pelo muito que já fez; outro pelo que se propõe fazer. Como o passado nem sempre garante o futuro, e o que ha de vir mal pode constituir anterioridade no presente, reservamos o nosso juizo imparcial sobre cada um dos bandos, para o expormos depois dos seus factos importantes.

Outros gremios politicos ha no paiz, em via de organisação: mas, como ainda não saíram das faxas infantis, só os consideraremos como partidos em laboração governamental, quando tiverem chegado a uma adolescencia, prometedora d'acção isolada ou de concurso poderoso.

Pode suspeitar-se pelo que está escripto que a *Sentinella* não toma armas por nenhuma das parcialidades que no presente disputam o poder. Assim é. Respeitará ambas; com a independencia, todavia, de quem quer manter os direitos e a dignidade dos seus collaboradores.

São elles liberaes, muito liberaes, radicalmente liberaes, com quanto não tenham inscripto seus nomes no livro mestre de partido algum. Seguem idéas, e crêem no futuro d'ellas, embora não caminhem sob o guião de chefes, ne camaradagem aventurosa, para a vida e para a morte.

Este jornal convida todos os homens de boa vontade, e em particular os pensadores transtaganos, a collaborarem em conformidade com o programma, tanto por escriptos politicos, como litterarios e scientificos, em que se comprehendem os de interesses moraes e economicos.

Não faltam no Alemtejo talentos distinctos, e deve sobrar a vontade d'escrever, desde que os jornaes noticiosos conseguiram monopolisar os leitores vulgares com os artigos sobre sinistros, grandes crimes e suicidios! Ao escriptor provinciano só alli ficou disponivel a secção dos annuncios, a 20 réis por linha, onde decerto lhe não convem corrigir o mau gosto introduzido pelas folhas de 10 réis.

Poder-nos-íamos escusar de dizer que o jornal não publicará artigos ou noticias que offendam os cidadãos na sua vida privada, a qual, por boa razão, está fóra do circulo d'exame que havemos traçado. Entretanto bom é dizê-o com clareza. Não faltam pessoas menos sensatas que teem o prurido de publicar quanto sabem, e chegam a crer no falso direito de dizerem tudo o que possam provar.

Tal é o programma da *Sentinella da Fronteira*: simples no seu objecto, que é concorrer para a publicação do que seja util, especialmente ao Alemtejo, abstem-se de phrases d'effeito, em que se promette muito, para dar pouco.

D. (2).

O DIA 14 DE JANEIRO

Ha 221 annos davam nossos maiores dentro dos muros d'Elvas, então sitiada por D. Luiz de Haro, um inconcusso testemunho do seu muito valor e patriotismo. Soffriam os horrores d'um apertado sitio, luctavam com a escassez de viveres, e como se tantos males não bastassem, a peste, triste companheira da guerra, dizimava os defensores d'esta praça, aquelles que sob o commando do insigne capitão D. Sancho Manoel de Vilhena, combatiam pela independencia da patria, a mais justa e santa de todas as causas.

Os defensores d'Elvas e os seus habitantes, posto que reduzidos à maior miseria, mostraram a coragem e valor de que tanto precisavam para resistirem às desgraças que os flagellaram desde 22 d'outubro de 1658 até 14 de janeiro de 1659.

Foi o nobre conde de Cantanhede, valente general e [illegible] quem libertou Elvas da situação angustiosa em que se encontrava. Na manhã do sempre memoravel dia 14 de janeiro de 1659, elle que veio d'Estremoz com 8:000 infantes, 2:000 cavallos e 400 [illegible], sendo apenas 2:000 homens de tropas regulares e os mais auxiliares e ordenanças, accommette e põe em desordenada fuga o exercito sitiante, mais numeroso e adestrado no exercicio das armas.

D'esta vez ainda o estandarte das quinas, sempre vencedor e nunca vencido, teve por si a protecção d'Aquelle a quem os valentes dos campos d'Ourique deveram a gloria que os immortalisa. Ainda mais d'esta vez nossos avós, como os bravos companheiros do mestre d'Aviz, praticamente provaram que os mais numerosos e fortes exercitos pouco valem quando saem a campo para servirem um despota, para saciarem aspirações tyrannicas, emfim, para conquistarem uma nação independente e briosa, e a opprimirem como vil escrava. Falta-lhes a protecção divina, que só se declara por aquelles que batalham pela justiça e liberdade, e por isso não podem vencer.

Saudamos pois com jubilo o dia 14 de janeiro de 1659, data famosa em que se deu aquella batalha — a das *Linhas d'Elvas* — em que Elvas conquistou o mais nobre dos seus titulos de gloria, em que as armas portuguezas praticaram uma das suas mais illustres façanhas, e em que Portugal, depois d'uma lucta de 19 annos, conseguiu prostrar o adversario, para pouco depois vêr consolidada a obra iniciada no tambem sempre memoravel dia 1.º de dezembro de 1640.

FOLHETIM

ELVAS

Immovel, por detraz da sua cinta de muralhas, Elvas espreitava o horizonte distante, a ver se dos lados de Badajoz appareciam os trens da columna de algum exercito castelhano.

Sentinella intrepida, atalaya pundonorosa, Elvas tem penduradas com orgulho da garganta dos seus castellos as chaves de Portugal.

Apenas o estrangeiro ousa transpor o Caya, Elvas solta o grito de alerta, e a voz clamorosa da sua artilheria dá o signal de rebate contra a invasão.

Como o cavalheiro d'Assas da tradição franceza, Elvas póde baquear no seu posto, sanguinolenta, palpitante, com as muralhas despedaçadas e o seio dilacerado, mas solta, ao morrer, o brado de aviso; os invasores não conseguem emmudecel-a.

A cidade d'Elvas não conhece as capitulações.

É a cidade de Gil Fernandes, de D. Sancho Manoel, de D. Francisco Xavier de Noronha. É a favorita do conde de Lippe, o discipulo de Frederico o Grande, que se enamorou da sua intrepida galhardia, e lhe offertou, como a joia que mais podia agradar-lhe, um forte inconquistavel.

O seu brazão attesta o seu heroismo. A lenda heroica do cavalleiro e do estandarte symbolisa a inquebrantavel ousadia da cidade fronteira.

Um dia um cavalleiro jurou que iria arrancar a Badajoz das mãos dos inimigos o estandarte que elles desfraldariam ao vento, quando a cidade estivesse toda revestida para um feito solemne.

E foi? Cumpriu a promessa, e, atravessando o Caya com o estandarte ondeante, perseguido pela turba immensa e enfurecida, chegou junto aos muros d'Elvas. A matilha hespanhola seguia-o de perto, e o cavalleiro heroico firmou-se nos estribos, tres vezes meneou o braço possante, depois, vibrando o tiro, arrojou por cima das muralhas o cobiçado estandarte.

Depois voltou-se com um sorriso nos labios, para a turba exasperada, e caiu, traspassado por mil golpes, soltando o grito de victoria.

Elvas apaixonou-se pela façanha temeraria e louca, e o vulto do cavalleiro com o estandarte ficou inscripto no seu escudo de armas, como o symbolo da sua valentia, como o ideal da sua heroicidade.

Quantas vezes saíram dos seus muros cavalleiros assim audaciosos, que foram espalhar o assombro e o terror nas campinas de Hespanha, nas praças de Badajoz.

Gil Fernandes, nos tempos de D. Fernando, quando um *fraco rei fazia fraca a forte gente*, protestava com a sua ousadia contra a debilidade geral, e o nome do heroico filho d'Elvas era o terror dos soldados vencedores de Henrique de Trastamara.

Quando o cardeal rei, *que deixou em testamento Portugal aos Castelhanos*, expirou prostrado nas mãos fracas, inertes e traidoras dos cinco governadores, os destinos do reino, Elvas viu passar, triste e sombria, o exercito do duque d'Alba, que ia tomar posse pacifica do reino, e implantar em terras portuguezas o dominio castelhano, contra o qual apenas protestavam desordenadamente os soldados aventureiros do prior do Crato.

Mas apenas soou em Lisboa o grito de independencia, logo Elvas lhe respondeu com enthusiasmo, e, expulsos dos seus muros os estrangeiros, a heroica cidade envergou a sua armadura guerreira, e jurou morrer antes do que consentir que lhe arrancassem do cinto as chaves de Portugal.

Cumpriu a promessa, e nas suas fortes muralhas inexpugnaveis e inamoviveis vem quebrar-se sempre a onda das invasões castelhanas. O exercito de D. Luiz de Haro ameaçava Portugal com a massa enorme dos seus soldados; era preciso tempo para preparar as forças que haviam de repellir a invasão. Elvas, a intrepida, disse: «Calculae o tempo que eu posso levar a morrer! Vêde quantos mezes são precisos para me render a pallida fome, que as balas não as temo, calculae esse tempo, e aproveitae-o todo. Em quanto houver uma gota de sangue nas minhas veias, ha de pulsar pela patria o coração da cidade, e

Outro periódico diário que circulou em Lisboa nas décadas finais do século XIX foi o *Correio da Noite*, editado entre 1º de abril de 1881 e 11 de outubro de 1910[183]. Ao longo de suas edições demonstraria simpatias pelo Partido Progressista, divulgando seus candidatos e elogiando os membros de suas hostes. A respeito de uma assembleia de tal agremiação partidária diria que a mesma fora uma "demonstração de força e de vitalidade" do "partido e da crença sincera e devotada" que animava "as suas imensas legiões"[184]. A partir de tais aproximações, revelou-se como um jornal de tendência monárquica e como um "órgão oficioso do Partido Progressista"[185].

[183] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 197.
[184] CORREIO NA NOITE. Lisboa, 11 jun. 1894. A. 14. N. 4453. p. 1.
[185] LEMOS, 2006. p. 186.

CORREIO DA NOITE

N.º 2:753 — LISBOA — Domingo, 10 de fevereiro de 1889 — ANO IX

A situação do governo

Dissemos um dia que o partido progressista havia de dominar e vencer as dificuldades que encontrasse no seu caminho. Alguns colligas acharam esta declaração de uma profunda simplicidade e attribuiram-lhe propositos estranhos. Parece que esses collegas nos criticaram censurando-nos de que o governo não encontrasse na sua marcha nenhuns entraves a sombrear difficuldade. Nunca tivemos a intenção de affirmar semelhante opinião. Na administração e na politica surgem todos os dias difficuldades, que constituem um embaraço, e que carecem de ser removidas, mais ou menos rapidamente, segundo as occasiões de tempo e circumstancias intervenientes. O primeiro dia de vida de um governo é sempre cortado de difficuldades. Forma-se a situação mais pobremente e melhor organisada, e logo as deparam-se-lhe a dirigir, um entrave, que deve ser removido, a supprimir, que persiste em estado. Quantas difficuldades tem vencido o partido progressista na sua estabensida ministerial desde a primeira hora de seu advento ao poder! difficuldades apparentemente asperas. A questão é saber actuar energia propria para as problemas da administração e as colligações da politica.

O actual gabinete tem satisfeito convenientemente as exigencias do momento desenvolvendo as necessidades que fizeram até hoje differentes a sua apreciação. Os satisfeitos são os mesmo para o expediente ministerial e nomeadamente dos negocios trivaes, mas ultimam a sua vida e a tempera da sua organisação, quando hajam com as grandes questões da vida e saiam e podem chamar-lhe as suas exigencias, para se terem reduzindo a satisfazer-se nos factos da vida social.

Parece que no meio de sujeito de alguns collega um sentimento de assombro quando, as novas profundas alcunhadas, fenecem nos levianos silencio as difficuldades que rodeavam o governo do pais, no momento em que as censuras dos deputados se fazia trica e as da estrellismo-nicista em plena sessão. Pois continuamos a perguntar e novas delitos. A' morcia regular do ministerio não se segue nenhum thico constitucional.

Os incidentes da vida do gabinete são largos e consequentes dos. Nas camaras, nesse campo estatisco, difficuldades vão-nos a luta e administração politica. Maior gloria para o governo, se nos defendia as que as lhe poderam de frente, e tanto peor se estiguem as que forem furgindo ao seu encontro. Desde que as a particular propensão de se encontrar com os lineos da agitação partidaria e se occupem muito mesmo esse movimento incipiente de perturbação facciosa, que, durante dias agitadas, se arrasteram victoriosos, e que teve, como corollario, o dialogo fatal de tantas outras gloriosas, tão as vezes pelo delirio da victoria, nem pelo desfiuse do partido progressista.

Grande desgraça

Mais um desastre mortal deve-se á imprudencia.

O carroceiro Antonio Carlos Parra, natural e morador na logar de Povoa de Santiago, passava á uma hora da madrugada, conduzindo a sua carroça, pela estrada de Loures.

Carregada da abundada, e sobre que o gado era pratico do estrada, dormia em socego.

Uma subrosia, que havia no caminho, fez dar um grande solavanco á carroça e o pobre carroceiro saiu da almofada, tão desastradamente que foi apanhado por uma das rodas do veiculo.

A roda passou-lhe ringindo-lhe sobre a cabeça, esmagando-lhe o craneo.

A morte foi instantanea.

Gente que passava e que presenciou o desastre, deu parte á autoridade, que procedeu em seguida á respectiva fé de officio.

O infeliz, que ia vender o calçado progressista havia de dominar e vencer as difficuldades que encontrasse no seu caminho. Alguns collegas acharam esta declaração de uma profunda simplicidade e attribuiram-lhe propositos estranhos. Parece que esses collegas nos criticaram censurando-nos de que o governo não encontrasse na sua marcha nenhuns entraves a sombrear difficuldade. Nunca tivemos a intenção de affirmar semelhante opinião. Na administração e na politica surgem todos os dias difficuldades, que constituem um embaraço, e que carecem de ser removidas, mais ou menos rapidamente, segundo as occasiões de tempo e circumstancias intervenientes. O primeiro dia de vida de um governo é sempre cortado de difficuldades. Forma-se a situação mais pobremente e melhor organisada, e logo as deparam-se-lhe a dirigir, um entrave, que deve ser removido, a supprimir, que persiste em estado. Quantas difficuldades tem vencido o partido progressista na sua estabensida ministerial desde a primeira hora de seu advento ao poder! difficuldades apparentemente asperas. A questão é saber actuar energia propria para as problemas da administração e as colligações da politica.

O actual gabinete tem satisfeito convenientemente as exigencias do momento desenvolvendo as necessidades que fizeram até hoje differentes a sua apreciação. Os satisfeitos são os mesmo para o expediente ministerial e nomeadamente dos negocios trivaes, mas ultimam a sua vida e a tempera da sua organisação, quando hajam com as grandes questões da vida e saiam e podem chamar-lhe as suas exigencias, para se terem reduzindo a satisfazer-se nos factos da vida social.

Parece que no meio de sujeito de alguns collega um sentimento de assombro quando, as novas profundas alcunhadas, fenecem nos levianos silencio as difficuldades que rodeavam o governo do pais, no momento em que as censuras dos deputados se fazia trica e as da estrellismo-nicista em plena sessão. Pois continuamos a perguntar e novas delitos. A' morcia regular do ministerio não se segue nenhum thico constitucional.

Os incidentes da vida do gabinete são largos e consequentes dos. Nas camaras, nesse campo estatisco, difficuldades vão-nos a luta e administração politica. Maior gloria para o governo, se nos defendia as que as lhe poderam de frente, e tanto peor se estiguem as que forem furgindo ao seu encontro. Desde que as a particular propensão de se encontrar com os lineos da agitação partidaria e se occupem muito mesmo esse movimento incipiente de perturbação facciosa, que, durante dias agitadas, se arrasteram victoriosos, e que teve, como corollario, o dialogo fatal de tantas outras gloriosas, tão as vezes pelo delirio da victoria, nem pelo desfiuse do partido progressista.

Grande desgraça

Mais um desastre mortal deve-se á imprudencia.

O carroceiro Antonio Carlos Parra, natural e morador na logar de Povoa de Santiago, passava á uma hora da madrugada, conduzindo a sua carroça, pela estrada de Loures.

Carregada da abundada, e sobre que o gado era pratico do estrada, dormia em socego.

Uma subrosia, que havia no caminho, fez dar um grande solavanco á carroça e o pobre carroceiro saiu da almofada, tão desastradamente que foi apanhado por uma das rodas do veiculo.

A roda passou-lhe ringindo-lhe sobre a cabeça, esmagando-lhe o craneo.

A morte foi instantanea.

Gente que passava e que presenciou o desastre, deu parte á autoridade, que procedeu em seguida á respectiva fé de officio.

O infeliz, que ia vender o calçado

Theatro de S. Carlos

Não nos enganavamos com nossas previsões, quando dissemos que que Regina Pacini havia de agradar na opera *Lucrezia*. Na tercira principal da opera de Donizetti, a sua bella voz, modulada de difficuldades de vocalisação, a prova artista mostrou o perfeitissimo machinismo vocal de sua laringe, a extraordinaria firmeza da sua attitude, a exactidão com que conserva o ryhtmo musical.

Finalisado esse trecho, Regina Pacini recebeu enthusiasticas e merecidas ovações, sendo-lhe pedido e lhe, o que a gentil cantora não annuiu, por motivo imperioso, apresentar essa noite a fallegia, que occasionaria a repetição das longa e difficil pagina de musica.

Hoje vae ser cantada a opera *Regina Pacini* sendo a protagonista Regina Pacini.

Chegaram hontem de Italia, para Setembal, trezes caixas com os fatos e adereços para a companhia de Xajo, que o noticiei estava vae atuar no S. Carlos, no Oitão de Verri.

Barbieri é o primeiro vae que representa a nova opera de Verdi. A talentosa prima-donna Teresina já canta a parte da Desdemona com grande successo, em Buenos-Ayres, onde ensaia a opera com o tenor Marconi e o baritono Galassi.

A opera foi ali ensaiada e dirigida pelo maestro Campanini, o rival do maestro Mancinelli.

O Gallo em Lisboa será representado hoje depois do Carnaval.

TEMPESTADE

O astronomo Schirlenau annuncia para Arandá um violento temporal de chuvas e neves, que estimo será no Mediterraneo, onde, que almagem rapidamente toda a provincia.

Longa vi e agoura...

Regressou de Montemôr o nosso presado amigo, sr. João Augusto Sotto, digno capitão-tenente da armada.

Principe imperial da Austria

Não obstante a segurança com que o Havas, inspirado no epitheto dos jornaes estrangeiros, affirmou que deturavam ser pessoas todas as graves noticias vindas para dar logar á ultima, a de Bruno suicida, parece ainda certeiro actor essa tragedia explicada ao apparato de uma alcova.

Outro boato recente diz que não houve suicidio, mas sim duplo crime. Pranda-se uma baixa confirmação dos fallecimentos. A mesma versão se ouve e despacha principio de ter commettido o homicidio, pelas cinco, ao mesmo em que ella Pagio, solicitadores em espera, pelas cinco tambem, pois que a sua filha ou uma pessoa mandar ir ao seu Alberto. Diga! a verdade, talvez fundamental, mas não provada, de que o delicacissimo foram surprehendidos e assassinados.

Tenra a filha-se se nos valhas que foram vistos no jardim pelo grande de principe, e ninguem o confessou. Seja como for, a verdade é que a alcova de todo escuro-cida, e partiam-se todos os crepusculos.

Encontramos n'uma correspondencia ovienda ao *Matin*:

«.....No segundo feira a barriesse, sua mesa pousada por sua alli o forno a um armazem de vinhos. Antes de sil entrarem a baroneza vio o conde Hoffisch a fim a sair um signal inquieto-gativo. Minutos depois, ou quer o seu alli estava introduzida a sollicitar algumas objectos, ella foi apparecer, alli terminado a seu visto. E' de suppôr que fosse pu-

Theatro de S. Carlos

Não nos enganavamos com nossas previsões, quando dissemos que que Regina Pacini havia de agradar na opera *Lucrezia*. Na tercira principal da opera de Donizetti, a sua bella voz, modulada de difficuldades de vocalisação, a prova artista mostrou o perfeitissimo machinismo vocal de sua laringe, a extraordinaria firmeza da sua attitude, a exactidão com que conserva o ryhtmo musical.

Finalisado esse trecho, Regina Pacini recebeu enthusiasticas e merecidas ovações, sendo-lhe pedido e lhe, o que a gentil cantora não annuiu, por motivo imperioso, apresentar essa noite a fallegia, que occasionaria a repetição das longa e difficil pagina de musica.

Hoje vae ser cantada a opera *Regina Pacini* sendo a protagonista Regina Pacini.

Chegaram hontem de Italia, para Setembal, trezes caixas com os fatos e adereços para a companhia de Xajo, que o noticiei estava vae atuar no S. Carlos, no Oitão de Verri.

Barbieri é o primeiro vae que representa a nova opera de Verdi. A talentosa prima-donna Teresina já canta a parte da Desdemona com grande successo, em Buenos-Ayres, onde ensaia a opera com o tenor Marconi e o baritono Galassi.

A opera foi ali ensaiada e dirigida pelo maestro Campanini, o rival do maestro Mancinelli.

O Gallo em Lisboa será representado hoje depois do Carnaval.

TEMPESTADE

O astronomo Schirlenau annuncia para Arandá um violento temporal de chuvas e neves, que estimo será no Mediterraneo, onde, que almagem rapidamente toda a provincia.

Longa vi e agoura...

Regressou de Montemôr o nosso presado amigo, sr. João Augusto Sotto, digno capitão-tenente da armada.

Principe imperial da Austria

Não obstante a segurança com que o Havas, inspirado no epitheto dos jornaes estrangeiros, affirmou que deturavam ser pessoas todas as graves noticias vindas para dar logar á ultima, a de Bruno suicida, parece ainda certeiro actor essa tragedia explicada ao apparato de uma alcova.

Outro boato recente diz que não houve suicidio, mas sim duplo crime. Pranda-se uma baixa confirmação dos fallecimentos. A mesma versão se ouve e despacha principio de ter commettido o homicidio, pelas cinco, ao mesmo em que ella Pagio, solicitadores em espera, pelas cinco tambem, pois que a sua filha ou uma pessoa mandar ir ao seu Alberto. Diga! a verdade, talvez fundamental, mas não provada, de que o delicacissimo foram surprehendidos e assassinados.

Tenra a filha-se se nos valhas que foram vistos no jardim pelo grande de principe, e ninguem o confessou. Seja como for, a verdade é que a alcova de todo escuro-cida, e partiam-se todos os crepusculos.

Encontramos n'uma correspondencia ovienda ao *Matin*:

«.....No segundo feira a barriesse, sua mesa pousada por sua alli o forno a um armazem de vinhos. Antes de sil entrarem a baroneza vio o conde Hoffisch a fim a sair um signal inquieto-gativo. Minutos depois, ou quer o seu alli estava introduzida a sollicitar algumas objectos, ella foi apparecer, alli terminado a seu visto. E' de suppôr que fosse pu-

Camara municipal

Reune-se Amanhã, cerca já discussão, a sessão plenaria da camara municipal.

Ordem do dia:

Projecto de posturas sobre um oficio extraordinario vadios e vagabundos com collares ou sem elles.

Proposta do sr. Rosa Araujo para se dar o nome de Jardim Constantino ao jardim ou praça de D. Estephania, no interior do Campo Pequeno.

Destino a dar á quantia de 200$000 reis, importancia de pensamentos sobre a venda de terrenos da Associação promotora do ensino do cegos.

Tudo ministerio do guerra foi determinado que seja enviado, para os effeitos da colonisação, o tempo que as praças da reserva estiverem no effectivo, por effeito do cheamento das reservas em 1884, não desde então lhes limite a indemnisação por vencimentos de reclamação durante aquelle tempo, as que já eram reclamadas.

Foi nomeada uma commissão composta dos srs. Costa Belem e Guilherme Bruno, ajudantes de brigada, Pimenta Tello e Jorge Carlotto Bruno, sargentos móres, Francisco Antonio dos Reis, 1.º official da administração militar, e Alfredo Ferreira, addidos de cavallaria 9, para estudarem um projecto de regulamento do serviço de mesta do exercito, tornando em attenção os estudos já feitos por uma tal commissão, que deixou de funccionar ha tempo.

Bispo de Angra do Heroismo

Falleceu em Angra do Heroismo o ex.mo e rev.mo sr. D. José Maria Pereira de Amaral e Pimentel, 28.º bispo daquella diocese, e que exercitava a sua largo conhecer. A sua morte foi motivo de grande magoa.

O illustre prelado nasceu naquella ilha em 1803, e logo muito novo entrou cedo na ordem de Jesus, em 1820, e foi professo no noviciado de Jesuitas, em 1840. Depois de ter exercido varios cargos nesta ordem e o conego, com grande distincção, alguns annos mais tarde, e ter sido nomeado successivamente reitor do Seminario da Ilha Terceira e Superior do Collegio das Missões Ultramarinas, e que prestou serviços valiosissimos. Em 1868 foi apresentado bispo de Angra, logar que não chegou a occupar por circumstancias entre o governo portuguez e o curia romana se terem mantido em estado de ruptura, havia dado á luz, insolvez, uma novellas.

Parte, Amanhã á noite, para o Porto o nosso presado amigo sr. Francisco de Campos, gerente-chefe do nosso bem reputada.

Tem passado ultimos dos seus incommodos e gloriosos sacrificios Camillo Castello Branco, que ficou a sua residencia na rua Claudio 26, 1.º.

E' diariamente visitado por muitos dos seus admiradores e amigos.

Está doente, com seu tenente-chefe, o sr. visconde de Pascoal-coelho.

Chegou que os srs. condes de Paulino Arcos, na segunda feira de carnaval, uma noite sempre.

Realisou-se, hontem de tarde, no egreja de Santa Isabel, o casamento do sr. Joaquim Antonio da Cunha com a sr.ª Maria Candida Pinto de Almeida, sr.ª Maria do Rosario Pinto de Almeida, sr.ª Maria Augusta Pinto de Almeida, sr.ª Maria Luiza Pinto de Almeida, sr.ª Maria Thereza Pinto de Almeida, sr.ª Maria Victoria Pinto de Almeida, sr.ª Maria Amelia Pinto de Almeida, sr.ª Maria Carolina Pinto de Almeida, sr.ª Maria Francisca Pinto de Almeida, sr.ª Maria Joaquina Pinto de Almeida, sr.ª Maria Luiza Pinto de Almeida, sr.ª Maria Thereza Pinto de Almeida, sr.ª Maria Victoria Pinto de Almeida, sr.ª Maria Amelia Pinto de Almeida, sr.ª Maria Carolina Pinto de Almeida, sr.ª Maria Francisca Pinto de Almeida, sr.ª Maria Joaquina Pinto de Almeida.

Marinha allemã

Tem actualmente os seguintes navios de guerra: 17 couraçados, 14 encouraçados de 2.ª classe, 3 encouraçados de costa, 3 corvetas couraçadas, 5 couraçados, 4 canhoneiras, 7 aviso, 10 torpedos, 9 de 1.ª classe, 10 de 2.ª classe, 10 de 3.ª classe, 10 de 4.ª classe, 10 de 5.ª classe, 10 de 6.ª classe, 10 de 7.ª classe, 10 de 8.ª classe, 10 de 9.ª classe, 10 de 10.ª classe, 10 de 11.ª classe, 10 de 12.ª classe, 10 de 13.ª classe, 10 de 14.ª classe, 10 de 15.ª classe, 10 de 16.ª classe, 10 de 17.ª classe, 10 de 18.ª classe, 10 de 19.ª classe, 10 de 20.ª classe, 10 de 21.ª classe, 10 de 22.ª classe, 10 de 23.ª classe, 10 de 24.ª classe, 10 de 25.ª classe, 10 de 26.ª classe, 10 de 27.ª classe, 10 de 28.ª classe, 10 de 29.ª classe, 10 de 30.ª classe, 10 de 31.ª classe, 10 de 32.ª classe, 10 de 33.ª classe, 10 de 34.ª classe, 10 de 35.ª classe, 10 de 36.ª classe, 10 de 37.ª classe, 10 de 38.ª classe, 10 de 39.ª classe, 10 de 40.ª classe, 10 de 41.ª classe, 10 de 42.ª classe, 10 de 43.ª classe, 10 de 44.ª classe, 10 de 45.ª classe, 10 de 46.ª classe, 10 de 47.ª classe, 10 de 48.ª classe, 10 de 49.ª classe, 10 de 50.ª classe, 10 de 51.ª classe, 10 de 52.ª classe, 10 de 53.ª classe, 10 de 54.ª classe, 10 de 55.ª classe, 10 de 56.ª classe, 10 de 57.ª classe, 10 de 58.ª classe, 10 de 59.ª classe, 10 de 60.ª classe, 10 de 61.ª classe, 10 de 62.ª classe, 10 de 63.ª classe, 10 de 64.ª classe, 10 de 65.ª classe, 10 de 66.ª classe, 10 de 67.ª classe, 10 de 68.ª classe, 10 de 69.ª classe, 10 de 70.ª classe, 10 de 71.ª classe, 10 de 72.ª classe, 10 de 73.ª classe, 10 de 74.ª classe, 10 de 75.ª classe, 10 de 76.ª classe, 10 de 77.ª classe, 10 de 78.ª classe, 10 de 79.ª classe, 10 de 80.ª classe, 10 de 81.ª classe, 10 de 82.ª classe, 10 de 83.ª classe, 10 de 84.ª classe, 10 de 85.ª classe, 10 de 86.ª classe, 10 de 87.ª classe, 10 de 88.ª classe, 10 de 89.ª classe, 10 de 90.ª classe, 10 de 91.ª classe, 10 de 92.ª classe, 10 de 93.ª classe, 10 de 94.ª classe, 10 de 95.ª classe, 10 de 96.ª classe, 10 de 97.ª classe, 10 de 98.ª classe, 10 de 99.ª classe, 10 de 100.ª classe.

Grande alarme

Hontem, á noite, houve grande alarme no Rocio. Rapidos e a saltada de haver incendio na fabrica de phosphoros de Barbosa & C.ª e por isso correram para ali os empregados publicos e grande multidão de povo.

Felizmente no edificio que assim fumiavam. Um empregado do mesmo cahiu um fosforo aceso, que se desmanou. Alimentou-se pouco mas pouco d'agua, e que produziu uma grande colleção, havendo com que os vapores fossem tomados por fumo.

Os prejuizos foram apenas a perda do fosforo que estragado e um boccado do muito gostavam. Antes assim.

CHRONICA ELEGANTE

Fazem annos hoje:

As ex.mas ex.as:

D. Anna Telhere de Sequeira Sarmento, Baroneza de Sangaria.

D. Candida Pinto de Almeida, Condessa de Castro Monte.

Condessa de Farrobo.

D. Maria Adelaide Sobral de Carvalho.

D. Eugenia Telles da Silva.

D. Emilia Rosa Bertrand.

D. Ernestina de Sequeira.

D. Gertrudes Guilhermina de Fonseca Coutinho.

D. Julia da Camara Abreu.

D. Maria Clementina Pereira Coelho.

D. Maria da Conceição de Lemos Pereira da Costa Santiago.

D. Rosa Mathilde Bensaude.

D. Thereza Rosa Ferreira de Rezende.

E mais:

Os srs. Antonio Bapto Ribeiro Vianna, Antonio Joaquim de Vasconcellos, Augusto C. Dias de Sousa, Dr. Carlos Bayão, Eugenio de Albuquerque, Germano Vicente Xavier da Silveira, José Carlos de Tavares d'Abreu Guedes, José Thomaz d'Oliveira da Sequeira e Mello, João Carlos de Sousa Ribeiro de Menezes, D. Luiz Carlos da Costa (Villa Franca), Lazaro dos Santos, Raul Rodrigues d'Azevedo.

***

Telegrammas recebidos da ilha das Canarias, noticia que a ex.ª D. Amelia Mendes da Luz Rios, esposa do sr. Mendes da Luz Rios e filha dos srs. condes de Sobral, havia dado á luz, insolvez, uma menina.

Parte, Amanhã á noite, para o Porto o nosso presado amigo sr. Francisco de Campos, gerente-chefe do nosso bem reputada.

Tem passado ultimos dos seus incommodos e gloriosos sacrificios Camillo Castello Branco, que ficou a sua residencia na rua Claudio 26, 1.º.

E' diariamente visitado por muitos dos seus admiradores e amigos.

Está doente, com seu tenente-chefe, o sr. visconde de Pascoal-coelho.

Chegou que os srs. condes de Paulino Arcos, na segunda feira de carnaval, uma noite sempre.

Realisou-se, hontem de tarde, no egreja de Santa Isabel, o casamento do sr. Joaquim Antonio da Cunha com a sr.ª Maria Candida Pinto de Almeida, sr.ª Maria do Rosario Pinto de Almeida, sr.ª Maria Augusta Pinto de Almeida, sr.ª Maria Luiza Pinto de Almeida, sr.ª Maria Thereza Pinto de Almeida, sr.ª Maria Victoria Pinto de Almeida, sr.ª Maria Amelia Pinto de Almeida, sr.ª Maria Carolina Pinto de Almeida, sr.ª Maria Francisca Pinto de Almeida, sr.ª Maria Joaquina Pinto de Almeida.

Parte, hoje, para Sorraia o sr. major Augusto Mendes.

Casou-se, Amanhã de Hortaleza, o nosso distincto amigo sr. José Antonio Gomes Ferreira, com a filha da Camara, filha segunda do fallecido amigo da Praia da Victoria, com sua prima a sr.ª D. Gertrudes Pereira da Fonseca Coutinho Pinto da Camara, filha do illustre barão de Banalhó.

Tem estado doente a sr.ª D. Maria da Conceição Moraes Sarmento.

Desejamos-lhe as suas melhoras.

Está doente, com seu amigo e collega, o nosso amigo sr. dr. Fernando Mattoso Cleto Leal.

Hontem, ás 3, Carlos, regressou-se Anibal, capitão Rodrigues Pacini e jogral de protagonista da soberania opera.

Durmiente a concertezia. Nos concertos, que nos hontem, os tarraz se entreter, conforme do Pago do Lumiar e Ilha, conforme da Praia de Santarem e Ilha, Cascaes com do Caldeira de Bandeira, D. Henriqueta e D. Julia Rosa, de Cortes, D. Alice Navarro, Innocencia de Sousa, D. Maria da Patrocinio Barros Lima d'Almeida, D. Grace, Santos Lima, D. Magdalena Pinto, D. Leonida de Macedo, D. Theodolinda Tavares, D. Isabel Martins, menores Bezerra e sua irmã, menores Moco e sua filha, D. Alice Ayres, menores Nascal Pacheco, D. Leonor Avila, D. Paulina Bezerra, etc., etc.

Trabalhos de typographia

Vae crescer na escola de exercito os trabalhos praticos de typographia, para os alumnos das cursos de artilheria, infantaria e cavallaria.

São destinados aos termos de 5 alumnos, tendo alternadamente nos dias de aula, durante os quaes os mesmos com os diversos importancia, e os restantes no de matricula.

Estes trabalhos, que até agora se limitam ao fim de cada anno lectivo, começam mais cedo para se tirar gosto dar maior desenvolvimento.

São dirigidos pelos repetidores.

A 60 REIS

Uma opportunidade e um chorro de tabaco barato.

Tabaccaria Americana

44, Chiado, 44

Serviço de telegraphe

Vale quatro-se a esta reinadia, o sr. João José de Sousa, morador na rua dos Remedios, n.º 140, 3.º andar, de que tenho hoje, pelas duas horas e 40 minutos, o telegramma central para expedir um telegramma para Alhandra, o empregado acima de serviço se encontra a expedir, alegando que só através á 1 que pelas expedida.

O telegramma era o seguinte,

«Vou hoje comboio da noite! pago ao meio.»

Como se vê, a natureza da telegramma não pode realisar a causa do accidente. Qual será então a causa? Não o sabemos.

Se o alumno se pozer dos seus 60 reis a gratificar, e não tenham motivo nenhum para duvidar da sua informação, e ficar é de tal ordem, que parece realmente ser averiguado por quem experimentado d'aquelle serviço.

Foi approvada uma tarifa especial de grande velocidade, combinada entre a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes e a companhia dos caminhos de ferro hespanhoes de Badajoz a Cadiz, para bilhetes de ida e volta entre Lisboa, Barcellona e Paris com o praso de 45 dias.

FUNERAL

Realisou-se, hoje pelo meio dia, o funeral do fallecido Pedro Ogonia, d'esse digestivo, intelligente e laborioso logar, que a morte veio tão cedo a tão lamentavelmente roubar aos seus entes queridos. Foi uma grande e sentida manifestação, que elle em um funeraes apoteose.

O prestito, que acompanhou a seu ultimo morada os restos mortaes do malogrado mancebo, era imponentissimo. Mais de cento e trinta trens precediam o carro funebre. O cadaver ia no meio de ricas corôas.

A's lamentosas familias Ogonia e Caldeira enviamos o nosso pesame.

Taboas de chumbo a 30 reis o kilo

em todas as dimensões. Calçada da Marqueza d'Abrantes, 30, Lapa.

Associação dos engenheiros

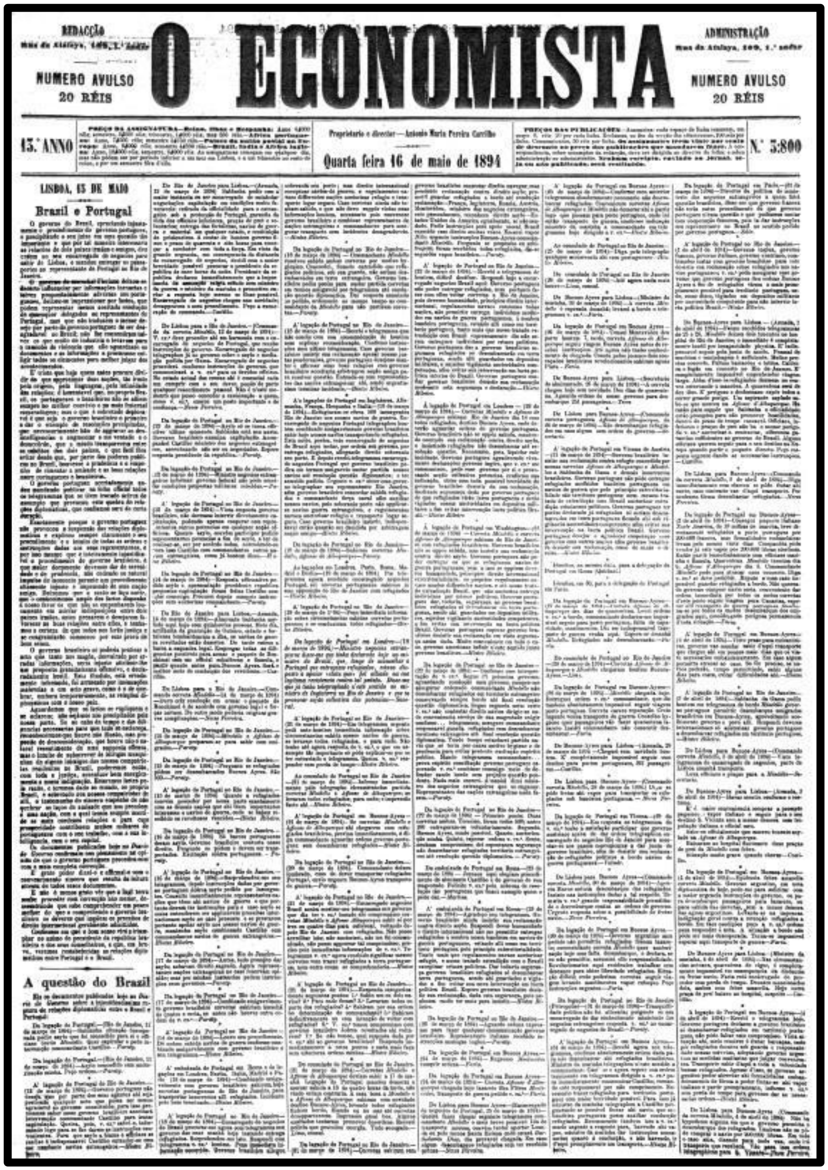
Houve hontem sessão d'esta associação, sendo approvado o parecer do conselho fiscal.

Foram admittidos como socios os srs. engenheiros Stevens, com o cargo da escola central de Paris, Machado e Saraiva, com o cargo da escola de exercito.

Franklin e sr. engenheiro Moraes Cabral.

Também diário, foi editado em Lisboa *O Economista*, que circulou entre 22 de agosto de 1881 e 6 de dezembro de 1903[186]. Já no seu conteúdo programático, apresentado à primeira edição, o jornal buscava deixar demarcada sua meta informativa, explicando que "os deveres da imprensa livre" eram "representar princípios políticos claros e bem definidos", tendo coerência em relação aos mesmos e buscando "esclarecer todas as questões, discutindo-as lealmente, sem deixar-se arrastar pelas paixões" que cegavam, "nem pela malevolência que a tudo" transformava, para fins que nem sempre eram "o bem do povo e o patriotismo". Declarava ainda que "todos os novos órgãos da opinião, ao entrarem na arena política", faziam "protestos de comedimento e promessas de emendar todos e tudo", para que, pouco depois, se deixassem "arrastar pelo turbilhão em que os interesses de partido" os envolviam. Diante disso, garantia que o seu "único protesto" era o de "ser sincero nas suas opiniões", não discutindo "os homens e sim as coisas públicas", nada prometendo, mas garantindo "manter a mais desassombrada imparcialidade, sem, contudo, desistir" de suas "sinceras e leais" convicções[187].

[186] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 284-285.
[187] O ECONOMISTA. Lisboa, 22 ago. 1881. A. 1. N. 1. p. 1.



REDACÇÃO

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

O ECONOMISTA

ADMINISTRAÇÃO

Rua da Atalaya, 109, 1.º andar

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

13.º ANNO

Proprietario e director—Antonio Maria Pereira Carrilho

Quarta feira 16 de maio de 1894

N.º 3:800

LISBOA, 15 DE MAIO

Brazil e Portugal

A questão do Brazil

A nortista Póvoa do Varzim contou também com *A Independência*, uma folha essencialmente informativa e localista que tinha por dísticos "liberdade e justiça - instrução e progresso". Era um semanário que circulou entre 29 de dezembro de 1881 e 22 de dezembro de 1895[188], que se considerava "perfeitamente independente, em tudo e por tudo", e isso poderia ser notado pelos leitores. Tal independência seria comprovada pelo fato que, nas suas páginas teriam "sido publicados os retratos de homens de todos os partidos quando pelos seus méritos" se tornavam dignos disso. Declarava ainda que tinha um ideal voltado a "pugnar pelo bem e pelo engrandecimento da vila e concelho, mostrando o progresso e aconselhando a ordem". Ponderava que nada era "mais bonito na sociedade do que cada um, na sua posição social, cumprindo o seu dever honradamente e nobremente", de maneira que permaneceria "de lança em riste para trabalhar" por aquela "nobre e importante povoação"[189].

[188] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 1.
[189] A INDEPENDÊNCIA. Póvoa do Varzim, 1º jan. 1894. A. 13. N. 599. p. 1.

INDEPENDENCIA

LIBERDADE E JUSTIÇA — INSTRUCÇÃO E PROGRESSO

ANNO 13

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal cada linha.... 80 reis
Repetidas, cada linha..... 50 »
Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção, administração e typographia, rua de Jasquim, 69.

Redactor e editor, Candido Augusto Landolt.

Segunda-feira 1 de Janeiro de 1894

ASSIGNATURA
Semestre..... 700 reis
Anno..... 1$400 »
Para espanha..... 1$600 »
Brasil; moeda forte..... 1$200 »
Imposto de sello..... 50 »

N.º 599

PORTA DE VARZIM, 1 DE JANEIRO

KALENDARIO

Janeiro 31 dias

QUINTA FEIRA	1 ✱	8	15	22	29
SEXTA FEIRA	2	9	16	23	30
SABBADO	3	10	17	24	31
DOMINGO	4	11	18	25	
SEGUNDA FEIRA	5	12	19	26	
TERÇA FEIRA	6 ✱	13	20	27	
QUARTA FEIRA	7	14	21	28	

Calendario dos antigos romanos

Sendo foi o fundador de grande cidade, um tempo que mais tarde foi senhora do mundo. A elegeu-lhe o seu povo mesmo nome, isto de seu alto fundador, descendia pelos reis, que os povos romanos lhe tributavam.

Tendo-lhe feito prevalecer para lhe assegurar o throno, mandou-lhe os horoscopos de uma sua collocação, dividiu o anno em dez mezes de 30 e 4 de 31 dias, que completavam os todos 304 dias, a somma do anno.

Mudou assim depois, Numa Pompilio, muitas mais importantes reis da vida Romana, accrescentou no calendario mais dois mezes, Janeiro e Fevereiro. Constituiu o primeiro e ultimo do anno.

Por esta nova divisão, passou o anno com 355 romanos, a ter 354 dias. Isto é, ao anno perfeitamente lunar.

Numa Pompilio, ainda aggregou mais um dia ao anno, para não findar no mesmo pé, do que não gostava.

Ignorando a causa a não ser a ridicula superstição, de que o numero par era fatidico.

Mais tarde Julio Cesar, como fallavamos dias, na relação ao anno solar, reformou o calendario, tendo conservado d'esta importante convenção, o grande emblema do Imperio.

Ingleses subindo que o anno solar é de 365 dias, 6 horas e 49 minutos, formou, das horas restantes, um dia que intercalou de 4 annos.

Um anno bisexto, por que n'elle, o seu 6º mezes tinha mais um dia, que se devia depois de 24 de novembro mez, que é certo. Por isso, ao chamava bisexto ou bisso Martico.

Os mezes tinham a seguinte denominação: Januarius, era consagrado ao Deus Janus, e o primeiro do calendario de Numa Pompilio.

Februarius, era consagrado aos sacrificios expiatorios para purificar o povo.

Os sacrificios feitos-se sobre as pedras lustrares, afim de aplacar os crimes.

Não sem que o ultimo do calendario da lua.

Martius, era consagrado ao Deus Martio, Apollo, vinha do oriente. Era assim denominado, visto ser o anno seu, que as Musas começam a desabrochar.

Aprilis, do aquiver (onda velha.) Parece ou era isso era dividendo aos seus velhos, e renovava, e não era a Maja, mãe de Mercurio.

Maius, vinha de Jovius, (ou mais mesmo,) tendo-se generalisado que este anno era dedicado á mocidade. Decidiram, pois nos mezes que era consagrado á deosa Juno.

Junius, ou Quintilis. Era assim denominado o segundo, por ser o quinto do calendario de Romulo e pelo primeiro em honra da deosa Ceres, que segundo se assevera, assim era no dito tempo que foi celebrado o calendario de Numa Pompilio.

Augustus, ou Sextilis, era o sexto mez do calendario de Romulo. A primeira denominação foi em honra do Augusto, e imperador que mesmo o quinto mez, a segunda pela razão já indicada.

September, october, november e december, mas assim denominados por serem o setimo, oitavo, nono e decimo mezes do calendario de Romulo.

ANNO XIII

Trezo annos de vida, vida cheia de espinhos, espinhos de rosa, rosa cheia d'aroma como o licor dos anjos e o nectar dos deuzes.

O cabeçalho do nosso jornal mostra todo o nosso pensar, claramente, nitidamente; todo o nosso sentir, conscientemente, sinceríssimamente.

Pode haver collegas no jornalismo que falem, pensem e escrevam com muito verdade—mais do que nós, não acreditamos.

Somos independente, perfeitamente independente —em tudo e por tudo, note bem quem notar deve.

Se julgam que temos sido um escravo servil, enganam-se redondamente.

Não ha ahi pessoa alguma que affirme, em nome da verdade e da razão, que temos tido recompensa de qualquer causa que tenhamos defendido, com vehemencia herculea, gigantesca.

Não, não ha.

Nas paginas d'este jornal têm sido publicados os retratos de homens de todos os partidos quando pelos seus meritos se tornaram dignos d'isso.

Do partido republicano temos escripto, como escripto temos do partido monarchico—somos independentes, conservamo-nos neutraes.

Todo o homem de bem que pratique uma boa acção, para nós, independente, será sempre um homem de bem, um homem digno, um homem honrado e de bem ás direitas.

E isto vem a talho de foice para que se não diga para ahi que somos um corollario de politica, um cabaveto de ideas.

Não. Temos um ideal, ideal santo, d'uma santidade divina—e vem a ser pugnar pelo bem e pelo engrandecimento d'esta villa e concelho, mostrando o progresso e aconselhando a ordeun.

E nada mais bonito na sociedade do que cada um, na sua posição social, cumprir o seu dever honradamente, nobremente.

Pensamos sempre assim, foi sempre esse o nosso proceder; e, se alguem pense o contrario, e se, ainda, em nossa vida hemos sido sollicado por loucões e por malandros a culpa é da Lei que não previra casos extraordinarios como os que nos lião succedido—está deficiente para punir esses gatunos engravatados que pensaram, porque mentem, que seriamos uma vedilha onde cada um limparia suas nojentissimas mãos que de ha muito deveriam estar decepadas.

.....

Corremos um véu sobre essas divagações, e digamos unicamente o que sentimos:

Faz hoje treze annos que aqui estamos de lança em riste para trabalhar por esta nobre e importante perveação. A maior recommendação que apresentamos ao respeitavel publico que nos lê, é que temos nos trinhanas sustentado com firmeza aquillo que se ha escripto em horas de profunda indignação.

A coragem com que nos achamos ao entrar no XIII anno, é a mesma que temos mostrado ao escalpellisar as pustulas repugnantes dos sevandijas que tanto mal hão feito á sociedade.

Terminando, cumpre-nos agradecer aos distinctos cavalheiros que espontaneamente teem enviado cartas a esta redacção pedindo assignaturas do nosso periodico.

AO LUAR

Quatro estrelas, lá dos ceos,
Da luz vem avisar:
O primeiro, que lo mais bello,
Mais, do que a estrella do mar.

O segundo, que lo mais lindo,
Do que um rosebude de flôr;
Bendito o nosso, firmamento,
Que por si possue tão dôce.

O terceiro que lo gentil
Como a Mãe da Salvação;
Bendito o nosso, querido,
Que lo doçe ser, divino.

O quarto, flôr dum anjo,
Que lo linda d'alva e manhan,
Bendito o nosso, saguido,
Que á luz lo deu para nós.

Geraldo A. Landolt.

OS OLHOS

(De A. Kner)

Devalente está-se pouco d'acordo sobre a belleza: a maior parte da gente lhe-a consideir em certas proporções e regularidades da convenção; outros reconhecem unicamente a belleza na infancia que ella contem a da impressão que d'ella recebem. Creio que cada um tem razão. Reina a belleza que se prova e a belleza que se experimenta. A escolha não seria mais desconcola sem muito de vidros.

Nós persuadamo-nos a muitos que, por exemplo, se póde ter um corpo franzino, um olhos muito grandes, a bocca e pés muito pequenos. Os olhos ao passarem modificar a si proprios, influirem sobre os bicos dos pés, não se alimentarem senão por meio d'um tubosinho e os olhos chegarem até á nuca; algumas tornariam o olho esquerdo tão grande que, em vez mesmo, não fazia logar para collocar o olho direito.

Abandamo-se de olhos bonitos todos os olhos, comtanto que sejam grandes, qualquer que seja a sua côr, fôrma ou expressão.

Os olhos são, evidentemente, a parte mais nobre e mais importante do rosto humano: as outras feições são exteriormente formadas de carne; os olhos são compostos do corpo, de alma e de espirito, ou, para melhor dizer, são a janella onde a alma e o espirito se vem mostrar.

Ora, emquanto me não convencerem do que é mais agradavel vêr um encarnador o divino rosto a uma impura, de que um rosto chatamente insignificante, enfadado e ridicularmente vasiado, com raspas pretencidas, através dos largos vidros de uma loja, não admitirmos que os olhos sejam tellos excessivamente por serem grandes, seria o mesmo que dizer que o melhor livro é aquelle que tem mais velamentos, mas nos importamos com o seu conteúdo.

O TEU MANGERICO

Quando te vejo sahotilla
Toucandado o mangerico,
Nesse e horas em fico,
Alma no estado perdida.

Tu defronte da bodilla
Em desenfadada inconsciencia
Eu embiando com vehemencia
Partir-se-me o coração.

A brisa a dar-te da face
Beijos mil em suma fineza,
E o sol estonto horisonte
A dourar teu rubo de neve.

Tu sorrisalo todo o oi
E a thesouro a recostar;
Eu a segnil-o ao ar
Com olhos que matam de!

Tus rolo volvendo a tesoura
Por cima da verde cama,
E eu a arder na viva chamma
D'esse olhar que a subsedoura.

Tu sorrisalo ao verdes flores
Que te vão calir na colo;
Eu posto aqui de scalaia
A phantasiar amores!

Tu a fijillar aves ariz,
Rosho de vaga poesia;
Eu suspiros ao harmonia
Da volada aurora e vaia.

E assim assivos me dou,
Alma em estado perdida...
Ai! dias de volalta vida!
Quem me fica mangerico!

J. Simões Dias.

A CONCIERGERIE E OS INVALIDOS

Ao voltar de S. Hilo vi, embalsamado na athmosphera sombria do grande cidade, um dos mais horriveis tragedias da revolução franceza. O terror amontoava ali as suas victimas para que o verdugo as colhesse.

Basiam dizer-se que em uns andares distinctos, assentados a tres janellas perpendiculares que davam sobre o palco, amontoavam-se ahi a ex-rainha Maria Antonieta, que personificava a monarchia; mada-se Rolland, que personificava a revolução; o Jesuita de Beauharnais que ligando-se á filha, devia representar os excessos tempo a monarchia e a revolução sobre esse throno sanguento improvisado pelo genio. Mas, francamente, os mortaes que mais se assimam d'aquellas paredes são as recolhas das girondinas, collados em Me pela Convenção, quando mais empregas se tendam á republica, á liberdade e á patria.

E' a ultima noite da sua vida. O carrasco aguarda-os impassivel. A luz do alvorecer deverá ser para elles cruel que o patibulo das eternas escuridão do sepulchro. Foriam na corrupção por tantos degenerados, galantinas, de ha horas, desinteressa. Os seu invencibilidade, arrancados á sua tributara illustrada pela sua eloquencia grega, usaldos de poeo a quem amam sempre, talvez que olhos novos sere, com uma saudação acerada, apraziosar-se a hora da sua morte, que ao menos se livrara de verem novas mantas as sua bandeira o novos horrores commettidos sob a invocação do seu ideal. Das agapes, uma ceia qualquer a noite ao justava d'uns noite da agonia.

Tratam-se os seus corpos e as suas intelligencias tornam-se tambem em votos e aspirações communs. Filhos do seu seculo, aforavam a liberdade do pensamento; mas a liberdade do pensamento não os levava a renegar de Deus nem da alma. Pelo contrario, n'aquella hora tentavel, quando passam os momentos os figuram ao perto e á terra, discreiavam como Socrates e seus discipulos acerca da immortalidade e da sua esperança consoladora. Sem uma recriminação, sem uma duvida, nem a menor sombra de desespero, sem uma palavra dura contra a republica, nem sequer contra a Franca, quando lhes arrancavam uma pungente lagrima, cerdos de gloria, satisfações do coração, lembranças d'uma esperança sem fim, promessas d'uma vida sem mascaras. Para elles, vinda a morte exaltal-os a um mundo melhor, de cujos verdores poderiam contemplar a resignação da justiça e da liberdade. Assim, quando a hora soou; confundiram-se n'um fraternal abraço, e encaminharam para o carro como um elles e uma legião de anjos fossil. As suas vozes roucas, amparadas por uma lá ardente, subiram como outra e cujos accentos disputavam os terrores da nova Franca, as ingleias dos despotas.

Ninguem o choque da guilhotina sobre o pescoço e o choque da calença cortada no exato interrompiam esta lamuria ao ideal levantado das imaginações do martyrio. Nas,ultos preferiam de perder, os revolucionarios do progresso não morrem. A sua vida transmitte-se se lem que dias, as instituições que animam, á liberdade cujo calor espalham, á emancipação das novas nacionalidades, os seus dos povos invasores, ao obra da sciencia engrandeci-

Na cidade de Aveiro, capital do distrito homônimo, na região da Beira, circulou *O Povo de Aveiro*. Foi editado semanalmente entre 29 de janeiro de 1882 e 29 de junho de 1941[190] e seu dístico era "folha do povo e pelo povo", apresentando inclinações republicanas. Nesse sentido, afirmava que sua ação era "em prol da causa republicana" e enfatizava que era "o único jornal republicano das províncias, e mesmo de todo o país", que poderia se "orgulhar de ter a colaboração direta de todas as notabilidades democráticas". Além disso, dizia que, "na localidade" não deixaria de "pugnar com energia pelo engrandecimento material e a moralidade de Aveiro" e, "em política geral" garantia ser "cada vez mais intransigente e radical"[191].

[190] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 193.
[191] O POVO DE AVEIRO. Aveiro, 30 dez. 1883. A. 2. N. 101. p. 1.

Numero 101 — Domingo 30 de Dezembro de 1883 — 2.º Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS — Publica-se aos Domingos — PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

AOS LEITORES

O *Povo de Aveiro* entra hoje no terceiro anno da sua existencia. Cumpre-lhe, pois, ao despedir-se do anno de 1883, fertil em tantos acontecimentos pelo mundo inteiro, um dos mais cortados de peripecias e dos mais ameaçadores para a liberdade pelas tramoias secretas e publicas dos reis, saudar os seus leitores, os seus assignantes, os seus collaboradores, os seus amigos cheios de convicções e fé democraticas, voltado para o anno de 1884 que surge, alegre porque tem esperança no porvir, satisfeito com os progressos enormes da democracia até hoje, confiando na propria força e coragem.

O *Povo de Aveiro*, no meio da luta incessante e por vezes violenta, como a requer de quando em quando o cynismo dos nossos adversarios, em prol da causa republicana, conserva ainda hoje, felizmente, as mesmas sympathias que o protegeram ao principio.

E' o unico jornal republicano das provincias, e mesmo de todo o paiz se exceptuarmos o *Seculo*, que se pode orgulhar em ter a collaboração directa de todas as notabilidades democraticas. De todas as localidades nos são enviados regularmente, e com uma deferencia e delicadeza que nos penhoram deveras, artigos brilhantes dos primeiros homens do partido republicano, aos quaes devemos a distincção com que o jornalismo portuguez nos tem tratado, transcrevendo-nos alguns d'esses artigos e referindo-se sempre a nós em termos, que seriamos immodestos não considerando benevolos. E assim temos conseguido offerecer aos leitores producções primorosas de Alves da Veiga, Alexandre da Conceição, Albano Coutinho, Alberto Bessa, Carlos Faria, Ernesto Loureiro, Magalhães Lima, Mello Freitas, Silva Graça, Trigueiros de Martel, Theophilo Braga, Clarim, Eduardo de Arvins, Anselmo Xavier, e A. Salgado e de muitos outros queridos amigos que se occultam sob varios pseudonymos, a todos os quaes agradecemos devéras a sua distincta collaboração.

Quanto ao mais, hoje, como ha dois annos, está o *Povo de Aveiro* exactamente no mesmo terreno, sem variar em cousa alguma a sua linha de conducta. Na localidade não deixaremos de continuar a pugnar com energia pelo engrandecimento material e moralidade de Aveiro, louvando quem devemos louvar, por que algumas vezes temos louvado os nossos maiores inimigos, e censurando quem devemos censurar. Só condemnamos o procedimento irregular dos homens publicos, porque nada temos com os particulares, sem descermos a intrigas de soalheiros e pequeninas miserias. Se algumas vezes sômos violentos, é a indifferença ironica, ou antes o cynismo das auctoridades que nos obrigam a tanto. Não nos arrependemos e lamentaremos devermos ter de voltar a usar da mesma violencia. Mas, se fôr preciso, ou quando fôr preciso, empregarêmos o nosso conhecido rigor.

Em politica geral sômos cada vez mais intransigentes e mais radicaes. Queremos em administração e politica as reformas mais avançadas; sômos livres pensadores em religião.

E' bom repetirmos o que dissemos ha um anno:

«Estar na brecha, com o peito exposto ás balas, aluindo o throno para que mais tarde sobre os destroços d'esse throno se erga um outro, onde se sente em logar do sr. D. Luiz ou do sr. D. Carlos um individuo chamado presidente da Republica, de vez em quando revezado por outro, afigura-se-nos mais do que um contrasenso, afigura-se-nos um crime. Uma republica conservadora e centralisadora é a negação perfeita de todas as leis sociologicas e de todos os principios democraticos».

Eis tudo. O *Povo de Aveiro*, enaugurou um systema novo. E' franco. Toda a gente sabe o que elle quer, para onde vae e por onde vae.

Quem quizer que o siga.

E agradecendo de novo os favores que nos vêm dispensando assignantes e collaboradores, desejamos a todos mil venturas e

BOAS FESTAS

A Direcção.

A mixordia

Ha um certo jornalismo que falla de papo sobre os mais intricados problemas sociaes, como se estas questões não fossem de uma complexidade que assombra, e muito mais contingentes e relativas que os phenomenos do organismo animal.

Foi assim que vimos, ha pouco um sesqui-pedante escriba, prototypo de quem aluga a intelligencia e a consciencia em beneficio da barriga, declarar com o entono da convicção mais intima, que elle era absolutamente adverso ao «escrutinio de lista», porque entendia que era este o systhema mais reaccionario (!) de quantos conhecia em materia eleitoral. Esta *blaga*, permita-se-nos a phrase, era mais um repugnante insulto lançado á memoria de Gambetta, um d'aquelles insultos que os proprietarios dos «Armarios Secretos» costumam pagar a peso d'ouro, a quem os serve.

Ainda que seja inutil e impolitico dar trela a escribas taes; por outro lado, lembrámo-nos que, da calumnia mais inverosimil e estulta sempre fica um fumosinho a empanar a reputação mais pura: resolvemos desmascarar o inepto vendido.

Em primeiro logar, saiba que, no estado actual das sciencias sociologicas, as palavras—escrutinio de listas— empregadas com a intenção de designar a organisação eleitoral por meio de listas plurinominaes, podem referir-se aos mais variados systemas; bastando, para esclarecer as nossas palavras, citar o de lista *incompleta*, em que o eleitor não póde escrever mais do que um limitadissimo numero de nomes, e aquelle em que o mesmo eleitor tem o direito de escrever quantos nomes quizer, sendo este systema o mais liberal de todos, e applicavel ao grande plano da accumulação geral de votos, descoberto pelo insigne Thomaz Hare.

No entretanto, e pondo n'este momento de parte a monstruosa burla de «reforma eleitoral» apresentada á camara pelo actual ministerio, antes dos ultimos fundillos, devemos affirmar muito positivamente que, em geral, todos os systemas que teem por meio o alargamento das circumscripções eleitoraes, e n'este caso estão todos que estabelecem listas plurinominaes, visam a um fim altamente patriotico e civilisador, como é elevar o povo á comprehensão e ao sentimento da moral da patria, que é muito mais sublime do que a moral do municipio ou do concelho.

Accresce ao que fica dito, que poucos paizes estarão mais necessitados do que o nosso da therapeutica social constante do alargamento das circumscripções eleitoraes; porque com difficuldade encontraremos onde se haja especulado mais torpemente com o egoismo do cidadão para deturpar a conquista mais grandiosa das civilisações modernas, como é o direito de suffragio popular, que, como hoje dizemos em outro artigo publicado no nosso prezado collega, *A Verdade*, de Thomar, insistimos em considerar—a chave de toda a organisação politica do paiz, em logar de ser o poder moderador, como pretendeu o [illegible] em 1832.

Depois de bem assente a doutrina que deixamos apontada, vejamos qual a sorte que nos espera ácerca da reforma eleitoral.

Pela opinião do sr. Fontes, affirmada e confirmada varias vezes no parlamento, irá por diante a proposta apresentada pelo Thomaz da Apparecida; e segundo o voto do [illegible] que hoje dirige o ministerio do reino, não teremos tal reforma.

D'esta contradicção dos sabios da escriptura resulta, segundo se affirma, que passará na camara dos [illegible] uma reforma preliminar que deixará tudo como dantes, inclusive todas as redes que servem para falsificar o voto, e em que continuará o conflicto feito dos egoismos individuaes a substituir as dedicações e o interesse pelos assumptos patrioticos.

Mas, podendo alguem inferir do que deixamos dito que morremos d'amores pela proposta do sr. Thomaz da Apparecida, é

(15) Folhetim

A. RANC

HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO

X

Na fronteiriça Guarda, foi editado outro periódico que representava a imprensa regional. Era *A Civilização*, um seminário publicado entre 4 de fevereiro de 1882 e 17 de janeiro de 1894[192], que tinha uma filiação partidária bem definida, apresentando-se em seu frontispício como "órgão do Partido Regenerador no distrito da Guarda". De acordo com tal opção, dizia que era "regenerador por índole e por dever", de modo que teria "de obedecer aos preceitos que a disciplina partidária" lhe impunham, mas avisava que não hesitaria "em saltar por sobre esses preceitos quando porventura eles" fossem "de encontro às máximas impreteríveis do dever e do patriotismo". Declarava que sabia o quanto era "espinhosa a missão" que sobre ele pesava e o quanto era difícil "bater para o fundo da alma os impulsos de sentimentos delicados", a fim de seguir "somente os conselhos da razão", que seriam "os únicos pelos quais o jornalista" deveria "pautar o seu proceder, sem consideração pelas exigências da vontade ou dos sentimentos próprios". Destacava ainda o quanto era custoso "o sacrifício da amizade e da gratidão", em nome da independência e do espírito crítico. Diante disso, prometia que conseguiria "sempre ter a serenidade e a energia bastante" para atirar "à necessária distância os despeitos e os ódios" que conduziam ao "tremedal ignóbil" no qual "até a dignidade das famílias" chegava "a ser salpicada pela lama mais aviltante"[193].

[192] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 160.
[193] A CIVILIZAÇÃO. Guarda, 15 jun. 1889. A. 9. N. 417. p. 1.

ANNO II. — SABBADO, 2 DE JANEIRO DE 1892 — NUMERO 544

Redacção
3—RUA ESCURA—3

ASSIGNATURAS
Na Guarda, Anno 1$000
Semestre 500
Trimestre 300
Pelo correio accresce o importe do sobrescripto.

A Civilisação

Orgão do partido regenerador no districto da Guarda

Administração
3—RUA ESCURA—3

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, linha 40
Annunciado 20
Repetição 10
Os assignantes teem balanço de 20 p. %

Guarda, 31 de dezembro de 1891

Terminámos o anno de 1891, e ahi deixa mandados. Foi para nós um anno triste, mais triste talvez ainda o de 1890.

Este periodo desgraçadissimo começou nos últimos mezes de 1889 com a revolução do Brasil, que desde logo estabeleceu a baixa do cambio cada vez mais accentuada, comtanto a privar Portugal da remessa do ouro d'aquelle paiz, que equilibrava o nosso balanço commercial, o internacional, pois a nossa exportação, o nosso trafico com aquelle ex-florido consideravel do nosso orçamento, a crise economica e financeira que estamos atravessando.

A' revolução do Brazil e a baixa do cambio seguio-se o ultimatum de 11 de janeiro de 1890, a conflicto com a Inglaterra, a subrexcitação patriotica, as despezas com a expedição á Africa oriental, a revolta de 31 de janeiro, e a crise financeira dos diversos paizes da Europa, e que tudo determinou o conflicto do nosso ouro, a grande baixa dos nossos fundos e a crise monetaria.

Estes resultados foram tanto mais para sentir e lamentar, quanto se seguiram a uma epoca chamada das vacas gordas, e do prosperidade mais apparente do que real, porque era filha da abundancia de dinheiro que nos provinha de emprestimos, aos quaes nos excitava o baratear d'elle nas praças estrangeiras, e a consequente elevação dos nossos fundos, que por sua vez facilmente excitado o nosso credito das despezas do Estado, augmentando o deficit, e a extensão das despezas particulares e por consequencia das importações estrangeiras, augmentando o desequilibrio commercial.

Todos estes acontecimentos se reuniram e se concatenaram, e nem de ser considerados ao seu conjuncto.

Entretanto já se vamos descendendo d'esta curva de adversidade? Inspirou-se ao nosso espirito, ao ultimo acontecimentos do Rio de Janeiro, restabelecendo a legalidade e uma certa ordem, e os enormes esforços d'aquelle vasto paiz dão-nos a esperança de que o cambio corrente poderá restabelecer-se, talvez antes do periodo de um ou dois annos.

A crise das praças estrangeiras da Europa tambem parece diminuir.

O nosso deficit de gerencia financeira do estado no anno de 1890-1891 diminuiu cerca de 3:000 contos em relação ao anno de 1889-1890.

O desequilibrio entre as nossas importações aos primeiros nove mezes d'este anno, segundo o boletim estatistico ha poucos dias publicado, tambem diminuiu de 2:724 contos.

E' ainda muito pouco tudo isto. Mas é signal claro no estado do nosso restabelecimento economico e financeiro.

Deve este ser o programma inadiavel do anno que hoje começa. Seria injustiça e é facilimo dizer que nada se tem feito e estudo, antes como a Cruzada inaugurar que estes males se podem curar rapidamente. Mas é necessario não parar um momento no estudo e applicação dos remedios do effeito permanente, que devem succeder aos excellentes expedientes de occasião, que não foram mal succedidos.

Permitte-nos para que o anno que vem comece melhor do que começou aquelle que hoje acaba, e para que o anno final realise as esperanças que hoje é licito fundar.

Dr. Motta Veiga

Foi agraciado com a carta de conselho, o nosso respeitavel e velho amigo sr. dr. Abel Eduardo da Motta Veiga, advogado distinctissimo nos julgados-ria de Lisboa e cavalheiro illustre a todos os respeitos.

Felicitamos s. ex.ª muito cordialmente.

Condecoração

Foi agraciado com a gr.ª-cruz da Legião da Belgica o sr. ministro dos negocios estrangeiros.

Telles de Vasconcellos

Foi, como era de esperar, conferido a carta regia remunerativa com o titulo de conde dos Olivos para o sr. conselheiro Telles de Vasconcellos, nosso respeitavel amigo e digno chefe do partido regenerador d'este districto.

O mesmo cabe a. ex.ª um prolifico em trabalhos parlamentares, e os cargos que tem occupado, de secretario geral, de digno secretario, para relatar e melhorar os serviços da camara, nos separados de deputado, todos elles a maior recommendação, justificam plenamente a remuneração de sr. Telles de Vasconcellos ao alto cargo em que se acha investido.

PELA POLITICA

CAMARA DOS PARES

Continuou em discussão a questão de fazenda, respondendo o sr. Antonio de Carvalho ao digno par Thomaz Ribeiro.

O discurso do nobre ministro da fazenda foi um verdadeiro triumpho, não só para s. ex.ª, mas tambem para o ministerio de que elle é um dos mais illustres membros. Restava por meio de numeros que não era tão mau como se dizia o nosso estado financeiro: provou á evidencia que tinha razão para não fazer entrar no verdadeiro conhecimento, a saber de ver com este criterio em que era impossivel continuarmos a viver. S. ex.ª disse que não podia em todo o caso responsabilisar-se pelo bom valor da garantia nem haver a composição de todos, não era só os ministros que deviam trabalhar, era preciso que os industriaes concorressem com a sua parte que é tão mais importantes para o levantamento das nossas industrias, era preciso que os publicos exercitassem seus, e assim levar a confiança ao espirito de todos e d'este modo pedia o pais estar certo que as difficuldades nem que nos teem sido vistas a braços desapparecerão por completo.

Não fugiremos á tentação de transcrever aqui os pontos principaes do discurso de s. ex.ª.

No anno de 1892 a 1893 calcula haver as seguintes despezas:

Despezas geraes do Thesouro	5:320.000$
Serviço dos ministerios	19.430.000$
Encargos da divida publica	21.440.000$
Total ...	46.200.000$

Tudo isto com relação a despezas ordinarias, porque nas extraordinarias temos:

Da metropole	3.430.000$
Colonias	1.840.000$
Somma	5.270.000$

As despezas totaes são pois 51.320 contos.

Calculando as receitas ordinarias em 42.020 contos e supposto que o monopolio dos phosphoros, abatido o novo receita dos mesmo, da 1.091 contos fica o deficit reduzido a 8.300 contos.

Este deficit pode reduzir-se ainda, porque por exemplo dispendem-se com os 1.400 com as classes inactivas quando se pode gastar muito menos; tambem é possivel modificar o regimen aduaneiro que dá ao estado um prejuizo de 178 a 180 contos, julgando-se a todo isto a circumstancia de não ter nenhum mais congruidade por agora.

Mostra que conhecimento-se a administrar com economia pode o deficit artificiosamente acabar e haver mesmo saldo para o anno seguinte.

Assim gastam-se 1.000 contos em edificios publicos quando para isso bastaria 200 contos.

Quanto ás despezas extraordinarias tambem podem ser reduzidas, podem reduzir-se as somarias do estado ao que respeita ao porto de Lisboa.

Passando estas reflexões, diz o ministro, que o deficit relativamente fica reduzido a 30:000 contos, devendo dizer d'isso de haver deficit orçamental.

Mas tambem se pode augmentar a receita porque por exemplo a contribuição predial dá 2.116 mezes, podendo render muito mais quando houvesse fiscalisação. Com a contribuição sumptuaria ha tambem elementos, e para não citar o facto de haver em Lisboa 80 mil pessoas sujeitas ao registo da contribuição, bastando uma verificação feita por 6 thesoura, para ha muitos mais.

Em resposta ao sr. Thomaz Ribeiro, diz que tanto o Banco de Portugal, como o thesouro teem suficiente fundo, e nem exageramos ao extraordinario amparo que as reservas do Banco são hoje: suficientes o que a circulação fiduciaria não excede as necessidades do paiz.

Com relação ao restabelecimento da circulação metallica, disse que vae o governo, de accordo com o Banco, augmentar-lhe ou metal o que d'ella recebem tambem em metal, o para uns lados recorrer a um emprestimo, pois não encontra outro meio de que possa servir-se.

Acabou assim o mui discurso sensatissimo, que ouvimos com a attenção de todos, e que todos devemos, pois não se pode continuar a viver como até agora se tem vivido.

CAMARA DOS DEPUTADOS

Não ouvimos ao discurso o projecto dos pastos, apesar de ter sido dado para ordem do dia, visto o sr. ministro da fazenda ter de comparecer na outra casa do parlamento.

Continuou pois para ordem do dia, o ensino technico, acabando o sr. Dias Costa, o deputado Dias Costa, que falou largamente sobre a organisação do ensino industrial. Concluiu a responder-lhe o sr. Adriano Monteiro, tendo-lhe a palavra reservada.

ENCERRAMENTO DAS CORTES

Presume-se em principio os trabalhos até 60 ou 61 (?) foi segundo consta concluindo nas cinco as propostas, faltando-se ao mesmo tempo necessario, tendo de Credo cabo concorrer a reunião de Estado para ser exercido nisto este assumpto, parece porem que as ordens do estado e não fazer cada d'ella, nem não fechar as camaras, para novamente serem abertas no dia 2, dirigindo-se já para o dia cinco o projecto dos pastos.

BANCO LUSITANO

Correm tambem insistentes a noticia que houve tenções para a reorganisação do Banco.

Em virtude de um requerimento do sr. Mendonça Cortez, que queria que a assembléa fosse annulada, para resolver sobre o caso, depois de haver ido ao extraordinario algumas directores e antecedentes com os credores do Banco, que recebem fora do Portugal.

Foi votado o requerimento e em seguida uns accionistas pediu a palavra para explicação do voto. Como falasse sobre esse assumpto differente o presidente mandou-a cahir, tendo-se obrigado a ella-o na sua, este sr. accionista chegou mesmo a desafiar as pessoas presentes.

COMPANHIAS

Vão ser assignados dois decretos: um que approva os estatutos da companhia do porto das pereiras dos buzios, organisada por serpa Pinto; outro que approva os novos estatutos, modificados, da companhia de Moçambique.

LUZES.

Thalegrammas d'esta paiz dizem que os negocios vão irregulares, não só por causa da situação de greve, mas tambem porque não ha ainda entre os accionistas bom entendimento. Referem-se ao Brazil, capital do Estado e Banco Estrangeiro, para despacharem o gabinete.

REFORMAS

Diz-se que se estão preparando nas diversas repartições reformas importantissimas, que darão em evidencia o pessoal do Ministerio da guerra.

EMPRESTIMO

Falla-se n'um emprestimo de 40:000 contos, já realisado na praça de Londres segundo uns, e segundo outros em Berlim, Londres e Paris.

Diz-se que para a emissão o governo offereceu o resultado dos caminhos de ferro do Estado.

LUZES

As luzes regulam pois comsumo a 4:700 réis; parece que devem subir mais e se estas não attendem ás pessoas que o offerta foi muito grande, devendo assim lograrem aquelles que empenham por esta occasião para se verificar.

A LUZ

A ultima ordem do exercito publicou o seguinte preceito:

«Continuando por differentes jornaes da capital que alguns officiaes do exercito, reunidos em uma associação de caracter exclusivamente politico, têm praticado actos que podem causar damno á disciplina militar por serem contrarios á harmonia que deve existir entre o exercito e as prescripções restrictivas d'estes mesmos direitos, que devem ser observados pelos individuos pertencentes ao exercito e quem constituem o complexo das leis e regulamentos que a mesma classe respectiva militar compete fazer respeitar: mando ter em especial attenção pela necessaria do estado em tempos de guerra, que o commandante da 1.ª divisão militar, tendo em vista o disposto na portaria de 4 de maio do corrente anno, determinação 7.ª do artigo 10.º do decreto n.º 33 de 1866 e disposição 4.ª do artigo do decreto n.º 55 de 1870, proceda immediatamente a uma rigorosa syndicancia sobre os factos apontados, tornando para isso as investigações que houverem de ser feitas as estatuas publicadas nos referidos jornaes sobre o mencionado assumpto.

O mesmo general remetterá, sem perda de tempo, para esta secretaria do estado, o resultado da syndicancia que ora presente portaria lhe é ordenada.

Paço, em 26 de dezembro de 1891. —*João Chrysostomo d'Abreu e Sousa*.

Desastre

Surprehendeu-nos desagradavelmente tudo a cidade, o desastre do que foi victima, naquella feira passada o nosso prestimoso e respeitavel amigo Manuel Telles de Vasconcellos, dignissimo vereador d'esta camara.

Quando s. ex.ª regressava, a cam no seu dog-cart o cavallo desbocou-se obrigando-o a saltar da cleadela; felizmente o equilibrio o foi tão infeliz ou quede que teve das rodas lhe lhe fracturou perna direita.

A luva ao successo está ainda o seu estado bastante melindroso e que inspira serios cuidados.

Bellas-artes

Realisou-se uma conferencia sobre o sr. José d'Azevedo Castello Branco, director geral das Bellas-Artes e a direcção do Grande Artistico, a fim assumir que lera a sua exposição sendo em março, concorrendo, porem, á primeira exposição trienal o interessante já provavelmente pelo governo. Esta exposição realisar-se-ha no mez, sob a direcção da Academia das Bellas-Artes.

A NOSSA CARTEIRA

Sahiu para Lisboa o nosso respeitavel amigo e assignante João Manuel Mendes Nunes, digno caixeiro principal [illegible].

Esteve em Paris, de volta a sua pat, regressando já a Lisboa, o distincto medico sr. Arthur Pinheiro Ferreira.

Esteve entre nós o sr. Antonio Ribeiro Marques, digno caixeiro principal [illegible].

Esteve ainda entre nós o negocio de carvão o sr. Francisco Maria da Silveira, que [illegible].

Foi tambem a Lisboa, [illegible].

Esteve durante uns dias [illegible].

Foi tambem a Lisboa, [illegible].

Regressou a Paris o nosso amigo sr. dr. Leonardo Augusto Ribeiro de Vasconcellos.

Esteve entre nós o nosso amigo sr. dr. [illegible].

Chegou hontem de Manteiga [illegible].

S. ex.ª deixou a esta cidade [illegible].

Operarios

Diz o *Jornal do Commercio* que vão ser admittidos os operarios que ha dias foram despedidos das obras do Paiz de Lisboa.

Borges grainha

Na revisão da commissão de inquerito ao caso de outras religiosos existe o sr. Borges Grainha, auctor do livro *O jesuitismo*, que foi sentido sobre todos os pontos, do seu livro. Diz-se que foi revelações importantes.

Director telegrapho postal

Causou que o director telegrapho-postal d'este districto, vae ser transferido, talvez para Bragança.

Theatro

Está organisada já, segundo nos consta uma troupe de amadores dramaticos que tencionam brevissimo levar a scena, no theatro da Bombeira Voluntaria, um drama intitulado *A pazes do Soldado*.

GAZETILHA

Até já um importador, ao seu [illegible]

(Do Diario Popular)

Incendio de deanjos
O demonio do repar
Cobria-lhe a cara de beijos
Segurando-a por detraz...

Bombeiros acha curioso
O conquistador nadar,
Quando alli... que desatino!
Talvez fazendo-o algo mais.

A direcção do Club Eguiviense offereceu o ultimo baile aos academicos de Lisboa, Coimbra e Porto, a festas n'esta cidade.

(Do noticiario.)

Quando o escandalisam com
Por este noticia sobe
Exclusa: Olé co'os demonios
A direcção do club
Quereis tornar-se acaso
—Agencia de contrabandos?!!

SALOMÉ JESUS.

Típico representante da imprensa ligada aos trabalhadores, *O Protesto Operário* foi um semanário que se originou da fusão de duas folhas operárias, uma lisbonense e outra portuense, tendo circulado nas duas cidades entre 5 de março de 1882 e 22 de abril de 1894[194]. No próprio frontispício, o jornal demonstrava suas filiações, estampando o dístico "órgão do Partido Operário Socialista". Ao apresentar-se ao público, em seu número inaugural[195], o periódico enfatizava que já tinha uma caminhada anterior na publicidade e, portanto, não era um "jornal novo" e sim "a continuação de duas publicações cujo ideal" já se afirmara "na ala dos combates da imprensa", através da união de *O Protesto* que existia em Lisboa havia mais de sete anos e *O Operário* que circulava no Porto havia quase três. Nesse sentido, era anunciado que, "irmãos pelas circunstâncias que lhes deram a vida, pelas condições da sua existência e pelas aspirações", os dois jornais, "unidos moralmente desde os seus primeiros dias pela afinidade de princípios", uniam-se materialmente naquele momento, "pelas necessidades" que lhe impunham "a natureza da luta em que se empenhavam".

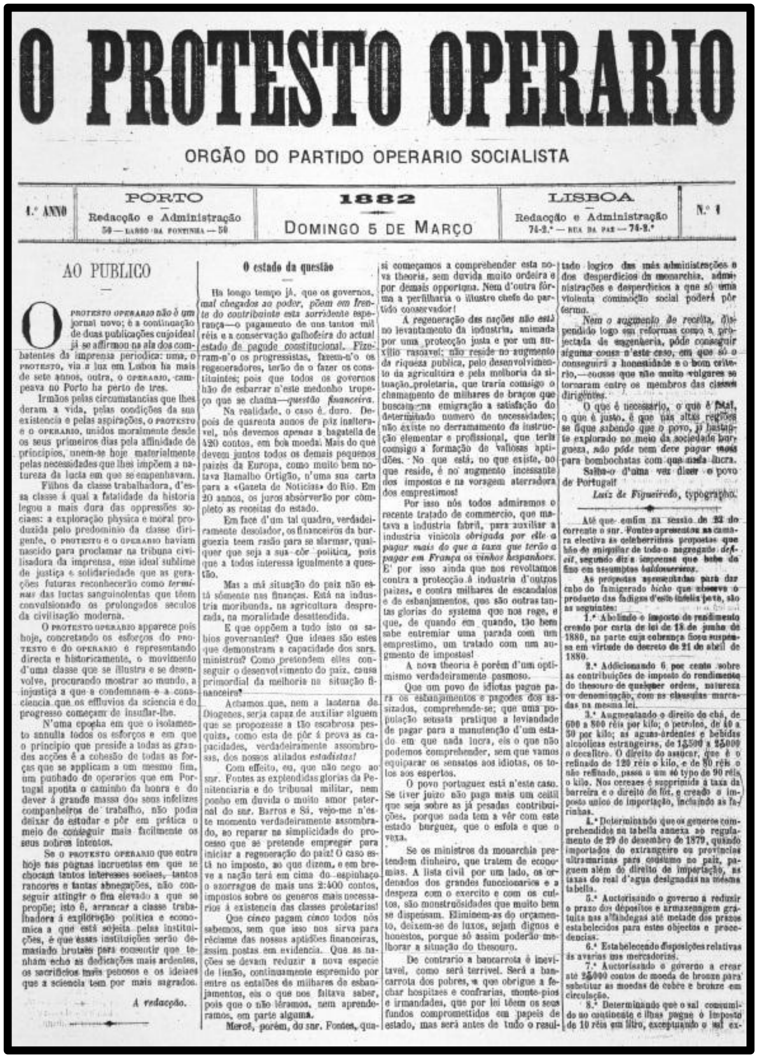
Ainda na apresentação, o novo periódico lembrava suas origens, destacando que, "filhos da classe trabalhadora", ou seja, daquela "classe a que a fatalidade da história" legara "a mais dura das opressões sociais", representada pela "exploração física e moral produzida pelo predomínio da classe dirigente, *O Protesto* e *O Operário* teriam "nascido para proclamar na tribuna civilizadora da imprensa" um "ideal sublime de justiça e solidariedade que as gerações futuras"

[194] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 208.
[195] O PROTESTO OPERÁRIO. Lisboa e Porto, 5 mar. 1882. A. 1. N. 1. p. 1.

reconheceriam "como *terminus* das lutas sanguinolentas" que vinham convulsionando "os prolongados séculos da civilização moderna". Dessa forma, *O Protesto Operário* estaria a aparecer "concretando os esforços" das duas publicações que lhe deram origem "e representando direta e historicamente o movimento de uma classe" que se ilustrava e se desenvolvia, "procurando mostrar ao mundo a injustiça" a que a mesma estaria condenada e "a consciência que os eflúvios da ciência e do progresso" começavam a insuflar-lhe.

Buscando demonstrar conhecimento de causa em relação à conjuntura vivida pela nação lusa naquele momento, o periódico afirmava que, "numa época em que o isolamento" anulava "todos os esforços e em que o princípio" que presidia "a todas as grandes ações" era "a coesão de todas as forças" que se aplicavam "a um mesmo fim, um punhado de operários que em Portugal" apontava "o caminho da honra e do dever à grande massa dos seus infelizes companheiros de trabalho", não poderia "deixar de estudar e por em prática o meio de conseguir mais facilmente os seus nobres intentos". Nesse contexto, afiançava que se *O Protesto Operário*, que entrava naquelas "pugnas incruentas", em que se chocavam "tantos interesses sociais, tantos rancores e tantas abnegações", não conseguisse "atingir o fim elevado" a que se propunha, "isto é, arrancar a classe trabalhadora à exploração política e econômica" a que estava sujeita pelas instituições, tal impossibilidade adviria do fato de que tais instituições seriam "demasiado brutais para consentir" que tivessem "eco as

dedicações mais ardentes, os sacrifícios mais penosos e os ideais que a ciência" tinha "por mais sagrados".



O PROTESTO OPERARIO

ORGÃO DO PARTIDO OPERARIO SOCIALISTA

1.º ANNO | PORTO — Redacção e Administração 50 — LARGO DA FONTINHA — 50 | 1882 — DOMINGO 5 DE MARÇO | LISBOA — Redacção e Administração 74-2.º — RUA DA PAZ — 74-2.º | N.º 1

AO PUBLICO

O PROTESTO OPERARIO não é um jornal novo; é a continuação de duas publicações cujo ideal já se affirmou na ala dos combatentes da imprensa periodica: uma, o PROTESTO, via a luz em Lisboa ha mais de sete annos, outra, o OPERARIO, campeava no Porto ha perto de tres.

Irmãos pelas circumstancias que lhes deram a vida, pelas condições da sua existencia e pelas aspirações, o PROTESTO e o OPERARIO, unidos moralmente desde os seus primeiros dias pela affinidade de principios, unem-se hoje materialmente pelas necessidades que lhes impõem a natureza da lucta em que se empenhavam.

Filhos da classe trabalhadora, d'essa classe á qual a fatalidade da historia legou a mais dura das oppressões sociaes: a exploração physica e moral produzida pelo predominio da classe dirigente, o PROTESTO e o OPERARIO haviam nascido para proclamar na tribuna civilisadora da imprensa, esse ideal sublime de justiça e solidariedade que as gerações futuras reconhecerão como *terminus* das luctas sanguinolentas que têem convulsionado os prolongados seculos da civilisação moderna.

O PROTESTO OPERARIO apparece pois hoje, concretando os esforços do PROTESTO e do OPERARIO e representando directa e historicamente, o movimento d'uma classe que se illustra e se desenvolve, procurando mostrar ao mundo, a injustiça a que a condemnam e a consciencia que os effluvios da sciencia e do progresso começam de insuflar-lhe.

N'uma epocha em que o isolamento annulla todos os esforços e em que o principio que preside a todas as grandes acções é a cohesão de todas as forças que se applicam a um mesmo fim, um punhado de operarios que em Portugal aponta o caminho da honra e do dever á grande massa dos seus infelizes companheiros de trabalho, não podia deixar de estudar e pôr em prática o meio de conseguir mais facilmente os seus nobres intentos.

Se o PROTESTO OPERARIO que entra hoje nas pugnas incruentas em que se chocam tantos interesses sociaes, tantos rancores e tantas abnegações, não conseguir attingir o fim elevado a que se propõe; isto é, arrancar a classe trabalhadora á exploração politica e economica a que está sujeita pelas instituições, é que essas instituições serão demasiado brutaes para consentir que tenham echo as dedicações mais ardentes, os sacrificios mais penosos e os ideiaes que a sciencia tem por mais sagrados.

A redacção.

O estado da questão

Ha longo tempo já, que os governos, *mal chegados ao poder, põem em frente do contribuinte esta sorridente esperança*—o pagamento de uns tantos mil réis e a conservação galhofeira do actual estado de pagode constitucional. Fizeram-n'o os progressistas, fazem-n'o os regeneradores, terão de o fazer os constituintes; pois que todos os governos hão de esbarrar n'este medonho tropeço que se chama—*questão financeira*.

Na realidade, o caso é duro. Depois de quarenta annos de paz inalteravel, nós devemos *apenas* a bagatella de 420 contos, em boa moeda! Mais do que devem juntos todos os demais pequenos paizes da Europa, como muito bem notava Ramalho Ortigão, n'uma sua carta para a «Gazeta de Noticias» do Rio. Em 20 annos, os juros absorverão por completo as receitas do estado.

Em face d'um tal quadro, verdadeiramente desolador, os financeiros da burguezia teem rasão para se alarmar, qualquer que seja a sua côr politica, pois que a todos interessa igualmente a questão.

Mas a má situação do paiz não está sómente nas finanças. Está na industria moribunda, na agricultura desprezada, na moralidade desattendida.

E que oppõem a tudo isto os sabios governantes? Que ideias são estes que demonstram a capacidade dos snrs. ministros? Como pretendem elles conseguir o desenvolvimento do paiz, causa primordial da melhoria na situação financeira?

Achamos que, nem a lanterna de Diogenes, seria capaz de auxiliar alguem que se propozesse a tão escabrosa pesquiza, como esta de pôr á prova as capacidades, verdadeiramente assombrosas, dos nossos atilados *estadistas!*

Com effeito, eu, que não nego ao snr. Fontes as explendidas glorias da Penitenciaria e do tribunal militar, nem ponho em duvida o muito amor paternal do snr. Barros e Sá, vejo-me n'este momento verdadeiramente assombrado, ao reparar na simplicidade do processo que se pretende empregar para iniciar a regeneração do paiz! O caso está no imposto, ao que dizem, e em breve a nação terá em cima do espinhaço o azorrague de mais uns 2:400 contos, impostos sobre os generos mais necessarios á existencia das classes proletarias!

Que *cinco* pagam *cinco* todos nós sabemos, sem que isso nos sirva para réclame das nossas aptidões financeiras, assim postas em evidencia. Que as nações se devam reduzir á nova especie de limão, continuamente espremido por entre os entalões de milhares de esbanjamentos, eis o que nos faltava saber, pois que o não líramos, nem aprenderamos, em parte alguma.

Mercê, porém, do snr. Fontes, quasi começamos a comprehender esta nova theoria, sem duvida muito ordeira e por demais opportuna. Nem d'outra fórma a perfilharia o illustre chefe do partido conservador!

A regeneração das nações *não está* no levantamento da industria, animada por uma protecção justa e por um auxilio rasoavel; não reside no augmento da *riqueza* publica, pelo desenvolvimento da agricultura e pela melhoria da situação proletaria, que traria comsigo o chamamento de milhares de braços que buscam na emigração a satisfação do determinado numero de necessidades; não existe no derramamento da instrucção elementar e profissional, que teria comsigo a formação de valiosas aptidões. No que está, no que existe, no que reside, é no augmento incessante dos impostos e na voragem aterradora dos emprestimos!

Por isso nós todos admiramos o recente tratado de commercio, que matava a industria fabril, para auxiliar a industria vinicola *obrigada por elle a pagar mais do que a taxa que terão a pagar em França os vinhos hespanhoes*. E' por isso ainda que nos revoltamos contra a protecção á industria d'outros paizes, e contra milhares de escandalos e de esbanjamentos, que são outras tantas glorias do systema que nos rege, e que, de quando em quando, tão bem sabe entremiar uma parada com um emprestimo, um tratado com um augmento de impostos!

A nova theoria é porém d'um optimismo verdadeiramente pasmoso.

Que um povo de idiotas pague para os esbanjamentos e pagodes dos sizados, comprehende-se; que uma população sensata pratique a leviandade de pagar para a manutenção d'um estado em que nada lucra, eis o que não podemos comprehender, sem que vamos equiparar os sensatos aos idiotas, os tolos aos espertos.

O povo portuguez está n'este caso. Se tiver juizo não paga mais um ceitil que seja sobre as já pesadas contribuições, porque nada tem a vêr com este estado burguez, que o esfola e que o vexa.

Se os ministros da monarchia pretendem dinheiro, que tratem de economias. A lista civil por um lado, os ordenados dos grandes funccionarios e a despeza com o exercito e com os cultos, são monstruosidades que muito bem se dispensam. Eliminem-as do orçamento, deixem-se de luxos, sejam dignos e honestos, porque só assim poderão melhorar a situação do thesouro.

De contrario a bancarrota é inevitavel, como será terrivel. Será a bancarrota dos pobres, a que obrigue a fechar hospitaes e confrarias, monte-pios e irmandades, que por lei têem os seus fundos compromettidos em papeis de estado, mas será antes de tudo o resultado logico das más administrações e dos desperdicios da monarchia, administrações e desperdicios a que só uma violenta commoção social poderá pôr termo.

Nem o augmento de receita, dispendido logo em reformas como a projectada de engenharia, póde conseguir alguma cousa n'este caso, em que só o conseguirá a honestidade e o bom criterio,—cousas que não muito vulgares se tornaram entre os membros das classes dirigentes.

O que é necessario, o que é fatal, o que é justo, é que nas altas regiões se fique *sabendo* que o povo, já bastante explorado no meio da sociedade burgueza, *não póde nem deve pagar mais* para bombochatas com que nada lucra.

Saiba-o d'uma vez dizer o povo de Portugal!

Luiz de Figueiredo, typographo.

Até que emfim na sessão de 22 do corrente o snr. Fontes apresentou na camara electiva as celeberrimas propostas que hão de enxugar de todo o negregado *deficit*, segundo diz a imprensa que bebe do fino em assumptos [illegible].

As propostas apresentadas para dar cabo do famigerado *bicho* que absorve o producto das fadigas d'este infeliz povo, são as seguintes:

1.º Abolindo o imposto de rendimento creado por carta de lei de 18 de junho de 1880, na parte cuja cobrança ficou suspensa em virtude do decreto de 21 de abril de 1880.

2.º Addicionando 6 por cento sobre as contribuições de imposto do rendimento do thesouro de qualquer ordem, natureza ou denominação, com as clausulas marcadas na mesma lei.

3.º Augmentando o direito do chá, de 600 a 800 réis por kilo; o petroleo, de 40 a 50 por kilo; as aguas-ardentes e bebidas alcoolicas estrangeiras, de 1$500 a 2$000 o decalitro. O direito do assucar, que é o refinado de 120 réis o kilo, e de 80 réis o não refinado, passa a um só typo de 90 réis o kilo. Nos cereaes é supprimida a taxa da barreira e o direito de lot, e creado o imposto unico de importação, incluindo as farinhas.

4.º Determinando que os generos comprehendidos na tabella annexa ao regulamento de 29 de dezembro de 1879, quando importados do extrangeiro ou provincias ultramarinas para consumo no paiz, paguem além do direito de importação, as taxas do real d'agua designadas na mesma tabella.

5.º Auctorisando o governo a reduzir o prazo dos depositos e armazenagem gratuita nas alfandegas até metade dos prazos estabelecidos para estes objectos e procedencias.

6.º Estabelecendo disposições relativas ás avarias nas mercadorias.

7.º Auctorisando o governo a crear até 2$000 contos de moeda de bronze para substituir as moedas de cobre e bronze em circulação.

8.º Determinando que o sal consumido no continente e ilhas pague o imposto de 10 réis em litro, exceptuando o sal ex-

Em Leiria, sede do distrito homônimo, em zona litorânea portuguesa, foi publicado, entre 4 de abril de 1882 e 2 de abril de 1910[196], o semanário *O Distrito de Leiria*. Seguindo bem a contento os ditames do jornalismo regional, dizia em seu programa que estava convencido "da necessidade de, por um modo, preencher a falta de uma publicação periódica na capital de um distrito" que havia certo tempo renegara "os seus gloriosos pergaminhos literários, como a primeira das províncias que implantou a tipografia" e essa seria uma das razões para "encetar a publicação" de tal periódico. Na mesma perspectiva, afirmava que procuraria "advogar sinceramente todas as questões literárias e econômicas, agrícolas e comerciais, administrativas e industriais que mais de perto" interessassem à região. A tal proposta, somava-se a perspectiva partidária, declarando a folha que professaria "em política o credo regenerador, em cujas fileiras" se alistara "como soldado obscuro", mas atalhava que a sua "dedicação partidária" não se traduziria "em subserviência", nem em sujeição de princípios e convicções[197].

[196] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 264.
[197] O DISTRITO DE LEIRIA. Leiria, 4 abr. 1882. A. 1. N. 1. p. 1.

Numero 634 — Sabbado, 19 de maio de 1894 — Anno XIII

ASSIGNATURA

Franco de porte

REDACTOR RESPONSAVEL

Dr. Diogo Pinho

O DISTRICTO DE LEIRIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PUBLICAÇÕES

Communicados e annuncios, 40 réis cada linha ou espaço de linha.

Repetições........ 20 rs. cada l.

Para os assignantes menos 25 p. c.

Tanto as assignaturas como os annuncios são pagos adiantadamente.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Campo de D. Luiz I, 10

EXPEDIENTE

Pedimos aos srs. assignantes, que se acham ainda em debito do anno de 1893 o favor de mandarem satisfazer as suas assignaturas.

LEIRIA

Camara Municipal

Resumo da acta da sessão de 16 de maio de 1894

Presidencia do sr. dr. Atayde.

Vereadores — os srs. Rodrigues, Lopes Vieira, Batalha, Santos e Peralta da Silva.

Aberta sessão ás 11 1/2 horas da manhã.

Acta approvada.

Lida correspondencia a que se deu o devido destino.

—Um officio sob o n.º 35, da camara de Villa Nova d'Ourem, sobre delimitação concelhia no sitio da Memoria, freguezia d'Espite.

O procurador municipal colhe informações.

—Um officio da commissão do recenseamento eleitoral sobre despezas com eleição de deputados e delegados ao collegio districtal.

Inclue-se em orçamento.

—Um officio da administração do concelho, pedindo a concessão de subsidio para lactação de um filho de Anna da Silva, viuva de Augusto d'Oliveira, de Leiria.

Concedido.

—Um officio do governo civil enviando um requerimento da junta de parochia de Souto da Carpalhosa, ácerca de ampliação do cemiterio da mesma freguezia.

Archive-se, visto haver-se tratado d'este negocio na sessão precedente.

—Deliberada a construcção de um cano na rua S. Braz.

—Sob proposta do sr. vereador Rodrigues, deliberou se, precedendo as formalidades legaes, o ser contrahido um emprestimo de 30 contos de réis, destinado á construcção de um mercado coberto, de casa para bibliotheca, construcção de calçadas e macadames, cemiterios e sentinas.

Requerimentos

—De José Ferreira e de Francisco Marques, de Famalicão, para estender matto em caminhos publicos.

Concedido.

—De Joaquim José Ferreira, de Leiria, solicitando auctorisação para mudança de caminho.

Deferido.

De Manuel Joaquim de Faria, de Leiria, submettendo á approvação o alçado para reconstrucção de casa.

Approvado.

—D José Marques dos Neves, da Marinha Grande, pedindo licença para seguir os alinhamentos marcados em planta que apresenta, no sitio do Lavrão.

Concedido nos termos do n.º 23 do art. 117 do codigo administrativo.

Venda de fóros, censos e pensões ao passo e administração da fazenda nacional perante o governador civil de Leiria

NO DIA 2 DE JUNHO DE 1894

[illegible]

Questão luzo-brazileira

O governo foi em 14 do corrente surprehendido com um despacho telegraphico do nosso ministro no Brazil, communicando que acabava de receber longa nota queixando-se de que o governo portuguez tomara a responsabilidade do asylo concedido aos revoltosos, e a aggravára com falta de vigilancia, e enviando passaporte para o pessoal da legação.

O ultimo despacho anterior, de 30 de abril, participando que o ministro dos extrangeiros esperava informações ácerca da fuga dos revoltosos para manifestar a opinião do governo, accrescentava que elle parecera moderado.

Por sua parte o governo portuguez tinha a consciencia de ter procedido em todo este negocio com a maxima correcção, não só guardando todas as deferencias devidas para com o governo da republica, mas dando as mais terminantes ordens, para manter o compromisso, espontaneamente tomado, de não deixar desembarcar os refugiados senão em terreno portuguez. E ainda agora, no mesmo momento em que tão infundadamente a republica do Brazil rompia relações diplomaticas comnosco, chegava-nos o manifesto de Saldanha da Gama, queixando-se amargamente do governo portuguez, por se ter opposto tenazmente ao desembarque dos refugiados!

O proprio representante do Brazil em Lisboa, que recebeu identica communicação do seu governo, com ordem para pedir immediatamente o seu passaporte, se mostrou surprehendido e magoado com aquella resolução.

Nada pois podia fazer prever semelhante rompimento. Lamentando profundamente esta occorrencia, da qual não poode ainda até hoje obter nenhuma outra explicação, o governo resolveu publicar immediatamente toda a correspondencia telegraphica trocada officialmente desde o pedido do asylo, até áquella data, dar conhecimento do occorrido ás potencias extrangeiros, e solicitar a sua interferencia no restabelecimento das relações dos dous povos irmãos.

O governo está já colhendo o fructo do seu acertado procedimento. A publicação da correspondencia official levou aos espiritos mais rebeldes a prova cabal da correcção com que procedeu, todo o corpo diplomatico de Lisboa deu testemunho da mais completa adhesão; e ha já certeza dos bons officios do governo inglez, e cremos que da França, na solução honrosa d'esta pendencia.

Confiamos pois que o proprio governo da republica dos Estados Unidos do Brazil não tardará a reconhecer a sem razão da sua queixa.

Oxalá nos não enganemos.

Um novo telegramma do sr. conde de Paraty, recebido hontem, faz suppor que o que levou provavelmente o marechal Peixoto a romper as relações com Portugal, a que aliás o incitava ha tempo uma certa corrente de opinião do partido exaltado, foi a declaração feita na imprensa pelo sr. Augusto Castilho, commandante, da Mindello, de que fôra elle que espontaneamente offerecera o asylo aos revoltosos.

Era já notorio que aquelle official procedera de encontro ás terminantes instrucções do governo, tanto pelo que respeita ao recebimento dos revoltosos, como á sua sahida do Rio de Janeiro. Aquella confissão, aliás em harmonia com o manifesto de Saldanha da Gama, mais aggrava a sua posição.

Os actos irregulares do chefe da esquadra, não podem porem justificar o rompimento. E' pois de suppôr que em vista dos documentos officiaes, que tornam bem patente a lisura do procedimento do nosso governo, o Brazil não tarde, como dissémos, a restabelecer as relações.

Concentração liberal

E' este o titulo que adoptou a reunião de pares e deputados dos diversos grupos opposicionistas, celebrada em 16 do corrente nas salas da redacção do *Commercio de Portugal*, sob a presidencia do sr. conselheiro João Chrysostomo, para protestar contra o decreto de 4 do corrente, que convocou as camaras para outubro.

Os 16 ministros honorarios que assignaram os convites, todos elles mais ou menos inquinados de dictaduras e varios peccadilhos contra a liberdade, carecem de auctoridade para arvorar a sua bandeira; e a mal disfarçada desordem com que correu a assembléa, está longe de justificar a pretendida concentração. Mas n'isto de agua benta, cada um toma a que quer; sejam pois liberaes concentrados.

Resolveram elles: redigir um protesto contra o decreto de 4 de maio; levar uma representação a el-rei solicitando a immediata convocação das camaras; nomear uma commissão para dirigir os trabalhos de concentração.

O peior de tudo é que o paiz não se governa com cantigas!

Centenario da expedição da India

Attendendo ao que em seu nome e no de diversas associações lhe foi representado pela sociedade de geographia de Lisboa, o governo acaba de nomear um commissão encarregada de preparar, organisar e dirigir a celebração nacional do quarto centenario da partida de Lisboa da expedição que descobriu o caminho maritimo da India.

A commissão é presidida pelo sr. Pinheiro Chagas e composta da direcção d'aquella sociedade e membros delegados de numerosas corporações.

Esta commemoração, deve, diz o decreto, assumir a caracter de uma verdadeira festa nacional, convindo interessar no seu esplendor todas as forças e actividades da sociedade portugueza.

Ainda a museu archeologico

A proposito do artigo que no nosso ultimo numero inserimos, do sr. Dodgson, recebemos do distincto professor o sr. J. Leite de Vasconcellos, a carta que abaixo publicamos e em que se aventa a idéa d'um museu municipal archeologico.

Por mais d'uma vez temos, n'este jornal, advogado a fundação de um museu municipal, embora com caracter mais generico, predominando n'elle a exposição das enormes riquezas mineralogicas do districto e particularmente do concelho, as qual poderia servir de incentivo á sua exploração.

Isto porém não obsta a que do melhor grado applaudamos a creação de um museu archeologico. Não nos parece que a capella do castello podesse sem grande despeza apropriar-se áquelle fim; mas vae, suppômos, fundar-se brevemente uma bibliotheca municipal; lembramos pois que uma das suas salas poderia, sem augmento de despeza, ser destinada ao referido museu.

Do nosso prezado amigo e digno director da escola industrial, o sr. Christino da Silva, recebemos tambem, a proposito do artigo do sr. Dodgson, a carta que gostosamente publicamos.

FOLHETIM

A ESCOLA E AS CREANÇAS

Para uns é assumpto esgotado a escola: para outros é descurado e menos estudado. A escola não é só a cartilha, não deve sêl-o: seja tambem um compendio de moral e gymnastica.

Educação intellectual, phisica e moral—eis o grande, o verdadeiro objectivo. Da falta d'estes tres elementos resulta a ignorancia, o definhamento e o crime.

A idéa predomina, como a virtude, como o musculo. A luz sae do cerebro, a moral do coração, o trabalho do musculo. Illumine-se, moralise-se, robusteça se, somma—educque-se.

A mãe gêra e cria, raras vezes educa. Não sabe: educae-a na creança, que será mãe amanhã.

Não façamos só figurinos, não ensinemos só o francez: façamos mães. Não façamos só homens, façamos tambem cidadãos.

Fazer um homem é simples e rapido: fazer um cidadão é demorado e complexo. O homem é a materia prima, o cidadão é o artefacto: o artifice será primeiro o mestre, depois a mãe.

A mãe é de hontem, é de ha muito: a creança deve ser de hoje e do futuro.

A escola deve ser o laboratorio onde se purifiquem esses crystaes —as creanças. Se o chimico fôr habil, o cristal sairá puro.

O meio tem uma influencia importantissima sobre o individuo: a criança molda-se quasi como a cêra ás forças que, actuando sobre ella, lhe formam o caracter. Modificar a acção d'essas forças, attenual-as, inutilisal-as quando seja possivel, é um dever, é uma necessidade, o que é mais.

Se a criança vem do lôdo, não sirva este facto senão como indicador das impurezas que arrasta, senão como motivo de mais cuidado e dedicação. Depois de educada, é um cidadão util ou uma mãe modelo. Que importa d'onde veio!

Veio da miseria, da opulencia, da fome, da abundancia, da pureza, da corrupção, da honradez, da infamia! Que importa vir d'um palacio ou d'uma taberna! Venha d'onde vier, pode estar contaminada. A origem nada tem com o fim: não deve tel-o.

O cidadão honesto, trabalhador, sabio, é um producto; pouco importa que viesse d'um berço rico ou miseravel: fizeram-no util e bom é-o. Nem sempre do ouro sae o bem, nem sempre da fome sae o crime: ha o vicio illustrado e rico, ha a virtude analphabeta e pobre. Ha a prostituição vestida de seda, ha a honestidade vestida de farrapos. Ha o trabalho com fome e honra, ha a ociosidade com dinheiro e vicios.

A origem, repita-se sempre, pouco importa. Ninguem pergunta ao ambar que nos perfuma se veio da dejecção d'um crustaceo, nem ao cholera que nos mata se veio da dejecção d'um rei. As hervas que nós gostamos nos banquetes, alimenta-as o estrume, que é a podridão: os vicios que corroem a sociedade, alimenta-os o dinheiro, que é a riqueza. As pedras que brilham no peito dos argentarios, arrojou-as talvez o rio á praia entre os lôdos: o paria que não tem nome foi talvez arrojado á roda por mãos que calçavam luvas.

Arrancae, pois, as crianças á ignorancia ao crime, á anemia. Venham d'onde vierem, educae-as: só assim serão uteis. Vem do prostibulo! Nada importa; a flôr não recusa a gota de orvalho que a vivifica e refresca, porque a nuvem a foi beber n'um charco.

Fazei como a nuvem: ide beber as crianças aos charcos e aos pantanos, e depurae-as pela educação: serão como essa gota—no charco podia matar, na flôr brilha como uma perola.

A escola ensina a lêr: deve educar tambem. Educar é bem construir, bem edificar: ler é bem illuminar o edificio. *Lêr é muito, lêr e ser bem educado é tudo.*

Educae as crianças! Desenvolvei-lhes as faculdades, instrui-as, dae-lhes lições de moral e civismo, alimentae-lhes o amor ao trabalho, recompensae-lhes o bem; pegae-lhes nos bracinhos, ensinando-lhes a encarar a luz e o futuro, dizei-lhes:—*caminhae caminhae sempre!*

Em Caminha, no extremo-norte de Portugal, na região do Minho, distrito de Viana do Castelo, foi publicada *A Estrela de Caminha*, um semanário de predomínio noticioso e regional que circulou entre 18 de julho de 1882 e 3 de janeiro de 1895[198]. Em seu programa, destacava que a sua bandeira era representada por "trabalho, progresso e moralidade" e, "sem compromissos, sem dependências", pretendia promover "a cooperação de todos aqueles que, amando a sua terra", envidassem "todos os esforços para a elevarem à altura do nível" que marcava "a civilização mais adiantada das outras povoações do reino". Explicava que Caminha carecia de "uma voz" que difundisse "suas necessidades, seus pedidos, suas aspirações e seus queixumes", propondo a reunião de seus conterrâneos, "com seu patriotismo, dedicação e aspirações", visando a atingir "o progresso real" da região. Além disso, oferecia "ao concelho de Caminha o concurso" dos seus "esforços para a obtenção da prosperidade" a que anelava e tinha "direito incontestável"[199].

[198] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 309.
[199] A ESTRELA DE CAMINHA. Caminha, 18 jul. 1882. A. 1. N. 1. p. 1.

A ESTRELLA DE CAMINHA

1.º ANNO — TERÇA-FEIRA 18 DE JULHO DE 1882 — N.º 1

Condições de assignatura

CAMINHA, semestre 500 reis — fóra de Caminha 560 rs. — Hespanha, semestre 14 reales — Brazil (pelos paquetes) anno, 2$400 reis (fortes). Numero avulso 40 reis. As assignaturas são pagas adiantadamente.

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS

Condições de publicação

ANNUNCIOS e communicados 30 rs. a linha, repetição 20 rs. Annuncios de sahida de navios (até 10 linhas) 100 reis. Annuncios com caracteres grandes e annuncios com clichés, contracto especial. — Os srs. assignantes 25 % de desconto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da Administração, Rua das Flores n.º 63 — Caminha.

CAMINHA 17 DE JULHO

TRABALHO, PROGRESSO, MORALIDADE, eis a nossa bandeira.

Nem outra queremos, nem outra precisamos.

TRABALHO: só elle fecunda, desenvolve e sazona as mil aspirações da humanidade inteira. O trabalho ennobrece a alma, robustece e aperfeiçoa a intelligencia, acalenta a virtude e santifica a existencia do homem. O trabalho vivifica as forças physicas, cria as intellectuaes, alimenta a phantasia e desenvolve as poeticas aspirações do progresso moral e material que são o commum de estimulo dos povos em todas as phases da sua existencia feliz.

PROGRESSO: o primogenito do trabalho, alvo das aspirações humanas, crypta do edificio social erigido pela intelligencia e pelo braço, ponto infinito do caminhar da humanidade. *Trabalha que eu te ajudarei*, dizia o Author da natureza ensinando ao homem a lei divina do trabalho, do amor, da virtude e do progresso.

MORALIDADE: a estrella ultra-brilhantissima que encima, e remata a corôa, d'essa gigantesca pyramide do progresso erigida pelo trabalho. E o canto da victoria, a harmonia da felicidade, o perfume da virtude, o raio mais puro da estrella do bem e da santidade. E o fructo abençoado do progresso, a esposa do trabalho, o punhal do vicio, o assassino da corrupção. E a amiga da paz, a companheira da tranquillidade, a guia da familia, a felicidade do lar!!...

TRABALHO — PROGRESSO — MORALIDADE — será a nossa bandeira — nem outra queremos — nem outra precisamos.

Sem compromissos, sem dependencias, a *Estrella de Caminha* apresenta-se hoje pela primeira vez diante dos seus leitores, fiada unicamente na cooperação de todos aquelles que amando a sua terra invidam todos os esforços para a elevarem á altura do nivel que marca a civilisação mais adiantada das outras povoações do reino.

Caminha, a formosa villa que nos foi berço, esta antiga caminha cheia de recordações, de titulos, de brazões e nobres tradições, sente desde ha muito a [illegible] d'uma voz que faça chegar onde suas necessidades possam ter satisfação, os pedidos, as aspirações e queixumes que até aqui sem tiverem echo.

Pelo nosso trabalho e até onde as forças o permittirem nos pugnaremos incansaveis pelo bem estar do povo, dando-lhe franca e lealmente o nosso conselho, no unico intuito de o guiar pelo caminho do trabalho, do progresso e da moralidade.

Por amigo queremos o povo; a opinião publica será a conselheira, desde que um e outra sejão alliados da obediencia á lei, do respeito á auctoridade e defeza das instituições.

Todos sabem apreciar os beneficos influxos que a augusta missão da imprensa imprime ao desenvolvimento das povoações onde ella existe. Para conseguirmos, porem, este resultado com mais facilidade vimos desprendidos de compromissos partidarios; guiaremos os nossos passos pelo amor que temos á nossa terra e á sua prosperidade; pugnaremos pela sua instrucção e pelos seus melhoramentos materiaes; e finalmente trabalharemos denodadamente na cultura do bem commum.

Em assumptos de publica administração, discutiremos os actos dos funccionarios quando elles não sejam guiados pela senda de rectamente dirigirem os interesses locaes, ou vão offender os direitos de terceiros; fal-o-hemos, porem, de forma que os homens fiquem independentes dos funccionarios.

Caminhenses: se o vosso patriotismo, a vossa dedicação e as vossas aspirações se harmonisam com o nosso modesto, mas levantado programma, uni-vos ahi; e todos, juntos, formando a força, attingiremos, sem duvida, o almejado ponto do nosso progresso real. E da unidade que essa força pode resultar e nós a nada mais aspiramos do que fazermos das columnas d'este jornal a cadeia que a todos una em fraternal abraço.

Embora sejamos impotentes para fazer irradiar a luz que deve illuminar os espiritos e encaminhal-os directamente á [illegible] das suas aspirações, [illegible] podermos ser, vistos no meio dos [illegible] da civilisação [illegible] o concelho de Caminha [illegible] dos nossos esforços para a [illegible] da prosperidade [illegible]

[illegible]

que vae destruido o imperio das [illegible] será tida por inviolavel a nossa profissão de fé.

[illegible]

No posto humilde que vimos occupar, seremos sinceros defensores da liberdade e do progresso.

[illegible]

valor de seus filhos. [illegible]

[illegible]

Esta deve ser a missão que se devem impor todos aquelles que aspiram a vel-a occupar, novamente o logar que lhe [illegible]

FOLHETIM

O CONCELHO DE CAMINHA

I

A VILLA DE CAMINHA

A villa de Caminha está edificada na confluencia do Coura com o rio Minho, sobre a margem d'este, e distante uns mil e quinhentos metros da sua foz no Oceano. Primeira povoação de Portugal na sua extrema costa do mar e reino do norte, dista da cidade de Vianna do Castello 18 kilometros para O. N. O., 23 da praça de Valença para O., 54 da cidade de Braga para O., e 109 da cidade do Porto para N. N. [illegible]

[illegible]

os primeiros exploradores das riquezas da nossa [illegible] praticas da navegação e do commercio, e a industria extractiva das minas [illegible]

[illegible]

El-rei D. Diniz mandou construir nova cerca de fortificações em 1284 [illegible]

[illegible]

El-rei de Castella, D. Filippe III, o II dos que governaram em Portugal, creou duque de Caminha por carta de 14 de dezembro de 1620, a D. Miguel Luiz de Menezes, 6.º marquez de Villa Real. [illegible]

[illegible]

Continúa.

O Imparcial de Coimbra circulou na região central lusitana, na capital do distrito homônimo, e, editado três vezes por semana, existiu entre 10 de maio de 1883 e 23 de dezembro de 1893[200]. De acordo com seu título, dizia que procuraria seguir sempre "os ditames da consciência", defender a verdade, proclamar a justiça e "promover os legítimos progressos e melhoramentos da nação, e principalmente" da sua cidade, porque estes seriam "a mais bela manifestação da vida de um povo laborioso e honrado". Defendia a "liberdade, que fosse pura, sem mistura de tiranias nem de facciosismos, e sempre igual para todos" e os "legítimos progressos do país" e daquela "cidade em especial"[201].

[200] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 409-410.
[201] O IMPARCIAL DE COIMBRA. Coimbra, 11 maio 1893. A. 11. N. 1.419. p. 1.

Anno XI--N.º 1:487

Terça-feira 24 de outubro de 1893

O Imparcial de Coimbra

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

ASSIGNATURA (PARA ASSIGNATURA)
Portugal e Ilhas (anno) ..... 3$000 réis
Semestre ..... 1$700 »
Trimestre ..... $900 »
Numero avulso ..... 40 réis

REDACTOR E EDITOR
Hermano J. Ferreira de Carvalho
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua dos Coutinhos, n.º 10

Annuncios judiciaes e de repartições publicas, linha ..... 40 réis
Repetições ..... 30 »
Annuncios particulares, linha ..... 30 »
Repetições ..... 15 »
Communicados, recordações, etc., linha ..... 30 »

Brazil

Quando ha dias aqui nos referimos á revolução que acta ensanguentando a desventurada sobre brasileiro e ficita dos seus paiz, que foi ousia, e a que ainda nos ligam laços d'amisade e interesses que não podem ser esquecidos, mal imaginavamos nós que a lucta fratricida em que aquelles nossos irmãos de alem mar se debatem, se havia de prolongar, terrivel e devastadora, sem que ponta prever-se-lhe o desejado termo!

E profundamente deploravel, é tristissimo o desolador que desenvenças pais os menos justificadas, entre dois homens — um que está occupando a magistratura suprema da nação, e outro que pretende occupal-a — se tradurem numa lucta sanguinia, sem que o paiz a provocasse nem a quizesse, pois que á grande massa da população brasileira pouco importa, sem duvida, que o chefe do poder executivo se chame Florianno ou Custodio, que seja um general arrojado, mas intimoso e despotico, ou um almirante desintendido, mas irrequeieto!

O que o Brazil deseja certamente é um governo serio e economico, que lhe proteja a prosperidade interna e o respeito e consideração externa; que lhe desenvolva a agricultura, que lhe honeste a industria, que lhe proteja o commercio, e que, sem odios nem rivalidades pessoaes, administre rigorosamente a justiça, fazendo cumprir as leis, e protegendo a seguraça individual, pelo respeito da vida e propriedade dos cidadãos.

Infelizmente, porém, é isso precisamente o que está faltando ao Brazil, pois que, segundo as informações recebidas, a anarchia é por lá absoluta e completa. Nada se respeita; tudo a soldadesca invade e atropella. São os fructos d'um regimen militar, que não soubesse se vira alli a perpetuar-se, provocando rebelliões continuas e sangrentas, como tem succedido nos estados visinhos, onde a lisipanha dominou outr'ora.

O Rio de Janeiro desgraça-se; a população foge para o interior; não ha segurança para ninguem; o commercio paralysa; as operações com o exterior são nullas; e ninguem é capaz de prever, a hora presente, até quando isto durará, sem quasi as consequencias que poderão derivar-se d'uma situação que nada tem de lisongeiral.

E esta situação calamitosa em que o Brasil se encontra, esta paralysação de todo o seu movimento commercial com o estrangeiro, é infelizmente para nós, mais do que para nenhuma outra nação, de effeitos desgraçadissimos.

Sabidas como são as relações estreitas que prendem o nosso commercio ao do Brazil; conhecidos os enormes valores reaes com aquelle pais, em resultado de grande baixa cambial; realisados como andam os capitaes, por causa da nossa situação economica e financeira: muito facil nos é de avaliar as consequencias que para o nosso paiz em geral, e para as operações commerciaes em particular, se derivam da crise aguadissima por que está passando a nação brazileira.

Parece que tudo se conspira contra nós! A' crise interna, que todos sabem ser angustiosa, sob qualquer ponto de vista que a encaremos, vem juntar-se, agravando-a enormemente, a crise brazileira, terrivel e exmagadora, produzida pela rivalidade, cada vez mais intensa, entre o exercito e a armada!

Ha momentos na vida dos povos como na dos individuos, em que parece que todos os elementos se conspiram para lhe promoverem o aniquillamento e a ruina. E nuns d'esses periodos parece encontrar-se o nosso pair, alias bem digno de melhor sorte, pois que tudo se congrega — difficuldades internas e externas — para lhe amargurarem a existencia. E para cumulo de desgraça apparecem agora a revolta do Brazil para mais lhe embargar os passos no caminho da sua restabilisação economica e financeira!

No interesse pois, dos nossos irmãos brasileiros, assim como tambem no nosso proprio interesse, havemos sempre desejado vivamente que as paixões se acalmem depressa e que a tranquillidade alli se restabeleçam com brevidade, pois que com isso muito lucraria a causa da humanidade em geral e em particular os nossos interesses commerciaes, tão intimamente ligados com os da riquissima nação brasileira.

O sr. D. José, filho de Bragança, ahda em visita paternal pelas conchas de Nazaló e Aldadgoa da Fé.

A policia de Pezzdel requisitou á de Lisboa a prisão de ex-sargento Rodrigues, que d'alli se assentara, tendo furtado 70$000 réis, em notas e prata, uma cadeia d'ouro e relogio de prata.

Foi novamente declarado indiciado de cujeira morbus o porto de Antuerpia (Anvers), continuando a ter a classificação de suspeitos ou demais da Belgica.

O sr. ministro da fazenda resolveu que os alvarás de approvação e estatutos de associações ou encontros mutuos e associações de classe sejam isentos do imposto de sello.

Mais de 80 pracas de cavallaria e infanteria ne offereceram para serviram na guarda municipal.

A officialidade do caçadores 7 offereceu ao seu commandante as agulhetas de ajudante de campo d'elrei, graça que ultimamente lhe fora concedida pelo soberano.

Foi concedido o subsidio de 30$000 réis ao asylo de infancia desvalida de Oliveira d'Azemeis.

Marechal Mac-Mahon

Montcresson, 18. — O corpo do marechal Mac-Mahon foi lechado no atadde ás 3 horas da tarde, sendo collocados sobre a tampa a espada e o bastão de marechal.

Montcresson, 19. — O rei de Italia telegraphou á marechala de Mac-Mahon o seguinte despacho:

«Partilho, assim como a rainha, a saudosa dôr de v. ex.ª pela morte do marechal de Mac-Mahon, duque de Magenta, cujo nome glorioso será sempre lembrado pela Italia com amor e reconhecimento. Queira v. ex.ª e seus filhos acceitar este testemunho da nossa viva sympathia. *Humberto.*»

Montcresson, 19. — O funeral provisorio do marechal Mac-Mahon deve realisar-se depois de brazilia.

O conde de Rasmitier, embaixador da Allemanha, telegraphou para a familia exlacteda, dizendo que o imperador Guilherme o incumbiu, por um sentimento de profunda sympathia, de depositar uma corôa sobre o atadde do marechal.

A força commercial Lino estabelecida em Timor pedia ao governo a concessão de posse de pontas nas aguas da parte portugueza da Ilha.

A febre typhoide tem grassado em Bisseo e Pecos de Castello.

O sr. arcebispo de Evora já partiu para a sua diocese.

Parte ainda esta semana para o Rio de Janeiro a corveta *Affonso d'Albuquerque*, levando 180 homens de tripulação.

Está aberto concurso para os logares de fiels ateles de estação em Lisboa e Porto.

Revolução brasileira

O vice-presidente Floriano Peixoto organisou duas divisões navaes para combater a esquadra do Custodio de Mello, uma ao norte e outra ao sul do litoral, sendo commandada aquella pelo contra almirante graduado João Gonçalves Duarte. — Parece, porem, que aquellas forças de pouco ou nada valerão a Peixoto, porque os barcos são de madeira e mal artilhados, excepto o cruzador «Primeiro de Março».

Recebeu-se em Paris um telegramma em que se diz terem sido presos o visconde de Ouro Preto, presidente do ultimo ministerio imperial; seu filho Affonso Celso, ministro do interior durante o governo de Deodoro; e visconde de Almeida que se suppõe ser filho do visconde do mesmo titulo, que foi vedor da imperatriz D. Amelia, viuva de D. Pedro IV, e o conde de Figueiredo.

Os funccionarios dos navios estrangeiros, surtos no Rio de Janeiro teem desinteressadamente coadjuvado o pessoal do hospital da marinha d'aquella cidade.

New-York, 19. — Telegrapham de Montevideo ao «New-York Herald» que os insurgentes estabeleceram com effeito no Desterro a séde do seu governo provisorio, e que esperam obter o reconhecimento por parte de algumas potencias.

O governo do marechal Peixoto, segundo dizem ao mesmo jornal d'esta cidade, declara não ser responsavel pelas perdas causadas durante a insurreição.

Santos, 19. — Estão sendo fortificadas as costas do Estado de S. Paulo contra os insurgentes do almirante Custodio de Mello.

O infatigavel explorador José de Anchieta cursou de Benguella para o museu da escola polytechnica duas caixas com exemplares zoologicos.

—Oxoé, continuou madame Bourgel, com um accento de tanta convicção, que até Helena Ecoe confundida; acabava de ra'an resultar, e se me visse lançar-me em seus braços, chorando, e que estava acabo louca para me impetrar com a sua conducta...

—Agora-te isso! interrompeu o advogado geral, estupefacto.

—Quanto consurar-lo a sós, continuou Isabel, que se animava; mas, visto que as suas ridiculas suspeitas me obrigaram a falar, vou dizer tudo.

—E que vaes tu dizer! exclamou Bourgel, completamente estupefacto.

—Que as cartas de que acabas de apoderar-se são apenas uma pequena parte da correspondencia de sr. Desiderio Bourgel com madame Dorzolle.

Esta palavra produziu um effeito magico sobre o advogado geral; robusteceu-se primeiro, e depois ficou perturbado. Os seus olhos fixaram-se sobre os papeis que Isilia nas mãos e nos estavam metidos 'num sobrescrito, sem direcção.

—Não comprehendo!... balbuciou elle.

—Estas cartas só despertarão a intelligencia, disse Isabel; como ha pouco o dizias; são provas que desejo guardar. Ha-m'as,

FOLHETIM

O Mastro de Cocanha

POR

Emilio Sorvestre

—Tendes á certeza d'isso? perguntou o mancebo, que duvidava da realidade da apparição, tão rapida tinha ella sido.

—Escutai, continuou Helena.

—Ha ruido de passos e de vozes no jardim.

—Fallam alto.

—E sobem as escadas.

Quando Helena acabava de proferir estas palavras, entrou Isabel precipitadamente no salão.

—Lese o Bourget! exclamou, cerrando a porta e encostando-se a ella.

—Estamos perdidos! disse Helena, enthusiasmado.

—Não... replicou Isabel: depressa... Jorge gabinete, senhor Jorge!

E mostrou-lhe a saleta; Rosery correu para ella... e mal Helena tirava a chave da fechadura, ouvia-se a voz de Desiderio.

—Vi! exclamou elle.

Helena fez um pequeno movimento.

—E preciso coragem, murmurou Isabel, correndo a assentar-se junto da sua banca de trabalho.

Neste momento appareceu Bourget no limiar da porta, pallido, exaltado e seguido de Desiandes.

Ah! meu Deus! que é isto! perguntou Isabel, que se sobresaltou com esta brusca entrada.

Ao aspecto das duas primas, trahidas do seus heroismo, o advogado geral permanecia immovel, intrigado em deredor olhares desconfiados.

—Estava alli, disse elle, mostrando o logar anteriormente occupado por Jorge.

—Quem? interrompeu Izabel.

—Quem! repetiu Desiderio, cujo olhar continuava a examinar todos os recantos do salão... O que veio de Paris, para a ver, senhora.

—A mim!

—Oh! não procures negal-o; estou alli, ainda ha pouco, junto de ti.

Isabel comprehendeu que elle a ia trahir por sua prima, e este erro de seu marido a collocou mais á vontade; olhou primeiro para elle como que esperando, e depois, voltando-se para Desiandes com ar de inquisição:

—O que é que succedeu a Desiderio? perguntou ella a meia voz.

Esta pergunta pareceu augmentar ainda mais a exaltação de Bourget.

—O que me succedeu! E ousas sitiar-me perguntando, quando eu sei tudo, quando tudo observas!...

—Mas, por Deus! o que é que te viste, meu caro?

Um homem! e onde?

—Aqui!

—Hoje?

—Ha pouco, e estava alli, junto de ti, entregando-te umas cartas!

—A mim?

—E depois parece-me que choravas...

Isabel desatou a rir.

—E para ti consolar, continuou Bourget, abraçou-te e consentiste que te beijasse, o...

E interrompeu-se, abaixou-se e apanhou alguns papeis que estavam no chão...

—Eis a prova do que affirmo! exclamou elle, indicando os papeis.

Helena, que reconhecera as cartas de Jorge, a que, em sua perturbação, deixára cair, soltara um grito, e tor-

nou-se d'uma palidez mortal. Até Isabel ficou desconcertada.

Houve uma curta pausa. Desiandes escutára até então tudo em silencio; parecera esperar-se d'elle uma scena publica e Ilcou demoradamente os olhos em Helena. Quanto a Bourget, levantava as cartas em ar de triumpho.

—Ah! são contavos com a producção d'estas provas, exclamou elle, com o prazer d'accusador publico, que contrabalançava perfeitamente a sua indignação de marido; isto vae explicar-nos tudo.

—Não ideas, senhor! exclamou Helena, orgando as mãos em attitude supplicante.

—Estão conhecidas estas cartas? perguntou Desiandes com vivacidade.

—Senhor!... balbuciou a infeliz senhora.

—Que succorram ellas? tornou Leão? Porque é essa perturbação e quem é que ellas devem compromettor?...

Nesse momento, um raio de luz illuminou o pensamento de Isabel.

—Querida saleta? exclamou ella; pois bem! direi tudo; minha prima conhece essas cartas, porque eu lh'as dinha confiado...

—E ousaste!... interrompeu Desiderio.

Na região setentrional de Portugal, na localidade de Monção, distrito de Viana do Castelo, circulou entre 20 de maio de 1883 e 19 de dezembro de 1909[202], o semanário *O Alto Minho*, que estampava como dístico a expressão "política, literatura & notícias". Suas propostas vinham plenamente ao encontro da prática do regionalismo jornalístico, como ao explicar que "independentemente de quaisquer sugestões pessoais ou políticas" tinha por base de seu programa a "dedicação e o amor pela sua terra". Definindo sua linha de atuação, explicava que praticava "a verdadeira e única forma do jornal provinciano", ao preocupar-se "de preferência com as questões de muro a dentro", e constituindo "quase exclusivamente um jornal de Monção, e não o jornal pastiche" tal qual "galinha petiscando em todas as searas alheias". Pretendia ser uma folha que realizasse "um trabalho literário, noticioso ou político", de leitura agradável, seguindo a "voz da consciência" na "apreciação das coisas locais"[203].

[202] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 46.
[203] O ALTO MINHO. Monção, 22 maio 1891. A. 9. N. 1. p. 1.; e 19 maio 1893. A. 11. N. 1. p. 1.

Novo anno — Numero 1 — [...]SSÃO — 1:200 rs. por anno — Avulso 20 rs. — Sexta-feira 22 de maio de 1891.

O ALTO MINHO

Director e editor-proprietario JOSÉ CAETANO ESTEVES

POLITICA, LITTERATURA & NOTICIAS

Secretario da redacção JOSÉ VALLE

Com o presente numero entra O Alto Minho no seu novo anno de publicação.

Dos seus amigos, d'aquelles a quem a sua conducta não tem desagradado, espera merecer-lhes a continuação dos seus favores, enviando-lhes o agradecimento, mais sincero pela coadjuvação no anno que findou.

A semana politica

Novamente o paiz se encontra sem governo, como em setembro ultimo. Correndo as mais desencontradas versões até a esta data em que esperando ainda uma solução, elaboro esta pequena chronica, parece que o mais provavel será a formação do gabinete pelo snr. João Chrisostomo, entrando alguns dos ministros demissionarios.

Mais uma vez pois' temos a comedia na politica, comedia que o povo pacientemente vae aguentando e que ninguem sabe como acabará.

Assim pois vê-se que o papel de governo extra-partidario tem sido simplesmente irrisorio. Falta-lhe de energico e de salutar. Quando os comparsas se arrenegaram, pondo-o nas ruas da amargura pela imprensa, o governo nephelibata dizia ao paiz, como qualquer creada de servir; — faça-nos contas. Então é que eram ellas. Lá andaram o snr. Lopo e o snr. José Luciano em pancas: — mantenha-se, general. E o general dava o dito por não dito e ficava.

E ficou e como voltaram novamente as comadres, as intriguistas, as velhas códeas da politica o ministerio demittiu-se propositadamente á chegada dos tratados com Inglaterra.

E' de crer, e as folhas sim-das o afirmaram que os velhos papás voltassem ao Paço de mãos atadas á cabeça, pelo menos até esta hora creio que se arrepelarão ainda. E o snr. Zé Dias a rir e o snr. S. Januario a esperar, e o Lopo cantando as minhas que logrou por em execução e o snr. de Macedo partindo em expresso...

Que pagodeira, meus senhores, a nossa politica.

Todos *fumistas!*

*

As tubas annunciaram: — *Presidente e Guerra*—S Januario! *Reino* — Lopo Vaz! *Marinha*,— o snr. Marianno de Carvalho! *Obras publicas*, — Franco Castello Branco! *Estrangeiros* — Conde de Macedo (quando chegar)! *Justiça*.— ....!

Mas voltaram á paz dos seus penates e chamado ao Paço o snr. João Chrysostomo seria este quem organisaria ministerio.

*

Tudo gorado e o snr. Antonio de Serpa é chamado a formar ministerio.

Teremos pois um ministerio essencialmente regenerador o que nas actuaes circumstancias não é de todo mau, nem bom, antes pelo contrario.

Finalmente vamos abandonar a chócha politica de extra-partidarismo, entrando a guerra aberta dos partidos. Ha quem esfregue já as mãos de contentamento. Ha já a effervescencia do pretendente. Ha já a pequena intriga, a costumada inveja partidaria a fervilhar.

Corrido além o véo de gaze que envolvia os intangiveis da hora da desgraça, entraremos ou por outra, proseguiremos na velha formula da politica de compadrio.

E depois são elles mesmos a clamar,— Basta!

E depois são elles mesmos a pedir, n'um hypocrita patriotismo; — Haja juizo!

Cabeças! cabeças! cada um como cada qual.

Deus super omnia!

Z.

O Alto Minho

Independentemente de quaesquer suggestões pessoaes ou politicas, apesar de fieis e sempre subordinados aos principios que intendemos dever respeitar e seguir, o nosso jornal tem conseguido manter-se dentro dos limites do seu programma, estampado ha oito annos e que a nova empreza acceitou com dedicação e amor pela nossa terra.

O bom acolhimento que Monsão lhe fez ha um anno, ao entrar n'um novo periodo de combate digno e honesto, mais livremente e mais energicamente, deu ao «Alto Minho», impulso para novos commettimentos. Considerando a verdadeira e unica forma do jornal provinciano, preoccupando-se de preferencia com as questões de muros a dentro, fazendo-se quasi exclusivamente um jornal de Monsão e não o jornal *pastiche*, — gallinha petiscando em todas as seáras alheias, — «O Alto Minho» não conseguiu ainda realisar as suas aspirações por completo, se bem que os prodomos se hajam attestado n'estas columnas. Ella virá, essa realisação, esperamol-o firmemente. O nosso proposito é conseguir que cada numero deixe ao leitor o anceio e o desejo d'um outro que se lhe siga; tornar esta pequena folha um trabalho litterario, noticioso ou politico, de cuja leitura fique uma impressão agradavel. Para isso não colheremos a diversas collaboração que uma folha semanal e por esse facto mesmo requer.

*

No praso d'um anno, entrando de semana a semana em assumptos de pequena politica local, pela força das circumstancias, pelo amor com que olhamos o nosso logar e pela justiça que nos propomos fazer, que não pelo prazer de accusar ninguem, *O Alto Minho* desejaria ter attestado em cada numero um grau a mais na civilisação da nossa terra, na comprehensão dos deveres civicos, no seu progresso intellectual ou moral. Infelizmente tal não aconteceu; e n'esses ultimos cincoenta e dois numeros ver-se-ha o desprendimento com que attacamos algumas baixas miserias, desenredamos, bastantes erros. Não nos arrependemos, não sentimos o que baldadamente gastamos em justiceira prosa, na esperança de melhores dias, nem fraquejaremos na esperança d'um remedio salutar ao que por ahi vae. Se no accesso da refrega acontecer ferirmos fundo e forte alguem que esse alguem, encontrasse no golpe a expiação da sua falta.

Quando se escreve com a sinceridade que caracterisa uma boa acção, d'esperar é que a penna trace tudo o que o espirito e o coração ditam.

E' o que continuaremos fazendo.

IDEAL

Transforma em alvo leite a mais atroz sardenta
O sublime e ideal *Sabonete do Congo!*
Um pequenino objecto apenas com cincoenta
Milimetros de largo e noventa de longo!

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

Depositario: Melitou Baldu, 37, Valverde, Madrid.

Noticias & Factos

Meus caros amigos:

Na impossibilidade de ir abraçal-os pelo dia d'hoje, participando da festa intima, eu aqui a dois passos, bebo á prosperidade do *Alto Minho* que tão desveladamente queremos.

E já que, ai de mim! não podemos confraternisar n'um hip! a alegria d'um anniversario que é de nós todos, porque n'esse anno que acaba de fechar-se fica um pouco da nossa alma, particulas da nossa vida gastas, eu desejaria que os meus braços tivessem o condão das pernas de certos personagens dos contos de Perrault, para que mesmo d'aqui as taças podessem chocar-se. Porque tal não pode dar-se, recebam vocês as

affectuosidades
do
camarada mt.º amigo

Vianna, 20 maio 91.

José Valle.

MAGALHÃES LIMA

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

prefaciado por

LATINO COELHO

A' venda n'esta villa:

Cezar A. Marques — Monsão

Preço 400 reis

Folhetim d'O ALTO MINHO

MAIO 22 DE 1891.

João Verde

CONTOS ANTIGOS

A EDUCANDA

No cahir da tarde, de fim de estio, no convento erguido no alto do monte, com as suas torres mansolisas, rendilhadas no fundo do azul do ceo, para os lados do mar, a religiosa veio a mim, vagarosamente, pisando as primeiras folhas seccas que o vento trazia para debaixo das grandes magnolias, e disse-me, após um religioso silencio de quem se prepara uma profanação:

— Quer ouvir finalmente o meu fundo segredo, guardado ha tres annos sob estes habitos, como diques prestes a romper-se? Tenho sido muito cruel, confesso. Chegou hoje o dia; subamos além á capellita, onde ninguem nos verá, escondida entre os medronheiros, e d'onde se desfructam os horisontes mais bellos — o espelhamento do rio, toda a linha da costa, as dunas beijadas do mar, as velas dos navios surtos no cabedello, as lanchas dos pescadores dizendo adeus ao porto, a campina immensa, os casaes brancos, os fumos dos telhados, a vida saudosa de outros tempos que eu amava...

Eu sahira do povoado, no meu velho andador, que deixára em baixo amarrado no primeiro cruzeiro da via-sacra, para acudir pela centesima vez ao appello sempre inutil da minha eterna exilada. Finalmente ia saber o seu fundo segredo que a opprimia e a mim ha tres annos tambem, a chave do augusto mysterio.

Ella proseguiu:

— Bem. Chegamos. Venha sentar-se agora aqui, no meu lado, de sorte que nem o vento leve as nossas só das nossas palavras, de sorte que nem as aves saibam do meu segredo. Confesso-lhe a minha crueldade com o meu grande carinho, n'esta hora em que abandonando a cella funebre onde se debatiam os meus desejos, a impotencia do coração perante a razão e o dever alliados, eu começo a readquirir o conhecimento do que vive...

N'aquella alfombra, docemente illuminada pelas ultimas luzes da tarde, houve um certo silencio, uma concentração das nossas almas, de todo o nosso ser para o azul infinito, extasi feito de todos os divinos extasis, entre a materialisação de um beijo e a aspiração suprema do Yago, entre o estremecer da carne e o gozo espiritual d'uma outra esphera suprema. Parecia que nos seus olhos havia, em vez do sereno olhar piedoso da reclusa e da face branca de martyrisada no jejum, a luz sagrada de uma estrella e a ruborisação de um pensamento afogueando-lhe o rosto, como que a metempsicose d'um busto de cera offerecido aos santos dos altares, em a apparição da fada mais magica entre os fogos de Bengala, n'um palco cujo scenario fosse pintado por Watteau.

E o seu hombro veio cahindo sobre o meu hombro, perdida talvez no seu segredo que me impacientava.

—... a readquirir a certeza de que vivo, porque em mim nada pode ser superior ao grande amor que lhe dei. E o remorso em grande.

Desde esse dia em que decidiram do meu futuro, que é este e para o que eu empreguei o meu maior juramento e mais sagrado, em que eu lhe fugi no momento em que ia entregar-me, meu amigo, toda nos seus braços, para resistir á doce queda deixando-o e levando comigo o remorso de lhe ter occultado a causa d'essa brusca desapparição, desde esse dia um unico pensamento me persegue — aquella promessa do beijo primeiro, que eu queria que fosse o ultimo. Eis porque lhe escrevi d'ahi a mezes, d'ahi a annos, e sempre prometendo contar-lhe porque procedi assim, deixando-o entregue á duvida sobre a minha promessa, narrando-lhe as causas que influenciaram em mim na minha vida intima e desconhecida.

E vim dar-lhe hoje esse beijo prometido, primeiro e unico que eu quero que seja, para maior ter de ser a minha penitencia e o meu supplicio claustral. Ah! já vê que tenho palavra. Olhe, começa a descer a noite, além, sobre os campos onde a felicidade mora... Vá!

....

No convento, a sineta repicava a vesperas, atravez da consagração infinita do silencio.

1888.

Na localidade de Ovar, no distrito do Aveiro, entre 22 de julho de 1883 e 11 de setembro de 1921[204], circulou semanalmente *O Ovarense*, que se apresentava, primeiramente como "jornal do Partido Progressista", modificando após para "jornal político, literário e noticioso". Quanto a suas propostas, declarava que advogava "com firmeza a causa do povo, estando sempre na brecha em defesa das prerrogativas da sociedade política". Considerava que se encontrara "verdadeiro estímulo nos aplausos da opinião", isso adviria do fato de não ter transigido "com imposições estranhas à sua consciência", e, se tivesse "procedido de outro modo, nunca" granjearia "as simpatias dos seus conterrâneos", ainda mais quando não era "só o concelho, mas também o distrito" que o reconhecia e fazia "justiça às suas intenções"[205].

[204] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 146.
[205] O OVARENSE. Ovar, 17 ago. 1890. A. 7. N. 370. p. 1.

Numero 557 DOMINGO, 20 de Maio de 1894 Anno X

O OVARENSE

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Anno sem estampilha. . . . 1$000 reis
Semestre sem estampilha. . . 500 reis
Anno com estampilha. . . . 1$200 reis
Semestre com estampilha. . . 600 reis

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Editor—Placido Augusto Veiga

Annuncios cada linha. . . . . 50 reis
Repetição. . . . . 25 reis
Communicados, por linha . . . . 60 reis
Os srs. assignantes teem o desconto de 25 p. c.

O conflicto com o Brazil

Se estivessemos nos velhos tempos de crendice, haviamos de concordar que um mau fado persegue a nação quando o sr. Hintz Ribeiro está no governo e em especial no ministerio dos negocios estrangeiros. Ninguem ha mais desastrado do que este infeliz ministro, celebre pela salamandra, pelas medidas de Caneças, pelo tratado inglez e por ultimo pelo conflicto do Brazil com o nosso governo.

Não é agora occasião de liquidar responsabilidades com respeito a este ultimo facto. Elas virão a seu tempo. Mesmo não vamos com os que querem abrir n'este sentido guerra ao ministerio, porque acima de tudo collocamos a honra da nação e os interesses de milhares de portuguezes, que ficam expostos á vindicta mal comprehendida do partido dominante na republica brazileira.

Agora o dever impõe-nos callar todos os sentimentos, todas as questões e prestar ao governo n'esta difficil questão todo o indispensavel appoio para a pendencia se liquidar d'um modo honroso para nós e assegurar aos nossos patricios d'além-mar as necessarias garantias.

*

Bem sabemos que este procedimento patriotico contrasta deveras com a guerra sem treguas, que os regeneradores moveram ao ministerio progressista quando se abriu o conflicto inglez.

Nem lhes bastou então a guerra pela imprensa, a arruaça pelas ruas de Lisboa, foram até desprestigiar o parlamento d'onde podia dimanar a força para conter em respeito os inglezes.

E' diverso o proceder d'agora? Tanto mais o povo o distinguirá, aquilatando a elevada comprehensão d'uns e a pequenez das vistas dos outros.

Devemos ficar no nosso posto, embora prejudiquemos os interesses partidarios. A nação vive acima dos partidos.

Peses

Houve em alguns dias da semana trabalho na costa do Furadouro, mas sem resultado.

Fia-te...

«Fia-te na virgem e não corras, verás o tombo que levas»—é um dictado de que não fizeram caso alguns pobres carreiros e por isso o estão pagando bem caro.

Apoz as eleições os aralistas com o fim de illudir a sua gente propalavam que tinham vencido e que até mandavam já na camara.

Como muitos acreditassem, deixavam de pagar as multas que lhes eram applicadas nas estradas por transgressão do respectivo regulamento.

Por isso os autos foram enviados para o poder judicial afim de serem cobradas correccionalmente. Os homens reconhecem agora o logro em que cahiram por se fiar nas embrulhadas dos seus *chefes*.

Para a outra vez que não se esqueçam do dictado.

Festas

Foi este anno pouco concorrido o arraial e festa da Senhora do Ampuro em S. Donato, que se realisaram no domingo n noite e segunda feira.

O arraial de segunda feira de tarde dissolveu-se por causa da chuva.

— Hoje é o arraial do Senhor da Pedra, que custuma ser mu to concorrido pelo povo da nossa villa.

A transferencia da séde das reservas

Informaram os jornaes que ia ser transferida da nossa villa a séde do commando do districto das reservas.

A camara logo se reuniu em sessão para representar a El-rei contra esta medida que é um attaque contra a lei, contra os interesses dos mancebos recrutados e contra o nosso concelho.

A lei designa que seja Ovar a séde do commando do districto das reservas n.º 9. E se uma lei o estabeleceu, só uma lei o póde transferir.

A nossa villa foi escolhida para a séde do commando por ser a mais central.

Os interesses da nossa villa e em especial dos mancebos recrutados no nosso concelho seriam deveras prejudicados com a transferencia, visto serem de ir á inspecção a Aveiro com o que acarretavam despezas para elles e familia.

Por isso a camara, como representante dos interesses do municipio se dirgiu a Sua Magestade, e por outros meios procura conseguir que a mudança se não effectue.

*

Procurámos saber o que tinha dado logar a semelhante transferencia e colhemos o seguinte:

Os d'Aveiro já ha muito que instavam perante os diversos ministerios para conseguirem que se transferisse para a sua terra o commando do d'estricto. Porém os seus pedidos ficaram sem effeito por os governos recearem as nossas reclamações bem fundadas na lei e na situação d'Ovar que é a terra mais central do referido districto.

Já uma vez haviam insistido por fórma tal que nos vimos obrigados a responder com um protesto formal.

*

Porém agora proporcionou-se occasião favoravel para os d'Aveiro levar no governo a sua representação.

Em primeiro logar o governador civil, que sabira d'aqui exporcado com o resultado eleitoral prometia vingar-se de nós por qualquer meio. Em segundo logar os aralistas, como o seu chefe queriam a todo o custo affastar d'esta villa o commando das reservas, que os havia prejudicado seriamente nos planos eleitoraes e além d'isso poderiam com a transferencia affastar da administração do concelho o ex.mo major Campos, substituindo-o por um partial.

A pretensão d'Aveiro encontrava, pois, o meio azado para seguir, fundando-se em pedidos de gente nossa, que em vez de pugnar pelos interesses da terra, atira-os para o lado só para cuidar dos seus interesses politicos.

Argúio e os jornaes noticiaram a transferencia da séde do commando, que por emquanto ainda se não effectou.

*

Aos nossos adversarios, que não teem a menor sombra de interesse pela sua terra, como nunca tiveram, pois que o seu unico alvo é satisfazer vinganças e colher empregos para os apaniguados, a esses deixamol-os á vontade. Valem muito pouco, descem muito baixo para que nos mereçam a consideração d'uma critica.

Relegamol-os ao esquecimento como insignificantes que são; deixamol-os a sujirem-se na propria lama d'onde nunca deveriam ter sahido, porque quando sahem dão o tristissimo espectaculo das eleições a encher a vinho ou dos tramas para prejudicar a villa e o concelho.

*

Mas com os d'Aveiro precisamos de ajustar estreitas contas.

Nunca levantámos aos d'Aveiro os menores difficuldades.

Da sua parte só temos recebido em paga d'um procedimento leal, uma guerra acintosa. Haja vista á historia do caminho de ferro, offerecido como ponto de entroncamento a Ovar e depois desviado no projecto para Aveiro a pedido dos seus habitantes.

Agora é a transferencia do commando do districto das reservas.

Comtudo Aveiro depende de nós bem como dos outros concelhos do districto; porque é de conhecem que se o districto de Aveiro está vivendo é só por condescendencia dos concelhos que o formam.

O districto d'Aveiro não tem razão nenhuma de ser, pois a cabeça do districto, é menor quer em commercio quer em importancia a Oliveira d'Azemeis ou a Ovar. Todos os outros concelhos teem repugnancia em pertencer a tal districto, por quanto nenhuns interesses os ligam á sua capital, e d'ahi provêm que as questões alli a tratar são meramente politicas.

*

Os d'Aveiro conhecem bem isso; e conhecem tambem que se um concelho se lembrar de pedir a extincção do districto será logo vivamente apoiado por todos os outros que pedirão para ser aggregados da fórma como foi a docete.

Sabem por ultimo que pelo menos as camaras da Feira, Oliveira d'Azemeis e Ovar estão d'accordo em iniciar o movimento separatista.

Ora se Aveiro se não contenta com as repartições que tem, com o Lyceu, com o regimento de cavallaria, com os ovos que estamos pagando, com a policia que só tem servido para nos atacar, e ainda agora quer o commando das reservas, póde succeder-lhes ficar sem nenhuma d'estas coisas.

Estamos verdadeiramente cansados de servir ás suas ambições e nos seus interesses, dando muito para nada receber.

E' pois justo que se contentem com o que possuem illigitimamente, porque a sua importancia não lhes dava direito a tanto.

Se Aveiro continua a insistir na sua desarrazoada pretensão, nós protestaremos com todas as nossas forças não só contra elle, mas ainda contra a continuação do districto.

Estamos certos de que sesemos acompanhados por todo o povo do nosso concelho e pelos concelhos do norte do districto.

Preferimos a tutella do Porto á d'Aveiro.

*

Estamos auctorisados a declarar que o deputado eleito por este circulo, ex.mo sr. dr. Barbosa de Magalhães tem empregado todos os esforços para conseguir que a transferencia se não effectue.

O ex.mo sr. dr. Barbosa de Magalhães comprehendeu que acima de quaesquer affeições pessoaes estão os interesses do circulo que representa em côrtes.

Assim respondemos cabalmente ás intrigas, que os aralistas propalaram contra o deputado que Ovar elegeu apesar das arruaças e das violencias que soffreu o partido progressista.

Os papeis da eleição

Ha uma versalhada que começa pouco mais ou menos assim:

«Em má hora anjo querido
me pediste uma flor...»

Pois tambem em má hora ao sr. Balsemão se lhe metteu na cabeça apanhar os cadernos e actas para arranjar o processo eleitoral do seu protegido Manel Azalia.

Já dissemos ao sr. Balsemão que não arranja coisa ne

Santarém, distrito próximo ao de Lisboa, na cidade do mesmo nome, contou com o *Jornal de Santarém* que se apresentava como "publicação semanal do distrito" e circulou entre 6 de janeiro de 1884 e 13 de março de 1892[206]. O periódico pretendia pautar suas edições na busca constante de ser "honesto, independente e verdadeiro", intentando levar a imprensa à sua região, informando que, naquela "terra, o verdadeiro jornal era um produto exótico" e, portanto, teria de trilhar um "terreno ainda muito árido e agreste". Ainda assim dizia querer seguir "avante", sendo "ser superior ao despeito" e, contando "apenas com as suas forças", saberia "vencer todos os obstáculos", em sua "luta pela moralidade", pela "civilização e de combate pelo distrito de Santarém". Típico representante do periodismo regional, o jornal se considerava como uma "modesta publicação", cujas "intenções, esforços e sacrifícios" eram no sentido de "dignamente conservar em Santarém, aparentemente incompatível com o movimento jornalístico", um periódico que fosse especificamente da região. Dizia que não advogava "por filiação quaisquer interesses de partidos políticos" e declarava-se "absolutamente liberto de quaisquer compromissos partidários"[207].

[206] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 36.
[207] JORNAL DE SANTARÉM. Santarém, 4 jan. 1885. A. 2. N. 53. p. 1.; e 6 jan. 1889. A. 6. N. 260. p. 1.

JORNAL DE SANTAREM
PUBLICAÇÃO SEMANAL DO DISTRICTO
2.º ANNO
ASSIGNATURAS
EM SANTAREM
FÓRA DE SANTAREM
Domingo 4 de janeiro de 1885
PUBLICAÇÕES
N.º 53
KALENDARIO
JANEIRO — 31 DIAS
Dias da semana
Dias do mez
Quinta 1 8 15 22 29
Sexta 2 9 16 23 30
Sabbado 3 10 17 24 31
Domingo 4 11 18 25
Segunda 5 12 19 26
Terça 6 13 20 27
Quarta 7 14 21 28
A IMPRENSA PORTUGUEZA
FOLHETIM
GEORGES OHNET
A CONDESSA SARAH
ROMANCE
VI

O Comércio do Vez se intitulava "semanário literário e noticioso" e foi publicado na localidade nortista de Arcos de Valdevez, no distrito de Viana do Castelo, região do Minho, entre 13 de março de 1884 e 6 de janeiro de 1906[208]. Suas propostas editorias apresentavam uma mescla amalgamada entre uma insatisfação combativa e preceitos religiosos. Nesse sentido, afirmava que mantinha "suas costumadas visitas, levando a uns as boas vindas, a outros o terror" pois, para "estes últimos, como entes de depravados costumes", não os pouparia, "apresentando estampados em caracteres normandos os episódios mais notáveis das suas depravadas e nojentas vidas", tal qual se apresentavam "no meio das praças públicas as habilidades dos ursos". Pretendia prosseguir na "árdua tarefa de jornalista com o mesmo ardor, convicção, firmeza e vontade", acreditando "que a aurora da liberdade, igualdade e fraternidade", legada por Cristo, estava "próxima a raiar", de modo que resistiria "sempre a todos os embates da procela, esperando pelo dia", de "ajustar contas", e então conseguir "depor os poderosos e elevar os humildes", como dizia a Virgem "no seu cântico da *Magnificat*"[209].

[208] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 181.
[209] O COMÉRCIO DO VEZ. Arcos de Valdevez, 30 out. 1893. A. 9. N. 356. p. 1.

O COMMERCIO DO VEZ

SEMANARIO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS

Proprietario e editor responsavel—MANUEL ANTONIO DA SILVA COELHO

10.º ANNO | CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA [illegible] | QUINTA-FEIRA, 24 DE MAIO DE 1894 | [illegible] | N.º 335

ARCOS DE VAL-DE-VEZ

GOVERNO NOVO DE GENTE NOVA

Emquanto o governo se entretinha a acabar de destruir a Carta, já suja e esfarrapada, merecia os nossos elogios, porque nos livrava d'uma peste que tem levado o paiz ao maior grau de definhamento, mas desde que elle compromette os nossos mais importantes interesses indispondo-os com as nações que mais proveito nos dão, e desbaratando os dinheiros publicos em proveito de particulares, torna-se necessario substituil-o quanto antes, pois não podemos estar á mercê de desvairados que com os seus desatinos nos colloquem em embaraços que podem trazer comsigo a nossa total ruina.

Ainda não estavam resolvidas todas as complicações com a França, que o thesouro ha-de pagar com extraordinaria usura, e já as leviandades do governo nos põe de relações cortadas com a republica do Brazil, com aquelle paiz irmão onde residem mais portuguezes que talvez em todos os outros paizes do mundo, e para onde se faz maior commercio, d'onde nos vem os maiores recursos e d'onde esperamos a nossa salvação futura.

A crise causada pela guerra do Brazil tem sido uma das maiores determinantes da nossa crise financeira. O pessimo estado do cambio tem feito reduzir extraordinariamente as remessas dos muitos milhares de contos que os nossos compatriotas nos enviavam annualmente d'alli, e isso tem sido um dos principaes motivos da escacez do ouro no nosso paiz.

O que será o dia d'amanhã se a ruptura de relações se conservar entre os dois paizes, e se em seguida a essa ruptura vierem as hostilidades?!

O augmento do premio do ouro desde que taes relações foram cortadas, está-nos mostrando o que podemos esperar no futuro.

Se não se conjurar o mal, o paiz está irremediavelmente perdido.

E teremos nós a dirigir os negocios do estado homens com a precisa competencia para removerem tão grandes difficuldades que elles mesmos causaram? Não temos.

O que podemos esperar é ir de mal a peor, se se conservar tal governo.

A maneira como o sr. Hintze se houve nas questões com Inglaterra, e a fórma como o governo tem resolvido agora a questão com os credores estrangeiros, com enormes sacrificios para o thesouro, e a ruina da Companhia Real, são prova mais que sufficiente do desastrado tacto diplomatico e administrativo d'esses desvairados que querem a todo o custo sustentar-se no poder, embora sacrifiquem a nação.

Pois quando esses embaraços externos trazem tudo amedrontado sobre o futuro; quando exhausto o erario e sem se saber onde ir buscar recursos para occorrer ás mais indispensaveis despezas e pagar honradamente aos nossos legitimos credores, acaba o governo de dar a maior prova de immoralidade de que ha memoria, fazendo aos syndicateiros da salamancada um presente de 5:400 contos!

O governo era credor da Companhia, mas agora liquidou contas com ella, e com tanta *habilidade* as liquidou que em vez de credor ficou devedor!

E dizem que não ha dinheiro para se gastarem 1:400 contos no caminho de ferro de via reduzida de Braga a Monsão, caminho da maior utilidade publica e que daria avultados interesses, reparando assim a injustiça e a leviandade de se fazer pela raia o caminho de ferro do Minho, e ha dinheiro para dar sem auctorisação legal 5:400 contos a uma companhia que fez caminho de ferro em Hespanha!

Quando acabará este desbarate, escandaloso e impune dos dinheiros da nação?

E' preciso substituir o governo, mas é preciso que quem o substitua não tenha já dado provas como ministro da sua incompetencia ou da sua corruptibilidade.

Nós vimos reunir-se ha dias um grupo de ex-ministros gritando com apparencia de indignados contra este governo que tem espesinhado a Carta, mas conhecemol-os bem e sabemos que quando ministros já fizeram o mesmo, e que o *santo ardor* que os domina, não é pelo bem do paiz, mas sim pelo desejo de governar.

Fóra d'uma vez para sempre com esses pulhas, esses gatunos que prégando moralidade, economias e amor da patria quando são opposição, tem sido uns devassos, uns larapios, uns traidores quando governo.

Substituir este governo que é mau por outro d'homens cuja reputação está perdida, seria representar o *José do Capote*, onde o actor é sempre o mesmo, mudando apenas o trajo.

Governo novo e gente nova; e se nos partidos monarchicho-constitucionaes não ha gente digna para formar governo, va-se procurar ao partido republicano ou ao miguelista, ou onde houver, com tanto que se salve a patria, embora o diabo leve toda essa corja de pandilhas e de ladrões que locupletando-se á custa da nação, têm sido a causa da miseria e decadencia a que estamos reduzidos.

A RECITA DOS QUINTANISTAS

Teve logar no dia 5 do corrente a recita dos quintanistas de direito, no theatro Circo, em Coimbra, e repetiu-se no dia 9. Como um dos auctores da peça levada á scena foi o nosso patricio sr. Antonio de Castro Pereira Caldas, filho do nosso amigo sr. Antonio Pereira de Castro Caldas, da casa d'Andorinha, imos transcrever o que sobre o merecimento da peça disseram os jornaes d'aquella localidade, e que honra sobremaneira o joven e talentoso academico.

Do «Tribuno Popular»:

«Realisou-se no sabbado, como estava annunciada, a primeira recita da peça composta para a tradicional despedida do curso do quinto anno juridico, a que por vezes aqui nos referimos—*O sr. Pollidas em Coimbra*—feita, a prosa, pelo sr. Armando Navarro, os versos, pelos srs. Quintella, e Caldas, a musica, pelos srs. Fructuoso da Silva, e Vianna.

FOLHETIM (2)

PONSON DU TERRAIL

O GRILO

TRADUCÇÃO

Capitulo I

Mas depressa o riso das duas pobres mulheres se mudou em pranto.

Lourenço estava deveras alistado como soldado; tinha tomado o logar de outro.

Aquelle em cujo logar elle queria partir era seu irmão collaço, um rapaz bem má rez, e cujos paes não tinham boa fama.

Mas a mãe d'elle amamentára Lourenço; e por isso este o estimava e tomára a resolução de o substituir quando a sorte o designára para soldado.

O mal tinha ainda remedio, porque no moinho havia bastante com que pagar o preço de uma substituição, sem que por isso a senhora Susana ficasse arruinada.

Mas Lourenço queria partir.

Lançou-se ao pescoço da mãe, chamou-a de parte, e disse-lhe:

—Deixe-me ir, minha mãe. Em primeiro logar, vou ver outras terras... Se me aborrecer, escrevo-lhe: manda-me então substituir. Além d'isso, bem sabe que estou loucamente apaixonado por Noemi; mas ella não tem senão quatorze annos e é escusado fallar em casamento por estes dois annos.

Não foi possivel portanto evitar que Lourenço partisse.

Tinham já decorrido dois annos depois do seu alistamento.

Noemi chegára portanto aos dezeseis annos na epoca em que começa a nossa historia.

E agora que já lhes disse o nome do moinho, o da moleira e a historia do filho, sigamos o Grilo, isto é, Noemi, que se dirigia com passo apressado para Ferroles-dos-Prados, em uma manhã de setembro, ao romper d'alva, sem se lhe dar muito de molhar os pés na lezíria que tinha rebentado tambem no carreirinho por onde caminhava.

Capitulo II

Primeiro, porém, vejamos por que lhe chamavam Grilo.

Tinha ella cinco annos quando lhe morreu a mãe, que era irmã da senhora Susanna.

A pobre mulher morreu de desgostos causados pelo marido, homem de mau caracter e que, depois de haver dado cabo de tudo, acabára afogando-se no Loire.

A senhora Susanna tomára conta da criança e servira-lhe de mãe.

Noemi era n'essa epoca uma criança enfezada, muito trigueira, não obstante os seus cabellos louros.

Desde que passou a viver no moinho, o seu logar predilecto era o canto da chaminé.

Passava alli o dia inteiro e parte da noite, rojando-se pela cinza, ouvindo chiar a agua na panella e chilreando tambem quantos trechos de musica, quantas cantigas uma vez ouvira.

Já era viuva a senhora Susanna quando levou para casa Noemi e ainda pranteava a morte de seu marido. As cantigas da pobre rapariguinha eram um balsamo que lhe diminuia as dores que atormentavam a sua alma.

A voz de Noemi conseguiu que ella deixasse pela primeira vez de se debulhar em pranto depois do jantar.

Houvera sécca a tal ponto que o ribeiro ficára sem agua e durante todo o verão o moinho não podera moer.

Desde que a rapariguinha entrou no moinho o ribeiro começou a engrossar.

Um tio velho do fallecido moleiro morreu e deixou uma herança de cerca de vinte mil escudos ao rapaz seu sobrinho e á sua sobrinha por affinidade.

Ha em França entre o povo a superstição de que o grilo que se mette entre os tijolos da chaminé, que raras vezes se vê e que não cessa de cantar, é como uma especie de deus do lar, de genio familiar e protector da casa.

A choupana que tem um grilo é abençoada por Deus.

Noemi estava sempre ao canto da chaminé e não cessava de cantar.

Além d'isso, desde que ella viera, o moinho moia, os freguezes affluiam e com elles o dinheiro, sem fallarmos na herança do tio.

Com certeza Noemi trazia felicidade.

Ahi está a razão por que lhe chamavam o Grilo.

Quando cresceu deixou, é verdade, o canto da chaminé, renunciou ao papel de gata borralheira e foi, como as outras raparigas, primeiro para a escola e depois para o campo. Mas como ella continuava sempre a cantar e a casa ia prosperando, conservaram-lhe o nome de Grilo.

Caminhava, pois, o Grilo, ao amanhecer, pelo atalho que ia do moinho até á aldeia.

A aldeia tinha apenas sessenta fogos e o mais notavel de todos os habitantes era um antigo cosinheiro de Paris, chamado o tio Frantal. Não havia alli nem soldados, nem bombeiros, nenhum corpo constituido. Nunca aquella povoação dera que fallar de si.

O maire morava em uma propriedade que ficava a duas leguas d'alli.

A auctoridade tinha pois em Ferroles por unicos correspondentes o adjunto do maire, que era um bom camponez; o cura, bom padre que cumpria o voto de pobreza que fizera repartindo com os pobres tudo que tinha e o mestre escola, que era um bom homem, mais sabedor de cousas de agricultura do que de grammatica e que dava feriado aos rapazes sempre que lhe era necessario dar pressa ao encelleiramento da colheita.

O adjunto, o cura e o mestre-escola eram, como se diz vulgarmente, unha com carne; reuniam-se todos tres de inverno em casa do cura e entretinham a noite jogando a bisca.

O conselho municipal não se preoccupava com as tempestades e quando havia fogo em qualquer parte toda a gente corria a prestar soccorro.

Continua.

Em Castelo Branco, capital do distrito homônimo, na região da Beira, foi editado semanalmente entre 20 de abril de 1884 e 23 de abril de 1893[210], o *Correio da Beira*, cujo dístico era "órgão do Partido Progressista em Castelo Branco", mudando depois para "folha progressista". Associando sua filiação partidária com o espírito regionalista, o jornal pretendia, junto a seu partido, "tomar parte na cruzada santa pela liberdade, pela independência e pela prosperidade do reino". Dessa maneira, alinhavava que o seu "programa em política" era o do Partido Progressista, ao qual tinha "a honra de pertencer", ao passo que o seu "campo do combate" era "a política geral do país e a local relativamente ao distrito de Castelo Branco"[211].

[210] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 194.
[211] CORREIO DA BEIRA. Castelo Branco, 20 abr. 1884. A. 1. N. 1. p. 1.

CORREIO DA BEIRA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO PROGRESSISTA EM CASTELLO BRANCO

6.º ANNO

ASSIGNATURAS

PROPRIETARIO—PEDRO MARTINS

Domingo, 24 de novembro de 1889

PUBLICAÇÕES

N.º 303

A Republica do Brazil

Pelo surprehender a Europa e a noticia da revolução do Rio de Janeiro, que aboliu a monarchia no Brazil.

Segundo as escassas noticias recebidas, parece que a revolução foi obra d'um momento e que triumphou sem o sacrificio d'uma só victima, por isso que, se excepturmos o rebentar dos foguetes profusamente queimados na tarde de sabbado, ninguem mais ouviu o estrondo dos fuzis e das peças de artilheria, nem viu correr uma só gotta de sangue.

Os factos extraordinarios occorridos no florescente imperio do Brazil denunciam que a revolução estava de ha muito preparada nos dominios do intellectualidade, do forma que, quando a marinha e a guarnição do Rio de Janeiro, tendo triumphado a revolução, nada fizeram que traduzir n'um facto o pheno-meno, que já era uma realidade: a idealidade da grande maioria do povo brazileiro.

Sabia-se que a propaganda republicana havia assumido taes forças serias e respeitaveis em todo o imperio, mas não se presumia ainda, que o nosso ideal politico tivesse lançado tão profundas raizes no meio social de modo que a mudança de systema de governo podesse effectuar-se tão completamente, n'um só dia, sem concurso das paixões, sem a mesta violenta dos partidos, sem o duello á mão armada, duello de vida ou morte, entre o antigo e novo regimen.

Por outro lado, era sabido que o nobilissimo imperador era sinceramente benquisto pelo povo brazileiro—pelo seu caracter bondoso e franco, pela sua illustração, pela sua modestia ainda, que faziam do imperador brazileiro um verdadeiro democrata coroado, e esperava-se que, pelos grandes sentimentos de profunda sympathia para com o imperador, o povo brazileiro se recusasse a tolerar a monarchia durante a vida d'este imperante, por consideração pessoal para com o cidadão honrado, o venerando ancião, que cinge a corôa imperial do Brazil.

A animosidade da marinha brazileira para com o ministerio respectivo, provocada pelo facto de recusa d'este ao pagamento da despeza feita pelo almirante do couraçado *Aquidaban* Barroso ao Chili, e o descontentamento do exercito, pela nomeação d'um paisano para o logar de ministro da guerra, precipitaram os acontecimentos, e n'este momento o povo brazileiro póde dar parte ás considerações havidas com o Imperador para segundar o grito revolucionario, levantado pela marinha e guarnição do Rio de Janeiro.

Tendo triumphado a revolução, foi proclamado um ministerio provisorio dessolvidas as camaras e abolido o conselho da nação. O governo provisorio lançou logo um manifesto declarando abolida a monarchia no Brazil e que a intenção do governo é evitar todo e qualquer desordem.

As provincias têm alherido á nova ordem de cousas e parece que se estabelecerá definitivamente a republica federal pela autonomia das provincias. A' hora a que escrevemos sómente consta que a Bahia é contraria ao movimento revolucionario.

Pode perguntar-se se o Brazil deveu ou não entrar n'este momento ao periodo revolucionario. N'este ponto parece-nos que só o futuro poderá responder cabalmente a esta pergunta; no emtanto, opinamos que, nas actuaes circumstancias do Brazil, este movimento, pela ordem natural dos phenomenos sociaes e politicos e sua coordenação legitima, tinha de dar-se fatalmente, mais tarde ou mais cedo. Attentas as circumstancias concomitantes da revolução do Rio, parece-nos que os espiritos se achavam sufficientemente preparados para receber a revolução e que, portanto, este se deu no momento historico, em que realmente devia dar-se. Alem d'isso parece-nos que se effectuou no momento mais favoravel, visto ter-se feito sem o sacrificio de victimas, o que não succederia em outras dadas circumstancias.

Se realmente a republica se consolidar no Brazil pelo bom senso e patriotismo do povo brazileiro, cremos que o Brazil operou este movimento no momento propriamente apportuno.

E aqui deixamos consignado o nosso proteste sincero pela prosperidade do Brazil, sob o novo regimen, tão auspiciosamente iniciado.

FOLHETIM

CORRER SUA VENTURA

Reina n'um terro um rei que tem um filho, que não fazia senão pedir-lhe para ir correr a sua ventura pelo mundo, e dos-lhe um grande soccorro de dinheiro para a partida. Depois de ter andado muito, foi dar com estalagem, onde encontrou muitos viajores. Conversaram, mas ninguem lhe perguntou ao principe o que gostava de jogar; d'ahi a pouco já estavam sentados no jogo. O mesmo ganhou-lhe o resto de dinheiro, e não sendo o que lhe ganhou, propoz-lhe que jogassem mais uma vez, e no caso de perder o principe ficaria preso por tres annos n'aquella casa, e o servisse como criado por mais outros tres. O principe aceitou a proposta, e jogou e perdeu. O viajante tomou conta d'elle, prendeu-o em sua loja, e deu-lhe pão e agua de um dia para tres annos.

O principe chorava a sua má cabeça ao fim de tres annos viram-n'o soltar-se, e elle poz-se a caminho para ir para casa do viajante, que era rei, servil-o como criado. Depois de ter andado muito, encontrou uma mulher com uma creancinha ao collo a chorar com fome. O principe ainda levava o resto d'uma codorniz de pão com escorrapão d'agua e deu tudo á mulher. Ella em agradecimento disse-lhe:

—Olhe, santinho, vá você sempre andando, e quando lhe vier um cheiro muito grande, é porque está no caminho entre pera dentro, e vá-se esconder no pé do tanque. Então lá-de vir tres pombas cornar banho e a ultima é que ha-de ser a verdade. Tire-lhe as pennas e não lh'o verão a dar até ao trocar de tres casacas que ella ha-de ter. Acabou-se tudo quanto a mulher lhe tinha dito; apanhou o vestido de pennas da pombinha, e ella para o tomar a ter-lhe-ha um anel, um collar e uma perna, dizendo-lhe:

—Quando se virem em alguma afflicção e disserem:—Valha-me aqui a pombas, lembre-se de acudir; eu sou a filha do rei que viem servir, que tem uma grande raiva a dos rapazes, e que lhe dão muitos desgostos, e que se morrer o da velha com os grandes casa, em quanto ella se estiver queixa e contemplar, lá ao longe, ao topo da collina, a muro branco do cemiterio, ainda tresando de sol, e onde dormiam cyprestes e mortos.

Calados ambos.

De subito o pistoleiro empolgando n'uma grande de cavar—obra grossa do tio Manuel—atravessou as pinturas nuas de uma cadeira.

O velho ouviu e disse, como que respondendo a um pensamento seu intimo, por vontade inspirado na contemplação melancolica do cemiterio:

—De maneira que, quando eu morrer, Maria, eu fico a teu cargo o pavarim...

—O que é? Que é que tu dizes...?

—Quando eu morrer....

—Espetas então morrer primeiro do que eu!... exclamou a tia Maria pondo as mãos, suffocada. Oh! Senhor! Quer morrer antes de mim! Aqui está o que é o egoismo dos homens!

Ora então, mulher! Parece que o homem morre quando lhe chega a sua vez! Pois é minha vez esta a chegar. Olha que tenho mais dez annos do que tu.

—Dez annos! Ora não ha! Não são dez annos: são nove annos e um mez e nem mais um dia! Dez annos! Porque não dizes vinte annos! Ora não ha! Se fossemos a contar os annos de desgostos que me tens dado, eu seria o dobro de tu edade!

—Oh! mulher! Que exageração! Ah! isso é exageração! E tu que és forte e dizes como um *pichinho*, que lês sem oculos, aqui tenho a falar em morrer antes de mim, como se isso fosse a cousa mais natural d'este mundo!

—Então não é natural!

—Já lh'o tenho que eu te advinhei. O que tu queres é ir dormir muito socegadamente no cemiterio de S. João e deixar-me a mim sosinho no mundo! Mau homem! E quem é que ouvia de ir chamar o ar. abbade! Eu. Quem haveria de ir fallar ao coveiro! Quem ficaria para se chorar e para se vestir de luto! Eu, sempre eu, a barra de cargo, resquasno o senhor estava dormindo muito tranquillamente, refastelado entre os gaivos, depois de bem confessado e commungado! Pois enganou-se, ouviu! Enganou-se. Quem hade morrer primeiro hei de ser eu. Bem pode portanto mandar fazer roupa prena, e encommendar lagrimas, se é que ainda tem consolação, seu ingrato, seu mau homem!

—Não tarda nada, Maria!

—Faço e mais que faço!

Enxugando fallava, a tia Maria tirando para a mesa as duas pombas abafadas, de que se exhalava um prefume delicioso.

—Ah! cabagadas! exclamou o velho.

—Homem sem coração! resmungou entre dentes, mas de fórma que fosse ouvido.

O tio Manuel empallidece, e pegando no prato das pombas, atirou-o para o meio das jarmas que, dir-se, estremeceram de espanto.

—Sim! bradou a tia Maria. Pois então tarde!

E atirou a garrafa de moscatel, a ultima, pela fresta fóra.

Estes dois tragos deitaram por terra a colera dos velhos, e os dois fizeram-se tão pedaços, em pé, á volta a todos bracos e vizes.

—Domenico! foi o tio Manuel com a sua ideia infeliz. Lá se foi a festa! Mas temos ainda a sobremesa....

—E um trovo de vinho de pasto ao fundo da area.... accrescentou a tia Maria. Bonito passar de anniversario, não ha duvida! A culpa é tua!

—Oh tia!

—Para que falaste de mortes?

—E para que me respondeste...?

Ia recomeçar a dita tia de dentes. Mas n'este momento o pistoleiro atirou as primeiras notas de uma cadeira, e todos e de prasa que a homem cedo sempre, a tia Manuel, disse:

—Afinal quem teve a culpa foi o pavarim.

Mas como é costume do prazer que a mulher seja a ultima a ceder, a tia Maria retrucou:

—Pois vae tu a dansar, se te atreves, Manuel, que eu não tardarei a seguir-te.

E os dois velhos, enternecidos e irmãos, não podendo bailar-se á vista d'uma separação eterna, tinham nos olhos uma reunhosa lagrimas, que logo se fizeram lagrimas.

Paulo Arbe.

* * *

EPISODIO

Um dia Alberto disse á sua amiguinha:

—Escuta meu amor. Tenho pensado muito em ti, no teu bem, na tua reputação, no teu futuro. Por muitos intensos, por muito intenso que seja o meu amor, a nossa ligação não deixa de ser uma desbotea, uma vergonha para ti. A minha consciencia impõe-me um sacrificio enorme—tão grande que não sei se terei força para o supportar! Renunciar ao teu amor! A minha felicidade, a minha alegria, a esperança da minha vida inteira! Comtudo, meu anjo, que ro.... devo sacrificar me por ti, que as tudo para mim n'este mundo e tu outro, eu terra e eu nada, ha, nas estrellas, etc., etc.

E' sabido, quando um homem faz logica d'estas é mulher que ama, e porque o verbo já vae acabado na conjugação do preterito, com Mariazeca, estudou! não o sabia ainda. E por isso, quando Alberto appareceu a espargir philosophia suave sobre a miseria dos seus amores illegaes, ella abriu muito os grandes olhos, limpou-os e brilhantes como dois sois maiores, e não viu a razão porque era vergonhoso e desbotea aquela pequena alliança que havia seis mezes tinha sido proclamada, com uma verbosidade egualmente pressurosa, mais legitima, mais santa e mais moral que todos os casamentos consagrados.

O que ella viu foi que Alberto, o seu querido Alberto, a quem adorava com todas as veras da coração, fallava em abandonal-a; e separando-se-lhe ao pescoço n'um impeto de apaixonada ternura, protestou com sobeneria que não queria outro bem, outra reputação, outro futuro, que o de ser sua amiguinha como até ali, assegurando-lhe no meio de lagrimas, de caricias e juramentos solemnes, que no dia que deixasse de o ser, deixaria de existir.

Alberto ficou um pouco desorientado com a direcção, inesperadamente tragica, que ia tomando o epilogo d'este idyllio.

E o peior era o não poder desmentir do seu caracter de honestidade.

Ia casar. E o seu casamento—uma fortuna de que contava—não era especie que se trocasse por sentimos olhos bonitos.

Elle tinha-os desejado bem, os bonitos olhos de Mariazeca! mas a dizer a verdade, não lhe passára nunca pela ideia constituir uma ligação duradoira, permanente, comsigo a sua amiguinha tivera a segurança de acreditar.

A principio não lhe tinha querido sentir as ultimas caprichos e luctar com chave de ouro a sua chaveira de rapaz.

Depois, pouco a pouco—o amor de Mariazeca era tão doce, tão apaixonado, tão enthusiasta! Alberto tinha-o habituado ao prazer, sempre insaciavel, de se fazer adorar por uma rapariga bonita.

Elle via bem agora que tinha tavido uma certa duplicidade em mar buscar o anel que a minha filha mais velha lá perdeu.

Voltou o principe para o quarto e tornou a chamar pela pombo; ella acudiu:

—Olha, vae ávantê pore a grata e leva uma bacia e uma faca e corte-te n'um barco.

Assim fez; a pomba metteu-se com elle no barco e foi por esses mares fóra. Já tinha andado muito, quando ella disse que lhe cortasse a cabeça, de modo que não cahisse uma gota de sangue no chão, e a atirasse para o mar. Seguiu tudo á risca. Passado pouco tempo sahiu do mar uma pomba com um anel no bico, largou-o na mão do principe e foi levar-se no sangue que estava na bacia; tornou-se na cabeça de uma bella donzella e depois tornou a desapparecer. O principe foi entregar o anel ao rei, que ficou mais desesperado, e lembrou-se de lhe dar um maior trabalho:

—Hoje de tarde has-de sahir ao meu palacio, para o emissario.

O principe foi para o seu quarto e tornou a chamar pela pombinha, que respondeu:

—Olha, o meu pae quer vêr se se mata por algum bicho; porque o pedro é ella mesmo, o selen é minha mãe, minhas irmãs são os cavallos, e eu sou o freio. Não se esqueças de levar um bom cacete, porque podes cansar-se com uma carga de pau ás costas.

O principe montou no poldro, untou-o com pancadas, e tres cansou fez que quando resolveu a casa e foi dar parte ao rei que o poldro estava morto, achou o rei de casa todo em pantos de tal rogue, a rainha toda n'uns cal-

A imprensa ilustrada na capital do reino se fez representar também através do semanário *A Ilustração Portuguesa*, que se apresentava como "revista literária e artística" e foi editada entre junho de 1884 e 6 de outubro de 1890[212]. Com previsões otimistas, o conteúdo programático da folha anunciava que com tal título iria se "empreender uma publicação" que seria "uma verdadeira maravilha artística", e que ficaria "ao alcance de todas as bolsas, ainda as menos abastadas". Seguindo as tradições das publicações do seu gênero, recorria à comparação com as do mesmo estilo no exterior, afirmando que seria oferecida "uma ilustração igual" às "melhores do estrangeiro, com gravuras de primeira qualidade, colaborada pelos primeiros escritores" e vendida por módico preço. Considerava, enfim, que se tratava de "um arrojo de tal ordem em editoria", que só poderia "ser realizado depois do estudo mais apurado e pertinaz"[213].

[212] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 406.
[213] A ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA. Lisboa, jun. 1884. N. prospecto. p. 1.

2.º Anno — Lisboa, 21 de setembro de 1885 — Numero 10

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*O Ideal-monio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaras; Visconde de Benalcanfor, etc.

A NOVA EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE CAMPINAS (BRAZIL)

SUMMARIO

Texto. — *Chronica*, por Casimiro Dantas.— *Aves e Almas* (de V. Hugo), versos, por Alfredo de Castellões. — *A expulsão dos jesuitas na India*, por Pinheiro Chagas. — *Intermezzo lyrico* (Heine), versos, por Joaquim de Araujo.—*Donas Eleuterias*, conto, por L. A. Palmeirim.—*Typos lisbonenses: Retratos á penna*, por D. Guioma Torrezão.—*Ao Sol*, soneto, por Sousa Viterbo.—*Ás nossas gravuras*.—*Em familia* (Passatempos).—*Sursum Corda*, versos, por Eça de Almeida.—*A musica em Portugal*, por Magalhães Fonseca.—*Um conselho por semana — A rir*

Gravuras. — *A nova egreja matriz da cidade de Campinas* (Brazil) —*Luiz XIV e a Maintenon*. —*Entre flores*.—*Um talento precoce*.—*Caçada aos veados*

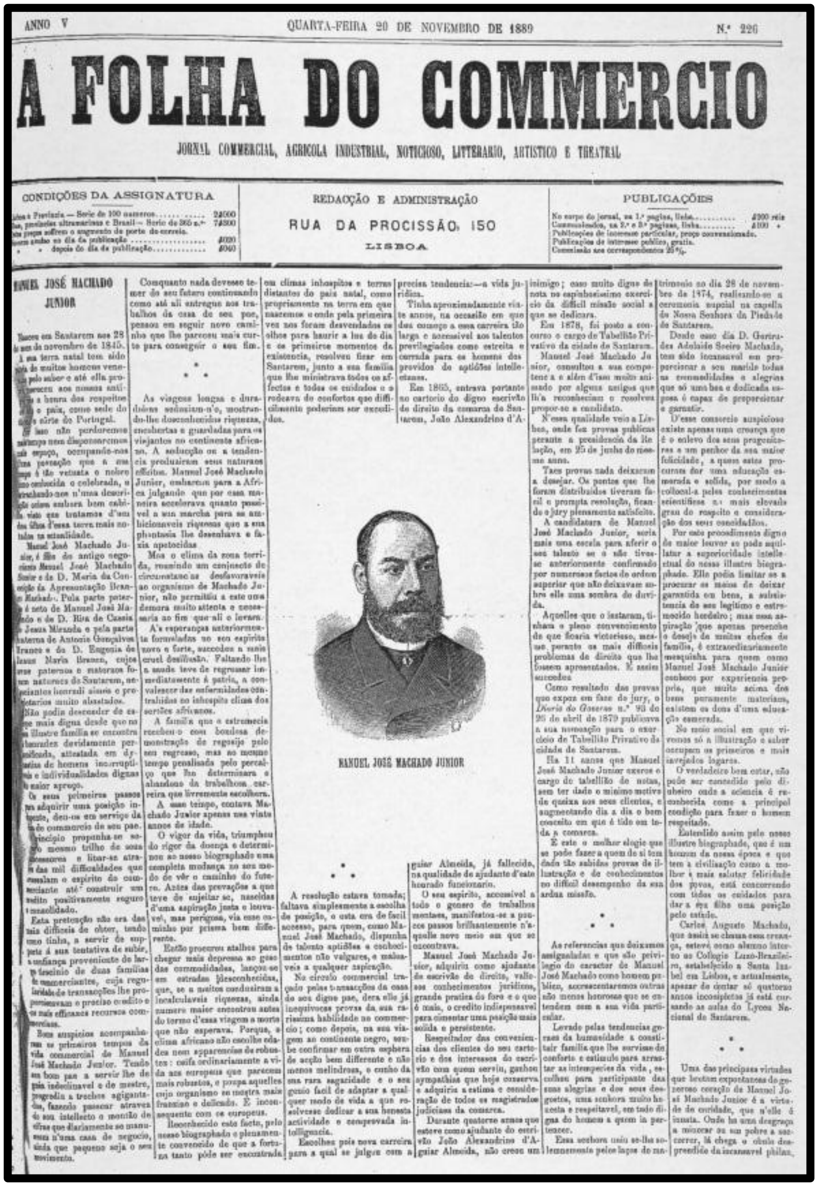
CHRONICA

Lisboa, a semsaborona e insipida Lisboa, despicou-se d'esta vez.

Diziam por ahi uns aleivosos, linguas damnadas, que os alfacinhas, em materia de civilisação, não se avantajavam muito aos hottentotes. Motejava-se á socapa da depravação dos seus gostos. Havia risinhos de chacota para as suas festas aldeãs e primitivas, com areia encarnada a rôdo, pelo chão, e foguetes de tres respostas, á farta, pelo ar. Toda a gente se habituára a considerar o lisboeta como o producto d'um connubio monstruoso entre os naturaes de Chão de Maçãs e Freixo d'Espada á Cinta. Vendo-o correr desordenadamente para as touradas, acompanhar os cyrios á Outra-Banda, tomar a sério o Justino Soares, voar a mais supina indifferença aos assumptos d'interesse publico, decilitrar pelas Hortas, devorar, de fio a pavio, os annuncios do *Diario de Noticias*, e trautear as modinhas banaes das *Revistas do Anno*,

Também em Lisboa circularia outra folha diária destinada essencialmente às lides mercantis, tão fundamentais à época para a vida econômica do reino. Era *A Folha do Comércio* que circulou entre 17 de agosto de 1884 e 13 de maio de 1894[214]. Ela tinha dentre seus atrativos a inclusão de ilustrações e possuía uma proposta bastante ampla, intentando abordar variados setores da sociedade lusa, apresentando em seu frontispício o dístico "jornal comercial, agrícola, industrial, noticioso, literário, artístico e teatral".

[214] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 337.



ANNO V — QUARTA-FEIRA 20 DE NOVEMBRO DE 1889 — N.º 226

A FOLHA DO COMMERCIO

JORNAL COMMERCIAL, AGRICOLA INDUSTRIAL, NOTICIOSO, LITTERARIO, ARTISTICO E THEATRAL

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Lisboa e Provincia — Serie de 100 numeros ... 2$000
…, provincias ultramarinas e Brazil — Serie de 365 n.os 7$300
… preços soffrem o augmento do porte do correio.
Numero avulso no dia da publicação ... $020
» » depois do dia da publicação ... $040

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA PROCISSÃO, 150

LISBOA

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, na 1.ª pagina, linha ... $200 réis
Communicados, na 2.ª e 3.ª paginas, linha ... $100 »
Publicações de interesse particular, preço convencionado.
Publicações de interesse publico, gratis.
Commissão aos correspondentes 25 %.

MANUEL JOSÉ MACHADO JUNIOR

Nasceu em Santarem aos 28 de novembro de 1845.

A sua terra natal tem sido … de muitos homens venerados pelo saber e até ella proveceu aos nossos antigos a honra dos respeitos … o paiz, como sede do … côrte de Portugal.

… isso não perderemos tempo nem disporemos … espaço, occupando-nos … evocação que a sua … é tão vetusta e nobre … conhecida e celebrada, e … n'uma descripção … embora bem cabida, visto que tratamos d'um dos filhos d'essa terra mais notaveis na actualidade.

Manuel José Machado Junior, é filho do antigo negociante Manuel José Machado Junior e da D. Maria da Conceição da Apresentação Branco Machado. Pela parte paterna é neto de Manuel José Machado e de D. Rita de Cassia de Jesus Miranda e pela parte materna de Antonio Gonçalves Branco e de D. Eugenia de Jesus Maria Branco, cujos avós paternos e maternos foram naturaes de Santarem, negociantes honrados e proprietarios muito abastados.

Não podia descender de estirpe mais digna desde que na … illustre familia se encontra honradez devidamente personificada, attestada em dynastias de homens incorruptiveis e individualidades dignas do maior apreço.

Os seus primeiros passos para adquirir uma posição independente, deu-os em serviço da casa de commercio de seu pae. A principio propunha-se seguir o mesmo trilho de seus antecessores e lutar atravez das mil difficuldades que … o espirito do commerciante até construir um credito positivamente seguro e consolidado.

Esta pretenção não era das mais difficeis de obter, tendo como tinha, a servir de supporte á sua tentativa de subir, a confiança proveniente do largo tirocinio de duas familias de commerciantes, cuja regularidade de transacções lhe proporcionavam o preciso credito e os mais efficazes recursos commerciaes.

Bons auspicios acompanharam os primeiros tempos da vida commercial de Manuel José Machado Junior. Tendo um bom pae a servir-lhe de guia indeclinavel e de mestre, progredia a trechos agigantados, fazendo passar atravez do seu intellecto o montão de cifras que diariamente se manuseam n'uma casa de negocio, ainda que pequeno seja o seu movimento.

Comquanto nada devesse temer do seu futuro continuando como até alli entregue aos trabalhos da casa de seu pae, pensou em seguir novo caminho que lhe pareceu mais curto para conseguir o seu fim.

* * *

As viagens longas e duradoiras seduziam-n'o, mostrando-lhe desconhecidas riquezas, encobertas e guardadas para os viajantes no continente africano. A seducção ou a tendencia produziram seus naturaes effeitos. Manuel José Machado Junior, embarcou para a Africa julgando que por essa maneira accelerava quanto possivel a sua marcha para as ambicionaveis riquezas que a sua phantasia lhe desenhava e fazia apetecidas.

Mas o clima da zona torrida, reunindo um conjuncto de circumstancias desfavoraveis ao organismo de Machado Junior, não permittiu a este uma demora muito attenta e necessaria ao fim que ali o levara.

A's esperanças anteriormente formuladas no seu espirito novo e forte, succedeu a mais cruel desillusão. Faltando-lhe a saude teve de regressar immediatamente á patria, a convalescer das enfermidades contrahidas no inhospito clima dos sertões africanos.

A familia que o estremecia recebeu-o com bondosa demonstração de regosijo pelo seu regresso, mas ao mesmo tempo penalisada pelo percalço que lhe determinara o abandono da trabalhosa carreira que livremente escolhera.

A esse tempo, contava Machado Junior apenas uns vinte annos de idade.

O vigor da vida, triumphou do rigor da doença e determinou ao nosso biographado uma completa mudança no seu modo de vêr o caminho do futuro. Antes das prevações a que teve de sujeitar-se, nascidas d'uma aspiração justa e louvavel, mas perigosa, via esse caminho por prisma bem differente.

Então procurou atalhos para chegar mais depressa ao gozo das commodidades, lançou-se em estradas desconhecidas, que, se a muitos conduziram a incalculaveis riquezas, ainda numero maior encontrou antes do termo d'essa viagem a morte que não esperava. Porque, o clima africano não escolhe edades nem apparencias de robustez: ceifa ordinariamente a vida aos europeus que parecem mais robustos, e poupa aquelles cujo organismo se mostra mais franzino e delicado. É inconsequente com os europeus.

Reconhecido este facto, pelo nosso biographado e plenamente convencido de que a fortuna tanto póde ser encontrada em climas inhospitos e terras distantes do paiz natal, como propriamente na terra em que nascemos e onde pela primeira vez nos foram desvendados os olhos para haurir a luz do dia e os primeiros momentos da existencia, resolveu ficar em Santarem, junto a sua familia que lhe ministrava todos os affectos e todos os cuidados e o rodeava de confortos que difficilmente poderiam ser excedidos.

MANUEL JOSÉ MACHADO JUNIOR

* * *

A resolução estava tomada; faltava simplesmente a escolha de posição, e esta era de facil accesso, para quem, como Manuel José Machado, dispunha de talento aptidões e conhecimentos não vulgares, e maleaveis a qualquer aspiração.

No circulo commercial traçado pelas transacções da casa do seu digno pae, dera elle já inequivocas provas da sua rarissima habilidade no commercio; como depois, na sua viagem ao continente negro, soube confirmar em outra esphera de acção bem differente e não menos melindrosa, o cunho da sua rara sagacidade e o seu genio facil de adaptar a qualquer modo de vida a que resolvesse dedicar a sua honesta actividade e comprovada intelligencia.

Escolheu pois nova carreira para a qual se julgou com a precisa tendencia:—a vida juridica.

Tinha approximadamente vinte annos, na occasião em que deu começo a essa carreira tão larga e accessivel aos talentos previlegiados como estreita e cerrada para os homens desprovidos de aptidões intellectuaes.

Em 1865, entrava portanto no cartorio do digno escrivão de direito da comarca de Santarem, João Alexandrino d'Aguiar Almeida, já fallecido, na qualidade de ajudante d'este honrado funccionario.

O seu espirito, accessivel a todo o genero de trabalhos mentaes, manifestou-se a poucos passos brilhantemente n'aquelle novo meio em que se encontrava.

Manuel José Machado Junior, adquiriu como ajudante de escrivão de direito, valiosos conhecimentos juridicos, grande pratica do foro e o que é mais, o credito indispensavel para cimentar uma posição mais solida e persistente.

Respeitador das conveniencias dos clientes do seu cartorio e dos interesses do escrivão com quem serviu, ganhou sympathias que hoje conserva e adquiriu a estima e consideração de todos os magistrados judiciaes da comarca.

Durante quatorze annos que esteve como ajudante do escrivão João Alexandrino d'Aguiar Almeida, não creou um inimigo; caso muito digno de nota no espinhosissimo exercicio da difficil missão social a que se dedicara.

Em 1878, foi posto a concurso o cargo de Tabellião Privativo da cidade de Santarem.

Manuel José Machado Junior, consultou a sua competencia e além d'isso muito animado por alguns amigos que lh'a reconheciam o resolveu propor-se a candidato.

N'essa qualidade veio a Lisboa, onde fez provas publicas perante a presidencia da Relação, em 25 de junho do mesmo anno.

Taes provas nada deixaram a desejar. Os pontos que lhe foram distribuidos tiveram facil e prompta resolução, ficando o jury plenamente satisfeito.

A candidatura de Manuel José Machado Junior, seria mais uma escala para aferir o seu talento se o não tivesse anteriormente confirmado por numerosos factos de ordem superior que não deixavam sobre elle uma sombra de duvida.

Aquelles que o instaram, tinham o pleno convencimento de que ficaria victorioso, mesmo perante os mais difficeis problemas de direito que lhe fossem apresentados. E assim succedeu.

Como resultado das provas que expoz em face do jury, o *Diario do Governo* n.º 93 de 26 de abril de 1879 publicava a sua nomeação para o exercicio de Tabellião Privativo da cidade de Santarem.

Ha 11 annos que Manuel José Machado Junior exerce o cargo de tabellião de notas, sem ter dado o minimo motivo de queixa aos seus clientes, e augmentando dia a dia o bom conceito em que é tido em toda a comarca.

É este o melhor elogio que se pode fazer a quem de si tem dado tão sabidas provas de illustração e de conhecimentos no difficil desempenho da sua ardua missão.

* * *

As referencias que deixamos assignaladas e que são privilegio do caracter de Manuel José Machado como homem publico, accrescentaremos outras não menos honrosas que se entendem com a sua vida particular.

Levado pelas tendencias geraes da humanidade a constituir familia que lhe servisse de conforto e estimulo para arrostar as intemperies da vida, escolheu para participante das suas alegrias e dos seus desgostos, uma senhora muito honesta e respeitavel, em tudo digna do homem a quem ia pertencer.

Essa senhora uniu-se-lhe solemnemente pelos laços do matrimonio no dia 28 de novembro de 1874, realisando-se a ceremonia nupcial na capella de Nossa Senhora da Piedade de Santarem.

Desde esse dia D. Gertrudes Adelaide Soeiro Machado, tem sido incansavel em proporcionar a seu marido todas as commodidades e alegrias que só uma boa e dedicada esposa é capaz de proporcionar e garantir.

D'esse consorcio auspicioso existe apenas uma creança que é o enlevo dos seus progenitores e um penhor da sua maior felicidade, a quem estes procuram dar uma educação esmerada e solida, por modo a collocal-a pelos conhecimentos scientificos no mais elevado grau de respeito e consideração dos seus concidadãos.

Por este procedimento digno de maior louvor se pode aquilatar a superioridade intellectual do nosso illustre biographado. Elle podia limitar-se a procurar os meios de deixar garantida em bens, a subsistencia do seu legitimo e estremecido herdeiro; mas essa aspiração que apenas preenche o desejo de muitos chefes de familia, é extraordinariamente mesquinha para quem como Manuel José Machado Junior conhece por experiencia propria, que muito acima dos bens puramente materiaes, existem os dons d'uma educação esmerada.

No meio social em que vivemos só a illustração e saber occupam os primeiros e mais invejados logares.

O verdadeiro bem estar, não pode ser concedido pelo dinheiro onde a sciencia é reconhecida como a principal condição para fazer o homem respeitado.

Entendido assim pelo nosso illustre biographado, que é um homem da nossa época e que tem a civilisação como a melhor e mais salutar felicidade dos povos, está concorrendo com todos os cuidados para dar a seu filho uma posição pelo estudo.

Carlos Augusto Machado, que assim se chama essa creança, esteve como alumno interno no Collegio Luzo-Brazileiro, estabelecido a Santa Isabel em Lisboa, e actualmente, apezar de contar só quatorze annos incompletos já está cursando as aulas do Lyceu Nacional de Santarem.

* * *

Uma das principaes virtudes que brotam espontaneas do generoso coração de Manuel José Machado Junior é a virtude da caridade, que n'elle é innata. Onde ha uma desgraça a minorar ou um pobre a soccorrer, lá chega o obulo desprendido da incansavel philan-

A localidade balnear de Caldas da Rainha, no distrito de Leiria, no litoral luso, também contaria com os bafejos da imprensa como no caso da publicação do semanário *O Caldense*, editado entre 28 de setembro de 1884 e 14 de janeiro de 1894[215]. Sua opção partidária era o fio condutor de suas práticas editoriais, pois, como afirmava, apesar da "vida difícil nunca" se afastara "do seu programa jornalístico e político" evitando realizar uma "política de caráter pessoal", estando "filiado quase desde o seu nascimento ao Partido Progressista". Dessa forma, manifestava o desejo de continuar "sempre a ser o último dos seus soldados", assim se mantendo enquanto presidissem tal "agrupamento político homens de respeitabilidade, de caráter e de honradez inconcussa"[216].

[215] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 135.
[216] O CALDENSE. Caldas da Rainha, 31 dez. 1893. A. 10. N. 480. p. 1.

O CALDENSE

FOLHA SEMANAL

DIRECTOR—FRANCISCO JOSÉ MACHADO

ANNO X | CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA — Pagamento adiantado — Nas Caldas: 1$000, 500 réis; semestre, 450; trimestre, 240. Para as outras localidades: anno, 1$800; semestre, 600; trimestre, 300. Brazil: anno, 1$800; semestre, 900; trimestre, 600. | CALDAS DA RAINHA — Domingo, 31 de dezembro de 1899 | PUBLICAÇÕES — Annuncios a 20 réis a linha. — Correspondencia de interesse particular, a 30 réis a linha. — De interesse publico, gratis. — A correspondencia deve ser dirigida á redacção de CALDENSE, travessa Nova, n.º 1, Caldas da Rainha. | N.º 480

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para a administração ou redacção do CALDENSE deve ser dirigida simplesmente com o seguinte destino:

Redacção do CALDENSE

TRAVESSA NOVA, N.º 1

CALDAS DA RAINHA

Os annuncios e originaes para publicação devem ser entregues até quinta feira de cada semana.

As correspondencias de interesse particular ou geral deverão apresentar-se devidamente assignadas e reconhecidas.

A administração.

O «Caldense»

Aos seus assignantes e leitores

as boas festas.

O "Caldense,,

Entrando no 11.º anno da sua publicação, é seu gostoso dever o agradecer muito cordealmente aos seus estimaveis assignantes o valioso auxilio com que o têm honrado.

N'estes termos e endereçando-lhes d'aqui o testemunho do seu sincero reconhecimento, espera continuar a não desmerecer de tão prestimoso auxilio, para o que a sua redacção envidará os seus melhores esforços.

Durante o anno que findou algumas irregularidades se deram causadas por circumstancias alheias á nossa vontade.

D'essas irregularidades ou faltas, pedimos mais uma vez desculpa a todos os que nos teem honrado com a sua assignatura.

* * *

Vivendo vida difficil nunca até hoje o *Caldense* se afastou do seu programma jornalistico e politico, embora muitas vezes a injusta apreciação dos seus adversarios tenha procurado fazer propaganda n'esse sentido.

No firme proposito em que se tem conservado, continuará a manter-se, afastando-se porem como é seu costume de um proceder que traduza politica de caracter pessoal.

Filiado quasi desde o seu nascimento no partido progressista, tem o *Caldense* continuado sempre a ser o ultimo dos seus soldados, e assim se manterá emquanto presidirem a esse agrupamento politico homens da respeitabilidade de caracter e da honradez inconcussa do seu illustre chefe o sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Posto isto, e praticados mais uma vez um dever de gratidão e uma affirmação de principios, sigâmos o nosso caminho, sem que nos amedrontem ou embaracem todas as difficuldades que se nos teem pretendido antepôr.

* * *

Por ultimo mais duas palavras ainda, que são igualmente cumprimento de um dever.

São em geral mal vistos ou olhados os individuos que tem mais ou menos devotados as suas sympathias ao nosso honrado director e collega o sr. F. J. Machado.

Pois apesar d'isso queremos mais uma vez e bem publicamente declarar que nos associamos a esse grupo porque acima d'esse mau olhado estão os relevantes serviços que s. ex.ª tem feito a este circulo em geral, e em especial a todos os seus eleitores que o procuram.

Digam muito embora os adversarios de s. ex.ª o que melhor lhes convier, mas o que nunca poderão contestar é a boa vontade, o esforço, a dedicação, que s. ex.ª mostra sempre em bem servir o circulo que o tem elegido, e a quem s. ex.ª com o seu arduo trabalho conferiu uma independencia politica até então agrilhoada a um grupo que reduzira esse circulo á mísera condição de burgo pôdre.

D'aqui saudâmos pois o nosso digno director e collega, testemunhando-lhe a nossa gratidão pela sua valiosa camaradagem, tributando-lhe os nossos louvores pela maneira honrosa e levantada como conquistou n'este circulo as sympathias de que tão justamente é merecedor.

A REDACÇÃO.

ELEIÇÕES

Conforme o decreto publicado na folha official, deverão ter logar no dia 11 de fevereiro proximo.

Quer isto dizer que assim ficam completamente satisfeitas as velleidades perigosas do governo Hintze—Franco; este não contente *com o acto* inconstitucional da dissolução, e o decreto a que alludimos, houve por bem *pedir á corôa* uma recomposição que infelizmente lhe foi concedido.

Com exclusão dos orgãos ministeriaes, toda a imprensa condemna os actos que o governo successivamente tem praticado, desde a dissolução até á sua ultima recomposição.

Politica e mais politica, nada de cuidar dos interesses que n'este momento preoccupam o paiz e lhe desorberam o equilibrio financeiro, eis de que o actual governo principal e exclusivamente se occupa.

Assim eleições e mais eleições para alcance de uma camara que lhe approve todos os seus caprichos politicos, que com o seu *servilismo* o tente das gravissimas responsabilidades em que se tem embrulhado.

Mas até onde quer o actual governo arrastar o paiz?

Até ao governo pessoal?

Quanto a nós, se assim é, parece nos que segue mau caminho e de parceria com todos aquelles que lhe alimentarem tão louco intento.

* * *

Vamos ter eleições, assim o annuncia, repetimos, a folia official.

Manterá o governo o seu proposito de fazer eleições liberrimas?

Prevenindo-nos desde já para o contrario, continuemos unidos e firmes no nosso posto.

Se a garantia do nosso direito *for* respeitada, acatemos a dos contrarios; se pelos meios legaes essa garantia nos fôr negada, offereçamos uma resistencia igual áquella com que nos pretenderem affogentar ou expulsar do acto eleitoral.

Note-se que não é uma proclamação de guerra, mas a affirmação de um direito eleitoral reciproco o que fazemos.

E crêmos que essa affirmação não põe de ser-nos negada attentas as victorias eleitoraes successivamente alcançadas por nós, contra tudo quanto politicamente pode haver de mais poderoso—os governos mais ou menos regeneradores que ultimamente tem feito eleições no paiz.

Finalmente as eleições estão á porta; é necessario, urgente que os nossos amigos unidos na defeza de uma só idéa envidem correctamente esforços para que ella mais uma vez vingue, demonstrando ao mesmo tempo a maxima seriedade, isto repetimos até que dos adversarios nos chegue a aggressão prepotente, por que então hoje de nosso lado o mesmo proceder embora, como sempre o julgâmos, de tristissimos resultados para uns e outros.

Ricardo da Silva Ribbas

Após uma longa e dolorosa enfermidade acaba de fallecer n'esta villa o sr. Ricardo da Silva Ribbas.

Negociante respeitabilissimo, que extremissimo, a sua morte foi geralmente sentido n'esta villa onde era mercidamente estimado.

Paz á sua alma, o testemunho sincero do nosso pezar por tão infausto passamento e os nossos pezames a seus filhos e irmãos.

SECÇÃO AGRICOLA

Arvores velhas

Um proprietario do Alemtejo diz ter no seu pomar algumas macieiras que de velhas já não davam fructo.

Tomou no inverno uma porção de cal virgem e, tendo-a desfeito com agua, caiou com um pincel os troncos das arvores, uma vez sómente.

O resultado foi a destruição das musgas e insectos e cahir a casca ou cortiça velha e ser substituida por outra. D'ahi rejuvenesceram todas e teem produzido regularmente.

Tratamento dos pomares

Os pomares costumam cobrir-se de um musgo verde que é parasita da vida d'esses pomares.

Em França, costumam esfregar os troncos tres vezes por anno com um pedaço de panno grosso ou serapilheira. Este tratamento é usado em Portugal nos pomares coimbrões, entre Tentugal e S. João do Campo.

Matança das formigas

Matam-se as formigas ao pé das arvores semeando-se violas que devem ser regadas a miudo no primeiro anno.

Lombrigas no gado lanigero

Os animaes lanigeros estão expostos a enfermidades causadas pela existencia de vermes no estomago, intestinos e no figado. O meio de curar é este: meia onça de gommas de oloés em pó, farinha e agua sufficientes, faz-se um bolo e mette-se na bocca do carneiro. A enfermidade desapparece logo.

Commercio de ovos

Entre a França e a Inglaterra faz se um commercio extraordinario de ovos de gallinha. Grande numero de pequenas embarcações atravessam o canal da Mancha e depõem em S. Malô, na França, e em Brighton, na Inglaterra, a quantidade de ovos dos dois paizes.

De 72 milhões de ovos que da Hollanda, de Jersey e de Guernesey, veem para Brighton, só a França fornece 55 milhões, isto é, sete oitavos da totalidade. Em França, o preço de cada duzia no porto póde avaliar-se a 100 réis, subindo de preço nos mercados de Paris, Lyão e Marselha.

No anno de 1895, a exportação de ovos nos portos francezes do Mancha, foi de 202.152.400 ovos, e o consumo da capital e mais cidades avalia-se em 16.200.000.000.

Em Portugal, em 1891, exportámos 13941 ovos para a Hespanha e 12486 ovos para Inglaterra, todo no valor de 3$ contos.

(Do *Universal*.)

PELO MUNDO

Longevidade notavel

Os jornaes inglezes acabam de descobrir em Balcombe, no condado d'Essex, uma familia cujos membros apresentam um exemplo notavel de longevidade.

O pae tem noventa e quatro annos de edade; a mãe noventa, e os oito filhos variam nas edades entre setenta e quarenta e nove annos, de modo que aquelles dez membros da mesma familia excedem juntos nas suas edades 666 annos.

Sagas assassinos

Pelas 7 horas da manhã de 25 do corrente commetteu-se um crime d'assassinio na rua do Divino Pastor, em Madrid.

Um individuo chamado Jorge Izquierdo Rebollo, achava-se n'aquella rua esperando o noivo d'uma filha sua, Pedro Mas Alvarez.

Momentos depois, este appareceu, e ambos se encaminharam para a rua de Fuencarral, discutindo sobre o dia em que o casamento se devia realisar.

Publicado em Lisboa, mas dedicando especial atenção aos departamentos insulares, foi editado entre 5 de outubro de 1884 e 23 de maio de 1952[217], o periódico *Portugal, Madeira e Açores*. Circulava quatro vezes por mês e teve por dístico "folha dedicada em geral a tratar dos interesses do país e especialmente dos das ilhas adjacentes", simplificado depois para "folha dedicada a tratar dos interesses gerais do país". De acordo com tais metas, o periódico exaltava o seu esforço "por cumprir a ímproba missão", a que se impusera, ou seja, "não só de zelar, com dedicação e empenho, os interesses vitais dos arquipélagos da Madeira e dos Açores", como "também de ministrar aos habitantes daquelas formosas ilhas, notícias dos fatos mais salientes ocorridos no continente", ou ainda, trazer "aos açorianos e madeirenses, expatriados, informações dos sucessos mais importantes de que as suas terras natais" eram teatro. Explicava que preferia manter "o consciencioso desempenho" de tal missão, e, para isso não destinava espaço a "preocupações partidárias ou incondicionais aplausos a determinados vultos políticos" e, por esse motivo, nunca teria se filiado "em nenhum dos partidos", nos quais estava "fracionada a política portuguesa"[218].

[217] RAFAEL & SANTOS, 2002. v. 2. p. 185.
[218] PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES. Lisboa, 30 out. 1893. A. 10. N. 433. p. 1.

Numero 428 — Lisboa, 20 de setembro — Publica-se nos dias 5, 12, 20 e 27 de cada mez — ANNO IX — 1893

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES

FOLHA DEDICADA A TRATAR DOS INTERESSES GERAES DO PAIZ

O PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES conta grande numero d'assignaturas em Lisboa e nas provincias e é distribuido largamente, pelos cafés e hoteis da capital. E' a unica folha, publicada no continente, com destino especial aos Açores e Madeira, e a que tem maior circulação, nos dois archipelagos insulanos.

LISBOA, 19 DE SETEMBRO DE 1892

Mercado monetario

O dinheiro continúa sendo muito procurado no nosso mercado, regulando de 6 a 7 %.

Animou-se um pouco o mercado das nossas pagas de credito, que tinham soffrendo na semana anterior. As inscripções subiram, devido a muita procura que tiveram. Foram regulares as transacções em divida externa. Houve algum movimento nas obrigações do Estado. Em obrigações prediaes continuam a preferencia, com boa procura, para as de 6 e 5 %. Em outras obrigações: Aguas, Tabacos, Atravez d'Africa, Ultramarino, foi pequeno o movimento. Em acções do Banco e Companhias, estiveram as do Commercial de Lisboa, e Ultramarino.

As libras que tinham subido a 1:260 réis, baixaram já, e não ha bastante mais.

Nos mercados estrangeiros houve bastante abundancia de dinheiro, especialmente nas praças de Londres e de Paris, havendo dinheiro para descontos a esta ultima praça a 2 1/2 % no banco e a 2 3/4 % no mercado livre.

As eventualidades do Brazil, provocadas da guerra civil em que está sujeito, estão procurando deverras os animos da nossa praça. Se a guerra se prolongar, ha de, por certo, causar consideraveis prejuizos ao nosso commercio de exportação. Haverá tambem grande difficuldade em obter, d'aquella republica, subsidios cambiaes que nos ajudem no pagamento dos nossos encargos.

CAMBIOS	AGIOS
Londres.. 41 1/4	Lib.ª ..... 1$250
Paris 09 1/8	Ouro..... 21 a 24 %
Hamburgo 385	Prata ..... —

FUNDOS

	Effectivo
Divida interna fundada	26,10
Divida externa fundada	28,40
Acções do Banco Lisboa & Açores	65$000
» » » Ultramarino	172$000
» » » de Portugal	108$000

Rio de Janeiro:—Cambio sobre Londres, 24d.

Noticias da côrte

Suas magestades e sr. D. Carlos e sr.ª D. Amelia e seus filhos, retiraram-se, hontem, de Cintra para Cascaes.

Tambem a rainha sr.ª D. Maria Pia e o sr. infante D. Affonso, retiram-se, ao mesmo dia, de Cintra para o Mont'Estoril.

—Sua magestade el-rei assistiu ás manobras de Tancos, d'onde retirou no dia 16.

—Sua alteza o sr. infante D. Affonso tem passado n'estes ultimos dias mais incommodado.

—El-rei partiu hontem á noite para o Porto, a fim de assistir ás manobras militares.

Grande cyclone nos Açores

Não se tem recebido mais noticias a respeito do grande catastrophe que assolou quasi todas as ilhas do archipelago açoriano.

Estamos, pois, aguardando, com verdadeira anciedade, a chegada do *Ayer*, que deve trazer-nos circumstanciadas pormenores dos estragos que o ciclone teve occasião de nas desgraçadas passagem pelas ilhas das Flores, Pico, Faial, S. Jorge e Graciosa.

Para augmentar nossa pena, o primeiro recado, com que acudir aos nossos irmãos açorianos, veiu-nos por aquella terrivel flagello, não teem faltado adhesões sinceras e offertas valiosas, a não ter deixado de trabalhar, com serenissimo affan, e com louvavel empenho, não só a commissão da imprensa, como a dos açorianos residentes em Lisboa.

Persuadamo-nos todos n'essa elevadissima cruzada de bem, cooperaremos sempre da necessidade urgente que ha de soccorrer, com promptidão, as afflictivas circumstancias, em que o cyclone deixou os nossos irmãos dos Açores.

*

Sob a presidencia do sr. marquez da Praia e Monforte, reuniu na noite de 14 do corrente, na Sociedade de Geographia, a commissão de soccorros, para a desgraçados pelos Açores.

O sr. marquez da Praia communicou a assembléa o resultado dos trabalhos da commissão executiva, dos quaes tomou nota a nossa redacção.

O sr. Ferreira de Mesquita leu alguns officios que vão ser dirigidos a varias auctoridades pela commissão executiva.

O sr. Pedro de Carvalho lembrou que se declare nos jornaes achar-se aberta na séde da Sociedade de Geographia, onde a commissão ageriana se acha installada, a subscripção a favor das victimas do cyclone.

O sr. Augusto Ribeiro apresentou um alvitre para que a commissão solicitasse de sua magestade a rainha D. Amelia, que é quem preside á commissão de soccorros a naufragios, a fineza de destinar alguma quantia do cofre d'aquella commissão para soccorrer as afflictas familias de pescadores das ilhas dos Açores, que perderam os seus barcos por occasião do cyclone.

O sr. Alfredo Mesquita, como membro da commissão da imprensa, deu conta dos trabalhos d'aquella commissão para a realisação da tourada e da festa campestre no paúsal da Estrella.

Resolveu-se por fim dirigir officios especiaes ás camaras municipaes, associações commerciaes, estabelecimentos bancarios, e circulares a todos os pares e deputados, bispos, auctoridades civis e militares, altos funccionarios, etc., pedindo a valiosa intervenção d'uns a outros, contribuindo com qualquer obolo para attenuar a triste situação em que se encontram as povoas açorianas, e solicitando esmolas para o nosso fim.

Para a proxima reunião da commissão serão publicados os necessarios avisos.

*

Por cavallo de sua magestade a rainha a sr.ª D. Amelia, de accordo com sua magestade a rainha a sr.ª D. Maria Pia, resolveram-se no dia 15, no paço de Cintra, varias senhoras e cavalheiros, ficando constituida uma commissão que vae promover em Cascaes uma *grande kermesse* em beneficio das victimas soffreriveres do cyclone dos Açores.

A commissão é composta das sr.ªs duqueza de Palmella, marquezas de Funchal, do Fayal e da Praia e Monforte, condezas de Valbom, de Sabugosa, de Seisal, de Avila e de Bolasenhas, viscondessa de Asseca, D. Joanna Hintze Ribeiro, D. Anna de Serpa Pimentel, D. Eugenia Nisa e D. Josepha Sandoval de Vasconcellos e Sousa, e dos srs. condes de Sabugosa, de Ribeira, de Mesquitella, visconde de Asseca, e Antonio de Vasconcellos e Sousa.

A pedido de sua magestade a rainha, o *Sporting club* de Cascaes resolveu emprestar os jardins d'aquelle club para all se realisar a referida *kermesse*.

*

A mesma da redacção da *Aurora de Cintra* communicam-se, pelas 9 horas da noite de 12 do corrente, n'uma das salas da mesma redacção, os srs. António Costa, deputado pelo circulo; Francisco de Abreu, presidente da camara; António da Cunegos Andrade, administrador do concelho; José Antunes dos Santos, proprietario; Antonio Maria de Freitas, cerrador da comarca; Manuel Ferreira de Carvalho, escrivão de fazenda; Alfredo Costa, secretario da administração do concelho; Joaquim Velloso da Faria e Abreu, Manuel de Lemos, Avellino de Almeida, Augusto da Silva Bourbeiro e Anselmo Tavares da Mello, redactores da *Aurora de Cintra*.

Depois de varias discussões foi resolvido pela commissão organisar uma corrida de touros na praça de Cintra, a favor das victimas soffreriveres do cyclone dos Açores.

A commissão tenciona pedir a coadjuvação de suas magestades, e espera congregar d'um ou mais lavradores o fornecimento do curro, a concessão da praça e a formação de grupo por cavalleiros bastante conhecidos no nosso quinto tauromachico.

A' reunião d'esse dia nada faltaram alguns cavalheiros a quem tambem não convidados circularam, mas com a maior brevidade possivel reunir-se-ha toda a commissão a fim de serem resolvidos assumptos importantes e urgentes, que já resolvido reverte alvor das victimas do cyclone.

*

Da succursal da Companhia anglo franceza, A. Guillaume & C.ª, de Bordeaux, recebeu a commissão da imprensa a quantia de 2$00 réis, para a subscripção aberta a favor das victimas soffreriveres do cyclone dos Açores.

—O sr. José de Sousa, proprietario do botequim estabelecido no passeio da Estrella, offereceu o rendimento liquido d'esse botequim em um dos dias da festa campestre.

—O sr. conde de S. Marçal, gerente da typographia Universal, offereceu-se a mandar imprimir, gratuitamente, nas suas officinas, os programmas para a tourada.

—O sr. Motta e Sousa, membro da commissão, offereceu os serviços que possa prestar a corporação da qual é socio dos bombeiros voluntarios de Ajuda, de que é 2.º commandante, na festa da tourada, o que foi acceito.

—O distincto aguardista sr. Roque Gameiro offereceu-se para fazer os desenhos d'um elegante programma da tourada.

—Tambem o sr. Augusto Pina por a disposição da commissão o concurso de seu trabalho, como desenhador e pintor, no festival no paúsal da Estrella.

—O nosso amigo e distincto professor da musica, sr. Francisco de Lacerda, espera realisar um concerto no salão do Conservatorio, coadjuvado pelos seus collegas e discipulos.

Tambem egualmente, com a collaboração dos principaes artistas portuguezes, publicar um numero unico d'um jornal artistico, litterario, sob o titulo de *Lotos e Agaves*.

—A' commissão da tourada offereceu tambem o seu presumo o sr. Francisco Serra, cavalleiro tauromachico.

—A banda da guarda municipal, com auctorisação superior, offereceu-se para entrar em qualquer festa que a commissão lhe indique.

Na tourada em beneficio, esta banda apresentar-se-ha executando na praça e antes da corrida executará alguns trechos de composições distinctas e entre ellas a symphonia *Serra de Cintra*, do sr. Sarrisal.

—O actor Chaves offereceu os trabalhos da sua companhia dramatica infantil, para a festa campestre no jardim da Estrella.

—Aguaes offerecimentos, para alentar tão, vastas do sr. Thiago da Costa Lima, constituir-se-á, a direcção da Real associação musical 11 de março, banda de bombeiros municipaes, que se declarou á disposição da commissão.

—Para a tourada, houve offerecimento do banda-rilheiro João Laureano e dos cavalleiros Casimiro Monteiro e Simões Serra.

—O nosso distincto amigo e barcado pasta madeirense, sr. dr. Luiz Gonçalves de Freitas, cerrou ao proprietario d'esta folha, 50 exemplares da sua ultima publicação *Despique*, para a fineza no passeio da Estrella.

—Em Portimão constituiu-se uma commissão para um baile precatorio e uma recita, cujos productos devem ser entregues á commissão da imprensa de Lisboa.

A mesma commissão mandou imprimir uma poesia, para ser distribuida na occasião do baile.

—O sr. Cypriano de Sousa offereceu 2$6000 réis para a subscripção da commissão da imprensa.

—O sr. conde de Hogalhães, presidente da commissão administrativa da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, officiou á sub-commissão da imprensa que promove a tourada em beneficio das victimas do cyclone, participando-lhe que a commissão administrativa d'aquella companhia resolveu fazer a reducção de 50 p. c. na tarifa de transporte de dous touros entre Vista Franca e o Campo Pequeno e vice-versa.

—O sr. Ferreira de Mesquita em nome da commissão agricola, de que é secretario, communicou á commissão da imprensa que, na sessão do dia 7, foi votado por unanimidade, e lançado na acta um voto de reconhecimento á imprensa, pelas energicas diligencias que ella tem feito, no caridoso intuito de obter recursos para os pobres agricultores, flagellados pelos terriveis effeitos do cyclone de 28 de agosto ultimo.

—O distincto pianor João Gabrão offereceu-se á commissão da imprensa para aquelle em que possa ser aproveitado o seu presumo, principalmente nos trabalhos para a *festa campestre*.

—O nosso bom amigo, sr. José Paulino de Sousa Pereira, digno chefe da 1.ª secção da repartição fiscal do alfandega de Lisboa, com os srs. Henrique d'Andrade Albuquerque Bettencourt, 2.º verificador, e João Gomes de Moraes, aspirante, todos agricanos, abriram entre os empregados da sede da mesma alfandega, uma subscripção a favor das victimas dos temporaes do archipelago.

—O distincto amador tauromachico, sr. Carlos Reivas, accedeu, gentilmente, ao convite da commissão, para tomar parte na tourada.

*

A primeira vez que a sr.ª tourada na praça do Campo Pequeno.

*

A sub-commissão encarregada de promover a festa tauromachica, destinada a correr na praça do Campo Pequeno, para o proximo domingo 24 do corrente, continúa com a seguinte:

Curro de 12 touros, offerecidos: 2 pelo sr. dr. Maximo Pádua; 2 pelo sr. dr. Larcago; 2 pelo sr. commendador Carlos Marques; 2 pelo sr. commendador Eduardo de Oliveira; 3 pelo sr. Emilio Infante; e 2 pelos irmãos Roberton.

Cabrestos e cepões offerecidos pelo sr. visconde de Varzea.

Cavalleiros: srs. Carlos Reivas, Fernando d'Oliveira e Manuel Casimiro.

Bandarilheiros: Raphael Peccatta, Catalunça, Pastelleiro, Theodoro Gonçalves, Sancho, Jorge Cadete, Mirante e João Roberto.

Forcados: grupo de que é cabo o sr. Ayres de Serpa, aprelano.

Os touros estão em Villa Franca na quinta feira e são recolhidos no proximo dia do Pinhal Bisaro, que gentilmente se prestou ao supplicado.

A banda da guarda municipal, com pleta, como já se disse, tocará, durante uma hora, na tarde, antes da corrida.

A venda dos bilhetes começa na quinta feira.

Consta que muitos accionistas presidirão, attendendo ao fim da festa, do direito de se utilisarem dos seus bilhetes, dirigindo-os para a venda avulso.

*

Continua aberta na redacção d'esta folha a subscripção em favor das victimas soffreriveres do cyclone dos Açores.

Novos governadores civis dos Açores

Foram, finalmente, nomeados novos governadores civis para os districtos de Angra do Heroismo e Horta. Para este é o sr. Guilherme Read Cabral, 1.º official das alfandegas, que actualmente estava dirigindo a alfandega do Funchal, antigo escripturario, e acumulando, o para o de Angra, é o sr. Isidoro José Pimentel Homem de Noronha, antigo administrador d'aquella concelho, antigo commissario de policia, antigo advogado, etc. etc. etc.

A nomeação do sr. Noronha, parece que foi em resultado d'um alvitre, ouvido, pelo centro regenerador da ilha Terceira, ao sr. presidente do conselho.

O sr. ministro do reino nomeou a alguns que no districto de Ponta Delgada, e instancias, segundo se diz, do sr. presidente do conselho, que deseja a todo o transe evitar o completo desmantelamento do partido regenerador em S. Miguel, o que, comtudo, succederia, se fosse nomeado qualquer dos dois cavalheiros indigitados.

Açorianos em Africa

Ao sr. dr. Guilherme de Arriaga, chefe do serviço de saude na Beira, foram concedidos 4:000 hectares de terreno na margem esquerda do Rovi, onde aquelle chefe conta crear uma grande propriedade agricola, na qual recrutará alguns familias dos Açores, visto que o ponto da concessão se presta optimamente a receber a raça branca.

A questão do pão

Fizeram-se greves algumas padeiras de Lisboa e elevaram 5 réis em cada pão de 900 grammas.

O desagrado foi geral, e o governo teve, de prompto, de intervir n'este negocio. O sr. ministro das obras publicas conferenciou com varios mungueiros, e padeiros, e encarregou a Companhia de Fiscalisação e a policia civil de fabricar pão por conta do Estado, que começou logo a ser vendido, em carros de lavradores, em varias pontos da cidade.

Foram marcados alfour grandes cartazes pelas ruas annunciando ao povo a venda de pão a 40 réis.

Graves acontecimentos no Brazil

Como no nosso ultimo numero finalmente entrevêr, é excepcionalmente grave, e entorcerada de irrisiveis incertezas, a actual situação do Brazil.

Apezar de estarem interrompidas, por ordem do governo d'aquella republica, todas as communicações telegraphicas, sabe-se que, no porto do Rio de Janeiro, a esquadra se revoltou contra o governo e contra a presidencia do marechal Floriano, tendo sido intimado pelos insurrectos a demittir-se d'aquelle cargo. A' ironia da revolta está o ministro Candido José de Mello, tendo sob as suas ordens o commandante Aquidaban, as corvetas *Republica* e *Trajano*, e 4 torpedeiras.

Alem do resto, que desde as primeiras noticias se apoderou de todos, do ver a ser bombardeado o Rio de Janeiro, promulgou geral inquietação a probabilidade d'uma guerra entre a novel republica e o Uruguay,—guerra que tem por pretexto as escorrias, a aquelle ultimo estado, das tropas federalistas, mas que, naturalmente, deriva da asocar rivalidade entre o Brazil e os Estados do Rio da Prata, que, talvez, tambem ensejo de realisar, agora, a sua antiga aspiração de annexar ao seu territorio o Rio Grande do Sul.

Das diversões intestinas é causa immediata, porque as mediatas vão bastante mais longe, a impolitica da tacanheza do regimen, a rivalidade, cada

Ainda em Lisboa seria editado um outro periódico diário, o *Correio da Manhã*, que circulou de 1º de dezembro de 1884 a 11 de dezembro de 1897[219]. Ao apresentar-se ao público, afirmava que entrava "na luta jornalística, pronto a defender as ideias professadas pelo Partido Regenerador". O periódico explicava que, na época então atravessada, era sentida "uma grande confusão no regime dos diversos partidos", de modo que seria necessário "mais do que nunca que os homens" que sustentavam "um certo número de ideias essenciais de progresso, de liberdade e de ordem social", se concentrassem "em coluna compacta em torno dos seus chefes naturais, esquecendo para sempre as dissidências que por algum tempo os tivessem podido dividir". O jornal colocava-se entre aqueles que prezavam e defendiam "as instituições vigentes", propondo que os partidos se caracterizassem de um modo "definido e acentuado", constituindo "organismos completos, com elementos de vida e desenvolvimento", evitando "o demasiado fracionamento", por ser "mais do que nunca perigoso"[220].

[219] RAFAEL & SANTOS, 2001. v. 1. p. 96.
[220] CORREIO DA MANHÃ. Lisboa, 1º dez. 1884. A. 1. N. 1. p. 1.

CORREIO DA MANHÃ

DIRECTOR — M. PINHEIRO CHAGAS

N.º 1845 | ASSIGNATURA — Trimestre: Lisboa, 900 réis. — Provincias, Ilhas e Hespanha, 1$350. — Semestre: Africa, 2$800. — Brazil, 3$600. — Avulso 10 réis. Escriptorio, rua da Emenda, 116, 1.º | LISBOA — Domingo 16 de novembro de 1890 | PUBLICAÇÕES — Corpo do jornal, 60 réis. — Annuncios, 30 réis. — Correspondencia á redação a Gervasio Lobato; á administração a Jayme Victor. Editor, Rodrigo Vaz Napoles. | 7.º ANNO

SUMMARIO

O modus vivendi.
Echos da Havaneza. — *Albria.*
A administração colonial.
O anniversario da Republica Brazileira.
O diario do governo.
Dia a dia. — *Informador.*
Indicações uteis.
Echos dos bastidores. — *Companhia de zorras.*
Telegrammas e correspondencias.
Movimento commercial.
Folhetim. — Montalégre. — *George Pradel.*

O MODUS VIVENDI

Foi effectivamente assignada a convenção que fixa o *modus vivendi*, e que será publicada, suppomos, no *Diario* de segunda feira. Já demos aqui o nosso franco e sincero applauso a essa convenção, por isso mesmo que é o tratado na parte relativa aos territorios da Africa Oriental. Parece por conseguinte que este *modus vivendi* deve desagradar ao sr. Antonio Ennes, mas agradar ao sr. Hintze Ribeiro.

Não tratemos porém d'esse assumpto e limitemo-nos a notar que esse *modus vivendi* estava sendo absolutamente essencial para as nossas negociações e para a segurança do nosso dominio. Se queremos fallar latim diplomatico, podemos dizer que Portugal não tinha n'este momento a escolher senão entre dois latins, ou o latim do *modus vivendi*, ou o latim do *primo capientis*. Qual achavam melhor?

Supponmos que o sr. ministro dos negocios estrangeiros a coisa que mais desejaria n'este mundo seria encontrar, até no partido republicano, um homem de boa vontade que se encarregasse de achar uma solução mais vantajosa. Infelizmente os republicanos, antes de tomarem o poder, querem primeiro que se resolva a *questão ingleza*, e os partidos monarchicos tambem parecem muito desejosos de se escapar á sua solução.

Mas somos incorrigiveis. O proprio sr. Antonio Ennes, que por experiencia já viu que os ares do ministerio são um poucochinho differentes dos ares da redacção do *Dia*, se saisse agora do ministerio, era capaz de tornar a exigir dos novos ministros que fossem de um lado pelo menos ao Tanganyika, do outro até no *kraal* do Lobengula.

«Não temos outros Portuguezes,» dizia o visconde de Santa Monica.

LONDRES, 15.

Os jornaes inglezes publicam o texto do «modus vivendi» africano, celebrado com Portugal.

ECHOS DA HAVANEZA

Completou hontem um anno Sua Alteza o sr. Infante D. Manoel, filho mais novo dos Reis de Portugal. Por esse motivo houve hontem recepção particular no Paço de Belem.

Está quasi restabelecida a sr.ª condessa de Lagoaça, esposa do nosso amigo o sr. conde de Lagoaça.

Adoeceu hontem, em Cascaes, um filhinho do sr. visconde de Castello Novo.

Partiu hontem para Coimbra o sr. Manuel da Silva Bruschy.

Chegou a Lisboa mr. de Fonton, ministro da Russia n'esta côrte.

Entrou em franca convalescença o sr. conselheiro José de Mello Gouveia.

— A *grippe* está novamente em Lisboa. Uma das primeiras victimas foi a actriz Umbelina, do theatro de D. Maria, que ha dias está de cama.

Morreu em Paris um dos mais importantes vultos do partido imperialista francez Affonso Gautier, antigo secretario geral da casa do imperador, antigo conselheiro d'estado e official-mór da legião d'honra.

Deixou um livro «Estudo sobre a lista civil em França», que é auctoridade no assumpto.

Tinha 81 annos.

Foi apresentado á Academia de Sciencias de Paris, um apparelho instantaneo de photographia, que ultrapassa tudo o que se tem inventado. Dá 89 imagens por segundo com um tempo de pose de 5 millesimos do segundo.

Para se fazer uma idéa da perfeição do novo processo foi presente á Academia uma photographia, de dois individuos batendo-se á espada.

Um dos adversarios é desarmado, e emquanto a espada cahia ao chão, o apparelho teve tempo de o photographar oito vezes.

Este novo apparelho é apenas destinado ás observações scientificas.

Ao ex.mo amigo Bulhão Pato, depois da leitura de seus ultimos versos.

Quero crêr que seja certo,
E mesmo que seja bom,
Tudo que nos diz o esperto,
O sabio *Flammarion*.

Porém, sincero o declaro,
Desejára saber eu,
Se na terra vê tão claro
Como vê claro no céu.

Se vê, então, dizer posso
Que é sabio muito feliz:
Jámais cairá no *poço*,
Nem quebrará o nariz.

Sem que me engane, direi
Que é credor de palma ebúrea
Aquelle que sabe a lei
Com que o céu lá se governa;

Mas, creio, em coisa mais bella
Cançam o engenho profundo,
Quem nos ensinasse aquella
Que reger deve este mundo!

. . . .

Mas que ninguem se conquista
Para estudar este ponto;
— A lei do céu é só uma,
As d'este mundo.... sem conto!

E se se mettesse com
Tão complicadas maranhas...
O grande *Flammarion*
Tinha que andar ás aranhas!

J. J. d'Araujo.

Um cangalheiro tem ao seu serviço um rapaz que passa por ser espertissimo. Comtudo pouco depois de o ter em casa, despediu-o.

A mãe foi saber porque era que despediam um rapaz tão honrado, tão activo e tão esperto.

— E' esperto de mais! tornou o cangalheiro. Hontem mandei-o a casa de uma viuva, a quem acabou de morrer o seu quarto marido, para saber a que horas ella queria o enterro.

Sabe o que elle lhe foi perguntar?

Perguntou-lhe qual era a hora a que ella costumava enterrar os maridos! Perdi a freguesa, que era importante!

Alfaia.

O bacharel Frederico Arouca reabriu o seu escriptorio de advogado, na rua de S. Julião n.º 174, 2.º andar.

LOTERIAS

Adverte que cometta do Antonio Ignacio da Fonseca para as proximas loterias de Madrid, que se effectuam antes do Natal.

DR. REIS TORGAL
Rua dos Fanqueiros, 206, 1.º

A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

Lemos com attenção o segundo artigo do sr. *C. A.* Dá-nos pouco mais ou menos o que esperavamos: declamação, rhetorica, descomposturas em incompetencias que não demonstra, desconhecimento do que se tem feito, falta absoluta de perspicacia, e no meio de tudo isto algumas indicações justas que peccam apenas por não serem novidade.

Mais uma vez a preoccupação constante de que é necessario um *plano*. Em um ministro pondo para alli um plano, está tudo feito! Em elle dizendo que são as *colonias-plantações*, as *colonias-feitorias*, etc., etc., está salvo o ultramar.

Em elle fazendo um corpo de legislação que substitua o que existe, é benemerito da patria.

Como muitos outros, não percebe *C. A.* que se ha-de ter um plano previo para novas colonias e para novos emprehendimentos. Quando se encontram muitos erros e muitos defeitos radicaes, devem-se eliminar cautellosamente para não serem substituidos por outros erros ainda peiores.

O que ha de mais prejudicial n'um paiz é a sobre-posição de reformas. *C. A.* acha que no temos dado bem com o systema no continente e quer applical-o ás colonias.

A idéa que *C. A.* forma da colonisação debaixo do ponto de vista historico já é bastante divertido. «Fundaram colonias os phenicios, os gregos, e os romanos, uns pelo interesse commercial no intuito de enriquecerem a metropole, abrindo novos mercados, com exclusão de concorrencia estrangeira etc.»

Está a gente a ver os phenicios associados com a concorrencia da Allemanha, vindo a Carthago e a Cadis para abrir novos mercados ao excesso da sua producção, e com o desejo ardente de venderem a purpura de Tyro aos povos d'Africa e de Hespanha. Aquellas colonias doricas da Sicilia e da Grande Grecia foram fundadas pelo ministro da marinha de Sparta ou de Corintho, que apresentou o seu plano ao parlamento, e obteve um voto de louvor. Porque não seguimos nós o exemplo d'esses sabios estadistas? E' simplesmente porque não temos as instrucções que recebeu no partir de Tyro o conselheiro governador geral de Carthago, nem chegou ao nosso conhecimento o decreto com força de lei que fundou na costa mediterranea de Gallia a colonia phocea de Marselha.

Irrita os nervos este *C. A.* Quer dizer *amor*, e não lhe chega a lingua. Para elle ninguem sabe nem se as colonias devem produzir nem se devem consumir! Parece impossivel que ninguem conheça estas coisas, que ninguem saiba se as colonias devem produzir, se devem consumir.! «A importação que fazemos das nossas possessões africanas, pode affirmar-se, não vae alem dos productos que se obteem como a natureza os cria!

O homem de Deus, se o senhor dissesse que temos mal-baratado na metropole capitaes que, bem empregados nas colonias, as teriam transformado muito, teria carradas de razão, se dissesse que os capitaes portuguezes, cegos e anti-patrioticos, são incapazes de se arriscar um poucochinho para obterem na Africa valiosa remuneração, nós poderiamos senão applaudil-o; mas negar que se tenham feito tentativas energicas, desconhecer as portarias de Sá da Bandeira obstinando-se em guiar os agricultores africanos, as instrucções variadas e repetidas mandadas n'esse sentido pelo antigo Conselho Ultramarino, não saber que em Angola e tambem n'algumas plantações de Moçambique já ha machinas, esforços para que os productos que se obteem não saiam como a natureza os cria, não ter lido ao menos o excellente catalogo da exposição de Antuerpia onde esses esforços estão indicados, e onde tantos dados estatisticos encontraria para saber que não é por ignorancia nem por falta de estimulo que a nossa agricultura ultramarina não progride tanto como devia progredir, não saber tambem que o sr. José Julio Rodrigues foi a S. Thomé, enviado por quem está escrevendo estas linhas, para fazer uma serie de conferencias em que ensinasse aos agricultores d'essa ilha o modo de melhorarem e de aproveitarem a cultura da quina, conservar-se estranho ao conhecimento d'estas coisas, e vir prégar depois contra a incompetencia dos outros, é irritante!

E' pouco tudo isto? E' sim, senhor, é pouquissimo; em tudo o que disser a esse respeito tem carradas de razão. O sr. José Julio Rodrigues em S. Thomé, parece-nos que prégou aos herejes sem os converter, as plantações de Angola onde se empregam já machinismos importantes são raras. Diga isso, e tem razão. Mas não venha dizer banalidades ácerca da ignorancia e da incompetencia dos homens que dirigem ou teem dirigido os destinos do Ultramar, que, se mais não teem feito, é porque a coisa mais difficil que ha em Portugal é arrancar ao parlamento 5 reis para as colonias.

Acha absurda a existencia das camaras municipaes em todas as nossas colonias? De accordo. Acha disparatado e burlesco o direito eleitoral dado aos pretos? Perfeitamente de accordo. Mas diga-nos uma coisa. O districto do Congo foi creado em 1885. Compõe-se de cinco concelhos. Faça favor de vêr no decreto de organisação do districto se encontra lá camaras municipaes, e faça favor de vêr tambem se o districto do Congo pertence a algum circulo eleitoral de Angola. Não encontra. Nem encontra, nem sabia d'isso, é uma novidade que lhe damos. Tambem o districto de Manica foi creado em 1884. Tem camaras municipaes? Não tem; e o exemplo, dado pelo ministro regenerador, foi seguido pelo ministerio progressista, que, creando o districto do Zumbo, tambem não o dotou com a instituição municipal. Porque não se extinguem as que existem? dirá. Pelo principio justo que estabelece tambem, e do qual não sabe comtudo tirar as consequencias logicas; porque se não podem nem devem applicar as mesmas leis a paizes em circumstancias diversas, porque o facto de ser excellente que não haja camara municipal em Cabinda não quer dizer que seja excellente não haver camara municipal em Loanda. Operar transformações legislativas radicaes é funestissimo. Logo que se conheçam os bons resultados colhidos nos novos districtos verá que o principio amplia-se.

Aqui está como este senhor critica! Condemna a instituição camararia nas colonias. Vem um ministro, funda dois novos districtos, dois novos organismos administrativos. Supprime n'elles a instituição camararia, que effectivamente não póde ser proficua nos paizes meio selvagens. Vem outro ministro de situação contraria, acha boa a idéa do seu antecessor, funda um novo districto, e segue o mesmo principio. E *C. A.*, que não sabe nada d'isto, começa a gritar nos jornaes que se administram colonias ao acaso, que a incompetencia em concubinagem com a politica arruina as colonias!

Ora se. *C. A.*, parece-nos que a respeito da colonisação portugueza não está mais adiantado do que o está com relação á colonisação phenicia ou grega.

HOJE **REAL COLISEU** HOJE
(RUA DA PALMA)

Dois grandiosos espectaculos á 1 e 1/2 da tarde e ás 8 e 1/2 da noite. — As creanças teem entrada na matinée por meios preços. — Tomam parte em ambos os espectaculos todas as novidades e celebridades artisticas que constituem a companhia. — A' noite pela segunda vez, os novos extraordinarios e applaudidissimos trabalhos executados por 4 soberbos cavallos amestrados e apresentados pela insigne amazona M.lle Elvira Guerra, sendo 2 em dupla alta escola, e outros 2 saltadores apresentados em Tandem. — Em ambos os espectaculos o gracioso e muito applaudido palhaço Spampani. — Os espectaculos mais novos, surprehendentes, encantadores, alegres, commodos e economicos do dia e da noite.

COLYSEU DOS RECREIOS
(RUA DE SANTO ANTÃO)

HOJE — DOMINGO, 16 DE NOVEMBRO DE 1890 — **HOJE**

Dois espectaculos, o primeiro á 1 e 1/2 da tarde em que as creanças teem entrada por metade dos preços, e o segundo ás 8 e 1/2 da noite. — Em ambos os espectaculos tomam parte todos os artistas da companhia. — **ED. SENZ**, o primeiro jockey do mundo. — **M.lle ELLA GUILLAUME**, notavel artista equestre. — **TROUPE PREDIANI**, les trois rois du Tapis. — **ORCHESTRA SI NGARA**, les dames de Buda-Pesth. — Extraordinarios exercicios de força dorsal pela troupe ZEA.

O ANNIVERSARIO
DA
REPULICA BRAZILEIRA

Fez hontem um anno que se realisou pacificamente no Rio de Janeiro, a revolução que mudou as instituições brazileiras. Commemorando esse anniversario, a Sociedade de Beneficencia Brazileira que presta realmente esplendidos serviços aos seus compatriotas em Lisboa, fez uma sessão solemne a que assistiram grande numero de senhoras, e varios jornalistas nossos, além dos membros mais importantes da colonia, e inaugurou o retrato do presidente da nova Republica. O sr. marquez de Franco que é presidente da sociedade, convidou para presidir á sessão o encarregado de negocios do Brazil, o sr. dr. Coelho Gomes. Em seguida duas illustres senhoras brazileiras mad. Henriqueta Guimarães e a ex.ma filha do sr. visconde de

Todas essas publicações compreendem uma significativa amostragem do periodismo praticado em Portugal na derradeira década do século XIX, envolvendo periodicidades diversas, gêneros e estilos múltiplos e tempos de existência variados, desde os mais longevos e perenes jornais até as mais fugazes folhas que circularam no contexto português da época. Eram diários, semanários, além de outras modalidades de periodicidade, bem como diversos representantes da imprensa informativa, partidarista, ilustrada, especializada, caricata, satírico-humorística e operária. Além disso, ainda que em magnitudes diferenciadas, essa ampla gama de títulos traz em si uma distribuição ao longo do conjunto do território continental e insular lusitano de então, apresentando exemplares que foram editados em vário dos distritos nos quais se dividia o reino.

A IMPRENSA: O ESPAÇO PARA A DIVULGAÇÃO DAS ARTES GRÁFICAS EM UMA REVISTA PORTUGUESA

Em meio ao contexto jornalístico português das décadas finais do século XIX, um dos gêneros que teve destaque foi o das publicações ilustradas, que caíram no gosto do público consumidor de leitura. Normalmente caracterizados por uma excelência em termos de qualidade gráfica, com um acabamento diferenciado em relação a maior parte dos jornais, tais periódicos ampliavam seu contingente de leitores, ao estampar imagens, que despertavam amplo interesse em meio aos mesmos[221]. Um dos representantes do gênero jornalístico ilustrado editado em Portugal foi *A Imprensa*, que se apresentava como "revista científica, literária e artística" e foi editada, com periodicidade quinzenal, em Lisboa entre 1885 e 1881[222]. Apresentava conteúdo muito variado, desde a poesia ao conto, à crítica literária, tradução e publicação de autores nacionais e estrangeiros, abordagem de questões sociais (mormente as laborais), históricas, filosóficas, científicas e de cobertura de assuntos de atualidade relativos à arte, cultura e ciência[223].

Ao apresentar-se ao público, em editorial intitulado "A que vimos", *A Imprensa* ressaltava a relevância da imprensa, considerada como "a ideia-força que domina a civilização contemporânea", constituindo um "poder impessoal e incoercível", que "conseguiu transformar radicalmente a face das coisas, criar uma alma nova no organismo do mundo, chamar à comunhão espiritual do

[221] TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa (das origens a 1865)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013. p. 865-866.
[222] RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 411.
[223] COSTA, Helena Bruto da. *A Imprensa*. Lisboa: Hemeroteca Municipal de Lisboa, 2006, p. 1.

saber todos os famintos de luz", bem como "abrir à consciência humana horizontes infinitos e ignorados, tornando enfim possível a indefinida aspiração do homem para o progresso". Tinha a "aspiração de ser, ao mesmo tempo, agradável e útil", apontando que tal pretensão constituía uma "espinhosíssima missão", buscando ser "uma revista da tipografia e artes gráficas", além de tratar de outras temáticas. Nesse sentido, garantia que não seria "uma revista de especialistas para especialistas", de modo que suas colunas estariam abertas "a toda a ordem de questões", como "técnicas, científicas, sociais, literárias", entre outras, ou seja, abordando "tudo quanto possa acordar interesses, encerrar lição, educar a inteligência ou distrair o espírito"[224].

As matérias acompanhadas de ilustrações de *A Imprensa* efetivamente se direcionaram para temas variados, havendo a inserção de assuntos vinculados às artes gráficas, à relevância do material impresso e as técnicas de impressão. Nesse sentido, vários membros da intelectualidade lusa, notadamente aqueles vinculados às lides jornalísticas, foram ressaltadas nas páginas da revista. O criador das atividades gráficas encontrou amplo espaço na construção editorial do periódico, como foi o caso da matéria "Biografia de João Gutenberg", publicada já no número inaugural e acompanhada pela divulgação de uma gravura estampando um monumento em homenagem ao personagem. Destacava assim que "a tipografia é o telescópio da alma", passando a discorrer não só sobre o inventor, como também "a examinar o fenômeno" composto a partir de tal técnica. Nessa linha, considerava que "a palavra escrita", por meio

[224] A IMPRENSA. Lisboa, n. 1, out. 1885, p. 1-2.

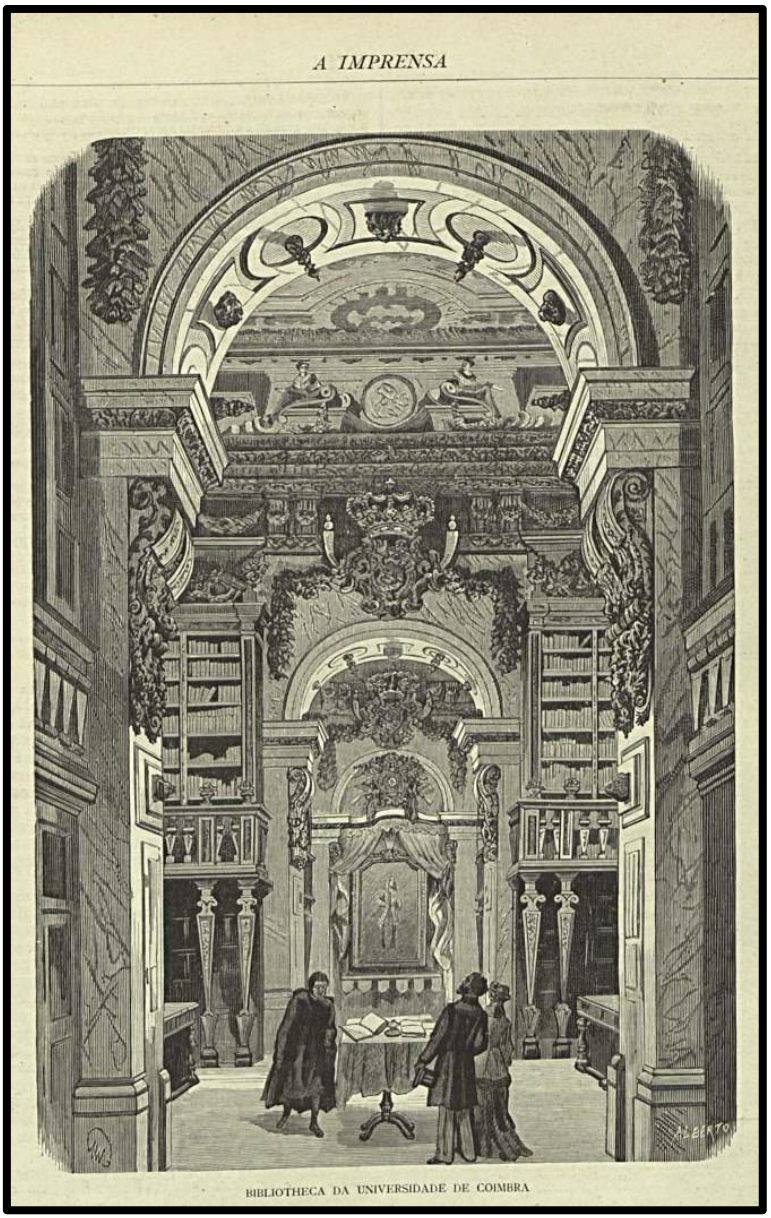
daquela arte, adquirira "a perpetuidade e a transmissibilidade", tornando-se "perpétua e universal", podendo ser conservada e ouvida "por toda a parte"[225]. O papel da invenção de Gutenberg teria assim sido fundamental para a divulgação da palavra, por meio dos livros e da imprensa, passando ela a ser espalhada com rapidez, como no caso do jornalismo, "que hodiernamente a transporta com a velocidade da luz, em poucas horas e em pequeno volume, de extremo a extremo dos impérios", promovendo assim "os progressos da verdade, da ciência, das letras, das artes e da política" [226].

[225] A IMPRENSA. Lisboa, n. 1, out. 1885, p. 4-6.
[226] A IMPRENSA. Lisboa, n. 2, out. 1885, p. 7-8.

GUTENBERG.

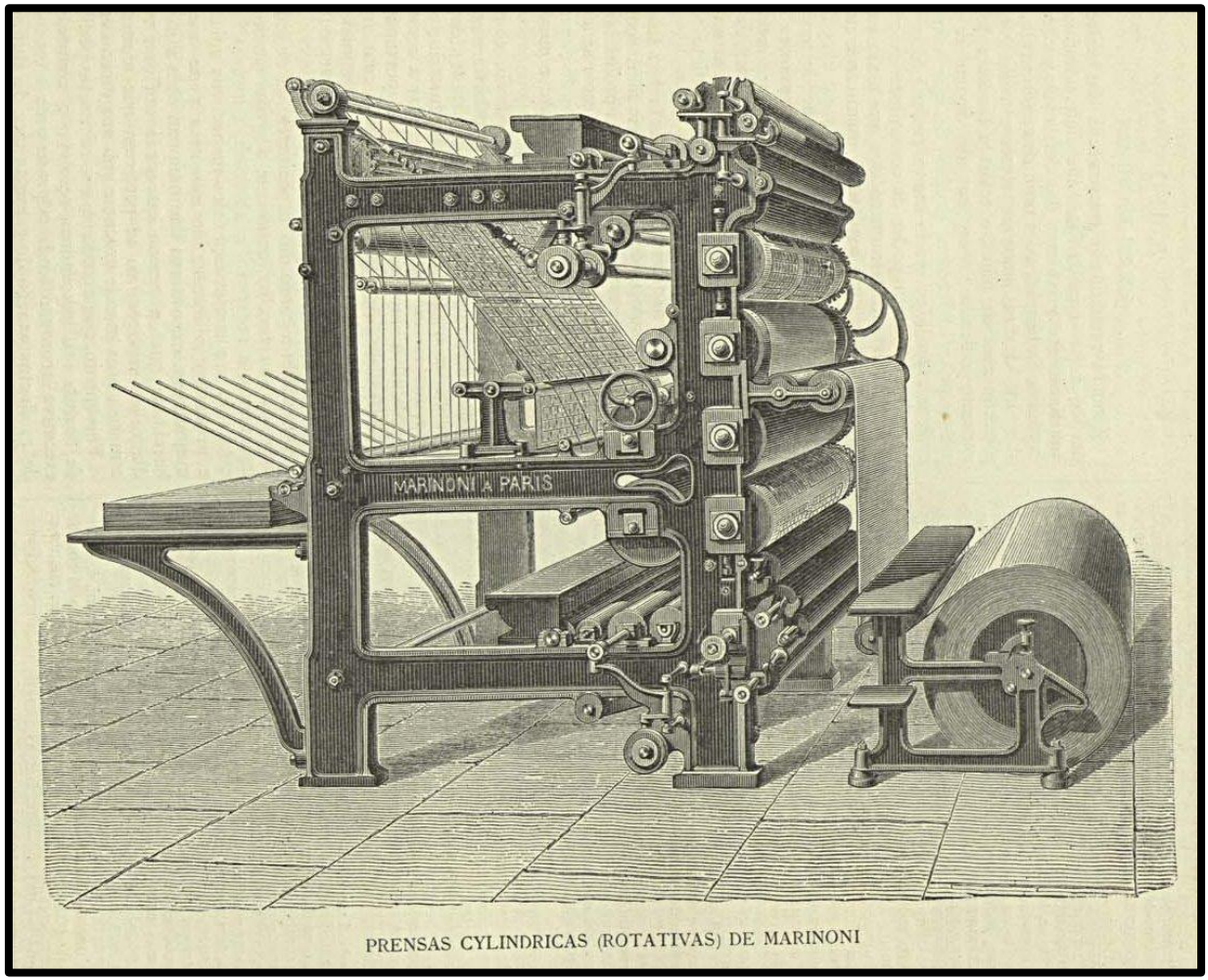
Ao enaltecer a importância do material impresso, a revista lisbonense trouxe uma matéria sobe a Biblioteca da Universidade de Lisboa. Nessa linha, pretendia trazer "algumas breves informações" e "excelente gravura", representando "a vista interior das salas da biblioteca da referida universidade". O prédio era descrito em suas minudências, mormente quanto à distribuição de salas e estantes, havendo também referência às "numerosas aquisições de livros". De acordo com tal perspectiva, o periódico noticiava que, "no orçamento geral do Estado, é anualmente consignada uma verba importante, para compra de livros científicos impressos no estrangeiro", citando também que "a imprensa nacional de Lisboa ali entrega regularmente um exemplar de todas as obras que saem dos seus prelos". Ao final, enfatizava os números do acervo da instituição universitária, alinhavando que "estes números devem ter-se elevado muito consideravelmente"[227].

[227] A IMPRENSA. Lisboa, n. 7, jan. 1886, p. 5-6.


A IMPRENSA
BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A evolução tecnológica dos equipamentos vinculados às artes gráficas foram pautas relevantes nas matérias ilustradas publicadas por *A Imprensa*. Foi o caso da gravura das "prensas cilíndricas (rotativas) de Marinoni. A esse respeito, *A Imprensa* comentava que, "depois de Frederico Koenig, o famoso inventor das máquinas de imprimir, nenhum construtor tem prestado maiores e mais assinalados serviços às artes gráficas", vindo a concorrer "para a mais rápida difusão dos conhecimentos humanos e, portanto, para a civilização universal, como o Sr. Marinoni". Considerava assim que eram "inúmeros e importantíssimos os aperfeiçoamentos realizados por aquele benemérito construtor em tão preciosos instrumentos de trabalho", que rivalizavam "em precisão e em solidez com as dos mais acreditados construtores", ao apresentar "indiscutível superioridade pela simplicidade de seu funcionamento e pela elegância do desenho dos seus diferentes órgãos". Tal personalidade era destacada ainda pelo reconhecimento governamental e pelas "distinções em todos os certames" de que participara. Em seguida, a publicação lisboeta discorria acerca das vantagens e da forma de funcionamento do equipamento em pauta[228].

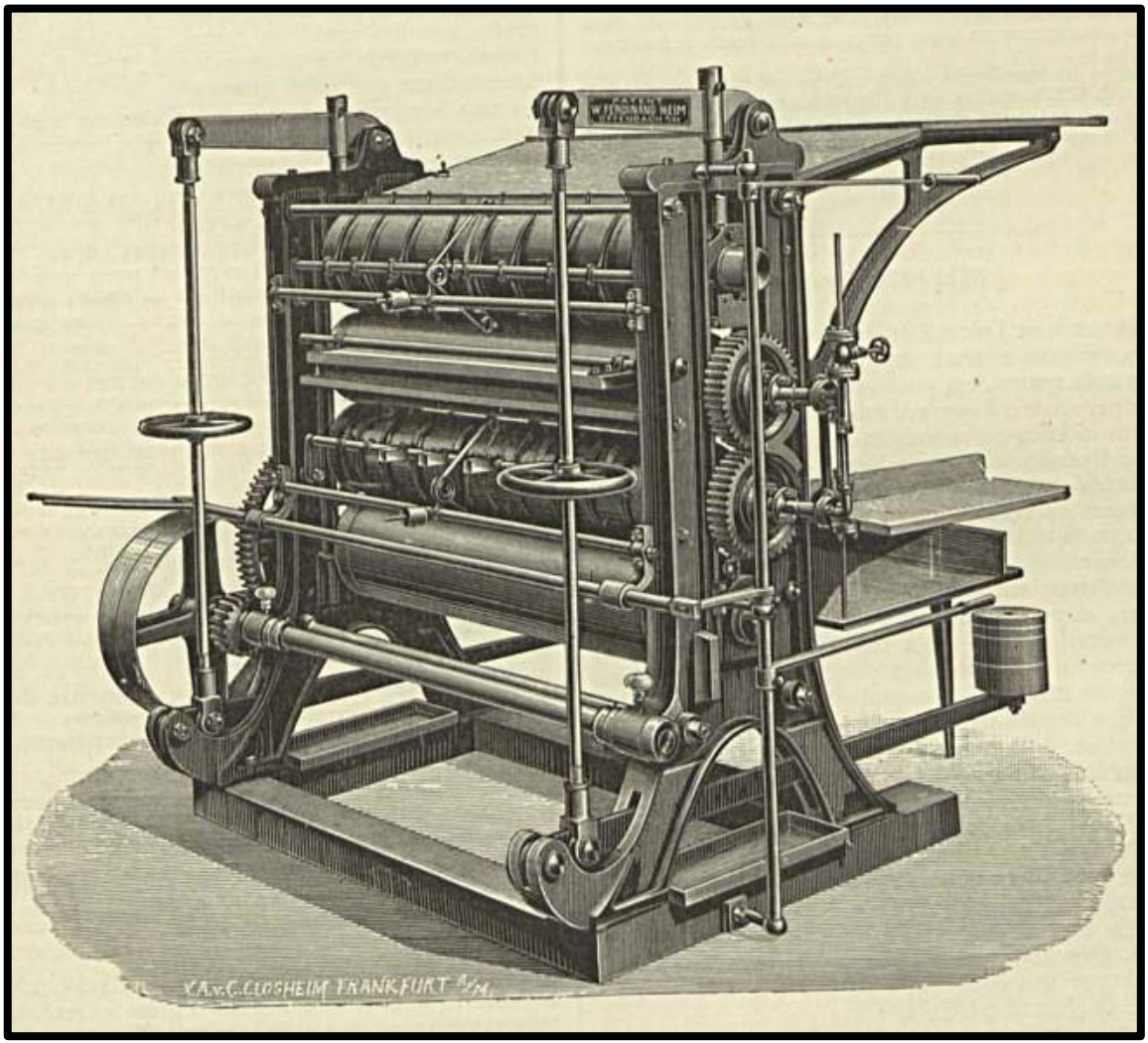
[228] A IMPRENSA. Lisboa, n. 32-33, 1888, p. 9-10.



PRENSAS CYLINDRICAS (ROTATIVAS) DE MARINONI

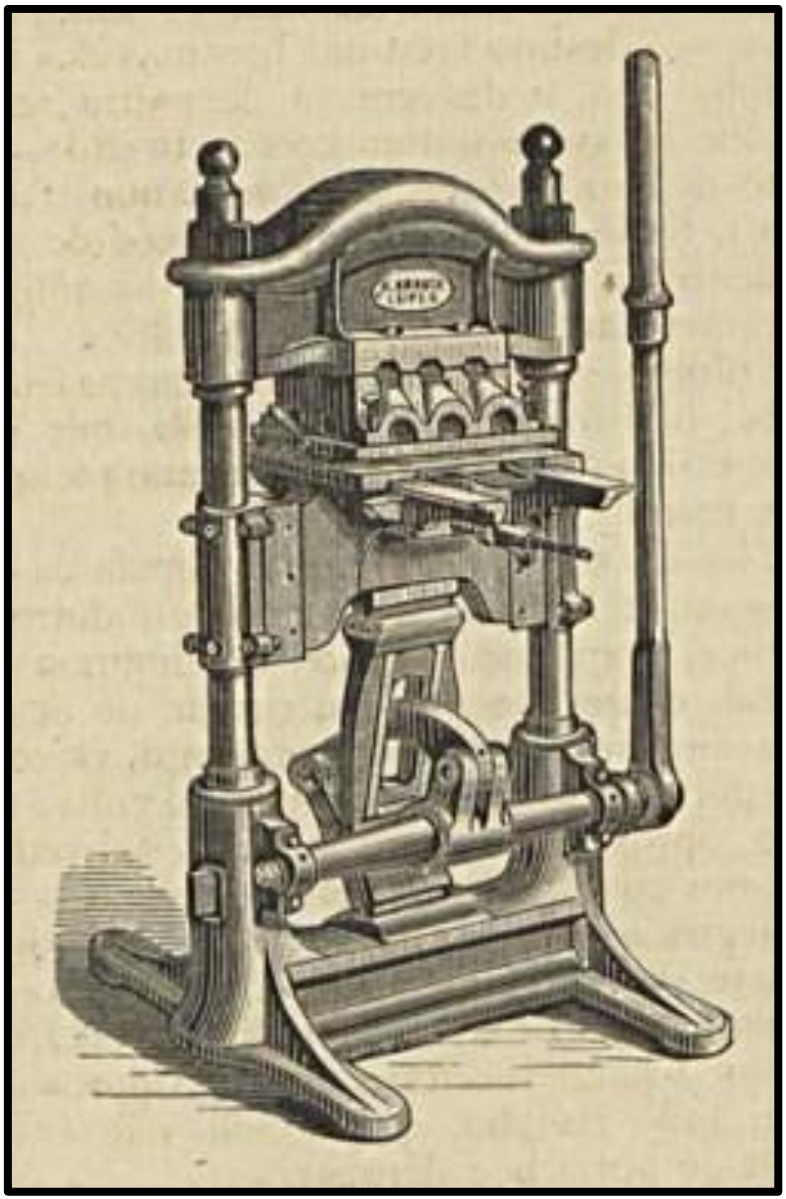
Outra máquina abordada pela revista em registro textual e imagético foi uma calandra de quatro cilindros, ressaltando que a mesma era produzida pela Fábrica Heim, "uma das mais antigas e importantes da Alemanha", ocupando-se, "quase exclusivamente" da "manufatura de máquinas para a indústria de papel e correlativas, gozando de merecidos créditos os seus produtos, que são universalmente conhecidos e apreciados". Apontava que tais produtos "satisfazem plenamente a todas as exigências, ainda as mais meticulosas, afrontando com vantagem, tanto no acabamento como no preço" as suas concorrentes inglesas e francesas. Especificamente quanto às calandras, dizia que a citada fábrica tinha obtido "resultados tão lisonjeiros, que as tem feito introduzir nas tipografias de maior importância". Tal inovação técnica teria por "principal vantagem, uma considerabilíssima economia de tempo e de mão de obra", além de agilizar e uniformizar o processo de impressão. O fabricante era ainda enaltecido pela "perfeição dos produtos" que elaborava, sendo sua fábrica "reconhecida e laureada" em exposições. Detalhava ainda que a estampa publicada "representa a calandra que foi ultimamente adquirida pela Imprensa Nacional de Lisboa", descrevendo seu método de funcionamento[229].

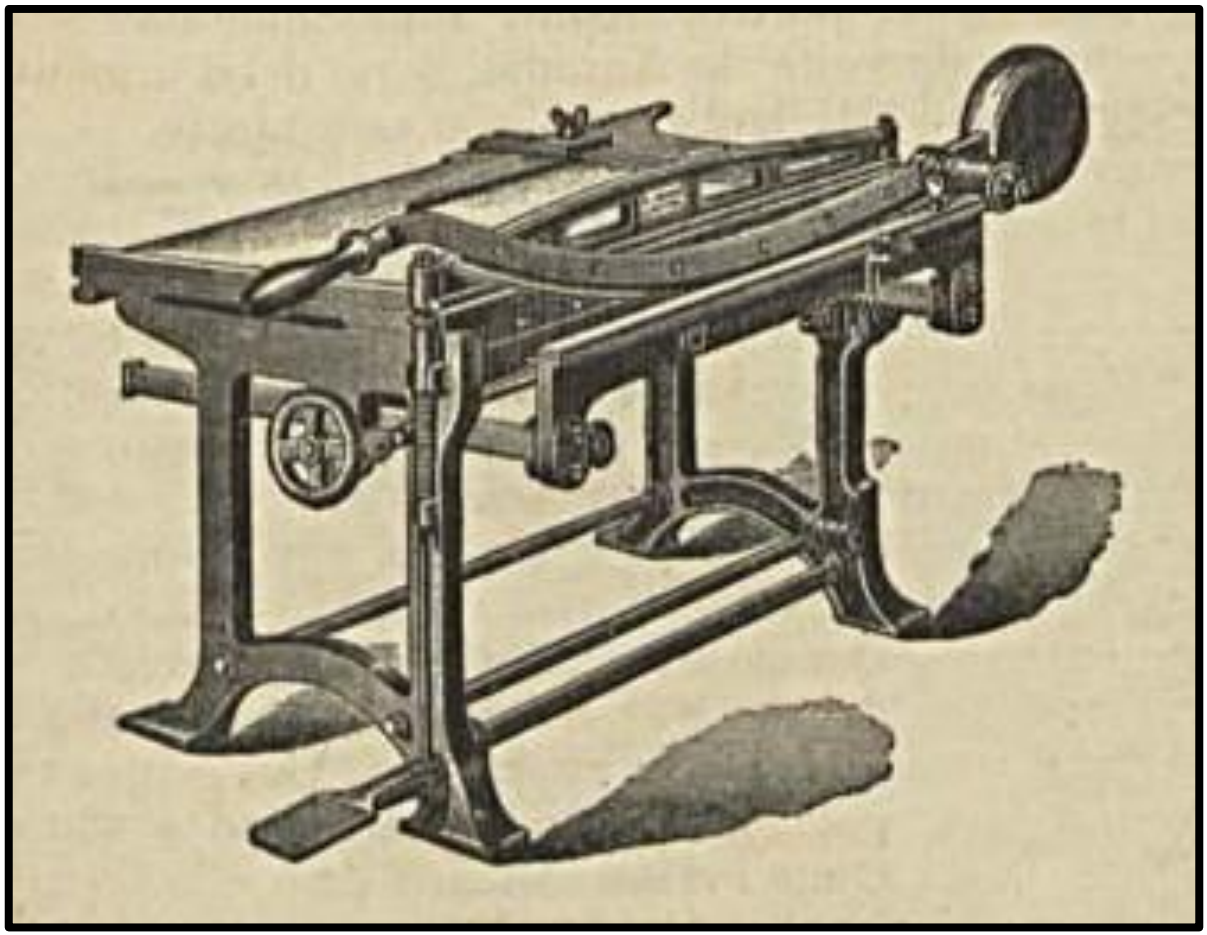
[229] A IMPRENSA. Lisboa, n. 39-40, 1888, p. 9-10.


WERNER & WEIM
K.A.v.C. CLOSHEIM FRANKFURT A/M.

A indústria de Karl Krause foi outra das colocadas em realce pela revista lisbonense, destacando que tal industrial tornara-se, "no ramo a que especialmente se dedicou, um dos mais importantes e bem conceituados de toda a Alemanha", tendo sido "galardoado com os mais elevados prêmios em muitas exposições". Demarcava assim que "os produtos da fábrica do Sr. Krause distinguem-se, entre todos os similares, pela sua inexcedível perfeição, belíssimo acabamento e modicidade absoluta e relativa de preços". Detalhava que a Imprensa Nacional lusa possuía "deste primoroso construtor uma excelente máquina de cortar e aparar papel movida a vapor", além de ter adquirido "várias outras máquinas e utensílios par a sua oficina de encadernação". Descrevia ainda que as gravuras estampadas naquela edição "representam, em mui pequena escala, a máquina de estampar a ouro e cores e uma tesoura mecânica"[230].

[230] A IMPRENSA. Lisboa, n. 51, 1889, p. 5.





Assim, nas páginas daquela “revista científica, literária e artística” lisbonense, ainda que houvesse temáticas mais abrangentes, se ressaltaram como assuntos de maior acuidade em sua atenção o ambiente, o progresso científico e o progresso tecnológico, com uma natural atenção especial dada à

evolução da imprensa e às várias descobertas que foram contribuindo para o seu aperfeiçoamento[231]. Considerando a atividade que lhe dava título como uma das mais relevantes para os avanços da humanidade, *A Imprensa* não deixou de enfatizar tal ação no contexto português e internacional. Além do alcance da imprensa como meio de difusão jornalística, ocupou também a pauta do periódico os avanços técnicos e tecnológicos que permitiam uma expansão cada vez mais considerável de tal atuação. Levando em conta o poder da palavra escrita, o quinzenário português enalteceu os elementos constitutivos que permitiram a difusão cada vez mais eficiente da mesma.

[231] COSTA, 2006, p. 2.

A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

EDIÇÕES BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE
edicoesbibliotecariograndense.com

9 786553 060616
IBSN: 978-65-5306-061-6